

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Festas Carnavalescas da elite de Porto Alegre: Evas e Marias nas redes do poder (1906-1914)

Caroline Pereira Leal

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CAROLINE PEREIRA LEAL

Festas Carnavalescas da elite de Porto Alegre:
Evas e Marias nas redes do poder (1906-1914)

PORTO ALEGRE

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CAROLINE PEREIRA LEAL

Festas Carnavalescas da elite de Porto Alegre:
Evas e Marias nas redes do poder (1906-1914)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Doutor(a) em História.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Margaret Marchiori Bakos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L435f Leal, Caroline Pereira

Festas carnavalescas da elite de Porto Alegre: Evas e Marias nas redes do poder (1906-1914) / Caroline Pereira Leal. – Porto Alegre, 2013.

245 f.

Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Margaret Marchiori Bakos.

1. Carnaval. 2. Sociedades carnavalescas. 3. Porto Alegre. 4. Positivismo. 5. Gênero. I. Bakos, Margaret Marchiori. II. Título.

CDD 394.25098165

Aline M. Debastiani

Bibliotecária - CRB 10/2199

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos preteritados desde a minha dissertação, fato este que relato:

E tudo começou com meu Mestrado, entre pesquisas e arquivos e a presença determinante de meu grande amor, César Augusto Bubolz Queirós, que me ajudou, amparou e que, também, encontrava-se em fase de doutoramento, mas, mesmo assim, foi companheiro, marido, instrutor, organizador. Enfim, torno-me mestre.

Agora, de forma contínua, meu amor repete todo o apoio, ajuda e companheirismo. Nossa casa, aliás, já é biblioteca, quase arquivo. Obrigada, meu amor, por tua presença, por tudo!

À minha orientadora, que já é sabido, através de nossos e-mails carinhosos e afetuosos.

E também nada seria possível sem esta Universidade, sem a Capes, os arquivos (onde sempre fui muito bem recebida).

E entre bisnagadas, confetes e limões-de-cheiro, obrigada ao carnaval “fino, chique e educado” de Porto Alegre!

RESUMO

Esta tese procura investigar as transformações que ocorreram no carnaval de Porto Alegre durante o segundo ciclo (1906-1914) das sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos, destacando as mudanças em relação à participação das mulheres no festejo. Evidenciaremos a presença de membros da elite política e militar no seio destas agremiações e sua possível influência nas alterações ocorridas. Mostraremos que as Evas darão lugar às Marias, na busca de uma construção de um carnaval distinto e do reforço das hierarquias dominantes do masculino.

No primeiro capítulo, fizemos uma breve análise da trajetória destas duas sociedades no carnaval porto-alegrense desde a sua fundação até seu renascimento, ressaltando os motivos pelos quais a imprensa e a elite da capital defendiam a necessidade de uma transformação dos festejos: a erradicação do entrudo e a moralização e a distinção do carnaval.

O segundo capítulo buscou avaliar as condutas e a participação feminina durante as comemorações, observando que, na segunda fase dessas sociedades, as mulheres passaram a ter uma exposição maior, participando da diretoria, organizando bailes e tendo um papel de destaque na figura das rainhas. Porém, este maior destaque estava condicionado a uma moralização de sua conduta. Percebemos, ainda, que a influência da participação de militares e membros do Partido Republicano Rio-Grandense sobre essas sociedades era marcante e que grande parte das mulheres que frequentavam as sociedades eram filhas desta elite da capital gaúcha, imbuída de preceitos ideológicos conservadores e moralizantes, estando, portanto, enredadas em meio às redes de poder político.

No último capítulo, foram estudadas as trajetórias de vida de algumas das rainhas das sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos. Procuramos, por meio da análise destas trajetórias individuais, corroborar o que havíamos discutido anteriormente ao afirmar que a participação feminina no carnaval das sociedades estava permeada por relações políticas e de pertencimento aos quadros políticos e militares de Porto Alegre.

Enfim, buscamos analisar o carnaval sob a ótica de relações que se entrecruzam e que extrapolam o universo dos bailes e préstitos. Nestes festejos, as filhas da elite da capital podiam se divertir e se relacionar com jovens de boas famílias estando protegidas da virulência e da permissividade do entrudo. Era um carnaval de castas

donzelas, moças de família, pois nas festas carnavalescas da elite de Porto Alegre as Evas de outrora tornaram-se as Marias.

Palavras-chave: carnaval; sociedades carnavalescas; gênero; Porto Alegre; positivismo.

ABSTRACT

This thesis investigates the changes that occurred in the Porto Alegre's carnival during the second cycle (1906-1914) of Esmeralda and Venetian carnival societies, highlighting the changes in relation to women's participation in the festivities. Will highlight the presence of members of the political and military elite within these associations and their possible influence on the changes. Show that the Evas give way to Marias, seeking a construction of a carnival distinct hierarchies and reinforcement of dominant males.

In the first chapter, did a brief analysis of the trajectory of the two companies in the carnival of Porto Alegre since its foundation until its revival, highlighting the reasons why the press and the elite of the capital defended the need for a transformation of the festivities: the eradication of Shrovetide moralization and Carnival. The second chapter aims to evaluate the behavior and female participation during the celebrations, noting that in the second phase of these societies, women have gained greater exposure by participating in the board, organizing dances and having a prominent figure in Queens. However, this increased participation was conditioned to a moralization of his conduct. We noticed also that the influence of the participation of military and members of the Republican Party-Rio Grande on these companies was striking and that most women attending societies were daughters of the elite of the state capital, imbued with ideological conservatives and moral precepts, are therefore entangled amid the political power networks.

In the last chapter, we studied the life histories of some of the queens of carnival societies Esmeralda and Venetians. Sought through analysis of individual trajectories corroborate what we had discussed earlier in stating that female participation in the carnival societies was permeated by political relationships and belonging to the military and political cadres of Porto Alegre.

Finally, we analyze the carnival from the perspective of relationships that cross and transcend the world of dances and processions. In these celebrations, the daughters of the elite of the capital could have fun and connect with young families of good standing protected virulence and permissivity of Shrovetide. It was a carnival caste

maidens, girls family, as in the carnival festivities elite Porto Alegre Eves of yore become the Marys.

Keywords: carnival, carnival societies, gender, Porto Alegre; positivism.

Lista de Ilustrações

Figura 1: Charge sobre Entrudo

Figura 2: Charge de Araújo Guerra a respeito do desfile da Esmeralda do ano de 1883

Figura 3: Retrato de Themira de Azevedo

Figura 4: Retrato de Alcinda Lewis

Figura 5: Retrato de Elythia Mello

Figura 6: Charge sobre Alegria Veneziana

Figura 7: Retrato de Elvira Werna Coelho

Figura 8: Retrato de Elvira Werna Coelho

Figura 9: Retrato de Idalina Mariante da Costa

Figura 10: Retrato de Marieta Franco

Figura 11: Retrato de Marieta Franco

Figura 12: Retrato de Marina Neves

ACERVOS PESQUISADOS

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS)

Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moisés Vellinho

Instituto Histórico Geográfico Riograndense (IHGR)

Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

Museu Joaquim José Felizardo

Solar dos Câmara – Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul

Sumário

INTRODUÇÃO	14
1. “A SORTE ESTÁ LANÇADA”: a ressurreição de Esmeralda e Venezianos no carnaval porto-alegrense no início do século XX (1906-1914).....	30
1.1. A criação do novo carnaval	31
1.2. O fim do primeiro ciclo de Esmeralda e Venezianos	35
1.3. Descontentamentos do fim do século	39
1.3.1. <i>Indesejado carnaval</i>	39
1.3.2. <i>Saudoso carnaval</i>	49
1.4. Ressurreições das tradicionais sociedades	52
1.4.1. <i>O Ressurgimento</i>	53
1.4.2. <i>O Entrudo e a Moralização Sexual</i>	65
1.4.3. <i>Os Carnavais</i>	71
1.4.4. <i>O fim do Carnaval</i>	81
2. “O CARNAVAL REAPARECIA COM UMA FEIÇÃO FEMININA”: a participação das mulheres no carnaval em Porto Alegre (1870-1914)	87
2.1. A participação das mulheres nas festas carnavalescas em meados do século XIX	88
2.1.1. <i>As mulheres no jogo do entrudo</i>	88
2.1.2. <i>As mulheres na primeira fase de Esmeralda e Venezianos</i>	93
2.2. As transformações do início do século XX	101
2.2.1. <i>A participação das mulheres nas sociedades carnavalescas na segunda fase de Esmeralda e Venezianos</i>	101
2.2.2. <i>A Porto Alegre de Clotilde de Vaux</i>	116
2.2.3. <i>As rainhas das sociedades carnavalescas</i>	135
3. “MAIS BELA DO QUE O SOL, MAIS BELA DO QUE O CÉU”: as trajetórias de vida das rainhas das tradicionais sociedades carnavalescas de Porto Alegre.....	154
3.1. As rainhas: as Marias do carnaval e suas histórias	154
3.1.1. <i>Themira de Azevedo</i>	157
3.1.2. <i>Laura Brasil Paes</i>	164
3.1.3. <i>Therezinha Piccardo</i>	167
3.1.4. <i>Alcinda Lewis</i>	170
3.1.5. <i>Amelina Chagastelles</i>	177
3.1.6. <i>Elythia Mello</i>	182

3.1.7. Elvira Coelho	184
3.1.8. <i>Idalina Mariante da Costa</i>	202
3.1.9. <i>Marieta Franco</i>	207
3.1.10. <i>Marina Neves</i>	210
3.2. “Militares e Civis unidos num laço forte”: as rainhas e as redes de poder	217
CONCLUSÃO	220
Fontes Consultadas:	223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	227
ANEXOS:	234

INTRODUÇÃO

Quando olhamos para o atual carnaval brasileiro, vemos um festejo muito diferente daquele que existia no início do século XX. Nesta festa, as mulheres semidesnudas aparecem, seguidamente, através de imagem de objeto sexual: corpos bem definidos, de modelos, atrizes, celebridades e “desconhecidas”, sendo exibidos nas passarelas carnavalescas. Na maioria das vezes, seja no carnaval do Rio de Janeiro ou no dos trios elétricos da Bahia, tal exposição tem um objetivo mercadológico, a fim de vender esta representação através da visibilidade proposta pela festa¹. Mesmo em Porto Alegre, onde o carnaval não é tão glamouroso quanto no Rio ou em Salvador, os festejos seguem os mesmos moldes e a exibição do corpo feminino é frequente – excetuando-se por não haver um grande número de celebridades a desfilar em nosso carnaval². Tal imagem poderia ser um tanto chocante para um carnavalesco porto-alegrense do início do século XX, quando o modelo de mulher a desfilar no carnaval passou a ser o das “castas donzelas”, representantes das elites da cidade.

No início do século XX, as sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos – que haviam sido fundadas no último quartel do século XIX, mas encerrando suas atividades pouco depois – ressurgiram nos festejos carnavalescos da cidade de Porto Alegre. Essa sua segunda fase, porém, foi marcada por uma série de diferenças em relação ao seu primeiro ciclo, sobretudo no que tange à participação feminina: as mulheres passaram a ser convocadas a organizar o carnaval da cidade e sua participação era enaltecida pelos jornais da capital; elas passaram a ser louvadas por seus comportamentos irrepreensíveis e pela sua conduta moral. Observamos que, neste segundo ciclo, as mulheres que participavam das sociedades eram, normalmente, filhas de importantes membros da elite porto-alegrense, sobretudo da elite militar. Esta tese tem o objetivo de analisar as transformações que ocorreram no carnaval de Porto Alegre

¹ Heilborn destaca que o carnaval é um grande ritual no qual a “liberação sexual atua como um dos eixos centrais da festa”, o que faz com que a metrópole carioca desponte “no turismo internacional como cidade proporcionadora de uma sexualidade desabrida e voltada para a sedução”. HEILBORN, Maria Luiza. *Corpos na cidade: sedução e sexualidade*. In: VELHO, Gilberto. *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 100.

² Gostaríamos de desde o início esclarecer que nem todas as participações das mulheres se dão deste modo. Contudo, essa é a imagem feminina mais vendida pela mídia e que acaba tornando-se um emblema desse festejo. Além disso, gostaríamos de elucidar que sabemos que existem outras formas de comemoração do carnaval, tanto hoje, quanto no período ao qual essa tese se refere e que, as mulheres participam e participaram de diferentes maneiras em ambos os tempos e em todas as modalidades de festejo.

durante o segundo ciclo de Esmeralda e Venezianos (1906-1914), destacando as mudanças em relação ao comportamento feminino e ao discurso da imprensa sobre as mulheres. Enfatizaremos o fato de que a participação dessas elites, bem como as transformações de cunho político-institucional, podem ter exercido influência sobre essa mudança de comportamento. Devemos ressaltar, contudo, que, em Porto Alegre, havia outras formas de se brincar os festejos carnavalescos, outras sociedades, os zé-pereiras. Nos concentraremos, contudo, no carnaval representado por Esmeralda e Venezianos, as duas primeiras sociedades a surgirem em Porto Alegre. Todavia, ao longo do texto, faremos referência às outras agremiações e a outras formas de se brincar nos dias de Momo.

Em pesquisa anterior, evidenciamos que o surgimento dessas duas associações se deu em um momento em que era desejada uma modificação na participação das mulheres durante os festejos carnavalescos na cidade de Porto Alegre, a fim de promover uma readequação das condições e lugares socialmente desejáveis a elas³. A partir de 1873, com a introdução de um novo modelo de carnaval – representado pelo surgimento das sociedades carnavalescas, Esmeralda e Venezianos, que rendiam preito a Momo, aos moldes de Veneza, com préstitos e bailes –, as mulheres tiveram seus espaços limitados. Esse carnaval seria promovido pelos homens dessas agremiações, sendo a função das mulheres, assistir ao desfile, aplaudi-lo e atirar flores aos rapazes que desfilavam. Esse novo festejo veio em combate ao entrudo – brincadeira de origem ibérica que consistia em várias práticas, como a pregação de mentiras de pilhérias e, sobretudo, em molhar e sujar o adversário, o que aqui ocorria com maior frequência – no qual as mulheres tinham ativa participação, sendo as protagonistas da festa. Além disso, o entrudo, por haver um maior contato corporal e com isso a sexualidade feminina ser exercida com maior facilidade, era visto como um jogo mais licencioso. A mudança para as sociedades carnavalescas e a intenção de extinção do entrudo era também uma forma de moralização do carnaval.

Apesar desta tentativa de readequação da participação feminina, percebemos que, com o decorrer do tempo, essas mulheres passaram a integrar ativamente a festa promovida pelas sociedades carnavalescas, fazendo o carnaval ao lado desses homens, organizando os bailes, desfilando nos préstitos e persistindo com o jogo do entrudo, até

³ LEAL, Caroline P. *As Mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no carnaval de Porto Alegre (1869-1885)*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2008.

mesmo nos festejos destas agremiações. Ao chegar à década de oitenta daquela centúria, as sociedades carnavalescas ingressariam em uma crise que as levaria à falência e foram as mulheres acusadas por esse colapso, por continuarem afeitas ao tão temido jogo de entrudo. Com o desaparecimento das sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos e o aparecimento de novas formas de brincar a festa – que passou a ser promovida por outros atores não pertencentes às elites da cidade –, os jornalistas da capital demonstravam um grande descontentamento com o festejo.

No início do século XX, contudo, Esmeralda e Venezianos irão ressurgir. E nesse renascer das sociedades carnavalescas, as mulheres passaram a ter uma ativa participação. O descontentamento apresentado pela imprensa residia no perigo de “contaminação social” oferecido nos festejos carnavalescos e a missão feminina passou a ser a de moralizar essa festa. Assim, elas não só participariam como promoveriam os bailes e desfiles e, segundo os jornais da época, eram as responsáveis pelo sucesso dos carnavais. Eram elas que promoveriam a regeneração moral da festa.

Evidencia-se, assim, uma modificação tanto na participação feminina no festejo quanto nos atributos e caracteres que lhes eram designados: num primeiro momento, elas participavam apenas como espectadoras e embelezadoras da festa, foram atacadas por serem as responsáveis pelo fim do carnaval civilizado, por se deixarem levar pelo atrevido entrudo. Foram uma das causas do fracasso do carnaval elegante por serem as maiores entusiastas com tão “perniciosa” brincadeira. Depois, com o renascimento das sociedades carnavalescas, passaram a organizar os festejos burlescos, e acima de tudo, representavam a figura do bom carnaval, da moral e bons costumes, a representação da regeneração moral do carnaval. Quais seriam as razões dessa transformação? O que teria mudado para que houvesse uma mudança tão radical, sobretudo, na forma de se visualizar as mulheres neste carnaval? Como o carnaval de Porto Alegre estruturou e foi estruturado pelas relações de gênero? As referências feitas pelo meio jornalístico ao carnaval da capital – representado, naquele momento, pelas sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos – nos permitem problematizar o processo de transformação que ocorreu nas relações de gênero durante os festejos carnavalescos em Porto Alegre, ao mostrar homens e mulheres mudando de posição na festa.

Para tal objetivo, devemos discutir o conceito de gênero, de extrema importância ao longo desta tese. Scott entende o conceito de gênero como o saber a respeito das diferenças sexuais, “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as

diferenças percebidas entre os sexos, e [...] o primeiro modo de dar significados às relações de poder”⁴, pois esse conhecimento funda significados sobre as diferenças corpóreas, sendo primeiro campo por meio do qual o poder é articulado. De acordo com a autora, “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um único sentido”⁵. Dessa forma, o gênero demandaria quatro aspectos fundamentais a saber: os símbolos, os conceitos normativos, uma noção de política e referências às instituições bem como a organização social e por fim a identidade subjetiva. Este processo de construção das relações de gênero pode ser usado para examinar qualquer processo social, como no caso aqui em questão, o carnaval⁶.

O carnaval é uma festa repleta de simbologia, na qual os signos “culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas”⁷ se fazem presentes a todo instante. As representações simbólicas invocadas em seus contextos específicos permitem que percebamos os símbolos de modo dicotômico, antipodal: tais signos estão carregados de juízos de valor e se aplicam à figura feminina. As mulheres, de acordo com seu comportamento – percebido como adequado ou não em determinado contexto histórico –, são rotuladas como Evas ou Marias, purificadas ou poluídas, inocentes ou corrompidas⁸. Nesse sentido, apontado por Scott, podemos observar que, durante os festejos carnavalescos em Porto Alegre, as atitudes femininas podiam ser louvadas e reverenciadas pelos jornais ou recriminadas com acusações em torno da moralidade e da licenciosidade. Todavia, devemos salientar que não acreditamos em um consenso social

⁴ SCOTT. Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez 1990, p.15.

⁵ *Ibid.*, p.14.

⁶ Sabemos que existem outros estudos que aprofundam a discussão sobre o gênero. Judith Butler, por exemplo, desconstruiu o conceito de gênero que parte da premissa que sexo é natural e o gênero é construído. Ao defender a teoria performática, na qual o gênero pode ser entendido como performances sociais, ou seja, palavras e gestos que, ao serem expressos, criam uma realidade, Butler concebe o sexo como um resultado discursivo, cultural, questionando o gênero como uma interpretação cultural do sexo. Aludindo a afirmação de Simone de Beauvoir de que “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”, Butler aponta para o fato de que “não há nada em sua explicação que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, p.27. Já Linda Nicholson, aludi para ideia do “fundacionalismo biológico”, ao criticar a separação de sexo do gênero e considerar o primeiro como essencial para a elaboração do segundo. Para tanto, ele usa o exemplo de crianças hermafroditas, nas quais o médico decide qual o sexo será verdadeiro tendo por base o gênero. NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos*, v.8, n.2, p. 9-41, 2000. Contudo, neste momento, ainda partilhamos das definições propostas por Scott, acreditando que são as que melhor se encaixam ao nosso objeto de estudo.

⁷ SCOTT. Joan. Op. Cit., p. 14.

⁸ *Ibid.*, p.14.

relacionado a quais deveriam ser as posturas adequadas para essas mulheres, pelo contrário, percebemos um conflito no qual muitas delas continuavam a adotar práticas que não seriam, segundo o discurso da época, adequadas às moças do Rio Grande.

No que se refere aos conceitos normativos referidos por Scott, “expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas”⁹, entendemos que a mudança nas estruturas políticas brasileiras – a partir do final do Império e início da República e a instauração, no Rio Grande do Sul, de um governo fortemente inspirado em um positivismo difuso – influenciou, de alguma forma, em uma transformação das relações de gênero e nos espaços e lugares ocupados pelas mulheres nos festejos carnavalescos. Isso se deve ao fato de que o modelo de carnaval aqui estudado – representado, principalmente, pelas sociedades Esmeralda e Venezianos – foi idealizado no final do século XIX, ainda no período do Império, tendo desaparecido quase que ao mesmo tempo em que esse regime político. Quando ocorre o ressurgimento dessas duas sociedades – já sob a República e com o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) ocupando a presidência do estado – percebemos uma mudança no que se refere às práticas e lugares ocupados pelas mulheres durante os festejos.

Esses conceitos normativos que “tomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino”¹⁰, permitem-nos, ainda, por “em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas”¹¹, possibilitando-nos enxergar como “a história posterior é escrita como se estas posições normativas fossem produto de um consenso social mais do que um conflito”¹², pois

quando as(os) historiadoras(es) buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, elas(es) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero, e o gênero constrói a política.¹³

⁹ Ibid., p.14.

¹⁰ Ibid., p.14.

¹¹ Ibid., p.14.

¹² Ibid., p.15.

¹³ Ibid., p.16.

Outra questão importante no que se refere às análises acerca das relações de gênero é que não se pode reduzir o uso da categoria ao sistema de parentesco, sendo necessária a inclusão de análises de cunho político “bem como uma referência à organização social”¹⁴. Apesar das inúmeras regras sociais que tem base numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos, Scott defende a origem social das próprias identificações de homens e mulheres, suas identidades subjetivas, pois “os homens e as mulheres reais não cumprem sempre os termos de prescrições da sua sociedade ou das nossas categorias de análise”¹⁵. Desta forma, devemos “examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais, historicamente situados”¹⁶. Scott sugere as biografias como uma boa alternativa para se apreender essa construção das identidades individuais, recurso que usaremos no quarto capítulo, ao resgatar histórias de vida de algumas rainhas carnavalescas.

Bourdieu, propõe que os gêneros devem ser analisados como “*habitus* sexuados”¹⁷, ou seja, como a incorporação das disposições culturais do princípio de divisão sexual dominante sobre os agentes sociais, resultado de um extraordinário trabalho coletivo de socialização longa e contínua no qual “as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* claramente diferenciados”¹⁸. As pré-disposições culturais de uma sociedade é que formariam, portanto, o que é ser homem e o que é ser mulher, pois o *habitus*, é o conjunto de disposições culturais incorporadas a partir das estruturas materiais de um determinado período histórico e da posição ocupada pelos diferentes agentes no espaço social, ou seja, “as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, [que] são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social”¹⁹. As disposições dos agentes, as estruturas mentais através das quais eles entendem e percebem o mundo social e, por conseguinte, a si mesmos, formariam o que Bourdieu chamou de *habitus*, é a incorporação das estruturas sociais pelo agentes, que passa a guiar sua conduta em sociedade. Segundo Bourdieu,

¹⁴ Ibid., p.15.

¹⁵ Ibid., p.15.

¹⁶ Ibid., p.15

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p.6.

¹⁸ Ibid., p.34.

¹⁹ Id. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.158.

a divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação²⁰.

Desta forma, como a própria Scott ressalta, os “conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social”²¹ e as diferenças sobre os corpos são chamadas a “testemunhar as relações sociais e as realidades que não tem nada a ver com a sexualidade”²².

Como dissemos o conceito de gênero proposto por Scott se articula com a noção de poder. Bourdieu define poder simbólico como “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem”²³. Segundo esse autor, as mulheres, desde o nascimento, por serem mulheres, são tratadas como objetos cuja função é manter o capital simbólico – especialmente a honra – em poder dos homens. Assim, desde o nascimento, introjetamos construções culturais que evidenciam inúmeras desigualdades e hierarquias, produzindo significados e testemunhando práticas de diferentes gradações. Esse poder simbólico é exercido nas mais diversas instituições e apreendido por nós como algo natural, sendo a dominação masculina entendida como uma estrutura invariável, necessariamente incorporada por ambos os sexos.

O poder simbólico, portanto, é construtor da realidade que conhecemos, ao mesmo passo que também é construído por ela e se eterniza através dos instrumentos de dominação simbólica, como por exemplo, os mitos, as lendas, as ideologias. No caso aqui em análise, tal poder simbólico pode ser percebido nas comemorações carnavalescas: versos entregues às rainhas; discursos jornalísticos em honra às mulheres, bem como as mais diversas honrarias feitas a elas. Assim sendo, esta tese

²⁰ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit., 2005, p.17.

²¹ SCOTT, Joan. Op. cit., p.16

²² Ibid., p.16.

²³ BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In : *O poder simbólico*. Lisboa : DIFEL, 1989. p. 7-15, p.8.

procura averiguar como se deu essas relações de poderes no carnaval porto-alegrense, como as mulheres exerceram seus poderes, ao mesmo passo que a dominação masculina se fazia presente, sobretudo, no momento em que renasceram as sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianas.

No que se refere aos estudos sobre o carnaval, percebe-se que, a partir da década de 1990, especialmente no Brasil, a temática carnavalesca é incorporada de modo mais constante à academia²⁴. Tais trabalhos, além de abarcarem diversas áreas do

²⁴ Nesta revisão bibliográfica preferimos abordar somente autores que trabalharam com carnaval e mulheres. Entretanto, há diversos e importantes autores que trabalham com a temática carnavalesca. Um dos estudos mais importantes sobre o carnaval é a obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail Bakhtin, na qual o autor através da compreensão da produção literária de Rabelais chegou à cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento, e ao seu símbolo, o carnaval. Esta festa – que ocupava um lugar muito importante na vida do homem medieval – “ignora toda distinção entre atores e espectadores”, pois o carnaval “existe para todo o povo”. Possui um caráter universal, “é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam do festejo sentem-no intensamente”. É o momento em que o povo penetrava “temporariamente no reino utópico da universalidade, liberdade igualdade e abundância”. Nele, ocorria “o triunfo de uma libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, regras e tabus”. Suas origens remontam ao Paganismo greco-romano, identificado com as Saturnais e Matronálias e tal festa é vista em oposição às tradicionais festas religiosas cristãs, pois, para Bakhtin, “o mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época”. A despeito de tais afirmações de Bakhtin, referindo-se a uma realidade histórica distante da estudada aqui, em nosso carnaval – pelo menos no das sociedades – as fronteiras entre atores e espectadores parecem bastante nítidas: há os que desfilam e os que assistem, em um distanciamento bastante definido. Ao invés de uma quebra das hierarquias, o que se queria era um reforço dos signos de distinção, um carnaval de elite para reafirmar seu status, uma teatralização das diferenças sociais; em oposição ao entrudo, jogo bárbaro e deselegante. Jacques Heers, em *Festas de loucos e carnavais*, também enxerga no carnaval uma dimensão de continuidade com os ritos pagãos. Para ele, entre as tradições romanas das Saturnais e as festas de loucos “a filiação parece se impor quase à evidência”, pois, segundo o autor, esta permanência de uma herança de tradições populares fundamentais, ao longo de mais de um milênio, só surpreenderá quem se agarrar à idéia [...] de que existem fronteiras bem nítidas entre o mundo antigo e este período do nosso passado [...] o folclore é, sem dúvida, de todas as manifestações de uma cultura, a que resiste melhor às degradações do tempo e à influencia dos mentores. Ao contrário de Bakhtin e de Heers, Baroja, em *Le carnaval*, apresenta essa festa como tendo uma origem cristã, estando estreitamente ligada à idéia de quaresma. Apesar dos festejos carnavalescos incluírem muitas festas de procedência pagã e serem caracterizados como a oposição dos valores pagãos da vida aos valores cristãos da quaresma, isso, para ele, não possibilita ajuizar-se numa teoria da sobrevivência, num fundo comum. Segundo Baroja, a busca pelo equilíbrio social, a fim de manter a ordem social, permitia que, durante a festa, se cometesse descomedimentos não permitidos em dias comuns, pois a “alegria e os excessos do carnaval só tem sentido como catarse preparatória para justificar a entrada na quaresma”. Emmanuel Le Roy Ladurie, em *O Carnaval de Romans*, a despeito de seguir a mesma interpretação de Baroja quanto à origem do carnaval, entrevê nessa festa uma possibilidade transformadora; vislumbrando mudanças na ordem social ou resistências a esta. Enfoca o carnaval através dos aspectos religiosos, sociais, biológicos e cósmicos, salientando a riqueza de códigos simbólicos e folclóricos que, implexos às questões da comunidade, emergiriam durante as festas carnavalescas. No Brasil, um dos estudos mais importantes sobre o carnaval – a despeito de todas as críticas (justas) que lhe são direcionadas – é *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, do antropólogo Roberto DaMatta. Nessa obra, o autor se aproxima da visão apresentada por Baroja, na qual o carnaval é uma festa que, ao permitir determinados exageros, garantiria a manutenção da ordem e do equilíbrio social. A fim de entender o dilema brasileiro, o que faz do Brasil, Brasil, DaMatta chegou ao carnaval. Promotora de identidade social e construtora do caráter de nossa sociedade, essa festa é a marca de nossa individualidade, é o momento

conhecimento, passaram a não se restringir apenas ao tradicional eixo Rio de Janeiro-São Paulo, abrangendo os mais diversos lugares do país²⁵. Entre esses trabalhos, alguns destacam a participação feminina em tais festejos como, por exemplo, o de Rachel Sohiet que, em *A Subversão pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*²⁶, focalizou sua investigação na participação dos segmentos subalternos no Carnaval do Rio de Janeiro, de 1890 ao tempo de Vargas, assim como sua presença em festas religiosas – a Festa da Penha. Demonstrou que os populares, utilizando o riso, resistiam às situações que lhes eram opressivas; “para esses segmentos excluídos, o Carnaval, particularmente, representou uma possibilidade de participação da qual não se omitiram”²⁷, ao contrário, usando de “metáforas, explorando sua criatividade, tendo o riso como arma, procuraram reagir às diversas formas de opressão que sobre eles incidiam”²⁸. Sohiet, atrás das marcas de resistência dos subalternos, encontra as mulheres que, a despeito de toda coação sofrida – por meio da educação formal, do aparato jurídico e até mesmo da literatura a fim de “inibir a mulher de expressar seus desejos e condenar uma atitude mais descompromissada desta em relação às regras do comportamento feminino adequado” – cometiam transgressões, “revelando a resistência desse sexo à camisa-de-força que se lhe pretendia impor”²⁹.

em que se “pode totalizar todo um conjunto de gestos, atitudes e relações que são vividas e percebidas como instituindo e constituindo o nosso próprio coração”. Apesar de análises pertinentes sobre o festejo, DaMatta peca por enxergar o carnaval como a-histórico, vislumbrando essa festa como igual por todo o país e em todos os tempos, sem explorar a contextualização/historicização dela. Maria Isaura Pereira de Queiroz é outra cientista social que teve como objeto de estudo o carnaval. E sua obra, *Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito*, também atribui ao “carnaval brasileiro” um sentido unívoco: festa nacional, com poucas variações regionais. A autora afirma que as “comemorações são encontradas por toda parte e com o mesmo programa, as variações são mínimas” e que “a uniformidade dos folguedos sempre existiu no país”. Queiroz estrutura o carnaval, dividindo-o em três fases: o entrudo, a festa burguesa (carnaval veneziano) e festa popular (blocos e escolas de samba).

²⁵GONÇALVES, Mariana de Araújo *Enredos da memória: história e identidade no carnaval das escolas de samba em Macapá 1975/2000* Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 2001; PEDREIRA, Flávia de Sá *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal 1920-1945*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2004; BATISTA, Alessandra de Jesus Sodré *Vândalos na folia: carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 2001; ROSA, Maria Cristina *Inter-relações de turistas e moradores: um olhar através das manifestações corporais no Carnaval de Ouro Preto*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1998; REIS, Aloísio Luiz dos. *Brinca quem pode territorialidade e (in)visibilidade negra em Laguna*. Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1996; COLAÇO, Thais Luzia. *O carnaval no Desterro: século XIX*. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1988.

²⁶SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

²⁷Ibid, p.15

²⁸Ibid, p.15.

²⁹Ibid, p.174.

Maria Clementina Pereira da Cunha, em *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*³⁰, se propôs a ouvir os diversos ecos que essa festa produziu. Critica o modelo que entende o carnaval como uma ocasião possível de “construir e exprimir simbolicamente a ‘essência do nosso sangue’”³¹, procurando “pensar o carnaval nos termos de uma história social da cultura que o faça retornar ao leito dos conflitos, da mudança e do movimento próprios à história; chegar perto de tensões e diálogos entre sujeitos que nem sempre então reconciliados sob o reinado de Momo”³². A participação das mulheres nas folias carnavalescas é analisada ao longo do livro. Em relação ao entrudo, a autora afirma que “uma das unanimidades entre os autores que descrevem esses velhos Carnavais ensopados – e que ajuda a explicar sua longevidade – diz respeito à especial preferência das mulheres por essa forma de brincadeira [...]”³³. Segundo ela, não era de estranhar o “apego ardente demonstrado pelas moças ‘de família’ a esse jogo”³⁴ devido à redução de suas oportunidades de “participação ativa nos jogos sociais, e em especial nos amorosos”³⁵ por causa das regras morais e dos costumes. No entrudo, no entanto, “geralmente lhes cabia a iniciativa”³⁶.

Eloiza Maria Neves Silva, em sua dissertação *Histórias de vidas de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas*³⁷, documentou e analisou o processo de constituição das escolas de samba e do carnaval paulistano a partir do ponto de vista da mulher negra. Através da metodologia proposta pela história oral, a autora registrou histórias de vida em quatro importantes escolas de samba de São Paulo: a Camisa Verde e Branco, a Vai Vai, a Unidos e Peruche e a Nenê de Vila Matilde. As narrativas descrevem em detalhes a participação feminina na organização da população negra tanto no espaço doméstico quanto no desenvolvimento de atividades relativas ao lazer, como por exemplo, as escolas de samba e o carnaval o que permitiu que a autora concluísse que as mulheres, independentemente das diferentes

³⁰CUNHA, Maria C. P. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³¹Ibid., p.14.

³²Ibid., p.16.

³³Ibid., p.60.

³⁴Ibid., p.61.

³⁵Ibid., p.61.

³⁶Ibid., p.61.

³⁷SILVA, Eloiza Maria Neves. *Histórias de vidas de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas*. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2002.

funções exercidas, foram imprescindíveis e não meras coadjuvantes do processo histórico.

Sobre o carnaval de Porto Alegre, cinco dissertações de mestrado³⁸ foram defendidas em cursos de pós-graduação em História³⁹, sendo que somente uma tinha como foco a participação de mulheres nesse festejo. Apesar de não ter trabalhado especificamente com a participação feminina no carnaval de Porto Alegre, Íris Germano, ao analisar o processo de construção identitária negra em Porto Alegre através do estudo do carnaval nas décadas de 1930 e 1940, menciona a participação feminina, afirmando que as sociedades de elite, tanto negras quanto brancas, “realizavam bailes fechados em suas sedes, concursos internos, como o da rainha, melhor fantasia, melhor bloco, entre outros”⁴⁰. Já nas bandas e blocos humorísticos as mulheres não estavam presentes, ausência que se justificava pelo “escracho e a esculhambação que faziam parte dos seus desfiles públicos, além do fato de que as *cavernas* onde ensaiavam eram espaços de sociabilidades masculinas onde os amigos se reuniam e criavam fantasias e as avacalhações para as apresentações nos dias de carnaval”⁴¹. Marcus Vinícius Freitas da Rosa, que também trabalhou com as décadas de 1930 e 1940, olhou para a construção de hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos e os conflitos e solidariedades estabelecidos entre os variados agrupamentos carnavalescos da cidade, num período em que “os folguedos ‘populares’ foram submetidos a um intenso processo de transformação em ‘ícones de

³⁸GERMANO, Iris. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 1999.; ROSA, Marcus Vinícius Freitas de. *Para além da identidade nacional: hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos, conflitos e identidades nos carnavais de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*. Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 2008.; LAZZARI, Alexandre. *Certas coisas não são para que o povo as faça: Carnaval em Porto Alegre (1879-1915)*. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, Campinas, 1998.; e LEAL, Caroline P. *As Mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no carnaval de Porto Alegre (1869-1885)*. Dissertação de Mestrado, PPGH/PUCRS, Porto Alegre, 2008. SANTOS, Tavama Nunes. *A trajetória da S.R.B. Estado Maior da Restinga e seu papel na constituição da identidade e visibilidade do bairro Restinga (Porto Alegre - 1977 a 2002)*. Dissertação de Mestrado, PPGH/ PUCRS, Porto Alegre, 2011.

³⁹ O carnaval de Porto Alegre também foi analisado por outras áreas do conhecimento como por exemplo, pela Antropologia. Entre os trabalhos podemos citar: SILVA, Josiane Abrunhosa da. *Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1993; GUTERRES, Liliane S. *Sou Imperador até morrer: um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1996, DUARTE, Ulisses Corrêa. *O carnaval espetáculo no Sul do Brasil : uma etnografia da cultura carnavalesca nas construções das identidades e nas transformações da festa em Porto Alegre e Uruguaiana*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2011.

⁴⁰GERMANO, Íris. Op. Cit., p.120.

⁴¹Ibid., p.149.

brasilidade”⁴². Quanto à participação das mulheres neste festejo, Rosa evidencia a presença delas nos cursos populares, sendo que havia diversos “blocos femininos que desfilavam (por conta própria) em pesados (mas bem ornamentados) veículos”⁴³, entre eles: o Bloco das Palomitas; o Grupo das Risadinhas; o Cordão Carnavalesco Demônio Está Solto; o Bloco das Batutas; o Cordão Carnavalesco As Bohemias; o grupo Somos do Amor e o das Moreninhas, que em 1934, dirigido pelo ensaiador Darcy Álvares Costa, formaram um só bloco carnavalesco e o Bloco das Japonesas, que parece ter sido o de maior destaque. Segundo Rosa, o desfile destas folionas - trajando belas fantasias em cima de seus caminhões, ricamente adornados e entoando canções bem ensaiadas - chamavam a atenção dos jornalistas, fazendo com que essas mulheres fossem noticiadas, vistas e aplaudidas. Para ele, esses desfiles eram “significativos porque evidenciam um momento no qual, através de aparições públicas, estas mulheres, em geral submetidas às normas morais dominantes que restringiam (ao menos em tese) sua atuação ao espaço doméstico, podiam exibir-se pelas ruas da cidade”⁴⁴.

Tavama Santos investigou a trajetória e o papel da Sociedade Recreativa e Beneficente Estado Maior da Restinga na construção e visibilidade do bairro Restinga. O período pesquisado por Santos foram os anos de 1977 a 2002, no qual ela analisou os processos de segregação espacial na cidade de Porto Alegre e as políticas públicas de habitação, bem como traçou um panorama geral a partir de uma revisão bibliográfica que trata transformações do carnaval em Porto Alegre. A autora argumenta que a Sociedade Recreativa e Beneficente Estado Maior da Restinga “constituiu-se como um espaço de encontro e de identidade fundamental para os moradores da Restinga”⁴⁵. O gosto pelo samba e pelo carnaval serviu como um elemento agregador da comunidade, a fim de enfrentar as adversidades encontradas. Como protagonista da fundação dessa sociedade, Santos apresenta a senhora Maria Clara (única mulher sócio-fundadora da entidade) e afirma que havia um forte associativismo das mulheres, bem como ressalta a organização de Maria Clara, que fora secretária da sociedade diversas vezes, e com “sua colaboração a escola sagrou-se campeã tantas vezes”⁴⁶.

⁴² ROSA, Marcus Vinícius Freitas de. Op. Cit., p. VI.

⁴³ Ibid., p.88.

⁴⁴ Ibid., p. 89.

⁴⁵ SANTOS, Tavama. Op. Cit., 2011, p. 85

⁴⁶ Ibid., p.86.

Alexandre Lazzari, em sua dissertação, *Certas Coisas não são para que o povo as faça*, analisou o carnaval em Porto Alegre no período de 1870 a 1915, buscando entender de quem realmente era o carnaval nesse período: era ele do povo? Contudo, apesar do significado de tal pesquisa para os estudos sobre o carnaval em Porto Alegre, o espaço destinado à análise dos papéis das mulheres neste festejo limitou-se a algumas referências ao longo do texto que, apesar de apontarem caminhos interessantes, não foram suficientemente desenvolvidas em função de não serem esses os objetivos da pesquisa. Lazzari, a despeito de ter destacado a mudança de lugares das mulheres dentro das sociedades carnavalescas, que surgiram como estritamente masculinas e com o passar dos anos transformaram-se em associações familiares⁴⁷, não avançou no sentido de compreender as relações estabelecidas no carnaval porto-alegrense que contribuíram para essa modificação.

A partir dos indicativos apresentados por Lazzari, em nossa dissertação de Mestrado pretendemos explorar essencialmente a participação dessas mulheres ao longo do processo de criação, consolidação e declínio das sociedades carnavalescas, representado pelo último desfile dos venezianos, tentando apreender os diferentes significados atribuídos tanto por elas, quanto pelos homens que faziam o carnaval ou que escreviam sobre ele. Verificamos as distintas condições conferidas a essas folgazonas e os diferentes lugares que elas ocuparam nos festejos carnavalescos: do protagonismo nas brincadeiras de entrudo à passividade nos anos iniciais das sociedades carnavalescas, onde, com o decorrer do tempo, passaram a participar e, sobretudo, permanecer com o jogo das molhadelas. A partir das análises feitas nesse primeiro estudo, buscamos agora evidenciar e entender o que aconteceu em Porto Alegre, a partir do renascimento dessas antigas sociedades carnavalescas, para que as mulheres que antes foram caracterizadas como Evas, por seu comportamento desregrado nas brincadeiras de entrudo, passassem a ser identificadas como Marias, através de uma construção que exaltava uma figura feminina com ausência de sexualidade e santificada.

Desta forma, no capítulo 1, *“A Sorte está lançada”*: a ressurreição de *Esmeralda e Venezianos no carnaval porto-alegrense no início do século XX (1906-1914)* analisamos as transformações ocorridas nos festejos carnavalescos a partir do renascimento de *Esmeralda e Venezianos* (1906), procurando compreender os motivos pelos quais a elite da capital propôs a “ressurreição” das tradicionais sociedades em

⁴⁷LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., 1998, p.134.

oposição ao carnaval que vinha ocorrendo e as diferenças nos festejos carnavalescos no primeiro e no segundo ciclo dessas associações. Para tanto, iremos regressar no tempo, à época em que Esmeralda e Venezianos foram criadas (1873), bem como ao período que sucedeu ao fim dessa primeira fase das sociedades carnavalescas, evidenciando as negativas apreciações que foram atribuídas ao carnaval que passou então a ser festejado. Apresentaremos o carnaval de Esmeralda e Venezianos como um sinal de distinção da elite da capital, um reforço à posição ocupada no espaço social.

No segundo, *“O carnaval reaparecia com uma feição feminina”*: a participação das mulheres no carnaval em Porto Alegre (1870-1914), mostramos as diferentes formas de como as mulheres tomaram parte dos festejos carnavalescos da capital. Buscamos entender suas participações nas brincadeiras de entrudo, bem como as críticas feitas a esse jogo e apresentar os lugares e as condições que as mulheres passaram a ocupar no carnaval porto-alegrense com o nascimento de Esmeralda e Venezianos, em 1873, contrastando com a sua presença nessa segunda fase desse carnaval (1906). Circunstanciamos o surgimento de um pensamento de vigilância e controle sobre as mulheres, por um lado, enquanto de outro eram enaltecidas e envaidecidas por qualidades tais como beleza, meiguice e moralidade. Desta forma, procuramos compreender as razões para as transformações que aqui ocorreram, enfatizando a questão da influência do positivismo e de sua apropriação em Porto Alegre pela elite da capital e as redes de poder estabelecidas que envolviam a participação de membros do exército, da Brigada Militar e dos quadros do Partido Republicano Rio-grandense nas tradicionais sociedades carnavalescas, o que caracterizava uma certa comunhão de sentidos (político-ideológicos), mesmo na esfera do carnaval.

No último capítulo, *“Mais bela do que o sol, mais bela do que o céu”*: as trajetórias de vida das rainhas das tradicionais sociedades carnavalescas de Porto Alegre”, apresentamos algumas trajetórias de vida das rainhas das sociedades Esmeralda e Venezianos, mulheres que foram alçadas a símbolos dessa nova fase das referidas sociedades, indicando diferenças e similaridades, aproximações e interdependências desses caminhos e verificando até que ponto essas trajetórias corresponderam ao modelo de mulher apresentado pelo carnaval. As histórias dessas mulheres e o exame das articulações entre suas vidas públicas e privadas nos ajudam, e muito, a revelar o que esta tese procura demonstrar: essa rede de poderes, sobretudo

através do envolvimento de familiares, na escolha, indicação das rainhas da festa, que passaram a ser a representação de um carnaval regenerado, a imagem de um carnaval moral e familiar e enaltecidas por essas características.

Um dos registros mais utilizado nesta pesquisa foi a fonte impressa – sobretudo os jornais *A Federação*, *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio*, *O Independente* – pois nos permitem um maior conhecimento “das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas”⁴⁸, além de possuírem uma série de qualidades – extremamente úteis para a pesquisa histórica: a periodicidade, constituindo-se em “‘arquivos do cotidiano’, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos”⁴⁹; a disposição espacial da informação, “que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo”⁵⁰. Existem, no entanto, alguns passos que o historiador deve seguir para não cair em suas armadilhas: ler intensivamente o jornal, que é o que “acontece com leitores cujo tempo da experiência da leitura não corresponde ao tempo de formulação do jornal”⁵¹, a leitura “deve ser meticulosa, deve ser demorada, deve ser exaustiva – e muitas vezes é mesmo enfadonha”⁵², pois deve-se atentar para o fato de que a imprensa “não informa a história, simplesmente”⁵³. Ela deve ser pensada como “uma representação construída sobre o real, sobre os quais incidem determinados filtros deformadores que cabe ao historiador determinar e equacionar em suas análises. Esta representação luta para impor-se frente a outras, e passará a compor o imaginário social de determinado grupo caso possua a virtude de fazer sentido para este grupo”⁵⁴. Isso faz com que jamais possamos ver essa fonte como um dado, “a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade”⁵⁵. Neste sentido, Elmir sugere que “a imprensa

⁴⁸ ZICMAN, René Barata. História através da imprensa - algumas considerações metodológicas. In: *Revista História e Historiografia*, nº 4, São Paulo: EDUC, junho 1985, p. 91.

⁴⁹ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS – Curso de Pós-Graduação em História, v. XXIV, n.2, dez.1998, pp.269-289, p.274.

⁵⁰Ibid, p.274.

⁵¹ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. IN: *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, n.13, dezembro de 1995, pp.19-29, p. 22.

⁵²Ibid., p. 21.

⁵³ESPIG, Janete. Op. Cit., p.274.

⁵⁴Ibid., p.276.

⁵⁵ELMIR, Cláudio. Op. Cit., p. 21.

não pode ser fonte exclusiva para qualquer pesquisa histórica”⁵⁶ pois, para ele, dificilmente uma pesquisa se sustenta com “um único tipo de fonte documental”⁵⁷.

Apesar de o registro jornalístico ser a nossa principal fonte de pesquisa, procuramos, sempre que possível, utilizar outros registros documentais. Desta forma, consultamos os livros de ata das próprias sociedades carnavalescas, livro de posturas de registros municipais, relatórios e falas dos Presidentes da Província do Rio Grande do Sul, diários oficiais da União. O terceiro capítulo é o que apresenta uma maior diversidade de registros: utilizamos processos, tais como inventários e *habeas corpus*, assim como certidões de batismo, casamento e óbito. Esses documentos além de nos fornecerem informações, nem sempre precisas, sobre a cronologia dos acontecimentos, bem como as relações de parentescos, nos fornecem informações importantes para entendermos a dinâmica das relações sociais.

Assim dito, ingressemos no reinado de Momo e voltemos ao início do século XX, a fim de entendermos um pouco mais a respeito das relações sociais estabelecidas durante o carnaval porto-alegrense!

⁵⁶Ibid., p. 25.

⁵⁷Ibid., p.25.

1. “A SORTE ESTÁ LANÇADA”: a ressurreição de Esmeralda e Venezianos no carnaval porto-alegrense no início do século XX (1906-1914)

Era fim do carnaval do ano de 1906. As sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos – que representavam, em sua criação, em meados do século XIX, o “novo carnaval” – anunciavam sua volta ao palco da capital do Rio Grande do Sul. “*Alea jacta est!*...”⁵⁸. A sorte está lançada! Assim os esmeraldinos apresentavam o triunfal retorno no carnaval de 1906. Nesta ocasião, era anunciada a “ressurreição” de uma das mais tradicionais sociedades do carnaval de Porto Alegre. “*Ressurrexit!*”. Mas quais seriam os motivos pelos quais a elite da capital havia proposto o ressurgimento destas tradicionais sociedades em oposição ao carnaval que vinha ocorrendo? Por que o carnaval de Porto Alegre, após o fim do primeiro ciclo de esmeraldinos e venezianos, fora tão criticado?

A partir destas indagações, este capítulo irá abordar a retomada das tradicionais sociedades carnavalescas de Porto Alegre – Sociedade Carnavalesca Esmeralda Porto-Alegrense e Sociedade Carnavalesca Os Venezianos – no período entre 1906 e 1914, buscando compreender os motivos de seu ressurgimento e as transformações ocorridas nos festejos carnavalescos neste segundo ciclo. Pretende-se analisar o período que abrange desde o surgimento dessas associações (1873) até o fim de seu segundo ciclo (1914) apresentando a hipótese de que o carnaval das sociedades representava um sinal de distinção da elite da capital, um reforço à posição ocupada no espaço social. Veremos, também, como a imprensa porto-alegrense recepcionou essa novidade.

Mas, antes de entendermos este regresso, é necessário falarmos um pouco sobre o surgimento e a vida dessas associações. Como foi que, ainda no século XIX, se gestou essa nova concepção de carnaval, o que queriam com ele e porque essas agremiações faliram.

⁵⁸A *Federação*, 03 de março de 1906. *Alea jacta est'* significa, em português, "Os dados estão lançados", mas traduzido comumente como "A sorte está lançada". Na linguagem popular, é uma expressão utilizada quando os fatores determinantes de um resultado já foram realizados, restando apenas revelá-los ou descobri-los. Foi a frase em latim supostamente proferida por Júlio César ao tomar a decisão de cruzar com suas legiões o rio Rubicão, que delimitava a divisa entre a Gália Cisalpina (Gália ao sul dos Alpes, que hoje corresponde ao território do norte da Península Itálica) e o território da Itália. BUSARELLO, Raulino. *Máximas Latinas*: para o seu dia-a-dia. Florianópolis: Autor, 1998. pp. 400. 1 v.

1.1. A criação do novo carnaval

Ainda no século XIX, mais especificadamente no ano de 1873, Esmeralda e Venezianos surgiam em Porto Alegre, a fim de darem uma nova cara à folia carnavalesca. A Sociedade *Esmeralda Porto-alegrense* nascera em 1º de março de 1873 e a Sociedade Carnavalesca *Os Venezianos*, dois dias depois, três de março. Passava-se a comemorar os dias de Momo com desfiles de carros alegóricos e bailes fechados destas associações.

Quase quarenta anos depois desse fato, em 1910, o jornal *O Independente* publicava uma crônica na qual se propunha a historiar a criação do carnaval porto-alegrense. Segundo o respectivo periódico, o carnaval teria nascido justamente em função do entrudo. Este era uma série de brincadeiras e pilhérias que se fazia durante este período, sobretudo, o arremesso de bolas de cera, em formato de limão, que continham água, os chamados limões de cheiro⁵⁹. Muitas vezes, este aparato era substituído por água jogada de bacias e baldes, sendo mais tarde suprido por bisnagas e seringas. Enfim, o objetivo era molhar e sujar o adversário. Aqui chegada com nossos colonizadores, era a brincadeira predileta até o II Reinado, tendo até mesmo D. Pedro I e II como ardorosos jogadores⁶⁰. Com o passar do tempo, porém, esse jogo passou a ser bastante criticado. Desde 1847 já era proibido nos Códigos de Posturas Municipais, sendo estipuladas multas para quem desobedecesse⁶¹ (estes editais de proibição do jogo foram publicados nos jornais ao longo de várias décadas). Apesar da tentativa das autoridades em tentar deter o jogo, ele continuava existindo e foi somente partir da segunda metade do século XIX, em 1855, por causa do medo das epidemias de cólera, que sua popularidade baixou. Segundo o periódico *O Independente*,

O carnaval porto-alegrense nasceu de uma bomba d'água, que o entrudo traçoeiro, penetrando nas trincheiras que os irmãos Masson (Leopoldo e Luiz) haviam construído em um sobrado à Rua dos Andradas, em 1870, irrigando a mangueira aos transeuntes.

⁵⁹ Para maiores informações e detalhes sobre a brincadeira do entrudo ver LEAL, C. P. Op. Cit. e CUNHA, M. C. Op. Cit.

⁶⁰Cf. VALENÇA, Rachel. Op. Cit., p.14.

⁶¹Livro de Registros de Posturas Municipais de 1829 a 1888.4 dez 1829. "Posturas Policiais da Câmara Municipal da cidade de Porto Alegre aprovadas pelo Conselho Geral da Província". Porto Alegre, Typ. Do Comercio, 1847 (anexadas ao Livro de Registros das Posturas Municipais de 1829 até 1888). AHPA. Em 1909, constava no Artigo 13, do Código de Posturas Municipais que "é proibido o jogo do entrudo, com água ou limão de cheiro. Pena: Multa de 20\$00s. Único – Os limões de cheiro que forem encontrados a venda serão inutilizados".

Um caixeiro da botica Luiz Masson, que ficava por baixo do sobrado onde se achavam os irrigadores, á cavaleiro de qualquer investida, deu entrada por uma porta falsa, que havia na escada, a qual só ele conhecia, a uma legião de entrudeiros, comandados pelo coronel Joaquim Pedro Salgado.

O assalto foi realizado de surpresa e a provisão d'água existente no sobrado, serviu para inundar a casa toda, deixando os entrincheirados como pintos depois das enxurradas. A água atravessando o assoalho e forro do piso inferior irrigou as prateleiras da farmácia Masson, estragando muitas coisas.

O caixeiro após a espetagem deu as de vila logo, para escapar da indignação do patrão.

Na quarta-feira de cinzas, o saudoso Amadeu Masson (pai) aconselhou a formação de uma sociedade para sustar o entrudo.

Nasceu então a Esmeralda, criada pelos esforços do Sr. Leopoldo Masson, que, como joalheiro, foi o seu padrinho. E logo apareceu o emulo Os Venezianos, tendo sido o primeiro carnaval um extraordinário sucesso. O entrudo foi coibido e de ano em ano foi menos jogado até que desapareceu aquele brinco bárbaro e brutal que era sempre acompanhado de crimes⁶².

O nascimento do carnaval de Porto Alegre, segundo narrava o jornal, teria se dado por causa de prejuízos financeiros que as brincadeiras do entrudo teriam causado. Amadeu Masson teria aconselhado a criação de sociedades carnavalescas a fim de “sustar o entrudo”. Seu filho Leopoldo Masson assim o fez, criando a Esmeralda.

Leopoldo Masson nasceu no Rio de Janeiro, em 1845. Em 1870, ainda nesta cidade, terminou o seu aprendizado de relojoeiro e lá estabeleceu uma pequena casa de relógios, com o auxílio de seu pai, Amadeu. Entretanto, o negócio não foi muito bem e parece que seu pai, que possuía uma padaria, foi quem liquidou seus compromissos com credores⁶³. Foi então que Leopoldo, querendo reiniciar seus negócios, veio para Porto Alegre. Assim, em 1º de maio de 1871, ele inaugurou a relojoaria "Pêndula Misteriosa"⁶⁴. Para iniciar seu negócio, Masson “contou com a ajuda do crédito de outra firma do ramo, o joalheiro Moisés Aaron & Filhos (entre os quais deveria se incluir Emílio Aaron, outro fundador da Esmeralda). A partir de então, começa um empreendimento de sucesso, em sociedade com o ourives Inácio Geyer (outro esmeraldino), que consolida o nome da Casa Masson como um estabelecimento de prestígio”⁶⁵. Esta funcionou durante 12 décadas na esquina das ruas dos Andradas e Marechal Floriano e estabeleceu o nome Masson como tradição e referência em termos

⁶² *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁶³ *História da Masson*. Casa Masson.

http://www.athesm4.com.br/masson/principal/ShowMATERIA.asp?var_chavereg=34, acessado em 05 de fevereiro de 2012.

⁶⁴ Cf. Walter Spalding. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Sulina, 1970.

⁶⁵ LAZZARI, Op. Cit., p.91

de joias, pedras preciosas, ótica, relógios. É curioso perceber que o mesmo jovem a quem se relacionava o nascimento do novo carnaval, um empreendedorismo carnavalesco, haveria de ser também um empreendedor de sucesso em Porto Alegre. Ele também chegou a presidir a Esmeralda em 1880 e seu pai em 1877.

Do mesmo modo, a criação dos Venezianos contou com a colaboração do coronel Joaquim Pedro Salgado⁶⁶ que teve destacada participação no episódio citado acima ao liderar uma legião de entrudeiros no ‘assalto’ à trincheira da casa Masson. Salgado foi o primeiro presidente dessa sociedade. Percebe-se que ambas as sociedades seriam “filhas do entrudo”: Leopoldo Masson que, galhardamente, molhava a todos os transeuntes de sua ‘trincheira’ fundou a Esmeralda; e Salgado, que tomara de assalto a casa Masson e encharcara os irmãos Masson, teria ajudado na criação dos Venezianos. E a disputa prosseguia.

Esta nova festa, ao que tudo indica, fez sucesso entre os porto-alegrenses. O censo do ano de 1872 estimava em 43.998 a população da cidade e, de acordo com o periódico *Mercantil*, no ano de 1876, “uma multidão calculada em dez mil pessoas acompanhou com delírio as festas carnavalescas desse ano”⁶⁷. Apesar do possível exagero do jornal, denota-se, em sua fala, que de cada quatro habitantes da capital, um acompanhou os desfiles daquele ano, perfazendo um total de 22.72 % da população da cidade. A participação destas pessoas nos desfiles, entretanto, restringia-se ao papel de meras espectadoras. Assim como para as mulheres, a quem fora direcionado um discurso moralizador de seus comportamentos, relegando elas a uma posição de passividade. Afinal, nesse novo modelo de festa, esmeraldinos e venezianos é que “faziam a festa”, desfilando pelas ruas da cidade, enquanto os demais deviam abrilhantá-la, animando-os e jogando-lhes flores.

Alexandre Lazzari, em sua dissertação, rastreou os componentes das diretorias de ambas as sociedades, quando dos seus surgimentos. Segundo ele, da Esmeralda “consta uma relação de trinta nomes que teriam constituído sua Assembleia Fundadora. De vinte e oito deles foi possível descobrir alguma ocupação profissional, exercida

⁶⁶ Joaquim Pedro Salgado nasceu em Alegrete em 20 de maio de 1835. Foi militar, membro do Partido Liberal e várias vezes deputado provincial e geral. Morreu no Rio de Janeiro em 12 de março de 1906. Casou-se com Maria Josefa Artayeta Palmeiro, com quem teve Joaquim Pedro Salgado Filho. Cf. PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*. Livraria Selbach, Porto Alegre, 1917.

⁶⁷ FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval Porto-Alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.43.

exatamente nos anos de 1873 e 1874. Entre estes nomes, a predominância absoluta é de funcionários públicos: vinte e três ao todo”⁶⁸. Havia funcionários da burocracia imperial, comerciantes (proprietários de lojas de fazendas, relojoeiros e joalheiros), major da Guarda Nacional. Já quanto a Venezianos e seu suposto pertencimento às classes mais abastadas, ele dispôs de menos informações:

De um total de um levantamento de trinta e três nomes de pessoas que teriam integrado as diretorias destas sociedades na década de 1870, só se possui informações seguras sobre dezoito. Com certeza, pelo menos seis destes eram ligados diretamente ao comércio, seja de varejo, atacado ou importação. Outros sete dedicavam-se a atividades empresariais e serviços diversos, e três eram profissionais liberais. Apenas um único indivíduo consta como funcionário público. A amostra dá o perfil de um grupo heterogêneo, mas incluindo membros do alto comércio e pessoas ligadas a atividades financeiras e empresariais, que são praticamente ausentes no grupo de esmeraldinos apresentado acima⁶⁹.

O referido autor demonstrou que o perfil lembrado, descrito pelos jornais anos mais tarde, não estava muito longe da realidade. Corroborando tais afirmações, também encontramos nas memórias de Aquiles Porto Alegre (que fora membro das duas sociedades) tal diferenciação entre esmeraldinos e venezianos:

A ‘Esmeralda’, conquanto formada, em sua maioria, de famílias do nosso escol social, era a mais popular, e a ela pertenciam elementos da burocracia modesta, do pequeno comércio e estudantada álaçre e ‘desbagada’. Já não eram assim os ‘Venezianos’, que só abria o seu passeio para o alto comércio, capitalistas e outras pessoas gradas⁷⁰.

É interessante ressaltar que essa condição mais modesta dos esmeraldinos em relação aos venezianos em nenhum momento foi apontada como fator de desprestígio dos primeiros em relação ao segundos. De acordo com Lazzari, quando do surgimento destas associações, os cronistas faziam “questão de declarar que ambas as associações igualaram-se em excelência na tarefa de acabar com o entrudo e promover um carnaval brilhante, ficando evidente que a iniciativa dos esmeraldinos no mínimo confirmava ou reafirmava sua posição respeitável na sociedade, mesmo com seus integrantes não pertencendo aos círculos mais enriquecidos”⁷¹.

Assim, a iniciativa dos irmãos Masson e de Joaquim Pedro Salgado de fundarem as sociedades – Esmeralda e Venezianos, respectivamente – foi saudada por ser uma reforma de costumes que traria o progresso ao eliminar a brincadeira do entrudo,

⁶⁸LAZZARI, Op. Cit., p.87.

⁶⁹Ibid., p. 85.

⁷⁰Cf. Aquiles Porto Alegre. *Noutros tempos*. Porto Alegre: Globo, 1922.

⁷¹LAZZARI, A. Op. Cit., p.87

considerada uma “brincadeira bárbara e brutal que era sempre acompanhada de crimes”⁷².

O inconveniente jogo de entrudo foi este ano substituído completamente, nesta cidade, pelo Carnaval.

Deve-se este acontecimento às sociedades carnavalescas “Venezianos” e “Esmeralda”, que foram os iniciadores da reforma, secundados pelos habitantes, que visando mais um progresso, firmaram a abolição do entrudo e concorreram gostosos para o abrilhantamento da festa carnavalesca.

Nas principais ruas da cidade, não se viu jogar um só limão; e nas menos populosas aconteceu outro tanto⁷³.

Não mais a brincadeira do entrudo – que por aqui reinara desde os tempos da colonização – com suas molhadelas e farinhadas e, sim os requinte dos desfiles e dos salões. Esta seria a maneira civilizada de se comemorar o carnaval. Ao menos era isso o que pretendiam esmeraldinos e venezianos: dar fim ao rude e grosseiro entrudo! Curioso que os fundadores de ambas as sociedades, que criaram esta nova proposta de comemorar os dias de Momo e intencionavam abolir o entrudo, haviam sido entusiastas da antiga brincadeira. Leopoldo Masson teria sofrido, inclusive, uma reprimenda do pai, Amadeu, por ter estragado, com sua brincadeira, muitas mercadorias de sua farmácia.

Tais sociedades carnavalescas, portanto, foram criadas com o propósito de modernizar o carnaval e acabar com o entrudo. Isto, porém, não ocorreu e, ao que tudo indica, como veremos mais adiante, foi ele que ajudou a acabar com elas.

1.2. O fim do primeiro ciclo de Esmeralda e Venezianos

Apesar dos avisos da imprensa para que ficassem atentas ao continuísmo do entrudo, Esmeralda e Venezianos não conseguiram contornar os problemas e acabaram por falir, antes mesmo de adentrarmos o século vindouro. Tal desaparecimento iria causar muita nostalgia nos anos seguintes, como veremos adiante.

Apesar de não serem essas sociedades as únicas agremiações que em Porto Alegre rendiam preito a Momo – havia Germânia, Congos, Floresta Aurora além de outras associações menores, que serão abordadas ainda nesse capítulo – através de desfiles e bailes, Esmeralda e Venezianos foram também os nomes consagrados na

⁷²O *Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁷³A *Reforma*, 19 de fevereiro de 1874.

memória do carnaval da cidade. E, apesar de seu sucesso, ainda no século XIX, iriam desaparecer do cenário carnavalesco da cidade.

Os Venezianos duraram um pouco mais que uma década, encerrando suas atividades em 1884. Já a Esmeralda desfilaria até 1891, fazendo uma reaparição em 1897. Apontamos, em nossa dissertação, algumas causas como motivadoras de tal infortúnio: problemas de cunho financeiro e falta de colaboração dos sócios, disputas internas e o já referido gosto feminino pelo jogo do entrudo.

A falta de dinheiro e do pagamento das anuidades pelos sócios foi um dos motivos que encontramos para a falência destas associações. Em 1883, os Venezianos, em seu programa de carnaval já admitiam a falta de dinheiro, afirmando que “apesar das imensas dificuldades que se apresentaram este ano para a realização de suas festas, resolveu não deixar passar despercebida a grande época em que todos os povos do mundo rendem seu tributo ao impagável, ao incomensurabilíssimo Deus Momo [...]”⁷⁴. Tais dificuldades teriam acontecido, em virtude de a influência de Momo não ter chegado a “a eletrizar os corações empedernidos de um grande numero de ilustres concidadãos nossos, os quais, conquanto reconheça serem as festas carnavalescas mais brilhantes que se fazem entre nós, contudo não deixaram de ser apologistas do sistema da comodidade, entendendo que é melhor ver de graça do que cair com o ferro, e que já nos fazem grande favor chamando-nos de tolos[...]”⁷⁵. Os Venezianos reconheciam, assim, a crise financeira por que passavam por causa da falta de colaboração monetária de seus sócios.

A Esmeralda também não ficou de fora desta situação de colapso, tendo tido dificuldades de fazer o seu festejo desde 1882. A imprensa salientava as dificuldades que ela enfrentava para organizar os préstimos, tendo o *Mercantil* informado que a Esmeralda “trabalhou com todo o sigilo, para causar verdadeira surpresa á população, e assim vai acontecer. Quando todos a supunham, por assim dizer morta, ei-la que surge com todo o vigor para suplantar os descrentes”⁷⁶. Em virtude desta crise por que passava, seus diretores resolveram convidar o jornalista Miguel de Werna para presidi-la a fim de a Esmeralda poder se beneficiar de sua “influência pessoal”⁷⁷. Contudo, já

⁷⁴*Mercantil*, 31 de janeiro de 1883.

⁷⁵*Mercantil*, 31 de janeiro de 1883.

⁷⁶*Mercantil*, 18 de fevereiro de 1882.

⁷⁷Carta escrita por José Leite de Castro a Miguel de Werna. *O Século*, 04 de fevereiro de 1883. Para maiores detalhes, ver LEAL, Caroline P. Op. Cit., p. 143.

com Werna na presidência, continua-se a evidenciar a preocupação com a falta de colaboração financeira dos membros da sociedade, tanto que Werna irá publicar em seu jornal *O Século*, um apelo às mulheres para que não namorassem jovens que não apresentassem o recibo de pagamento da anuidade. Vejamos:

[...] Grande parte dos moços da nossa terra negam-se a contribuir com a sua anuidade.
É vergonha!
Leitora querida, não te metas em derricho com rapaz que não te provar o seu bom gosto, apresentando-te um recibo de qualquer das sociedades.
Só assim tomarão caminho esses unhas de fome!
Há certa gente em Porto Alegre que não devia existir, por honra da nossa capital.
Gente refratária a tudo quanto é belo e sublime!
Gente incapaz de concorrer com um seítel para um fim útil ou agradável!
Gente que só tem uma aspiração: - o circo de cavalinhos!
Anuncie-se a exibição de uma companhia ginástica equestre e aí vem o mundo abaixo com tanta gente [...] ⁷⁸.

Werna aclarava sobre a falta de interesse dos membros da Esmeralda, que se negavam em contribuir com a anuidade da sociedade. Apesar de recorrer às mulheres, a fim de que deste modo tais rapazes se obrigassem a pagar as anuidades, pois “só assim tomarão caminho esses unhas de fome!”, a estratégia parece não ter surtido efeito. No ano seguinte, a Esmeralda estava mergulhada em dívidas, apossada por credores, abandonada por seus “membros mais influentes” e incerta de seu futuro⁷⁹, o que evidencia a grave situação econômica que enfrentava.

Desta forma, a falta de contribuição dos sócios, que geraria falta de dinheiro para se realizarem os festejos, parece ter sido um dos motivos que levaram Esmeralda e Venezianos a entrarem em decadência na década de 80. Mas que motivos teriam levado os sócios a não se interessarem mais pelas agremiações, a se desgostarem e não mais contribuírem? Em 1881, uma nota publicada pelo jornal *Mercantil* nos dá alguns indícios de que interesses pessoais chocaram-se contra interesses próprios da sociedade, ocasionando disputas internas e desinteligências entre seus membros.

Neste ano, os venezianos estariam a fazer os preparativos para apresentar seu festejo carnavalesco, até que “apareceu para a sociedade uma aza negra: o Sr. Germano Hasslocher, que se mete em tudo como um piolho por costura, lá fez umas imposições á sociedade, umas propostas insensatas foram pouco a pouco desgostando os sócios, que

⁷⁸ *O Século*, 04 de fevereiro de 1883.

⁷⁹ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1 de fevereiro de 1884.

têm afinal perdido grande parte da sua influência e entusiasmo”⁸⁰. O antigo presidente, Germano Hasslocher presidiu a Venezianos em 1879/1880, segundo o jornal, estaria interferindo e impondo suas ideias, gerando disputas entre as propostas já existentes e que estavam sendo implementadas e as trazidas por ele. Contudo, seus interesses, seriam de cunho pessoal ao estar preocupado com seus lucros e de proteger seus contratos. Desta maneira estaria prejudicando a sociedade, lugar que se vem para divertir-se e não para tratar de dinheiro⁸¹. Assim, aos poucos, os sócios foram se desgostando e gradativamente se afastando, de acordo com o *Mercantil*.

Outra questão que teria colaborado para a falência das tradicionais sociedades carnavalescas teria sido a permanência do entrudo. Mesmo tendo surgido com o objetivo de acabar com o antigo jogo, Esmeralda e Venezianos não conseguiram tal feito e, ainda por cima, tinham que conviver com ele, até mesmo nas festas em que promoviam. Tanto que, em seu programa de carnaval do ano de 1879, os Venezianos demonstravam esta preocupação com a presença das bisnagas em seus bailes:

Preparai-vos, portanto, respeitáveis matronas, gentis formosas e feiticeiras representantes do belo sexo, venerando papás, negregados solteirões e tu, oh!

Mocidade, para receber-nos. Os Venezianos vos pedem risos, flores, animação e alegria.

Que folia! Que alegria! Risos, flores, música, dança e uns rostos lindos, lindos! Se sois tão belas gentis porto-alegrenses!

Os Venezianos pedem e esperam que não lhes será negado tão assigalado favor, que lá no salão do baile não apareça uma única bisnaga. Morra o entrudo. Viva o Carnaval.

Pediam eles que “se sois tão belas, gentis porto-alegrenses”, não deveis levar bisnagas aos bailes por nós promovidos, para que no salão não apareça uma única bisnaga. Isto demonstra o quanto elas eram consideradas responsáveis pela continuidade da brincadeira. Dessa forma, vemos que a conservação do costume foi creditada às mulheres. Como observaremos no próximo capítulo, elas foram as “Evas” desta história, que apesar de participarem das sociedades, permaneceram afeitas ao jogo do entrudo e com isso teriam afogado as sociedades carnavalescas.

Deste modo, Esmeralda e Venezianos irão deixar de apresentar seus préstimos à população de Porto Alegre. Com o passar dos anos, isto causará uma série de descontentamentos por parte da imprensa da capital, que estava insatisfeita com os

⁸⁰ *Mercantil*, 23 de fevereiro de 1881.

⁸¹ *Mercantil*, 23 de fevereiro de 1881.

festejos que eram exibidos. Expunham, ainda, uma nostalgia quanto ao carnaval de eras passadas, do tempo de esmeraldinos e venezianos.

1.3. Descontentamentos do fim do século

Ao findar o século XIX, percebe-se um grande descontentamento, por parte dos jornais, com o tipo de festa carnavalesca que estava sendo feito em Porto Alegre. Apresentavam, conjuntamente, um saudosismo em relação às festas do passado – as festas de Esmeralda e Venezianos – e um profundo desagrado com o atual carnaval, promovido por outros atores sociais. Analisaremos, a seguir, as formas assumidas pelos festejos carnavalescos após o desaparecimento dessas duas agremiações e a repercussão observada na imprensa da capital.

1.3.1. Indesejado carnaval

Com o desaparecimento das duas maiores sociedades carnavalescas de Porto Alegre, o carnaval tomou outras formas. O luxo dos desfiles desaparecera. A sofisticação dos grandes bailes ficara na memória. Contudo, a população não deixara de celebrar essa data, só que agora não mais através da dita sofisticação do carnaval veneziano e sim ao seu modo e isto passou a incomodar muitos cronistas dos jornais porto-alegrenses. Mas de que forma a população continuou comemorando esses três dias de festa? Vejamos a seguir algumas maneiras de celebração do carnaval, que já existiam e coexistiam com Esmeralda e Venezianos, que passaram a ter uma negativa visibilidade por aquele fim de século, eram tidas como “tristes manifestações carnavalescas”⁸².

Com o fim das sociedades, os bailes de máscaras, os ‘decantados bailes *masqués*’, passaram a ser noticiados como formas de celebração do reinado momesco, mas como uma negativa configuração de comemoração da festa. O periódico *O Independente*, ao se referir a este festejo, o fazia de uma forma depreciativa. Chamava a atenção para estes bailes a fim de que se zelassem pela moral pública da cidade.

Sem querer entrar na análise detalhada de todas as tristes manifestações carnavalescas dos três dias que vêm de passar, limitar-nos-emos a rápidas considerações sobre os decantados bailes *masqués*,

⁸² *O Independente*, 09 de março de 1905.

chamando para eles a atenção de quem tem a obrigação de zelar pela moral pública⁸³.

O jornal considerava aquele ano de 1905, que precedia o retorno de Esmeralda e Venezianos, como não tendo nenhum tipo de festa carnavalesca digna e demonstrava uma preocupação com a moral durante os bailes de máscaras. Sabemos que o anonimato que ela permite, facilitava a licenciosidade durante o festejo. A máscara, sendo uma

metáfora do anonimato, impede o olhar social que reconhece e amarra cada um ao seu próprio lugar, à sua própria identidade e ao que dela se espera. A suspensão do olhar social/censura, prática analítica e confessional, autoriza a fala do indizível. Faz surgir uma outra palavra, uma outra ação e, por que não dizer, os outros habitantes de nossa subjetividade”⁸⁴.

Quando as sociedades ressurgirem, em 1906, elas também irão fazer bailes com mascarados. Entretanto, não haverá este tom de reprimenda que existia anos atrás. Em 1914, o jornal *A Federação* noticiava o controle que haveria no baile burlesco que a Esmeralda daria no Palacete Avenida, sendo que na “entrada do clube uma comissão encarregada do reconhecimento dos fantasiados, evitará com a conveniente descrição, que seja iludido o característico empenho seletivo da Esmeralda, quanto às suas festas de salão”⁸⁵. Não havia, portanto, o tom moralizante e acusador de anos atrás, a despeito de serem bailes mascarados ou bailes *masqués*. Tal diferença pode ser explicada pela mudança nos atores que promovem a festa. O baile de agora é feito pela Esmeralda, a reunião dos seletos cidadãos porto-alegrenses. Além disso, note-se a preocupação com o reconhecimento dos mascarados, a fim de que se garantisse a seleção esmeraldina e ninguém se escondesse sob a máscara.

Assim como os bailes de máscaras, as brincadeiras de entrudo, agora aliadas aos confetes, também passaram a ser “a marca de um triste carnaval”⁸⁶. Na virada do século XIX para o XX, este parece ter sido o único registro dos dias carnavalescos. Segundo o jornal *Correio do Povo*, o carnaval naquele ano:

quase que se circunscreveu ao jogo mais ou menos lícito do entrudo, mas, em todo o caso, bastante ofensivo dos bons costumes. Via-se em plena rua dos Andradas cada coisa...! quero dizer: cada bisnaga, que por si só era uma indecência.

⁸³ *O Independente*, 09 de março de 1905.

⁸⁴ LANZARIN, Claudia Cruz. A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 20, n. 3, set. 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>, acessado em 30 set. 2012.

⁸⁵ *A Federação*, 16 de fevereiro de 1914.

⁸⁶ *O Independente*, 09 de março de 1905.

E, depois, o modo, o jeitinho, o descaro, a petulância com que o jogo era feito, não já entre parceiros, mas, o que mais é, entre *tout le monde*...⁸⁷

O último carnaval do século XIX teria se restringido, segundo o cronista, somente ao entrudo. Este fora chamado de “jogo mais ou menos lícito”, denotando que – apesar de proibido e ilícito desde o ano de 1847⁸⁸ e os editais de sua proibição serem sempre publicados nos jornais a fim de lembrar aos foliões esta interdição – a permeância de sua prática chegara a torná-lo aceitável, apesar de sempre criticado. O jornal *Correio do Povo* sustenta sua crítica ao entrudo acusando-o de ser “bastante ofensivo dos bons costumes” e não ser mais praticado entre parceiros, mas sim “entre *tout le monde*”.

As imagens também foram veículos utilizados para que se corroborassem estas condenações ao entrudo. Encontramos uma charge publicada no jornal *A Gazetinha*⁸⁹, na qual a brincadeira é representada, apontando para o incômodo com conservação do antigo costume carnavalesco. Vejamos:

⁸⁷ *Correio do Povo*, 04 de março de 1900.

⁸⁸ Livro de Registros de Posturas Municipais de 1829 a 1888.4 dez 1829. Posturas Policiais da Câmara Municipal da cidade de Porto Alegre aprovadas pelo Conselho Geral da Província. Porto Alegre, Tip. Do Comercio, 1847 (anexadas ao Livro de Registros das Posturas Municipais de 1829 até 1888). AHPA.

⁸⁹ Segundo Steyer, *A Gazetinha* foi fundada em 1891 e tinha como proprietário Octaviano Manuel de Oliveira que era um homem de “instrução limitada, primária incompleta, pouco [excedendo] o nível do analfabetismo”, não sendo, portanto, “um jornalista no exato sentido do vocábulo”. De acordo com Vivaldo Coaracy, citado por Steyer, “a *Gazetinha* foi jornal de escândalo, explorando a fascinação que sobre os espíritos primários exerce o sensacionalismo grosseiro. Destacava-se pela violência da linguagem nos ataques pessoais em que nem mesmo a honra das famílias das pessoas visadas era poupada”. Em agosto de 1899, Octaviano de Oliveira, ao voltar do teatro, sofreu um atentado de seus inimigos, o que o obrigou a fechar o jornal. STEYER, Fábio Augusto. Reflexões sobre a história do jornalismo no Rio Grande do Sul: uma experiência de pesquisa. *Anais I Encontro de História da Mídia*. UNICENTRO, Guarapuava/PR, 2010.



Figura 1 - Charge sobre Entrudo. Retirada do jornal *A Gazetinha* de 15 de fevereiro de 1896.

Na imagem visualizamos duas mulheres, cada uma em sua janela, atirando água de suas bacias nos homens que passavam pelas calçadas. Na legenda está escrito: “Prendam, não estão vendo como estou todo molhado? Prendam, já lhes disse; nada de contemplanções! Não sabem estas loucas que é proibido pela intendência o jogo de entrudo? Vá conduzir as delinquentes, eu não posso tolerar, hei de ser respeitado! Este é meu! Não posso”. Através da legenda averiguamos um tom de reprimenda à permanência da brincadeira e a postura policial de apenas contemplar a sua existência sem fazer com que se cumprisse as leis de proibição do jogo. É o “jogo mais ou menos lícito do entrudo”⁹⁰, de que falava a nota do *Correio do Povo* que mostramos acima. A brincadeira é executada por mulheres que de suas janelas banhavam aos homens que passavam sob elas. Estes, portanto, é que se apresentavam incomodados com a atitude feminina, ordenando para que elas fossem presas por tal ato.

O antigo problema do entrudo permanecia presente nos jornais da capital. Os perigos e incômodos por ele proporcionados, bem como a ameaça aos bons costumes

⁹⁰ *Correio do Povo*, 04 de março de 1900.

que ele oferecia eram evidenciados com desagrado. Brincadeira tida como perigosa e imoral, em virtude dos “abraços traiçoeiros que começam na porta da rua e iam terminar mesmo nas barbas dos senhores pais de família”⁹¹, havia ganhado um companheiro para as festas: o confete. Todavia, a brincadeira do confete era considerada menos imoral do que a do entrudo. O jornal *Correio do Povo* afirmava que não havia amor como o *Amor molhado*:

É pouco, é muito pouco para eles o inocente prazer de enroscar fitas de papel ou de peneirar confete sobre os bustos de suas amadas. E bem melhor lhes houvera de saber ao paladar o gostinho picante de escorropichar o líquido das suas bisnagas sobre formas que em pouco se lhes desenhariam patentes e precisas num vivo relevo, acentuado pela aderência de vestes úmidas que acompanhassem as linhas de todo o perfil.

E as corridinhas das tímidas? E as perseguições dos afoitos? E os encontrões involuntários? E os abalroamentos suaves? E todas essas mil peripécias de tão singulares escaramuças? (...)

E por isso ponderava ontem um poeta lírico de muito sentimentalismo e muito nervo:

— Qual! No carnaval, como na opereta, não há como o *Amor molhado*!⁹²

A oportunidade de brincadeiras mais maliciosas, como a atitude fálica de atirar os líquidos das bisnagas sobre o colo das mulheres e deixá-las molhadas por ele, pareciam mais atrativas que as brincadeiras com confetes, na qual só o peneirava sobre o busto das amadas, de acordo com o jornal. No jogo do entrudo, a licenciosidade dava ares de ser mais exercitada e era ressaltada pelo jornal, como se fosse um atrativo a mais para a sua prática.

Mas se para uns o jogo do confete não representava maiores prazeres, nem maiores perigos, para outros ele também era motivo para muitas outras burlas. Em tom jocoso, um colunista do jornal *A Gazetinha* afirmava que “andam dizendo por aí”:

que um conhecido negociante, quando está no auge do seu confete, atira-se junto com os mesmo, parecendo querer devorar inimiga... Cuidado não vá machucar a cartola...

Que tem causado grande sucesso o brinquedo do confete: uma jovem tomou tanto confete que, ao chegar em casa, foi desconhecida tal era a transformação que se via pelo rosto da moça... E a velha que ignorava o motivo de tantas cores, perguntou: Mariquinhas, que manchas são essas? Ao que ela respondeu: são confete de um moço da rua da praia mamãe.

Que uma respeitável casada, quando passava pela Rua dos Andradas foi agredida por uns moços, que lhe jogaram serpentina, e ela, furiosa pela falta de respeito, disse: tire essa tripa daqui, seu Chico, que eu quando quiser divertir-me tenho o meu marido em casa! Bravos como está comportada...

⁹¹*A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875.

⁹²*Correio do Povo*, 07 de fevereiro de 1897.

Que uma costureira ao sair das oficinas, foi jogar confete com um caixeiro, no União...

Com certeza também viu lá as serpentinas...

Que uma senhora casada, na Rua da Praia, possuiu-se tanto, no jogo do confete, que só gritava: sossega Leitão...

Essas familiaridades sem o conhecimento do marido, é mais do que ... grave...

Que o Martins da Luzo teve muita inveja do Marquez das castanholas, na noite de quinta-feira, por vê-lo todo atirado, no meio das moças, envolto nos confete

Beija-Flor⁹³

Assim como o entrudo, o confete também representava uma oportunidade de burla do controle paterno e de extravazamento da sexualidade, momento em que havia uma quebra do controle sobre o comportamento social. Conhecido negociante, mulher casada, jovem moça, costureira: vários são os tipos e as classes sociais apontadas pelo cronista que se deleitavam com a brincadeira do confete. E em todas as referências a conotação sexual e de burla dos condicionamentos morais são ressaltados: ora é a senhora casada que se divertia sem o conhecimento do marido, ora são os homens atirados no meio das moças.

Mas aquilo que para uns era atrativo, esta possibilidade de maior contato com o sexo oposto, para outros era o problema. O velho entrudo, acompanhado agora pelo confete, continuava, portanto, a ser o vilão da moral e dos bons costumes das famílias porto-alegrenses.

Quando Esmeralda e Venezianos colocaram seus desfiles nas ruas e promoveram seus bailes lá em 1874, muitas outras sociedades também surgiram e adotaram este estilo de carnaval: Congos, Floresta Aurora, Germânia⁹⁴. Com o passar do tempo, cada vez mais foram surgindo outras sociedades carnavalescas que pretendiam render preito a Momo. E mesmo com a ausência de venezianos e esmeraldinos, estas sociedades continuariam a promoverem a sua festa, entre elas: Estrela D'Alva, XPTO, Vagalumes, Cara Duras, Roxa Saudade, Saca Rolhas, Netos do Diabo, para citar alguns nomes.

Esta popularização e democratização do carnaval de Porto Alegre foi, contudo, vista com maus olhos: seria este o seu problema. O jornal *A Federação* assinalava esta

⁹³ *A Gazetinha*, 15 de fevereiro de 1896.

⁹⁴ Germânia e Floresta Aurora não eram sociedades carnavalescas, mas durante o carnaval promoviam desfiles e bailes aos moldes de venezianos e esmeraldinos.

ideia, criticando as sociedades que se inspiraram em Esmeralda e Venezianos, mas que se pautavam mais por um escândalo moral.

Cumprindo a triste faina de ‘não deixar morrer o carnaval’, algumas ‘sociedades’ estacionavam junto aos coretos na rua dos Andradas e, ao som da música, entregavam-se ao ‘maxixe desenfreado’, em requebros exagerados e obscenos, com grande escândalo do burguês honesto que não leva a família ao teatro para não apreciar tais cenas a troco de dinheiro.(...)

E ao dissiparem-se os sons do último Zé Pereira⁹⁵ que recolhia-se, acudiram-nos à mente os dias gloriosos da Esmeralda e dos Venezianos, em que o Carnaval de Porto Alegre primava pelo luxo, pelo gosto, pelo espírito e pela excelência do pessoal que tomava parte nos festejos!⁹⁶

A fim de não deixar morrer o carnaval, algumas sociedades – das quais nem os nomes são mencionadas pelo cronista – apareceram naquele ano de 1900. No entanto, tais associações não eram representantes dos valores burgueses, o que fez o cronista recordar dos tempos de Esmeralda e Venezianos, estas sim verdadeiras emissárias de “luxo”, “gosto” e “nobreza”. Agora eram os representantes de outros segmentos que faziam a festa, à qual o “burguês honesto” não levaria a família. Além disso, essas novas sociedades apreciavam “maxixe desenfreadamente”, dança criada por negros, que misturava elementos musicais africanos e europeus, conhecida na época como um ritmo mestiço⁹⁷. Esta dança sofreu fortes preconceitos por parte das elites brasileiras por ser considerada imoral. Segundo Monica Velloso, “ao reforçar a ordem corpórea e a expansão da gestualidade, o maxixe introduzia um processo de mudanças que punha em questão os referenciais dominantes do universo sensorial”⁹⁸. Observe-se que na nota do *Correio do Povo* é exaltada a forma como os corpos se mexem, “com requebros exagerados e obscenos”⁹⁹. Novamente, a preocupação com a licenciosidade e falta de moralidade no carnaval é evidenciada: seja no jogo de entrudo, nas brincadeiras com

⁹⁵ Segundo Cunha, o zé-pereira era um desfile constante e popular do carnaval carioca já na segunda metade do século XIX. A troça teria, contudo, sofrido uma descaracterização no último quartel do século, passando a sofrer críticas em relação à perda de autenticidade. “Na frente do zé-pereira vem a bandeira, que consiste quase sempre em três ou quatro esteiras velhas pregadas a um bambu. [...] Atrás da bandeira desfilam os bumbos. Atrás dos bumbos vêm os tambores de latas de biscoito rufando à toda força”. Tratava-se de uma “presença coletiva”, de grupos que atraíam muita gente atrás de si. Segundo a autora, “ele forneceu ritmo à dança [...] atraiu para a dança os diabinhos e demais personagens que, isolados, já pareciam assustadores”. CUNHA, Maria Clementina. Op. Cit., 2001, p. 46.

⁹⁶ *A Federação*, 28 de fevereiro de 1900.

⁹⁷ REIS, Leticia Vidor de Souza. *Negros e brancos no jogo da capoeira: a invenção da tradição*. Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, 1993.

⁹⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. A dança como alma da brasilidade. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 7, mis en ligne le 15 mars 2007, référence du 15 septembre 2007. Disponible sur: <http://nuevomundo.revues.org/document3709.html>.

⁹⁹ *A Federação*, 28 de fevereiro de 1900.

confetes ou nas danças proferidas por sociedades não representantes dos seletos grupos porto-alegrenses.

O carnaval que se seguiu ao fim das tradicionais sociedades não caiu, como já pudemos observar, no gosto da imprensa. Três eram os argumentos mais utilizados para desqualificar as formas de brincar o folguedo: a imoralidade, a licenciosidade e a promiscuidade social. De acordo com Lazzari, os jornais faziam apelos à polícia pedindo “maior atenção na vigilância moral do carnaval”¹⁰⁰, sendo que sua preocupação residia não só “na suposta imoralidade do entrudo, mas também na promiscuidade social, como se fossem dois perigos que andassem lado a lado”¹⁰¹.

Anderson Vargas, em sua dissertação¹⁰², teve como objeto de pesquisa o referido periódico *O Independente*. Segundo o autor, “durante todo o período pesquisado, aquele periódico revelou uma verdadeira ‘ânsia de civilização’, um desejo irrestrito de progresso material e, ao mesmo tempo, um monocórdio lamento sobre a ‘decadência’ causada pelo desejado movimento de avanço”¹⁰³. Estes valores, percebidos por Vargas no referido jornal, estão presentes também nas falas a respeito dos festejos carnavalescos de Porto Alegre. Se, por um lado, a introdução do Carnaval, promovida por esmeraldinos e venezianos representava o progresso da cidade, através de uma civilizada comemoração; por outro, com o seu desaparecimento, o periódico alertava para uma

licenciosa libertinagem que vai aos poucos corrompendo a nossa juventude, em uma ameaça feroz e real às bases sacratíssimas do lar, à moral da família que é o fundamento do edifício social. Todas essas considerações vem a propósito de festa pagã e lúbrica do carnaval¹⁰⁴.

*O Independente*¹⁰⁵ expressava, assim, sua preocupação com a moral social. A festa pagã e lasciva punha em risco as bases do lar e a moral das famílias ao perverter a juventude com sua devassidão. Era o carnaval a “celebração mais brutal e rude do culto da carne”:

¹⁰⁰ LAZARI, Alexandre. Op. Cit., 1998, p. 161.

¹⁰¹ Ibid., p. 162.

¹⁰² VARGAS, Anderson Zalewski. *Os Subterrâneos de Porto Alegre. Imprensa, ideologia autoritária e reforma social (Porto Alegre – 1900/1919)*. Dissertação de Mestrado, PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 1992.

¹⁰³ VARGAS, Anderson. Usos da Antiguidade: imprensa, civilização e decadentismo no sul Brasil Republicano. *Liber Intellectus*, v. 02, 2007, p. 02.

¹⁰⁴ *O Independente*, 9 de março de 1905.

¹⁰⁵ O periódico *O Independente* foi uma folha de caráter informativo criada por Octaviano de Oliveira algum tempo após o fechamento de *A Gazetinha* e que circulou até 1923. STEYER, Op. Cit., p. 54.

Vestígio cristão das saturnálias de decadência do império romano, em todos os tempos o carnaval foi a soberana festa da luxúria desenfreada, da devassidão mais profunda, celebração mais brutal e rude do culto da carne. (...) A moral de nossa sociedade periclita¹⁰⁶.

Identificado com a decadência do império romano, fazendo uma correlação com o declínio da cidade por aqueles tempos, o carnaval punha em risco a moral da sociedade porto-alegrense, através “luxúria desenfreada” e da “devassidão mais profunda”. Esta preocupação com a devassidão, com a falta de moral – identificada como o fundamento do edifício social – e com a depravação eram assuntos frequentes na Porto Alegre da virada do século.

Alguns periódicos empenharam-se em campanhas de cunho moralizante, sobretudo, contra os hábitos culturais dos populares. Cláudia Mauch averiguou a partir da análise de jornais do século XIX, como a *Gazeta da Tarde* e a *Gazetinha*, a frequência e o destaque conferido aos temas de desordem e imoralidade. Tais folhas estavam engajadas em ajudar a promover o “saneamento moral” da capital. A utilização de expressões como “saneamento moral” e “doença social” revela a preocupação por parte dos jornalistas com a “saúde” do corpo social e, segundo Mauch, o grande problema para esses jornais era o perigo de contágio que a “parte ruim” representava, podendo “infectar a parte sã da sociedade”¹⁰⁷. De acordo com Millen, “o indivíduo desviante era encarado a partir de uma perspectiva moral em que os hábitos torpes e promíscuos dos populares corrompiam os valores burgueses”¹⁰⁸. Nessa linha, o jornal *O Independente*¹⁰⁹ lamentava que, “com o decorrer dos tempos, as festas de Momo se têm tornado cada vez mais plebeias, mais abjetas”¹¹⁰.

A percepção da festa carnavalesca daquele momento como abjeta por ser protagonizada pelas classes populares pode ser interpretada a partir da premissa de que “as disposições adquiridas na posição ocupada implicam um ajustamento a esta

¹⁰⁶ *O Independente*, 9 de março de 1905.

¹⁰⁷ MAUCH, Claudia et all. *Porto Alegre na virada do século 19; cultura e sociedade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1994, p.11.

¹⁰⁸ MILLEN, Carlos. Marginais e desviantes: criminalidade e controle social na Porto Alegre dos anos de 1890 e 1900. *IV Mostra de pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Anais: produzindo história a partir de fontes primárias*. Porto Alegre : CORAG, 2006, 304 p, p.62.

¹⁰⁹ Segundo Vargas, “n’*O Independente* escreveram militantes socialistas, políticos e funcionários públicos de segundo e terceiro escalão, coronéis da Brigada Militar... homens cujos nomes e histórias não sobreviveram à passagem do tempo, apesar do eventual destaque em suas épocas”. VARGAS, Anderson. *Op. Cit.*, 2007, p.2.

¹¹⁰ *O Independente*, 09 de março de 1905.

posição”¹¹¹, ou seja, no caso aqui estudado, os agentes que ocupavam posições dominantes se recusavam a participar de um festejo que não era percebido como sendo do seu agrado, portanto, mantinham uma posição crítica à festa, tida como plebeia. Assim, para Bourdieu, a incorporação das disposições sociais por intermédio do *habitus* leva as pessoas a se amoldarem – conscientemente ou não – à sua posição no espaço social, a “guardarem as distâncias”¹¹². As classes sociais que ocupam uma posição superior no diagrama dos diferentes tipos de capital tenderiam a “manter[...] sua posição, a não ter[...] intimidades”, mesmo que, eventualmente, adotem *estratégias de condescendência*, “através das quais agentes que ocupam uma posição superior em uma das hierarquias do espaço objetivo negam simbolicamente a distância social, que nem por isso deixa de existir”¹¹³.

As festas não eram mais promovidas por esmeraldinos e venezianos. Segundo o cronista, com o transcorrer dos anos, elas se tornaram comemorações mais rudes, mais simples. O reinado de Momo estava sendo feito por plebeus! Para o jornal, continuar com tais práticas carnavalescas seria contaminar toda a sociedade, quebrar a distância social desejada e, por conseguinte, se colocava contra a festa pagã. A mesma festa, se celebrada por Esmeralda e Venezianos, não era condenada, pois era esta era a expressão da alegria da população. Sem elas, de acordo com Lazzari, era como se “não existisse um carnaval digno desse nome. Era em torno delas que, nesse momento, se construía uma imagem idealizada para a festa e uma memória positiva para os seus feitos do passado, em oposição direta com os valores ‘degenerados’ do carnaval das ruas”¹¹⁴.

Havia, portanto, uma apreensão com uma possível degeneração moral, expressa nos festejos carnavalescos, aonde o perigo de contaminação e decomposição da sociedade jazia em manifestações carnavalescas populares como, por exemplo, as brincadeiras de rua e os bailes públicos, que passaram a ser considerados “um foco de contaminação, ameaçando a moral de toda a sociedade”¹¹⁵.

Este, portanto, parece ser o motivo de desencanto com o carnaval ao adentrarmos o século XX e deste sentimento de nostalgia com a celebração do passado, que veremos a seguir. A festa atual era promovida não por representantes dos valores

¹¹¹ BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Poder Simbólico. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.155.

¹¹² *Ibid.*, p.155.

¹¹³ *Ibid.*, p.154.

¹¹⁴ LAZZARI, Op. Cit., p.18.

¹¹⁵ *Ibid.*, p.162.

burgueses e tinha se tornado cada vez mais plebeia, como salientou o cronista do jornal *O Independente*. E aí residia o perigo: para estes comentaristas, o festejo traduzia a tendência degenerada e mórbida à imoralidade de seus atores. Havia se popularizado e a difusão dos valores e sentidos pertencentes a outras classes sociais deflagrara um combate à promiscuidade social que passara haver no carnaval.

1.3.2. Saudoso carnaval

As críticas da imprensa à popularização e à licenciosidade dos folguedos de carnaval eram acompanhadas por uma visão idílica, nostálgica dos festejos do final do século XIX: a falência e o desencanto com as então atuais festas carnavalescas eram flagrantes. Era como se, já que não tínhamos Esmeralda e Venezianos, não tínhamos carnaval. As outras formas de se comemorar a festas não eram apreciadas, eram vistas como algo indigno de Porto Alegre. Deste modo, os antigos atores eram sempre lembrados, muitas vezes de uma forma superestimada. Vejamos a nota abaixo:

Bons tempos aqueles, bons tempos em que o Carnaval apareceu. E por isso mesmo ele se aclimatou e desenvolveu rapidamente em nosso meio. Nos anos subseqüentes, o Carnaval teve uma carreira ascensional e triunfante. A cidade toda se empavesava, alcatifava e arriava de flamas, flores e galas, para recebê-lo e festejá-lo. Eram dias de indescritível regozijo popular: de todos os pontos circunvizinhos, de Pelotas e Rio Grande mesmo, acudiam forasteiros, a ver para crer, como S. Tomé, o que de fantástico e surpreendente lhes chegava a notícia sobre nossas extraordinárias festas carnavalescas. O que é verdade é que nelas, a mais meticulosa e fina expressão de graça e bom gosto corria parelha com a maior riqueza e pompa. Então, o Carnaval aqui tocava o seu apogeu, pompeava mesmo, deslumbrava mesmo... (...)¹¹⁶

Saudosistamente, o colunista do *Correio do Povo* lembrava o que era para ele os “bons tempos”, tempo em que nasceram Esmeralda e Venezianos e que surgira o Carnaval, pois como vimos anteriormente, até a criação das sociedades carnavalescas, esta data era festejada através do entrudo e é somente após seu surgimento é que se tem o “Carnaval”. Segundo ele, a festa era tão extraordinária, que empolgava não só os moradores da cidade – que se revestiam de flores, de luz e de pompa – como atraía visitantes de outras, pois era repleta de encanto, luxo e esplendor. Todos esperavam e se preparavam para a festa promovida pelas sociedades carnavalescas, já que “aquilo é que

¹¹⁶ *Correio do Povo*, 18 de fevereiro de 1896.

eram festas carnavalescas”¹¹⁷, pois, como salienta o autor, era uma festa onde haveria graça, bom gosto, riqueza e pompa. Leiamos o diálogo entre dois comentadores do carnaval:

- Lembras-te do tempo dos *Venezianos*, da *Esmeralda* e da *Germânia*? Aquilo é que eram festas carnavalescas!

- Pois sim. Mas já passaram. Delas só resta a lembrança, junto a umas lembranças tristes, de algumas falências e de algumas famílias arruinadas... Depois, não eram aquelas festas verdadeiramente populares. Eram festas de meia dúzia de perdulários, feitas para embasbacar as massas. O povo só se divertia vendo os outros se divertirem. E nem isso: estes mesmos não se divertiam, gastavam, eis tudo. O carnaval era então uma revista de mostra de luxo, de ostentação...¹¹⁸

Desta vez, outra visão nos foi apresentada. Apesar de também acreditar na superioridade do carnaval de outrora, concordando com seu interlocutor de que aquilo sim é que era carnaval, o folhetinista afirma que ele faz parte do passado, pois tanto *Esmeralda* e *Venezianos*, quanto as famílias que as compunham, haviam falido. Além disso, ele igualmente argumenta que tais festas não eram para todos, a não ser para aqueles que podiam gastar e pagar pelo luxo e pela ostentação de então. O povo participava apenas assistindo. Todavia, tal argumento é também criticado no momento seguinte:

- Não diga isso, não diga! A *Esmeralda*, por exemplo, era composta, em sua maioria de moços relativamente pobres: empregados públicos, estudantes, intelectuais... E operavam-se verdadeiros milagres no terreno financeiro! Do que se era perdulário, era de idéias, era de espírito, era de pilhéria, era de crítica que, às vezes doía...¹¹⁹

Como ricos e gastadores apenas os venezianos foram identificados. *Esmeraldinos* eram esbanjadores de graça e espírito, pois, no que tange às finanças, tinham que operar milagres. Vemos, portanto, que, nesta rememoração das antigas sociedades, a composição social delas também foi lembrada. *Venezianos* eram identificados como pertencentes ao escol mais abastado da cidade, enquanto *esmeraldinos* seriam mais modestos, os filhos do funcionalismo:

Quem te viu e quem te vê! Bem se poderia aplicar esta escarminha frase a S. Excia. O Sr. Carnaval. O que foi ele nesta cidade!(...)

Os *Venezianos*, filhos do comércio, nascendo como sob um sólio, com toda riqueza, todo luxo (...). A *Esmeralda*, aparecendo simples,

¹¹⁷ *Correio do Povo*, 25 de fevereiro de 1906.

¹¹⁸ *Correio do Povo*, 25 de fevereiro de 1906.

¹¹⁹ *Correio do Povo*, 25 de fevereiro de 1906.

modestamente preparada para a festa, como a filha do funcionalismo público, nesse tempo modesto e trabalhador (...) ¹²⁰.

Novamente o tom de nostalgia está presente: lembrando o que havia sido o carnaval e no que ele se tornara. Neste findar de século, a posição mais modesta de esmeraldinos era utilizada como argumento de não diferenciação social do carnaval de outrora: não eram só os ricos que participavam da festa; esmeraldinos, mesmo não pertencendo às camadas mais abastadas, também promoviam um bonito festejo. A decadência do carnaval atual residiria, portanto, em outros fatores.

Bons tempos, bons tempos em que todos se divertiam franca e confiantemente, porque todos se respeitavam e prezavam. O povo saía em peso à rua, e dava-se, como é natural, à promiscuidade das classes no grande ajuntamento, sem que ninguém ultrapassasse as raias da conveniência e do decoro. Então os rapazes ainda não tinham por delicado e fino dirigir graçolas às moças, nem se adiantarem indiretas às senhoras. Ninguém, pelo simples gosto de por em evidência a sua falta de educação, se lembrava de ridicularizar e insultar os desconhecidos que encontrava, quanto mais de promover uma desordem, somente para a satisfação do desejo de promovê-la ¹²¹.

O problema do carnaval passara então a ser identificado como a falta de decência e recato. Os rapazes, no tempo das sociedades, sabiam se portar diante das moças e não havia o desejo de criar pura e simples confusão. Quando os festejos eram protagonizados por Esmeralda e Venezianos, que serviam de exemplo para o carnaval, todos se respeitavam. A decadência das festas não residia, segundo o cronista, na classe social de quem participava e sim no modo como ela era feita: com desordem, sem respeito e falta de compostura.

Tal rememoração utiliza-se, novamente, de uma saudosa ideia do carnaval de antigamente. Ao relembrar os antigos carnavais, onde – segundo o folhetinista – todos se respeitavam e se divertiam, esqueceu-se das muitas polêmicas e confusões que, naquela época, também ocorreram, como mostraremos adiante. A festa de outrora era sempre lembrada com entusiasmo e admiração. Vejamos a citação do jornal *Correio do Povo*:

Em Porto Alegre, havia antigamente
grande barulho, pelo Carnaval.
Hoje... tudo passou, e pensa a gente
que, em vez de festa, assiste um funeral!

¹²⁰ *Correio do Povo*, 18 de fevereiro de 1896.

¹²¹ *Correio do Povo*, 18 de fevereiro de 1896.

Noutros Tempos, rapazes estouvados
faziam rir, à força de chalaça.
Agora... fazem rir, os mascarados,
à força de não terem mesmo graça! ¹²²

A festa de agora não teria mais encanto. Com seus mascarados, o que se promoveria era mesmo o enterro do carnaval. Graça havia era antigamente, quando os ousados esmeraldinos e venezianos saíam às ruas, desfilando e fazendo gracejos às moças, promovendo grande barulho nos dias de carnaval. Para Lazzari, “com o desaparecimento dos antigos protagonistas, a opinião generalizada na imprensa era de que assistia-se não só a decadência dos bons costumes como a perda de uma identidade da festa”¹²³.

O que o colunista afirmava é que, com o fim das sociedades, o carnaval perdera a graça, o encantamento. Chegando a compará-lo a um funeral! Não haveria mais a presença dos ‘rapazes estouvados’ que compunham as duas tradicionais sociedades carnavalescas e que faziam rir a todos com suas ‘chalaças’. Para muitos cronistas, se não fosse a celebração de esmeraldinos e venezianos, que representava uma “festa de espírito”, a “alegria de uma população”, não deveríamos aceitar as outras formas de comemoração, pois estas eram rudes e abomináveis, eram um indesejado carnaval.

Com o fim das tradicionais sociedades carnavalescas, a visão passada pela imprensa era a de um carnaval decepcionante, decadente, sem nada de novo, nem de bom. Predominava, em suas páginas, “um sentimento de frustração diante do carnaval, uma ideia de decadência e degeneração de um sentido original da festa e uma saudade de um passado idealizado, de uma tradição desaparecida”¹²⁴. Este tempo idealizado era o tempo de Esmeralda e Venezianos, que para eles, era lembrado como a única expressão verdadeira do Carnaval. A festa de agora, sem a presença destas agremiações, teria perdido seu real sentido, virara, simplesmente, um ‘funeral’.

1.4. Ressurreições das tradicionais sociedades

Após tantas lembranças saudosistas, que promoviam uma idealização do carnaval realizado por Esmeralda e Venezianos e de inúmeras manifestações de descontentamento com o tipo de festejo que estava ocorrendo neste início de novo

¹²² *Correio do Povo*, 19 de fevereiro de 1901.

¹²³ *Ibid.*, p.18.

¹²⁴ LAZZARI, Op. Cit., p.17.

século, no fim do carnaval do ano de 1906, as duas referidas sociedades anunciavam seu retorno ao carnaval de Porto Alegre. Veremos como se deu este reerguimento: quais teriam sido as possíveis causas para esta ressurreição; como foram os festejos nesta nova fase, com suas glórias e confusões; e as diferenças em relação ao primeiro ciclo destas agremiações. Por fim, analisaremos o que chamamos de fim do carnaval, quando estas sociedades decidem retirar-se das ruas, não apresentando mais o seu préstito à população da cidade.

1.4.1. O Ressurgimento

Em 01 de março de 1906, o jornal *A Federação* anunciava que “acaba de reaparecer a antiga sociedade carnavalesca Esmeralda que há anos com tanto brilhantismo se fez representar nas festas do carnaval”¹²⁵. Outro periódico, *O Independente*, ressaltava que essa sociedade, que era lembrada “em todos os anos e que infelizmente há muito tinha deixado, com sentimento geral, de apresentar-se”¹²⁶, havia, “em uma reunião realizada no escritório da loja Predileta, [acabado] de ser levantada da inércia que jazia”¹²⁷. Segundo este jornal, um grupo de antigos sócios, “que muito influíram para as grandes vitórias por ela alcançada”¹²⁸, teria se reunido na Predileta e proclamado a nova diretoria da Esmeralda, sendo formada pelos seguintes membros: Presidente: tenente-coronel Frutuoso Fontoura; 1º Vice-presidente, tenente-coronel José Ferreira Porto; 2º. Vice-presidente, comendador Cunha Guimarães; 1º. Secretário capitão Benjamim Flores; 2º. Secretário capitão João Pompilo de Almeida; tesoureiro, Trajano Mostardeiro; adjunto, Pedro Leão¹²⁹.

Anos mais tarde, o jornal *A Federação* rememorava esta volta, chamada por ele de fase do reerguimento e que teria começado “nessa sempre lembrada tarde da quarta-feira de cinzas após o período carnavalesco do ano de 1907 [sic]. Foi então na saleta dos fundos da Predileta, que formou-se também o núcleo da resistência por excelência e que é o bloco esmeraldino”¹³⁰. De acordo com o jornal, a “cada nome que ia sendo lido da chapa da primeira diretoria era acolhido com aclamações e vibrantes salvas de palmas e

¹²⁵ *A Federação*, 01 de março de 1906.

¹²⁶ *O Independente*, 04 de março de 1906.

¹²⁷ *O Independente*, 04 de março de 1906.

¹²⁸ *O Independente*, 04 de março de 1906.

¹²⁹ *O Independente*, 04 de março de 1906.

¹³⁰ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

entre eles surgiu o de Aristóteles Barbosa, que ficou sendo o 2º secretário”¹³¹. O capitão João Pompilio não teria aceitado o cargo de 2º secretário. Para substituí-lo foi aclamado o diretor Aristóteles Sant’Anna Barbosa¹³².

No ano de 1911, o jornal *A Federação* noticiava a entrega de uma “artística medalha de ouro para corrente de relógio, estilo arte nova” ao “dedicado companheiro capitão Benjamin Flores”¹³³. A medalha, oferecida pelo bloco esmeraldino da resistência, possuía, em “uma face a figura da Esmeralda e de outra gravada a inscrição: ‘Ao Benjamim – Viva o carnaval fino, chique e educado! – O Bloco – 1907 – 28 de fevereiro de 1910’”¹³⁴. A entrega do presente foi feita pelo “diretor Artur Pinto de Souza Neves¹³⁵, que, segundo o periódico, juntamente com Tito Barbosa, em 1906, na Confeitaria Central, aventou a ideia de reerguimento da Esmeralda e motivou a formação do bloco”¹³⁶. Este era o bloco da resistência, sempre noticiado pelos jornais como sendo o grupo que daria ânimo à sociedade, fazendo sempre com que a Esmeralda participasse do carnaval. De acordo com a nota do *Independente*, de 1906, Tito Barbosa, Arthur Pinto de Souza Neves foram aclamados auxiliares para servirem nas diversas comissões, assim como Antonio Vilhema Machado, João Vieira Guimarães, Dr. Eurico de Oliveira Santos, entre outros¹³⁷.

Segundo os periódicos citados acima, Artur Pinto de Souza Neves¹³⁸ e Tito Barbosa, reunidos na Confeitaria Central, tiveram a ideia de reviver a Esmeralda. Tal proposta foi colocada em prática na reunião realizada na Predileta, no dia 1º de março de 1906. Apreendemos, portanto, que este reerguimento partiu de um grupo de homens, envolvidos com os festejos carnavalescos de antigamente, que procurou fazer reviver esta antiga sociedade.

¹³¹ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

¹³² Cf. *A Federação*, 03 de março de 1906.

¹³³ Benjamin Flores foi um dos membros do movimento restaurados da S. C. Esmeralda e, no ano de 1907, foi reeleito 1º secretário da referida sociedade. *ATA da S. C. Esmeralda*. 25 de fevereiro de 1907. IHGRS. Em 1911, o capitão Benjamin Flores era contador da Administração dos Correios do estado do Rio Grande do Sul. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17 de agosto de 1911.

¹³⁴ *A Federação*, 02 de março de 1911.

¹³⁵ *A Federação*, 02 de março de 1911.

¹³⁶ *A Federação*, 02 de março de 1911.

¹³⁷ *O Independente*, 04 de março de 1906.

¹³⁸ Artur Pinto de Souza Neves era pai de Marina Neves, rainha do ano de 1914, que analisaremos no próximo capítulo.

O Independente destaca que, nessa reunião, ocorrida em 1906, na saleta dos fundos da Predileta, o alferes Erico Ribeiro da Luz¹³⁹, que presidia a sessão, muito se esforçou para que a solenidade do ato tivesse o cunho característico dos rituais maçônicos¹⁴⁰. Na abertura dos trabalhos, “fez-se ouvir ao *harmonium*, o organista da oficina nosso amigo Francisco Santini, bem como uma banda musical da brigada militar que se achava postada à frente do edifício onde funcionava a Fidelidade¹⁴¹ [...]. Após essa brilhante peça oratória fez-se também ouvir o Sr. Tiburcio de Tiburcio¹⁴², que em longo discurso saudou a Maçonaria Brasileira¹⁴³, às exmas. Famílias presentes e ao venerável da oficina”¹⁴⁴.

Tal qual a Esmeralda, era a vez dos Venezianos anunciarem o seu retorno ao carnaval. Teriam “os incomparáveis venezianos de outros tempos, que foram tão apreciados”¹⁴⁵ feito uma reunião no dia primeiro de março, na qual se achavam muitos moços da nossa melhor sociedade”¹⁴⁶, ficando “determinado o reaparecimento dessa gloriosa associação”¹⁴⁷. A *Federação* anunciava o ressurgimento da Venezianos da seguinte maneira:

Em reunião realizada ontem foram eleitas a diretoria e comissões da antiga sociedade carnavalesca Venezianos, que acaba de ser reorganizada.

Reina grande animação entre os sócios da Venezianos para o reaparecimento da antiga sociedade, que há anos festejou com brilhantismo o carnaval nesta capital¹⁴⁸.

¹³⁹Erico Ribeiro da Luz era alferes da Brigada Militar e, em 1910, assumiu o cargo de intendente provisório de Piratini. Concorreu nas eleições daquele ano ao cargo de intendente deste município, como o candidato oficial do Partido Republicano, contando com o apoio do “coronel João Gomes de Oliveira, que pretendia pleitear a eleição, naquele município, parece que prestigiará também a candidatura do Dr. Erico da Luz”. Cf. *Correio do Povo*, 25 de agosto de 1910 noticiava, *Correio do Povo*, 18 de janeiro de 1910. Em 1897, é apresentado como dirigente da loja maçônica Fidelidade e Firmeza.

¹⁴⁰ A maçonaria gaúcha, na segunda metade do século dezenove, foi “um espaço por onde circulavam principalmente os políticos, os intelectuais, os ricos e seus afiliados, os quais formavam um grupo não a parte do restante da elite, mas que era parte da elite regional”. COLUSSI, Eliane Lúcia. *Plantamos Ramas de Acácia: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX*. Tese de doutorado. PPGH/PUCRS, Porto Alegre, 1998, p. 32. Ao cruzar o nome dos dirigentes das lojas maçônicas com o dos sócios das sociedades carnavalescas observamos que muitos membros da sociedades Esmeralda e Venezianos participavam das lojas maçônicas. Podemos citar, como exemplo, Germano Hasslocker; Francisco Neves; João Damasceno Ferreira; José Olinto de Carvalho; José Rippper Monteiro; Leopoldo Masson, que era dirigente da Grande Loja Provincial em 1876; Ramiro Fortes Barcellos.

¹⁴¹ A loja maçônica Fidelidade e Firmeza foi fundada em 28 de setembro de 1833, tendo funcionado até 1859. Mais tarde, foi reerguida. COLUSSI, Eliane. Op. Cit., 1998, p. 184.

¹⁴² Tiburcio de Tiburcio era dirigente da Loja Maçônica Emílio Ferreira, na cidade de Porto Alegre, no ano de 1898. COLUSSI, Eliane. Op. Cit., 1998, p. 184.

¹⁴³COLUSSI, Eliane. Op. Cit., 1998, p. 184.

¹⁴⁴ *O Independente*, 04 de março de 1906.

¹⁴⁵ *O Independente*, 04 de março de 1906.

¹⁴⁶ *O Independente*, 04 de março de 1906.

¹⁴⁷ *O Independente*, 04 de março de 1906.

¹⁴⁸ *A Federação*, 03 de março de 1906.

Entre os “moços da nossa melhor sociedade”, que estavam presentes na reunião e que compuseram a diretoria da Venezianos encontravam-se: Victor Barreto de Oliveira¹⁴⁹, para presidente; Francisco de Oliveira Neves, vice-presidente; João Pinto Guimarães Júnior, 1º secretário; Ismael Torres, 2º secretário; Santos Pardelhas, tesoureiro; Alves da Silva, adjunto; Pinto Costa Filho, porta-estandarte. Antenor Amorim foi eleito diretor geral. Além destes nomes, havia os que figuravam na lista de diretores, comissão de ornamentação e diretoras¹⁵⁰.

Note-se que, em ambos os renascimentos, a tradição destas agremiações é reverenciada, assim como seu passado de glórias: era a hora de reavivá-lo. O *Jornal do Comércio*, por exemplo, noticiava este retorno dizendo que “reergueram-se este ano as distintas sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos que prometem ainda, como outrora, festejar a data consagrada ao deus da folia”¹⁵¹.

Dois dias após a reorganização, a Esmeralda publicava uma espécie de comunicado à população de Porto Alegre, anunciando seu retorno e o desfile que faria pelas ruas da cidade. Vejamos:

A Esmeralda ao Povo de Porto Alegre!

Ressurrexit: Mais algumas horas a bizarra e fulgurante, ruidosa e áacre, desfilará pelas ruas de Porto Alegre, na pompa sugestiva das mais risonhas promessas e na beleza perturbadora que afugenta o tédio e suprime as amarguras, o cortejo luzido que vai depor as primeiras homenagens às plantas da glacial puela, nossa Eleita, nossa Inspiradora, nossa Rainha!

E será essa festa a sagração do ressurgimento da gloriosa Esmeralda, o dourado sonho que por anos e anos, doces e saudosos, foi

‘Alvo leito macio como arminho,
Onde se aninham alegrias francas;
E que lembra das ternas pombas brancas
O delicado ninho.’

E estará lançada sobre o futuro a afirmação máxima dos mágicos encantos em que desabrochará o carnaval de 1907 nas convulsões fascinantes da folia pagã!

RESSURREXIT!

Apostos, Esmeraldinos, bravos e invictos!

Vai clangorar amanhã, pelas 4 ½ da tarde, as portas do Velódromo, a trompa que nos chama a reunir!

E vós também a postos, adoráveis senhoritas, no requinte de vossa soberana, que sereis acolhidas como anjos!

ALEA JACTA EST!...

¹⁴⁹ Dez anos antes, Victor Barreto de Oliveira, havia sido o primeiro presidente do Clube do Comércio de Porto Alegre, que foi fundado em 07 de junho de 1896. História do Clube de Comércio de Porto Alegre. <http://www.clubedocomercioipoa.com.br/index.asp?ch=historia>, acessado em 27 de setembro de 2012.

¹⁵⁰ *Jornal do Comércio*, 04 de março de 1906.

¹⁵¹ *Jornal do Comercio*, 04 de março de 1906.

Ao publico um pedido – Flores, palmas, confete!”¹⁵²

“A sorte está lançada”: assim definia a Esmeralda o seu retorno ao carnaval. Definia também quem era a Esmeralda: peculiar, brilhante, esplêndida e jubilosa sociedade. E tal maravilha só haveria de prometer um belo e pomposo desfile, que espantaria o tédio que reinava na cidade e acabaria com o funeral, no qual o carnaval havia se transformado. Esse retorno, segundo ela, era a consagração de um sonho acalentado durante anos. Conclamava a todos os esmeraldinos e a todas as adoráveis senhoritas que estivessem a postos. Pedia, também, ao público, os que apenas os assistiriam, que lhes dessem flores, palmas e confetes. Já fazia, também, suas primeiras homenagens à Eleita, à Inspiradora rainha: Sra. Alice Veloso, filha do capitalista Francisco José Veloso¹⁵³. Este desfile de renascimento lançava as bases para o próximo carnaval, os dados haviam sido jogados!

A Esmeralda escolheu uma rainha e programou, ainda naquele ano mesmo, se apresentar à população da cidade, como vimos acima. De acordo com *A Federação*, ela

fará então a sua apresentação com uma passeata pelas principais ruas da capital.

Os sócios da antiga sociedade reorganizada, em carros de praça, farão o passeio tendo a frente o carro vistosamente ornamentado da jovem rainha, acompanhando-a o estandarte da Esmeralda.

Neste sentido já houve comunicação oficial ao Sr. Francisco Velloso e amanhã, à noite, realizar-se-a outra reunião, na *Predileta*, para tratar-se definitivamente da apresentação da Esmeralda.

Reina grande animação entre os sócios para o melhor desempenho de apresentação da antiga sociedade¹⁵⁴.

Além disso, a Esmeralda também lançava um concurso musical a fim de compor um hino para a sociedade. Convidava aos “Srs. Maestros e amadores residentes neste Estado, a concorrerem à composição de um hino para a sociedade carnavalesca Esmeralda”¹⁵⁵. O escolhido seria o hino oficial da agremiação e seria executado em todas as suas festividades. Vejamos as bases do concurso publicadas no jornal *A Federação*:

I – Os concorrentes deverão enviar as suas composições até o dia 31 de maio, ao 1º secretario do clube, capitão Benjamim Flores, redação do Correio do Povo.

¹⁵²*A Federação*, 03 de março de 1906.

¹⁵³Cf. *A Federação*, 01 de março de 1906.

¹⁵⁴*A Federação*, 01 de março de 1906.

¹⁵⁵*A Federação*, 19 de março de 1906.

II – O respectivo hino deverá vir acompanhado de um envelope fechado, contendo o nome do autor e subscriptado com um pseudônimo que deve vir indicado na composição.

III – O concorrente que for classificado em primeiro lugar, receberá da sociedade um prêmio de 100\$ em dinheiro, ou uma medalha de ouro, conforme desejar.

IV – A comissão julgadora será composta de três profissionais residentes nesta capital, que não tiverem concorrido e a qual dará o seu laudo á diretoria da Esmeralda, sendo depois por esta aberto o envelope que trazer o pseudônimo igual ao do hino classificado em primeiro lugar.

V – O hino que for aceito ficará sendo propriedade exclusiva da sociedade.

Quaisquer outros esclarecimentos serão dados pela comissão, a Rua dos Andradas, n.289¹⁵⁶.

Deste concurso saiu vencedor, com direito a prêmio, o maestro Calderon de La Barca. Mas qual seria o sentido de a Esmeralda promover um concurso para a escolha de seu hino? Não encontramos muitas informações a respeito disto, contudo, acreditamos que ao ressurgir, tal agremiação intencionava atrair os olhares para ela e nada melhor do que propor um concurso musical para que chamasse a atenção da cidade.

E assim, renasciam Esmeralda e Venezianos. Naquele ano, apesar ter se reerguido após o término de carnaval, a Esmeralda não deixou de realizar um desfile do qual participaram 40 carros!¹⁵⁷ Essa sociedade ressurgia já com a inscrição de cerca de oitocentos sócios que, juntamente com a diretoria, poderiam desfilar no préstito daquele ano mesmo.

Além da diretoria, tomarão parte do préstito muitos sócios, podendo fazê-los todos aqueles que já se acham inscritos nas diversas listas existentes.

Essas listas acusaram ontem à noite a inscrição de cerca de oitocentos associados, por onde se vê o entusiasmo despertado pelo ressurgimento do apreciado grêmio carnavalesco¹⁵⁸.

É interessante ressaltar que muitas figuras ilustres figuravam nos quadros de associados destas agremiações. O Presidente Borges de Medeiros, ainda neste mesmo ano – 1906 –, aceitara um convite para associar-se à Esmeralda¹⁵⁹ e recebera uma saudação especial do primeiro préstito no carnaval de 1907. No segundo carro alegórico

¹⁵⁶ *A Federação*, 19 de março de 1906.

¹⁵⁷ *A Federação*, 05 de março de 1906.

¹⁵⁸ *A Federação*, 03 de março de 1906.

¹⁵⁹ O Dr. Presidente do Estado, general comandante do distrito e Dr. Intendente do município, que são sócios da Esmeralda, serão hoje pessoalmente convidados, por uma comissão, para o baile de gala de segunda-feira de carnaval nos salões da Germânia. *A Federação*, 10 de março de 1906.

a Rússia e o Japão eram representados por duas moças. Ia, juntamente, um canhão Krupp, de calibre 71/2, que “em vez de mortíferas balas de aço despejava projeteis de confete”¹⁶⁰. Segundo McCann, a partir do período em que Hermes da Fonseca foi Ministro da Guerra, no governo de Afonso Pena, “os alemães haviam ganhado considerável vantagem na competição com os franceses na influência sobre o Exército brasileiro”¹⁶¹ e a empresa alemã Krupp tornara-se a principal fornecedora de artilharia. Amaro Vilanova que, neste ano, era membro da Comissão Central da Esmeralda e arquitetou e dirigiu a confecção dos carros que comporiam o préstito, participou, dois anos mais tarde, de um grupo de seis oficiais que foi servir por dois anos em regimentos alemães.

O presidente do estado, Borges de Medeiros, estava na residência de James Franco, na Rua Duque de Caxias, e ao passar o carro por ali, a senhorita Ondina Gomes, que representava a Rússia, apontou “o canhão para a janela em que estava sua ex. e a senhorita que figurava o Japão fez funcionar o detonador e o projétil espargiu confete em homenagem ao presidente, que agradeceu”¹⁶².

Além de Borges de Medeiros, o Intendente Municipal – José Montauray de Aguiar Leitão – e o General Comandante do Distrito – Cel. Ex. José Carlos Pinto Júnior também participariam desta sociedade¹⁶³. Já os Venezianos tinham como sócio o Dr. Carlos Barbosa Gonçalves no período em que foi Presidente do Estado¹⁶⁴. Segundo Lazzari, estes ilustres sócios eram pessoalmente convidados para bailes de gala cheios de discursos e homenagens, como o da Esmeralda de 1908, que contou com a significativa palavra do Promotor Público Dr. Getúlio Vargas, então recém formado pela Faculdade de Direito, cobrindo de elogios os diretores pelo sucesso em dirigir a sociedade de forma a “conseguir o aplauso de todas as classes, inclusive da mais seleta e culta”¹⁶⁵. Essa preocupação em tornar a sociedade repleta de membros da elite da capital fica evidente nos estatutos da Esmeralda. No Capítulo I, que trata dos sócios, o artigo I afirma que “só haverá uma classe de sócios, composta por pessoas de qualquer nacionalidade, idade e sexo que contribuïrem com a mensalidade de 2mil réis e

¹⁶⁰ *A Federação*, 09 de março de 1907.

¹⁶¹ MCCANN, Frank D. *Soldados da Pátria - História do Exército brasileiro 1889-1937*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 145.

¹⁶² *A Federação*, 09 de março de 1907.

¹⁶³ *A Federação*, 06 de fevereiro de 1907.

¹⁶⁴ Cf. *A Federação*, 06 de março de 1908.

¹⁶⁵ Cf. *Correio do Povo*, 10 de março de 1908.

reunirem as qualidades precisas de moralidade e posição social [...]”¹⁶⁶. Note-se que, para participar, na qualidade de sócio, da sociedade, não bastava pagar a mensalidade: era necessário reunir as qualidades exigidas no que se refere à moralidade e à posição social. Isso deixa claro o quanto pertencer a essa associação era um sinal de distinção social e, ao mesmo tempo, facultava à diretoria escolher quem poderia ou não tornar-se sócio, dada a subjetividade dos critérios. Ademais, não há nenhuma referência quanto à cor, nacionalidade, idade e sexo.

A participação de pessoas tão ilustres nas sociedades carnavalescas, compostas pelos “moços da nossa melhor sociedade”¹⁶⁷, leva a crer que um dos motivos para o reerguimento dessas associações foi a busca por um carnaval que conferisse certa distinção a seus membros – uma vez que os festejos anteriores eram considerados vulgares e associados às classes populares. Para compreender esse fenômeno, devemos retomar o princípio de *habitus* discutido na introdução. Para Bourdieu, “os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas [...]; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes”¹⁶⁸. Tais disposições incorporadas trariam significado – mesmo que de modo inconsciente – aos costumes, às maneiras e à linguagem dos indivíduos: por que alguns esportes são reconhecidos como sofisticados enquanto outros são mais populares. Assim, “o mesmo comportamento pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro”¹⁶⁹. Deste modo, através dessas

categorias sociais de percepção, desses princípios de visão e de divisão, as diferenças nas práticas, nos bens possuídos, nas opiniões expressas tornam-se diferenças simbólicas e constituem uma verdadeira *linguagem*. As diferenças associadas a posições diferentes, isto é, os bens, as práticas e sobretudo as *maneiras*, funcionam, em cada sociedade, como as diferenças constitutivas de sistemas simbólicos, como o conjunto de fonemas de uma língua ou o conjunto de traços distintivos e separações diferenciais constitutivas de um sistema mítico, isto é, como *signos distintivos*¹⁷⁰.

Podemos pressupor, portanto, que a participação nas sociedades ou a utilização de expressões em latim (como a RESSURREXIT!, utilizada em nota acima) e de uma

¹⁶⁶ ESTATUTOS DA S. C. Esmeralda. 30 de março de 1910. IHGRS.

¹⁶⁷ O Independente, 04 de março de 1906.

¹⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. 4. ed. Campinas: Papirus, 1996, p.20-21.

¹⁶⁹ Ibid., p.22.

¹⁷⁰ Ibid., p.22.

linguagem rebuscada nos programas, por meio desses princípios classificatórios, poderiam ser reconhecidas como *signos distintivos* de indivíduos que ocupavam posições semelhantes no espaço social. Tais esquemas classificatórios, que variam de acordo com o período ou a sociedade estudados, podem ajudar a compreender por que uma forma de brincar nos festejos era tida como vulgar e decadente enquanto outra representava a sofisticação e os bons costumes. Os Venezianos, por exemplo, chegavam a entregar um diploma ao sócio da agremiação, sendo este assinado pelo presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário e diretor-geral (ver anexo 4 - diploma), atestando o pertencimento daquela pessoa aos quadros de sua associação .

Os jornais descreviam o entusiasmo das pessoas que aderiam às agremiações, mas também deixavam explícito o seu próprio arroubo com a volta das antigas sociedades, que eram sempre lembradas com elogios e pelas ditas glórias do passado:

Pela animação e entusiasmo que demonstram os associados de ambas as antigas e apreciadas agremiações é de prever que o carnaval do ano vindouro, como em outros tempos, iniciará uma nova era de triunfos para os invictos esmeraldinos e venezianos¹⁷¹.

Uma nova era de triunfos estava por começar e, para isso, o jornal *A Federação*, além de ressaltar o entusiasmo que havia com este retorno, frisava os louros que estas duas agremiações alcançaram no passado, com belos bailes e desfiles. E, para o periódico, isto sim seria motivo de novo encanto com o carnaval de Porto Alegre:

O ressurgimento entusiástico das antigas e festejadas associações Esmeralda e Venezianos, que por tantas vezes cobriram-se de glórias em passadas eras, com lindíssimos prestitos e atraentíssimos bailes, foi o que mais concorreu para levantar o animo da população porto-alegrense por tanto tempo adormecido[...]¹⁷².

Entre os motivos do ressurgimento dessas sociedades, podemos apontar o descontentamento com as formas dos festejos carnavalescos; a necessidade de um carnaval que viesse a contemplar o gosto das elites, buscando a sua distinção social, bem como uma tentativa de moralização dos festejos.

No primeiro ano dos desfiles de Esmeralda e Venezianos, encontramos um indício dos motivos desta ressurreição. O *Jornal do Comércio*, utilizava um termo em latim a fim de mostrar para que vinham os carnavalescos daquele ano: “*ridendo castigat mores*”¹⁷³!

¹⁷¹ *A Federação*, 10 de março de 1906.

¹⁷² *A Federação*, 05 de março de 1906.

¹⁷³ *Jornal do Comercio*, 10 de fevereiro de 1907.

Nesta secção temos o direito de dizer tudo o que entendemos, por isso começaremos em latim: *ridendo castigat mores* é o brado ecoado da alma de todos quantos culturando o riso, exprobram os costumes retrógrados.

Esse axioma da doutrina pagã estabiliza-se de ora avante entre os destemidos foliões que, trajando a fantasia, prestarão referencia ao carnaval de 1907¹⁷⁴.

Pelo riso corrigem-se os costumes: era o clamor do carnaval em 1907. Através do riso, os carnavalescos censurariam os antiquados costumes, daquele indesejado carnaval. Seria este o encargo pelo qual teriam ressurgido as sociedades Esmeralda e Venezianos?

Mostramos que o descrédito dos festejos carnavalescos, que estavam sendo praticados até o momento desse retorno, era enorme. O jornal *A Federação*, que em 1906, afirmava que os ânimos estariam há muito tempo adormecidos durante os festejos carnavalescos e que somente com o retorno de Esmeralda e Venezianos foi possível reacendê-los, no ano seguinte, novamente, criticava a festa promovida antes deste renascimento, afirmando que “durante estes últimos anos temos visto pelas ruas, como que desconsolados, alguns máscaras dispersos, faltos de graça e espírito, tristes, como que saudosos de outros tempos mais felizes”¹⁷⁵. As festas feitas em Porto Alegre não passavam de “um arremedo de carnaval que é esperado com ansiedade e recebido com desilusão”¹⁷⁶. E por isso, “pouco a pouco, ia entre nós desaparecendo essa festa tradicional”¹⁷⁷. Foi quando,

com ardor, cheias de vigor e de coragem, como que renascendo do descanso em que jaziam se apresentam os três garbosos clubes [Esmeralda, Venezianos e Cara Duras], cada um com mais força e coragem para a luta da qual deverá sair vencedor e espírito, a graça.

Vamos felizmente ter carnaval, vamos felizmente recordar os tempos passado, tendo ocasião de aplaudir os simpáticos clubes lembrados sempre com saudades¹⁷⁸.

O retorno de Esmeralda e Venezinos, aqui acompanhadas do Cara Duras, é apresentado como uma forma de não se deixar morrer o carnaval. As festas que estavam sendo feitas na cidade estariam o enterrando junto aos seus adoradores por serem sem graça e sem espírito. Contudo, com o retorno das tradicionais sociedades, recordaria-se o passado, sendo as que glórias ocorridas no primeiro ciclo destas agremiações, que

¹⁷⁴ *Jornal do Comercio*, 10 de fevereiro de 1907.

¹⁷⁵ *A Federação*, 10 de janeiro de 1907.

¹⁷⁶ *A Federação*, 10 de janeiro de 1907.

¹⁷⁷ *A Federação*, 10 de janeiro de 1907.

¹⁷⁸ *A Federação*, 10 de janeiro de 1907.

promoviam “lindíssimos préstimos e atraentíssimos bailes”¹⁷⁹, eram motivos para reanimar aos foliões.

Animados, pois apesar de o indesejado festejo “dos outros” ainda ocorrer, agora teria-se novamente motivos de alegria: Esmeralda e Venezianos. Vejamos o que diz o jornal *Correio do Povo*:

Momo esfuzia! Sacode a cabeça tintinabulante, sapateia na farândola de uma sarabanda barulhenta, esperneando, saracoteando, pirueteando, espichando-se, torcendo-se e contorcendo-se no torvelinho do samba, no amplo e estonteante torvelinho do fandango. (...)

Que fazer em meio ao grande tintamarrio e à grande algazarra?

É abrir alas e deixar passar o furacão da Folia — *Parce, Domine, parce populo tuo, ne in aeternum irascaris nobis!*

Mas desse barulho e desse caos e dessa loucura, que vem do fundo da tradição num bru...a...á que entontece, desprendem-se, nos choques de seleção, gemas preciosas que, ávidos, colhemos para o regaço desta linda terra que é a Sultana do Sul¹⁸⁰.

Na expressão em latim, “poupa o teu povo Senhor: Senhor não pode ser irritado com o seu povo para sempre”, palavras bíblicas, escritas em Joel 2:17, com as quais o cronista demonstrou seu descontentamento com o festejo que ele considerava um caos, uma loucura. Além disso, o uso de uma expressão em latim e de uma linguagem rebuscada lhe conferia certa distinção, certo requinte. Desta loucura, porém, conseguia tirar uma “gema preciosa”, a Esmeralda, que, juntamente com a Venezianos, voltara para reivindicar “a retomada da antiga tradição que lhes conferia o lugar de honra e ponto alto das comemorações comandadas pelo deus Momo”¹⁸¹.

Agora, diferentemente do modo como eram apresentadas as festas carnavalescas antes da ressurreição destas agremiações, o carnaval era anunciado como “ruidoso e alegre”¹⁸² festejo, pois “dentro de poucos dias, aí estarão eles, os três dias consagrados ao prazer e à loucura em homenagem à Momo, movimentando as ruas, animando a cidade, espaipecendo tristezas, esquecendo dissabores”¹⁸³. Era a vez do carnaval “fino, chique e educado”, grito de guerra proferido pelos esmeraldinos, e talvez por isso agora noticiado com entusiasmo: “o aspecto do préstimo era luzidio, tendo sobremaneira excedido a expectativa geral”¹⁸⁴.

¹⁷⁹ *A Federação*, 05 de março de 1906.

¹⁸⁰ *Correio do Povo*, 29 de fevereiro de 1908.

¹⁸¹ Op. Cit., LAZZARI, A., p. 54.

¹⁸² *A Federação*, 18 de janeiro de 1907.

¹⁸³ *A Federação*, 18 de janeiro de 1907.

¹⁸⁴ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

A expectativa e a impressão que se passava a respeito dos festejos carnavalescos realmente haviam mudado. Com o ressurgimento das tradicionais sociedades, noticiava-se que não haveria “decididamente, em Porto Alegre outra festa popular com a fascinação do carnaval, e capaz de trazer para as artérias principais da cidade a multidão pitoresca e rumorosa, que as enche todos os anos, nestes três dias de folia e de loucura”¹⁸⁵. O jornal *A Federação* comparava a animação do povo porto-alegrense aos cariocas com o carnaval. Os próprios argumentos que passaram a ser utilizados para se exaltar a festa promovida por estas agremiações contradizem as críticas que eram feitas antes de seu ressurgimento. O referido jornal, por exemplo, distinguia a festa promovida aqui da que era feita em cidades europeias e americanas, pois em Porto Alegre, “a febre carnavalesca” se apoderava de todas as classes:

Cremos mesmo que, no Brasil, a exceção da capital da República, nenhuma outra cidade tem pelas festas carnavalescas o entusiasmo e o fervor que aqui se vê e que se manifestam muitos meses antes, o mais barulhento que é possível, pela infernal e atoarda dos bombos e caixas de rufo, com que se exercitam os figurantes dos Zé-pereiras.

E ainda diferimos das grandes cidades europeias e americanas, na sua feição de festejar os três dias consagrados a Momo, porque entre nós a febre carnavalesca não se apodera só das classes populares, mas de todas. Nos grandes corsos, nos bailes dos clubes e sociedades permanentes, levam o seu inestimável concurso a estas festas as principais famílias porto-alegrenses¹⁸⁶.

Aquilo que, antes do renascimento de Esmeralda e Venezianos, era apontado como motivo para o desencanto e preocupação com o carnaval, essa mistura entre classes sociais, e que foi um motivo pelo qual estas sociedades deveriam ressurgir, agora era demarcado como sinal de distinção em relação às festas promovidas em outras cidades: todas as classes sociais aproveitariam essa festa. E não somente isto: agora os valores burgueses também estariam presentes, afinal, o carnaval também voltara a ser das elites! Clubes grandes e modestos, ricos e pobres, todos davam “a nota da mais cordial alegria e completa ordem”:

A impressão geral causada no espírito público pelos clubes que tomaram parte nos festejos carnavalescos do corrente ano é a mais lisonjeira possível: grandes e modestos, pobres e ricos, por igual, trouxeram poderosíssimos contingentes para as festas deste ano, dando-lhes a nota da mais cordial alegria e completa ordem¹⁸⁷.

¹⁸⁵ *A Federação*, 12 de fevereiro de 1910.

¹⁸⁶ *A Federação*, 27 de fevereiro de 1911.

¹⁸⁷ *A Federação*, 10 de fevereiro de 1910.

Em 1911, o jornal *A Federação* elogiava a sociedade Esmeralda que proporcionava festas luxuosas e associava o povo a elas.

Sabemos que a simpática mocidade que constitui este bizarro grêmio vai dar uma nota única.

Na quadra onde tem a sua sede, á Rua dos Andradas, haverá retreta, jogo de confete, exibição de cinematógrafo, etc.

Reina grande animação para a festa a qual seguir-se-a uma outra.

É louvável que a Esmeralda que aos seus sócios e suas excelentíssimas famílias tem proporcionado festas luxuosas, de primeira ordem, associe o povo aos seus folguedos¹⁸⁸.

Os dias consagrados a Momo passaram a ser vistos como um tempo em que todos se divertiriam. Tal evento, “sempre ansiosamente esperado”¹⁸⁹, tinha aqui em Porto Alegre sua devida homenagem, que era sempre feita “com o elevado apreço que Momo merece, pois ele a todos diverte, não excluindo ricos ou pobres, velhos ou moços”¹⁹⁰. As festas de Momo eram agora para serem apreciadas por todos, pois ele, “o Deus da Alegria, que encontra admiradores em qualquer terreno, recebe a todo anos a sua merecida consagração”¹⁹¹.

1.4.2. O Entrudo e a Moralização Sexual

Se este renascer do carnaval porto-alegrense, representado na figura de Esmeralda e Venezianos, era pautado pela ativa participação das mulheres e pela moralização que elas dariam à festa, como teria ficado a brincadeira do entrudo?

Mostramos que o nascimento das sociedades carnavalescas, lá em 1873, era motivado pela intenção de se extinguir o entrudo, justamente, pela licenciosidade inerente a esta brincadeira. E eram, sobretudo, as mulheres as principais adoradoras do jogo, tendo sido creditado a elas o fim (da primeira fase das sociedades carnavalescas), por continuarem insistindo com o jogo. Veremos no próximo capítulo, que neste renascer de Esmeralda e Venezianos, a participação feminina no carnaval irá sofrer algumas modificações, sobretudo no que tange aos aspectos morais, sendo elas as responsáveis pela moralização do festejo. Deste modo, como teria ficado agora a relação das mulheres com o entrudo, haja vista a brincadeira ser considerada imoral e

¹⁸⁸ *A Federação*, 25 de janeiro de 1911.

¹⁸⁹ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1914.

¹⁹⁰ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1914.

¹⁹¹ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1914.

elas suas principais jogadoras, no momento em que passar a representar o bastião da moralidade no carnaval?

Sabemos que, apesar do árduo combate às molhadelas, desde meados do século XIX – com as proibições nos Códigos de Postura Municipais; com as campanhas da imprensa, que salientavam os prejuízos, sanitários, físicos e morais que a brincadeira trazia e, até mesmo, com a criação das sociedades carnavalescas, em 1873 –, a brincadeira persistiu fazendo parte das formas de comemoração do carnaval em Porto Alegre. Até a virada do século XIX para o XX, ainda encontramos referências ao jogo nos jornais da capital. Todavia, tais menções continuam a marcar o caráter negativo da brincadeira: indecente, ofensiva aos bons costumes e jogada entre todo mundo, não somente entre seus pares. Em 1901, o jornal *A Federação* evidenciava o desconforto com a “mistura popular” presenciada no carnaval, festa na qual divertia-se apenas a “flor-da-gente”:

Terminaram os tradicionais folguedos do carnaval, que estiveram de uma sensaboria única e onde apenas divertiu-se a ‘flor da gente’.

Felizmente, acabaram-se os grosseiros e brutais zé-pereiras, mas surgiram dos becos para a rua dos Andradas as horizontais da ínfima classe.

À noite foi enorme a afluência popular, correndo animado o jogo do confete e bisnagas numa verdadeira mistura de *tout-le-monde*, agravada pela escuridão da rua¹⁹².

Segundo o jornal, neste ano, 1901, somente as classes populares teriam aproveitado o carnaval, sobretudo através do jogo do entrudo e do confete. A mistura entre as pessoas, durante estas brincadeiras, teria sido agravada pela escuridão das ruas. Salientava, ainda, o problema de terem as prostitutas saído de seus locais e ocupado as principais ruas da cidade. Interessante é que no ano anterior elas já teriam desfilado no carnaval, empunhando a bandeira nacional, como trabalharemos no próximo capítulo.

Desta forma, o entrudo, apesar de todas as críticas, proibições e tentativas de extingui-lo, ainda encontrava-se presente nesse novo período, de renascimento das tradicionais sociedades carnavalescas. No ano em que Esmeralda e Venezianos decidiram voltar aos festejos, jornal *O Independente* anunciava que:

As janelas dos prédios achavam-se apinhadas de espectadores, dando o belo sexo a nota culminante de elegância e bom gosto.

Muito raro o jogo dos confete. Em compensação a bisnaga imperou brilhantemente¹⁹³.

¹⁹² *A Federação*, 20 de fevereiro de 1901.

¹⁹³ *A Federação*, 26 de fevereiro de 1906.

Vemos que o jornal ressaltava a presença das bisnagas no carnaval de 1906. Esta teria imperado brilhantemente, em contrapartida, o jogo do confete mal teria aparecido. A brincadeira que ainda encontrava-se presente aparecia até mesmo após o primeiro cortejo esmeraldino do renascimento. O jornal *A Federação* anunciava que, após o desfile, a Esmeralda dirigiu-se para o Teatro-Parque e lá fizeram diversas saudações – às rainhas, aos presidentes, etc – e que, “deixando o palco, espalharam-se os carnavalescos pelo Parque, entregando-se com entusiasmo aos assaltos de bisnagas e confete contra o belo sexo”¹⁹⁴.

A participação das mulheres no jogo do entrudo, com os carnavalescos assaltando-as com as bisnagas, era enfatizada pelo periódico. Contudo, o tom utilizado não é um tom de reprimenda, nem de desqualificação destas mulheres que estavam a bisnagar. Pelo contrário, elas são tratadas por “belo sexo”, expressão que visava denotar um caráter elogioso, delicado, que, para eles, caracterizariam as mulheres. Desta forma, os antigos ataques à brincadeira – jogo rude e grosseiro, brincadeira que trazia prejuízos à saúde e a moral – não se fazem aqui presentes.

Ao descrever os festejos carnavalescos daquele ano de 1906, o jornal *A Federação* descreveu as festas promovidas pelo Clube Saca-Rolhas e pelo Clube dos Pierrots. Ao concluir sua descrição, ele anunciava que “completamente repleta as ruas do preferido centro de diversões pela sociedade porto-alegrense, houve ocasião de ser apreciado o que de chique ela possui. A concorrência se conservou ali compacta até meias noite, jogando-se confete, bisnagas, etc.”¹⁹⁵ Bem como na Rua dos Andradas que, “conservou-se repleta até às 11 horas da noite, permanecendo ali vários grupos a fantasia, além de muitas máscaras avulsos. Jogou-se profusamente a bisnaga e alguns confetes”¹⁹⁶.

No ano seguinte, 1907, encontramos um artigo publicado no jornal *Correio do Povo*, com o título de Carnaval, no qual ele descrevia os dias de Momo como dias de loucura, que tirariam até os mais devotos do celibato: “mães de família, senhoras cujos filhos já fazem a carreira da vida tipos modelares de virtude e sentimentos, no Carnaval, Jesus! Perdem a cabeça, não para o mal, mas para as refregas do entrudo. Simplesmente horrível”¹⁹⁷. O entrudo promovia, então, um descontrole desenfreado do comportamento

¹⁹⁴ *A Federação*, 03 de março de 1906.

¹⁹⁵ *A Federação*, 26 de fevereiro de 1906.

¹⁹⁶ *A Federação*, 28 de fevereiro de 1906.

¹⁹⁷ *Correio do Povo*, 03 de fevereiro de 1907.

das pessoas, sobretudo, das mulheres, que, até mesmo, uma mãe de família – melhor representante da castidade e altruísmo feminino – perderia a cabeça. Note-se que o jornal, diferentemente do século passado, não categoriza o entrudo como um malefício. Além das mães, ele narrava a história de uma moça “a quem as visitas contínuas à igreja deram-lhe desejos de vestir hábitos de noviça”¹⁹⁸, apesar do desacordo da família: “nada demovia a menina do firme propósito de tonsurar-se”¹⁹⁹. Mas restava uma esperança:

[...] era a da futura freirinha não resistir incólume os três dias do Carnaval. Neste caso, bendito seja o Carnaval, que, ao primeiro dia de reinado, fez tais promessas e coisas tais disse ao ouvido da menina, por via de dois alegres dominós, que esta aderiu á folia. Em vez do livro de horas e do rosário de Maria a freira gentil preferiu o lança-perfumes e o confete, em vez das longas noites de cilício, os três dias de Carnaval! A catequese do deus pagão seduziu melhor aquela cabecita loura. Pouco tempo depois casava-se e vivia feliz com um marido de truz. Vieram os filhos, e todos eles obedeceram aquela evolução da mamã: os homens queriam ser padres, as meninas, freiras. Mas lá vinha a época do folguedo carnavalesco e os pirralhos caíam na pandega, e não havia niquéis que chegassem para compra de bisnagas, confete, serpentinas, etc. Ao fim da coisa nenhum deles chegava a ser padre, nenhuma delas se fazia freira²⁰⁰.

Em tom jocoso, o narrador deste episódio colocava o período carnavalesco como sendo o da expansão sexual. Esta característica seria a única capaz de demover devotos fiéis de entregarem sua vida à igreja e ao celibato. Tal característica, contudo, não é apresentada por ele como sendo algo negativo, pelo contrário, ele utilizou o termo esperança para se referir ao caso da jovem.

Em 1908, ainda encontramos referências ao jogo do entrudo, contudo, já ao lado do confete e da serpentina. Segundo *O Independente* “o jogo de confete, serpentina e bisnagas foi animadíssimo, terminando durante os dias de carnaval às onze horas da noite²⁰¹”.

Percebemos, assim, uma mudança no tom dos discursos dos jornais. *O Independente*, no carnaval de 1910, por exemplo, apresentou um discurso bem diferente em relação ao entrudo, se compararmos ao que foi apresentado no início do século XX. Em tom jocoso, tendo em vista a grande quantidade de chuva que caía em Porto Alegre, no domingo de carnaval, ele anunciava que o tempo estava a jogar o entrudo:

à tarde, quando se apresentavam várias sociedades para o passeio, começou o tempo a jogar entrudo: chuva miúda, que, engrossando cada vez mais, ao

¹⁹⁸ *Correio do Povo*, 03 de fevereiro de 1907.

¹⁹⁹ *Correio do Povo*, 03 de fevereiro de 1907.

²⁰⁰ *Correio do Povo*, 3 de fevereiro de 1907.

²⁰¹ *O Independente*, 12 de março de 1908.

escurecer era fortíssima, inundando as ruas e molhando à valer os fantasiados que andavam pelas ruas²⁰².

Com o passar dos anos, não encontramos mais referências à brincadeira do entrudo, nem mesmo em relação às bisnagas. Os jornais mencionam somente o confete e o lança-perfume, que parecem ter sido os substitutos dos limões de cheiro e das bisnagas. Vejamos referência do jornal *A Federação* de 1911:

O movimento popular continuou nas ruas até muito tarde, jogando-se, valentemente, confete e lança-perfume.

Reinou sempre a maior ordem.

O patrulhamento feito por numerosas divisões da polícia municipal, acompanhadas de inspetores, nada deixou a desejar²⁰³.

Note-se o destaque dado pelo jornal à ordem que teria reinado durante as referidas brincadeiras, tendo a polícia municipal não deixado nada a desejar. Ainda, neste mesmo ano, o referido jornal faz mais uma notificação da presença do jogo de lança-perfume e confete:

Como nos dias anteriores, ontem o jogo de lança perfume e confete atingiu as proporções extraordinárias.

Sem distinção de sexo, condição e idade, o publico entregava-se a este jogo com verdadeira fúria, tendo todos os vendedores de artigo feito excelentes férias²⁰⁴.

Percebe-se, aqui, a referência feita ao público que se entregava à brincadeira: pessoas de todas as idades, classes sociais e sexo. Se, antes do ressurgimento das tradicionais sociedades, havia o incômodo com a mistura social proporcionada pelo jogo do entrudo, agora a mesma mistura era vista com bons olhos, sem críticas ou desprestígios.

O que percebemos é que, até o início do século XX, a perseguição ao jogo do entrudo pela imprensa porto-alegrense continuava existindo. Contudo, ao renascerem as sociedades carnavalescas, o tom ao se referirem ao jogo teria se modificado. Era apenas noticiado que ele havia ocorrido, sem considerações que desqualificassem tanto a brincadeira, quanto quem dela tomasse parte. Esta modificação teria sido intencional? Quando do surgimento de Esmeralda e Venezianos, em 1873, e a sua falência nas décadas seguintes, a imprensa alertava que tal fato se daria pela continuidade do jogo do entrudo.

²⁰² *O Independente*, 10 de fevereiro de 1910.

²⁰³ *A Federação*, 17 de fevereiro de 1911.

²⁰⁴ *A Federação*, 01 de março de 1911.

Voltemos, pois, para 1879, quando o jornal *Álbum de Domingo* publicou um artigo em que ele apresentava o entrudo como o pior inimigo das sociedades carnavalescas. O referido periódico, em tom profético, lançava as causas do fim das sociedades sobre esses velhos costumes que, além de “prejudicar o moderno sistema de festejar o folieiro Momo”²⁰⁵, levariam as sociedades à morte, afogadas pela água das bisnagas. Assim, lia-se que:

O entrudo!... O entrudo é o pior inimigo das sociedades carnavalescas, que decididamente hão de vir a morrer em dia debaixo de uma aluvião de bisnagas e afogadas n’um verdadeiro mar de água perfumosa.

[...]Pois se até já há bisnagas que equivalem a um barril d’água! Esta “Semana” foi especialmente escrita para prevenir as sociedades carnavalescas do perigo que lhes está iminente.

Acautelem-se e procurem evitar a asfixia por submersão.

O entrudo as ameaça e é preciso vencê-lo [...]”²⁰⁶.

O entrudo era apresentado, ainda naquele século XIX, como um perigo e uma ameaça à sobrevivência das sociedades: ou se exterminava com a brincadeira ou elas estariam fadadas à asfixia por submersão. E agora, passados quase trinta anos, será que se teria mudado de tática em relação a esta brincadeira? Ao invés de outrora, agora Esmeralda e Venezianos não teriam renascido com o objetivo de por fim a brincadeira?

Em nossa dissertação, trabalhamos com a ideia da predileção feminina pela brincadeira do entrudo como sendo uma resistência feminina ao modelo conservador que queria restringir sua participação no carnaval de Porto Alegre. Tais mulheres não só passaram a participar das sociedades carnavalescas, como também jogavam entrudo nos bailes promovidos por essas agremiações. Dessa forma, como afirma Soihet “mesmo pensando a dominação masculina a partir do aspecto simbólico, existem explicitamente formas de ação que resistem à importância do sistema e fissuram, causam rupturas no poder dominante”²⁰⁷ e o entrudo pode ser entendido como sendo um desses momentos.

Ao entrarem em crise, Esmeralda e Venezianos, acusaram as mulheres por sua falência, por continuarem afeitas ao jogo do entrudo. Isso, para nós, reforça a ideia que essa brincadeira seria uma forma de as mulheres expressarem seus “poderes”, sendo um momento de ruptura ao sistema de dominação masculina que estava sendo reforçado a partir da criação dessas sociedades carnavalescas.

²⁰⁵ *Álbum de Domingo*, 05 de fevereiro de 1879, p.5,6 e 7.

²⁰⁶ *Álbum de Domingo*, 05 de fevereiro de 1879, p.5,6 e 7.

²⁰⁷ SOIHET, Rachel. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas (SP), n.11, p. 89-98, 1998, p.85.

Contudo, ao raiar do século XX, com o reaparecimento dessas associações, o ataque à brincadeira do entrudo e aos seus participantes deixou de se fazer presente, tanto no discurso jornalístico, quanto das próprias sociedades carnavalescas. Pelo contrário, até menciona-se que havia a brincadeira, sem dar-lhe muita atenção. Em contrapartida, tenta-se cooptar as mulheres para participarem das sociedades carnavalescas, dando-lhes lugares de destaque, tanto na organização, quanto na execução dos festejos, bem como direcionando um discurso enaltecido dessas personagens, sobretudo por sua conduta casta e moralizante, como veremos no capítulo seguinte.

Se esta foi uma tática pensada não sabemos, o fato é que, aos poucos, as referências ao jogo foram desaparecendo dos jornais e nos anos seguintes só encontramos menções ao confete e ao lança-perfume. O jogo do entrudo teria, de fato, desaparecido do carnaval de Porto Alegre, como há tanto tempo se queria. A brincadeira foi com o passar dos anos sendo esquecida, tanto que não é conhecida das gerações que se sucederam na cidade, para quem a palavra – entrudo – soa um tanto quanto estranha e muito distante do que seria o carnaval.

As mulheres, que tinham na antiga brincadeira um momento de expansão sexual e de desempenho de seu poder, ao resistir à imposição de modelos que buscavam a moralização sexual do festejo, acabaram, assim, abrindo mão dessa brincadeira a fim de serem exaltadas e louvadas pela execução de um carnaval moralizado e, por isso, considerado superior ao que era feito em outros lugares do país.

1.4.3. Os Carnavais

O tão esperado carnaval de 1907, primeiro após o retorno, estava para acontecer. O *Jornal do Comércio* expressava o seu entusiasmo com “a decana das sociedades carnavalescas”²⁰⁸, que para eles iriam alcançar “a palma da vitória do carnaval de 1907, tanto são os preparativos que se fazem para o suntuoso baile de gala e o passeio burlesco”²⁰⁹. Abriam, assim, os esmeraldinos o seu desfile com três batedores, “três sócios trajados e montados em corcéis de belíssima estampas, arriados com apurado gosto”²¹⁰. Trombetas egípcias, bandas fantasiadas que vinham a pé, carros com

²⁰⁸ *Jornal do Comércio*, 08 de fevereiro de 1907.

²⁰⁹ *Jornal do Comércio*, 08 de fevereiro de 1907.

²¹⁰ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

membros da diretoria, carro com cisne representando a imprensa, carros conduzindo os sócios, outro simulando um canhão de guerra russo-japonesa - do qual saíam confetes, bandas de música, e clarins e batedores que anunciavam “égide onde pontificava a soberana da Esmeralda a – graciosa senhorita Edith Ribeiro”²¹¹, ou seja, o carro da rainha da sociedade. Outro carro, comandado por crianças, representava uma embarcação. Para fechar o desfile, um “atordoar Zé Pereira” e um grupo de sócios trajando a ‘clown’²¹².

Os Venezianos, entretanto, pareciam estar encontrando dificuldades. Em reunião realizada em meados de janeiro daquele ano pela comissão diretora foi resolvido, “que os festejos carnavalescos dessa apreciada associação limitar-se-ão este ano apenas a um baile de gala, em noite de 12 de fevereiro, no salão Leopoldina”²¹³. Contudo, dias após, *A Federação* noticiava que “essa associação, que à última hora resolveu também sair á rua, continua também em atividade para que o cortejo que apresentará na tarde de terça-feira seja luzido e brilhante”²¹⁴. Correndo contra o tempo, “com desusado ardor para render homenagem ao carnaval de 1907”²¹⁵, os venezianos se reuniam na “rua Venâncio Aires n. 2”²¹⁶ na Fábrica de Cerveja Riograndense, onde trabalhava-se “ativamente na confecção dos carros alegóricos que deverão formar o préstito dos venezianos”²¹⁷. Estes estavam sendo “prontificados com apurado gosto e muita simetria, a fim de aparecerem no préstito a sair na terça-feira”²¹⁸ e nos salões do Clube Júlio de Castilhos “terá lugar o suntuoso baile de gala, para o qual reina excessivo entusiasmo”²¹⁹.

Desta forma, os venezianos que os jornais diziam “haverem perecido ao sopro célere dos irreverentes ao culto da folia reergueram-se, dessa apatia para homenagear o galhofeiro Momus”²²⁰. Tal reavivamento foi creditado ao novo presidente que assumira a sociedade: “o coronel Francisco de Oliveira Neves, um espírito adiantado que nem a sua existência decrépita faz arrefecer o ardor pela folia”²²¹ e os venezianos eram saudados como “valentes arautos do prazer que assim mostram que o entusiasmo jamais

²¹¹ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

²¹² *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

²¹³ *A Federação*, 22 de janeiro de 1907.

²¹⁴ *A Federação*, 05 de fevereiro de 1907.

²¹⁵ *Jornal do Comercio*, 07 de fevereiro de 1907.

²¹⁶ *Jornal do Comercio*, 08 de fevereiro de 1907.

²¹⁷ *Jornal do Comercio*, 08 de fevereiro de 1907.

²¹⁸ *Jornal do Comercio*, 07 de fevereiro de 1907.

²¹⁹ *Jornal do Comercio*, 07 de fevereiro de 1907.

²²⁰ *Jornal do Comercio*, 03 de fevereiro de 1907.

²²¹ *Jornal do Comercio*, 03 de fevereiro de 1907.

arrefecerá os seus arraiais”²²². Três sócios, trajando casaca, cartola e calções brancos e cavalgando animais, abriam o desfile. Banda musical, clarins, esquadrão de lanceiros, carro para as senhoritas, para a diretoria e comissões, carro representando o “Fundo do Mar”, carro da rainha, “uma gôndola sob cuja proa sobressaia um cisne, tendo ao centro o trono, adornado luxuosamente”²²³, carro representando o deserto do Saara, fechando com a banda musical do 3º Batalhão da Brigada.

Em 1908, a Sociedade Filodramática Italiana Giovane Emanuel, “desejando estimular uma das festas mais populares e que mais contribuem para a vida de uma cidade culta, criou um prêmio, que se propôs conferir à sociedade carnavalesca que com mais brilho se apresentasse ao público e desejando mostrar sua imparcialidade”²²⁴. Para isso, sua diretoria “encarregou dessa missão três cavaleiros que julgou capazes de servirem de juízes, com completa isenção de ânimo, em tal causa”²²⁵. Desta disputa, sagraram-se os Venezianos os campeões, tendo recebido a medalha ofertada pela Giovane Emanuel.

O desfile dos Venezianos parece ter sido aprovado também pela multidão que o assistia, pois, quando entraram na Rua dos Andradas foram “recebidos delirantemente pelo povo de Porto Alegre em peso, que lhes entregava espontaneamente a coroa da vitória. Serpentinhas de todas as partes cruzavam-se; a multidão, numa vertigem de entusiasmo, aplaudia a falange veneziana que entrou na artéria principal recebida pelas palmas que ecoavam e que eram uma apoteose”²²⁶. Foram eles assim vitorizados pelo público, pela Giovane Emanuel, bem como pelo jornal *O Independente* que enviou “aos galhardos venezianos, que receberam a sagração do povo de Porto Alegre, as nossas efusivas saudações pela brilhantíssima vitória alcançada”²²⁷.

No ano seguinte, os Venezianos voltaram a ganhar a disputa carnavalesca. *O Independente*, em 1910, lembrava que, no ano anterior, teriam eles “conquistado primazia pelo voto popular no carnaval passado”²²⁸, ressaltando que eram “numerosas as sociedades carnavalescas existentes nesta capital, disputando-se entre si, pela

²²² *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

²²³ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

²²⁴ *O Independente*, 08 de março de 1908.

²²⁵ *O Independente*, 08 de março de 1908.

²²⁶ *O Independente*, 05 de março de 1908.

²²⁷ *O Independente*, 12 de março de 1908.

²²⁸ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

conquista de palmas e vitórias. Salientam-se sempre, entre as co-irmãs, a Esmeralda e os Venezianos”²²⁹.

Quando ressurgem, a Esmeralda parece estar mais organizada e motivada para o carnaval do que a Venezianos, tanto que ela já faz um primeiro desfile, escolhe rainha, abre concurso para hino, enquanto os venezianos quase não executam o préstito de 1907. Contudo, após superar esta dificuldade, eles irão triunfar nos próximos carnavais, ganhando cinco anos consecutivos²³⁰.

Nessa segunda fase das sociedades, podemos observar algumas mudanças em relação à primeira, tanto no que concerne às relações entre as duas agremiações quanto no que se refere às formas de se festejar o carnaval.

Durante a primeira fase, a tônica da relação entre Esmeralda e Venezianos era a rivalidade. Vimos, anteriormente, que o próprio nascimento destas agremiações, ao que tudo indica, parece estar diretamente vinculado às disputas entrudescas. Este caráter de rivalidade foi bem marcante nos carnavais promovidos por elas durante o seu primeiro ciclo de existência. Agora, nessa segunda fase, havia um bom trato entre as duas co-irmãs: no lugar de enfrentamentos e deboches, cortesias e elogios. Na primeira apresentação feita pela Esmeralda, em 1906, por exemplo, participou também do desfile a diretoria da Venezianos (que só faria um baile de gala). Vejamos a citação:

Uma comissão da Esmeralda convidou, na manhã de ontem, a diretoria dos Venezianos para tomar parte no préstito e às quatro e meia da tarde, hora designada para a reunião dos esmeraldinos no velódromo da União Velocipedica, gentilmente cedido pelo comitê diretor, ali chegavam, em vários carros, os Srs. Victor Barreto, presidente; coronel Francisco de Oliveira Neves, vice-presidente; João Pinto Guimarães Junior, Dario Totta, Octavio Saint Jeans Gomes, José Luiz de Vargas, capitão Benevenuto Augusto Muniz Barreto, membros da diretoria dos Venezianos, que foram recebidos pelo tenete-coronel Fructuoso Fontoura, presidente e membros da diretoria da Esmeralda, que os acompanharam até o pavilhão²³¹.

Convidada a participar do préstito da sociedade co-irmã, a diretoria da Venezianos não só compareceu como “trazia a botoeira o distintivo da associação, com cores vermelhas e branca, ofereceu à rainha da agremiação co-irmã um grande e belíssimo ramalhete de flores naturais, tendo pendentas largas fitas brancas, listradas de vermelho”²³². O clima entre as duas sociedades era tão amistoso que:

²²⁹ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

²³⁰ Cf. *O Independente*, 14 de janeiro de 1913.

²³¹ *A Federação*, 05 de março de 1906.

²³² *A Federação*, 05 de março de 1906.

no restaurante, reuniram-se esmeraldinos e venezianos, sendo servido champagne e trocados cordiais e amistosos brindes entre os representantes das festejadas associações carnavalescas. A todo momento esmeraldinos e venezianos saudavam-se reciprocamente, erguendo entusiásticos vivas, demonstrativos da cordial amizade que deve unir para a luta pelo mesmo intuito comum – o brilhantismo do carnaval de 1907²³³.

Em 1909, os Venezianos fizeram uma reunião para a entrega do estandarte social à sua rainha Therezinha Piccardo, no Salão Leopoldina. Desta reunião, participaram a ex-rainha dessa sociedade, Themira de Azevedo, o presidente Emílio Afonso Massot, a diretoria e os sócios da sociedade, “formando um seletto préstito – estandarte, rainhas, diretoras, diretoria, sócios, Zé Pereira e música”²³⁴. Após a solenidade, “poz-se ele [o préstito] em marcha para o Clube Caixeiral, onde estava reunida a Esmeralda, para apresentar os cumprimentos dos Venezianos”²³⁵. Lá chegado, o grupo foi “acolhido com toda cordialidade e gentileza”: o presidente da Venezianos e o secretario da Esmeralda fizeram saudações com brindes de champagne e quando a festa terminou foi o “Zé Pereira da Esmeralda e dos Venezianos acompanhar as rainhas, senhoritas Laura Paes e Therezinha Piccardo”²³⁶.

Nos desfiles promovidos pelas agremiações este clima de amizade também era verificado. Mesmo com a inclemência do tempo, naquele carnaval de 1909, as sociedades apresentaram seu préstito e a Esmeralda dividiu seu desfile em quatro seções, compostas de oito carros alegóricos ao todo. Na primeira seção, antes da apresentação do primeiro carro alegórico vinham carruagens da diretoria, das diretoras-chefes e acompanhando-as uma carruagem com representações dos clubes Vagalumes e Venezianos²³⁷.

Como mencionamos, tal relação de amizade e cordialidade entre Esmeralda e Venezianos contrasta com a imagem que se tinha de seu relacionamento no que chamamos de primeiro ciclo. Naquele tempo, diversas foram as vezes em que ambas as sociedades rivalizaram, ao ponto de chegarem a agressões verbais e, até mesmo, apresentarem em seus préstitos, em tom de sátira, suas rusgas, desavenças e ataques mútuos²³⁸.

²³³ *A Federação*, 05 de março de 1906.

²³⁴ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

²³⁵ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

²³⁶ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

²³⁷ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1909.

²³⁸ Ver LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p.129, LEAL, Caroline. Op. Cit., p.119.

No ano de 1883, houve uma briga entre o presidente da Esmeralda, o jornalista Miguel de Werna, e o presidente da Venezianos, Ramiro Barcelos. A Esmeralda, em um de seus carros, denominado de o “monstro Mitológico”, satirizou Barcelos, representando-o como um animal de três faces. Em seu jornal, Werna publicou uma charge mostrando o desfile da Esmeralda e, no canto direito, em destaque, estava o “mostro Mitológico”, montado pelo próprio Werna. Vejamos:



Figura 2 - Charge de Araújo Guerra a respeito do desfile da Esmeralda do ano de 1883, publicada originalmente em *O Século*. Retirado¹ FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970, p.53.

Os Venezianos, por sua vez, desfilaram com um urso em uma carroça, que foi apresentado como Miguel de Werna²³⁹. Segundo Aquiles Porto Alegre, na ocasião em que

a luta estava mais acesa entre os dois contendores [Barcellos e Werna], chegou aqui um bando de ciganos conduzindo um belo urso branco. Num passeio burlesco do carnaval o Ramiro aluga o animal e apresenta como moço fidalgo, chapéu de copa alta e alegre gravata, com enorme laço, como usava então o Miguel Werna²⁴⁰.

Esta animosidade entre as duas associações foi apontada por Lazzari como uma possível causa de sua falência. Esse, talvez, seria o motivo pelo qual elas teriam abandonado esta postura de confronto neste segundo ciclo.

Além disso, acreditamos que, neste momento, ao recriarem Esmeralda e Venezianos, havia outro inimigo a se combater – o carnaval dos “outros” – e não se deveria perder tempo com ataques e descréditos mútuos. Tanto é que, ao serem recriadas, cogitou-se a possibilidade de fusão entre as duas agremiações.

Vários entusiastas dos folguedos carnavalescos promoviam a fusão das sociedades Esmeralda e Venezianos, conforme noticiamos há dias.

²³⁹Cf. PORTO ALEGRE, Achylles. Op. Cit., p. 78.

²⁴⁰Ibid., p. 78.

Para esse fim efetuou-se ontem, às 7 ½ da noite uma reunião de sócios de ambos os grêmios.

Iniciados os trabalhos, em nome dos Venezianos foi proposto que tanto esta sociedade quanto a Esmeralda perdessem as atuais denominações que seriam substituídas por outras.

Não concordou com esta proposta a Esmeralda, que deseja manter e manterá o seu título.

E como da aprovação da mudança o mesmo é que dependia o prosseguimento dos trabalhos para a fusão, devido à atitude da Esmeralda ficaram os mesmos anulados e foi dissolvida a reunião²⁴¹.

Tal intento, entretanto, não foi atingido por não chegarem a um consenso em relação ao nome da nova agremiação. A Esmeralda queria continuar com sua denominação; os Venezianos não aceitaram a proposta – afinal daria a impressão de que eles haviam falido e sido incorporados pela Esmeralda e não de que ambas teriam se unido – e a fusão não se concretizou.

Além das distinções já apontadas em relação ao primeiro ciclo destas associações, a relação com o poder público também foi objeto de modificação. Se antes a organização das ruas, sua decoração e iluminação ficavam a cargo dos moradores²⁴²; neste momento, esta era uma tarefa cumprida pelo Estado. Na Rua dos Andradas, por exemplo, “foram colocados suportes para as seis lâmpadas de arco voltaico de 1200 velas, que a devem iluminar durante as noites de carnaval, auxílio esse prestado pelo infatigável e solícito intendente dr. Montaury”²⁴³.

A responsabilidade da Intendência de zelar pela iluminação das avenidas nos dias do carnaval gerou uma polêmica entre o *Correio do Povo* e *A Federação*, no ano de 1911. O primeiro periódico parece ter reclamado e feito censuras a respeito da limpeza e da iluminação das ruas por onde passaram os préstitos das sociedades carnavalescas: “achou o *Correio* que a iluminação dessas ruas era a ordinária e que essas não guardavam o necessário asseio”²⁴⁴. *A Federação*, por sua vez, tratou de responder a estas acusações. No que tange a iluminação das ruas afirmava que

²⁴¹*Jornal do Comércio*, 04 de março de 1906.

²⁴²Por exemplo: “a quadra entre o Beco do Fanha e a do Arroio sobressaía nos adornos, tendo colocados sobre os postes escudos com emblemas próprios da festa. Como nunca pode haver nada perfeito, houve uma quadra nesta rua que quis diferenciar-se das outras. Queremos falar da que medeia entre as ruas do General Câmara e beco do Fanha, que por ser habitada por pessoas desfavorecidas da fortuna estava completamente despida, excetuando as casas dos patrióticos cidadãos Srs. Cardoso e Leão, as quais achavam-se com o frontispício adornado e em frente tinham colocado postes com flâmulas. As demais estavam pobres como Job, indicando a indigência de seus habitantes. Coitados! Eles são tão miseráveis, isto é, tão faltos de recursos, que por isso devem ser perdoados!...” *Mercantil*, 11 de fevereiro de 1880.

²⁴³*A Federação*, 16 de fevereiro de 1907.

²⁴⁴*A Federação*, 02 de março de 1911.

exclusivamente, por conta da intendência foram colocados no percurso que as sociedades carnavalescas deviam realizar, as focos de areo voltaico, sendo dezessete da Fiat Luz e vinte e uma da Usina Municipal, isso além da iluminação a gás, que foi também reforçada, especialmente na praça fronteira ao edifício da intendência²⁴⁵.

Quanto à limpeza das ruas, o jornal lembrava que, apesar de jogar-se “durante toda tarde até altas horas da noite dos três dias de folgedos enorme quantidade de confete e serpentina, muito cedo, na manhã seguinte, as ruas e passeios se encontram completamente limpos”²⁴⁶ e ressaltava que tal intento “com certeza, não é o reclamante quem se encarrega desse serviço, nem quem o paga”²⁴⁷. Além disso, advertia sobre a sobrecarga de despesa que a Intendência teria, pois ela pagaria mais para “atender ao policiamento extraordinário nos dias de festas populares, cerca de três contos de reis, como gratificações especiais, ao pessoal da guarda administrativa, que dobra nas patrulhas”²⁴⁸. Por fim, observava que tais despesas não deveriam ser da Intendência, como ocorre em outros lugares e já ocorrera em Porto Alegre, como apontamos anteriormente.

Convém dizer, sem que isso importe censura a quem quer que seja que, em toda a parte do mundo, é o grande e pequeno comércio quem, nas festas de carnaval, faz as despesas com decoração e iluminação suplementar das ruas, armação dos coretos, etc. Isso mesmo se fazia em outros tempos em Porto alegre. É essa a classe que mais diretamente lucra com tais festejos, sejam carnavalescos ou de outros gêneros.

Ora, tendo corrido exclusivamente por conta da intendência toda a despesa extraordinária de iluminação com os focos, policiamento dobrado e limpeza noturna das ruas, nos três dias de carnaval, mostrou ela interesse em ser agradável com a população²⁴⁹.

Dessa forma, respondia às críticas feitas pelo *Correio do Povo*, quanto a falta de iluminação e sujeira, elogiando a Intendência que fazia gastos no carnaval que deveriam ser dos comerciantes, tudo a fim de mostra-se agradável para com a população. E o referido jornal saberia disto, “mas *o foire* velho que tem com o nosso digno e operoso intendente o impede de confessá-lo”²⁵⁰.

Vimos, portanto, que estas questões de organização da cidade para receber o festejo carnavalesco – iluminação, limpeza, segurança – eram bem importantes. O

²⁴⁵ *A Federação*, 02 de março de 1911.

²⁴⁶ *A Federação*, 02 de março de 1911.

²⁴⁷ *A Federação*, 02 de março de 1911.

²⁴⁸ *A Federação*, 02 de março de 1911.

²⁴⁹ *A Federação*, 02 de março de 1911.

²⁵⁰ *A Federação*, 02 de março de 1911.

policciamento dos festejos, por exemplo, era uma das principais preocupações da Intendência, que chegava a dobrar as patrulhas e pagava gratificações ao pessoal da guarda administrativa²⁵¹. Tal apreensão é evidenciada na frequência com que o jornal *A Federação* noticiava como havia sido feito o policiamento dos festejos. Frequentemente, se elogiava a ação da polícia e o comportamento da população porto-alegrense. Em 1910, por exemplo, *A Federação* exaltava a “excelente índole e educação do nosso povo”, que aliada ao “policiamento completo e à altura de sua cultura” fez com que o carnaval findasse em nenhum problema:

Numa mescla indefinível de posições e classes sociais, acotovelaram-se naquelas duas artérias da cidade milhares de pessoas e, durante toda a folia, aliás propícia à desordem pelas imunidades que o uso concede à máscara, não houve um soco, um repelão, a menor arranhadura, em suma, em quem quer que fosse.

O fato abona, especialmente, a excelente índole e educação do nosso povo mas demonstra igualmente que Porto Alegre já se pode ufanar de possuir um serviço de policiamento completo e à altura de sua cultura²⁵².

Mesmo havendo uma mistura de pessoas das mais variadas classes sociais, e apesar da oportunidade de burla que o uso de máscara proporcionava, a ótima educação e caráter da população de Porto Alegre, congregados com o excelente serviço de policiamento, fez com que não houvesse nenhum tipo de desordem durante os festejos carnavalescos.

Estes serão os dois fatores apontados para que não ocorressem desordens durante os dias de Momo: a presença e bom efetivo, tanto da Guarda Municipal, quando da Brigada Militar e o “*espírito culto*” da população porto-alegrense fazia com que – apesar da imensa aglomeração de pessoas para contemplação do desfile – nenhum tipo de desordem fosse causada. Vejamos a nota do jornal *A Federação* de 1911:

Ontem além do policiamento da guarda municipal, teve a cidade o de numerosas patrulhas de praças de cavalaria da Brigada do Estado.

Felizmente, porém, não tiveram eles nunca necessidade de entrar em ação.

Apesar da enorme aglomeração popular até tardias horas da noite, nas ruas centrais e travessas, não se deu o menor conflito, o mais leve distúrbio, fato que consignamos nestas colunas com os louvores que merecem as autoridades e a polícia municipal, e o espírito culto de nossa população²⁵³.

Todavia, na noite do Enterro dos Ossos dos festejos deste mesmo ano – 1911 –, uma série de distúrbios iria interromper a paz que, até então, imperava nos festejos

²⁵¹ Cf. *A Federação*, 02 de março de 1911.

²⁵² *A Federação*, 10 de fevereiro de 1910.

²⁵³ *A Federação*, 01 de março de 1911.

carnavalescos da capital: o jornal *Correio do Povo* noticiava um grande incidente, ocasião em que bondes foram queimados e virados pela multidão que acompanhava os préstitos carnavalescos. Tal incidente ocorreu quando, após o término dos desfiles das tradicionais sociedades carnavalescas, adveio uma tentativa de restabelecer o tráfego dos bondes na Rua dos Andradas, no trecho entre as ruas General Câmara e Marechal Floriano. A rua ainda estava tomada por uma multidão de foliões e folionas que, “entregue ao jogo de confete, serpentinas e lança-perfumes”²⁵⁴, acompanhara os préstitos. Apesar da presença da multidão naquela referida rua, o major Virgílio do Valle, diretor da Força e Luz, ordenou que os bondes seguissem seu trajeto, provocando “gerais protestos do povo, que, exaltado, ameaçava os motoneiros e os condutores”²⁵⁵. Tal situação ocasionou um grande impasse uma vez que a multidão estava decidida a não dar passagem aos bondes e dava ordens para que os motoneiros retornassem com seus veículos.

Em dado momento, a multidão avançou em direção aos bondes, “quebrando vidros e balaustres e arrancando alavancas, cortando cortinas, etc.”²⁵⁶: a confusão estava armada! A seguir, munidos de garrafas de querosene, os populares atearam fogo nos veículos. O periódico *Correio do Povo* relata o episódio da seguinte maneira:

A esse tempo, era indescritível o aspecto da rua dos Andradas: aos gritos de – fogo! – as famílias principiaram a correr, refugiando-se em cafés e noutras casas próximas, e estabeleceu-se a balburdia, sendo disparados vários tiros. Os populares, cada vez mais exaltados, viraram os bondes queimados e dirigiram-se para a Praça Quinze, onde queimaram outros bondes²⁵⁷.

A festa virara um conflito entre os populares e as forças públicas! O préstito se transformara em um campo de batalha! Segundo o referido periódico, a Assistência Pública atendeu nove feridos graves e diversas outras pessoas sofreram ferimentos menores²⁵⁸. A situação só foi controlada em plena madrugada quando “coronel João Leite, delegado judiciário, conseguiu controlar o tumulto com o auxílio de dois batalhões da Brigada Militar”²⁵⁹. Segundo Lazzari, tal incidente não pode ser interpretado se não contextualizado, uma vez que, naquele momento, “o ambiente já andava tenso e a insatisfação popular podia ser medida nos diversos movimentos

²⁵⁴ *Correio do Povo*, 6 de março de 1911.

²⁵⁵ *Correio do Povo*, 6 de março de 1911.

²⁵⁶ *Correio do Povo*, 6 de março de 1911.

²⁵⁷ *Correio do Povo*, 6 de março de 1911.

²⁵⁸ *Correio do Povo*, 6 de março de 1911.

²⁵⁹ *Correio do Povo*, 6 de março de 1911.

grevistas que aconteciam na cidade”²⁶⁰. Conforme Petersen, as condições de trabalho naquele momento eram bastante precárias: salários baixos, abusos infringidos aos operários, trabalho infantil. Apesar disso, após a greve de 1906, “a energia reivindicatória do movimento operário deixa de ter nas greves seu ponto privilegiado”²⁶¹. Assim, a autora verificou a ocorrência de três greves em Porto Alegre naquele ano, todas ocorridas após o término do carnaval: a greve dos oficiais alfaiates, em maio; a greve dos motorneiros e condutores da Cia Força & Luz e greve dos operários do Estaleiro Mabilde, ambas no mês de junho.

Contudo, apesar do incidente ocorrido, os jornais continuavam a exaltar o carnaval promovido por Esmeralda e Venezianos, tanto que *A Federação* lamentava o fato e afirmava que era a primeira vez que ocorria algum evento assim no até então pacífico e ordeiro carnaval de Porto Alegre²⁶².

1.4.4. O fim do Carnaval

Em dezembro de 1912, ocorreu uma reunião que tinha o objetivo de tomar uma importante decisão: “deliberar definitivamente sobre a saída ou não do préstito de gala da Sociedade Carnavalesca Esmeralda”²⁶³. Após serem “apresentadas diversas propostas e postas estas em discussão ficou resolvido pela assembleia que não fará a Esmeralda passeio de gala, levando a efeito, no entretanto, quatro reuniões, um baile burlesco e um baile de gala”²⁶⁴. Assim, em 1913, a Esmeralda não apresentou seu desfile. O jornal *O Independente* informava que “por motivos que ignoramos, não concorreu [a Esmeralda] com o seu eficaz concurso no carnaval do ano corrente, limitando-se a dar algumas reuniões e dois bailes, um burlesco e outro de gala”²⁶⁵.

O jornal, já descontente com os festejos carnavalescos, ressaltava que se não fossem os Venezianos, acompanhados pelos Tenentes do Diabo, “o nosso carnaval já assaz modesto, teria sido de aspecto sóbrio, não conseguindo produzir o entusiasmo franco que se costuma notar todos os anos em igual época, em todas as partes do mundo

²⁶⁰ LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p. 127.

²⁶¹ PETERSEN, Sílvia Regina. *Que a União Operária seja nossa Pátria: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Santa Maria/Porto Alegre: UFSM/UFRGS, 2001, p. 276.

²⁶² Cf. *A Federação*, 06 de março de 1911.

²⁶³ Ata 25, de 11 de dezembro de 1912, da S. C. Esmeralda. IHGRGS.

²⁶⁴ Ata 25, de 11 de dezembro de 1912, da S. C. Esmeralda. IHGRGS.

²⁶⁵ *O Independente*, 11 de fevereiro de 1913.

onde Deus Momo é festejado”²⁶⁶. E aproveitava para dar ânimo aos Venezianos, a fim de que não se deixassem contagiar pelo desestímulo da companheira Esmeralda.

E, estamos certos que essa gloriosa e tradicional sociedade [Venezianos], que de tanto conceito goza em nossa Capital, não só pelas suas inúmeras vitórias, como também pelo cunho de originalidade que sempre procura dar nas suas festas tão apreciadas, jamais se deixará influenciar pelo desânimo de que foram acometida certas sociedades, este ano, deixando de cooperar com seus concursos para que os folguedos carnavalescos corressem animados.²⁶⁷

A Esmeralda, há cinco anos consecutivos, perdia o carnaval para os Venezianos. As inúmeras vitórias venezianas são apresentadas como elemento de encorajamento a estes carnavalescos, pois como afirmava o periódico, “bem sabemos que todas as estrondosas vitórias alcançadas durante cinco anos consecutivos pela velha e conceituada sociedade tem algum modo com pesado e enorme sacrifícios”²⁶⁸. Por outro lado, essa sequência de derrotas da Esmeralda para sua rival pode ter influenciado na decisão de não participar do carnaval daquele ano. O jornal *O Exemplo* criticava o tom de competição que havia entre as duas agremiações, que transformara o carnaval em um esporte, com vencedores e perdedores. Essa rivalidade, ao invés de servir de estímulo ao desenvolvimento das sociedades, seria um dos fatores que poria em risco sua existência. O periódico afirmava que

hoje, fazem do carnaval um esporte e das duas sociedades, dois campeões a porfiarem a supremacia do luxo.

Daí a cegueira, o fanatismo atoleimados, que esta perdeu aquela ganhou, dando em resultado, em vez de estímulo para exibirem-se no ano vindouro, acabarem com o Carnaval a bengaladas, a cadeiradas e a tiros nas cabeças dos entusiastas!²⁶⁹

Contudo, se *O Independente* elogiava os venezianos, ao afirmar que suas vitórias foram ao custo de muito trabalho e sacrifício, fazia também uma crítica aos esmeraldinos por estarem “deixando de cooperar com seus concursos para que os folguedos carnavalescos corressem animados”²⁷⁰.

No ano seguinte, todavia, a Esmeralda voltou a apresentar seu préstito. Este retorno, em 1914, foi creditado ao seu “núcleo valoroso, que é o seu bloco de resistência que a anima e sustenta, unido e forte, pleno da confiança dos esmeraldinos, fazendo-a

²⁶⁶ *O Independente*, 11 de fevereiro de 1913.

²⁶⁷ *O Independente*, 11 de fevereiro de 1913.

²⁶⁸ *O Independente*, 14 de janeiro de 1913.

²⁶⁹ *O Exemplo*, 05 de março de 1911.

²⁷⁰ *O Independente*, 11 de fevereiro de 1913.

prosseguir a rota triunfal”²⁷¹. O bloco da resistência era comandado pelo presidente da associação Aristóteles Barbosa. No ano anterior, ele já havia sido contrário à decisão de não desfilar: “havia duas correntes de opiniões – uma que achava que a Esmeralda devia fazer carnaval externo e era dos mais entusiastas Aristóteles Barbosa; a outra entendia de modo contrário e... foi a vencedora: havendo apenas as festas de salão, aliás brilhantíssimas, como é público e notório”²⁷². Contudo, ao final do carnaval, quando “tratou-se de formar a diretoria atual, saída do bloco e por este organizada, surgiu Aristóteles Barbosa como presidente e a assembleia geral de 1º de março aclamou-o com delírio”²⁷³.

Aristóteles Barbosa acompanhava a sociedade desde seu reerguimento, “sempre entusiasta e sempre pronto a prestar seu auxílio à Esmeralda, tornou-se um dos mais fortes esteios do bloco”²⁷⁴. Ao tomar posse do cargo, ele começou a organizar sua agremiação:

chamou para perto de si os bloquistas mais íntimos e, pela calda, começou a agir, organizando croquis de carros alegóricos e das figuras dos esquadrões, simultaneamente com as medidas administrativas relativas a tesouraria, para saber com segurança dos elementos com que devia contar.

Depois chamou os artistas, combinou, ordenou que os zeladores o franqueassem o barracão-oficina de arte, os trabalhos começaram, tomaram vulto, lá está o resultado de sua previdência, da sua perseverança, do seu esforço e do seu entusiasmo. [...]nas reuniões da fotografia Ferrari, o centro esmeraldino da presente época, a tudo o mais atendia, combinava, organizava.

Calmo, tranquilo, sem espalhafatos, mas segura na ação, espírito atilado, organizador metódico por excelência, dirimia dúvidas, dava ordens pedindo, por favor, e resolvia secamente quando a impertinência despontava²⁷⁵.

Desta forma, *A Federação* apresentava as atitudes e a postura assumida pelo presidente para que a Esmeralda pudesse novamente apresentar belas festas, “a ele principalmente, a essa ação ininterrupta e firme, deve a Esmeralda o brilho extraordinário com quem tem mantido as suas gloriosas tradições”²⁷⁶. A ele a ao grupo da resistência que ele lidera, um “núcleo seletto e forte que rodeia o presidente Aristóteles Barbosa”²⁷⁷ e que “participa com inteira justiça dos louros que por ventura

²⁷¹ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1914.

²⁷² *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

²⁷³ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

²⁷⁴ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

²⁷⁵ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

²⁷⁶ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

²⁷⁷ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

caibam à Esmeralda, traduzidos na simpatia e no aplauso com que há quarenta e um anos, a fazer em primeiro de março, a vem distinguindo a sociedade e o publico porto-alegrense”²⁷⁸. Esta seria a forma para que “[...] a Esmeralda surja rutilante a cumprir a missão que se impôs há quarenta e um anos precisos, de vir para a rua e conquistar a simpatia e o aplauso do público porto-alegrense”²⁷⁹.

Os Venezianos, por sua vez, tiveram naquela vitória de 1913, o seu último desfile. O jornal *A Federação*, ao saber do “boato que esta distinta sociedade tomaria parte nos próximos folguedos carnavalescos”²⁸⁰, foi procurar um “influyente membro dos Venezianos”²⁸¹ que lhes disse que “a sociedade não apresentará préstito algum no presente carnaval, visitando apenas o seu ensurdecador Zé Pereira o Cinema Guarany, cujos proprietários oferecerão aos galhardos Venezianos uma atraente festa”²⁸².

Contudo, a decisão de não mais exibir o préstito aparentava não ser definitiva, pois nos anos seguintes, continuava-se a esperar pela apresentação das sociedades. No ano de 1915, por exemplo, o jornal *A Federação* justificava que “devido, provavelmente, à crise financeira e econômica que por toda a parte a faz sentir, o seus efeitos, o Carnaval este ano em Porto Alegre, terá um culto muito restrito”²⁸³. Cabe ressaltar que, neste ano, o carnaval, sempre tão bem noticiado, mal apareceu nas páginas deste jornal. Vale lembrar que a Primeira Guerra Mundial havia eclodido no ano anterior e esta era a temática mais retratada pelo periódico²⁸⁴. Ainda naquele ano, os Venezianos, “simpáticos representantes de Momo”, declaram que “não tomarão parte nos festejos carnavalescos no presente ano como foi propalado”²⁸⁵. Isto evidencia que, mesmo tendo se retirado das ruas em 1913, era esperado com ansiedade que os Venezianos retornassem aos “palcos” da capital.

Apesar de não mais se apresentarem ao povo de Porto Alegre, ambas as associações continuavam existindo e comemorando o carnaval através de seus bailes e

²⁷⁸ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

²⁷⁹ *A Federação*, 17 de fevereiro de 1914.

²⁸⁰ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

²⁸¹ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

²⁸² *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

²⁸³ *A Federação*, 14 de fevereiro de 1915.

²⁸⁴ Mesmo aparecendo pouco nos jornais, a festa foi comemorada através de mascarados avulsos, jogo do confete, serpentina, lança-perfume e bailes e desfiles de outras sociedades, como Tenentes do Diabo e Petit Momo. Cf. *A Federação*, 16, 18 e 20 de fevereiro de 1915.

²⁸⁵ *A Federação*, 14 de fevereiro de 1915.

festejos internos²⁸⁶. Tal desistência causou estranheza, haja vista ambas deterem ainda muita popularidade. A Esmeralda, em 1914, quase foi impedida de sair, em virtude da multidão aglomerada que queria assistir ao seu desfile. Para que isso ocorresse, as autoridades tiveram que intervir e abrir caminho para a sociedade, como registrava *A Federação*²⁸⁷.

Após o fim do primeiro ciclo das festividades promovidas por Esmeralda e Venezianos, vimos que um sentimento de descontentamento e nostalgia toma conta das páginas dos periódicos porto-alegrenses, em função do carnaval ter passado a ser promovido por outros atores sociais.

Com o retorno destas antigas sociedades, no fim do carnaval de 1906, tal insatisfação terá fim. A partir daí, a imprensa afirmava que voltara o verdadeiro carnaval, a festa do luxo e do bom gosto. Esmeralda e Venezianos retornaram, deixando de lado as rivalidades ocorridas na primeira fase. Contudo, passados oito anos, estas agremiações irão encerrar, repentinamente, seus desfiles, deixando de apresentar seu préstito á população de Porto Alegre e realizando somente suas festas internamente, através de bailes a seus associados.

Neste capítulo, fizemos um breve resgate do carnaval de Porto Alegre desde o surgimento das sociedades carnavalescas, em 1873, até o final do segundo ciclo, em 1914 a fim de compreender os motivos e as peculiaridades dessa nova etapa. Percebemos que, com o fim do primeiro ciclo, a imprensa porto-alegrense passou a criticar o carnaval que era realizado por considerá-lo imoral e licencioso e passível de uma promiscuidade social, onde o entrudo era “a marca de um triste carnaval”. As sociedades que ainda existiam, de caráter mais popular, provocavam “grande escândalo ao burguês honesto”. O reinado de Momo estaria sendo feito por plebeus! Tais jornais apresentavam, ainda, uma visão idealizada do carnaval das sociedades, esse sim, marcado pelo luxo, pela elegância e pela nobreza: “bons tempos aqueles!”.

Com o ressurgimento de Esmeralda e Venezianos, levado a cabo pelos “moços de nossa melhor sociedade”, o carnaval retomou seu brilhantismo. As razões que apontamos para esse ressurgimento foram não só o descontentamento com as formas mais populares de carnaval que vinham sendo realizadas desde o final do primeiro ciclo

²⁸⁶ A Esmeralda duraria até o ano de 1941, realizando seus bailes durante o carnaval. *Correio do Povo*, 05 de fevereiro de 1941. Cf. ROSA, Marcus Vinicius. Op. Cit., 2008, p.24.

²⁸⁷ Cf. *A Federação*, 27 de fevereiro de 1914.

das sociedades como também a moralização dos festejos e a busca por um carnaval que caísse no gosto das elites, determinando o reforço de uma distinção social por meio do carnaval.

Esse segundo ciclo apresentou uma série de diferenças em relação ao primeiro. A intensa rivalidade que beirava a animosidade e que caracterizara a primeira fase foi substituída por uma concorrência menos danosa. Observamos diversas ocasiões que demonstram essa convivência harmônica entre membros das duas sociedades. Outra modificação importante foi em relação à brincadeira do entrudo que, tão censurada quando do surgimento das sociedades, passara a ser tolerada nesse ressurgimento. A imprensa, ao noticiar tal brincadeira, o fazia sem críticas ou desprestígios. Como vimos, a permanência do jogo do entrudo e seu constante enfrentamento haviam sido uma das razões para a crise do primeiro ciclo das sociedades. Deste modo, nesse segundo ciclo, a postura em relação ao entrudo havia mudado: o enfrentamento não era direto e sistemático como anteriormente. Será que aquele velho ditado, *se não pode vencê-lo, junte-se a ele*, pode se aplicar nessa situação?

Todavia, a partir de 1913, o entusiasmo das sociedades vai diminuindo. Nesse ano, a Esmeralda, que há cinco anos sofria consecutivas derrotas para os Venezianos, não apresentou desfile. Se não fossem os Venezianos e os Tenentes do Diabo, naquele ano, o carnaval teria um “aspecto sóbrio”. Essas derrotas poderiam ter influenciado na crise da Esmeralda, como pudemos observar nas palavras do jornal *O Independente*, que criticava a transformação do carnaval em um esporte de competição entre duas sociedades, despertando a “cegueira e o fanatismo atoleimados”.

No ano seguinte, entretanto, a Esmeralda apresentou novamente seu préstito, o último que essas tradicionais sociedades apresentaram no carnaval de Porto Alegre, visto que os Venezianos não saíram com seu curso nesse ano. Acreditamos que outro motivo para o fim dos desfiles foi a “crise econômica e financeira que, por toda a parte, faz sentir seus efeitos”, sobretudo se considerarmos os efeitos da Primeira Guerra Mundial sobre a economia do estado. Todavia, Esmeralda e Venezianos continuaram a existir, comemorando o carnaval em bailes e festejos internos, não indo mais às ruas para deleitar os foliões com seus préstitos.

2. “O CARNAVAL REAPARECIA COM UMA FEIÇÃO FEMININA”: a participação das mulheres no carnaval em Porto Alegre (1870-1914)

O segundo ciclo das sociedades carnavalescas, abordado no primeiro capítulo, apresentou, como vimos, algumas peculiaridades em relação ao primeiro. Considerando essa nova fase, neste capítulo, analisaremos as modificações ocorridas no que tange à participação das mulheres nos festejos de Momo. Como a imprensa noticiava, “o Carnaval reaparecia sob uma feição acentuadamente feminina”²⁸⁸. Assim, buscaremos entender a participação feminina nessa segunda fase, salientando que tal modificação permaneceu ligada a uma estratégia de vigilância e controle sobre as mulheres. Procuraremos, ainda, compreender as razões para tais transformações, enfatizando a questão da influência do positivismo e de sua apropriação em Porto Alegre pela elite da capital, bem como a existência de redes de poder que envolviam a participação de membros do exército, da Brigada Militar e dos quadros do Partido Republicano Rio-grandense nas tradicionais sociedades carnavalescas, o que caracterizava certa comunhão de sentidos (político-ideológicos), mesmo na esfera do carnaval.

Antes, contudo, iremos fazer breve um recuo no tempo a fim de compreender os lugares e condições femininas nestes festejos ao longo do período estudado. Desta forma, iremos resgatar a participação das mulheres nas brincadeiras de entrudo em meados do século XIX e as críticas feitas a esse festejo; a alteração nas formas de envolvimento das folionas nas festas de Momo quando acontece o surgimento das sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos, a partir de 1873; as transformações ocorridas nas formas de participação feminina na segunda fase desse carnaval e a mudança da visualização delas no festejo, dando especial atenção à figura de maior destaque do carnaval: a rainha das sociedades carnavalescas.

A partir de 1906, seja nos discursos proferidos pelos presidentes ou secretários das referidas agremiações, ou através dos versos distribuídos por elas, se percebe uma valorização da presença e da participação das mulheres nessa nova fase, sendo que essa exaltação será ainda mais forte na forma poética. Note-se que nossa principal fonte de pesquisa é o registro jornalístico, que este é imbuído de diversas concepções

²⁸⁸ *Correio do Povo*, 17 de fevereiro de 1907.

(conservadora, liberal, etc.), e é através desses discursos que procuraremos analisar como era apresentada a participação das mulheres nesse carnaval. Por ora, voltemos, novamente, a meados do século XIX.

2.1. A participação das mulheres nas festas carnavalescas em meados do século XIX

A partir do último quartel do século XIX, como vimos, houve uma profunda transformação, tanto dos festejos carnavalescos, quanto dos lugares e das condições que as mulheres ocupavam nessa festa na cidade de Porto Alegre. Até 1873, antes da criação de Esmeralda e Venezianos, o período carnavalesco era festejado através da brincadeira do entrudo. Veremos que nela a participação feminina era intensa e ativa. A partir do ano de 1870, contudo, esse jogo passou a sofrer um intenso combate por parte da imprensa porto-alegrense. Essas críticas eram tanto de cunho físico, sanitário; quando moral, comportamental. E é isso que nós veremos a seguir!

2.1.1. As mulheres no jogo do entrudo

Antes do surgimento das sociedades carnavalescas, como já mencionamos, o que reinava nos dias consagrados a Momo era o jogo do entrudo. Essa era uma brincadeira de origem ibérica que, após ter sido praticamente esquecida, em virtude de epidemias de cólera²⁸⁹ e das proibições impostas pelos Códigos de Posturas Municipais²⁹⁰, fora reavivada pelas mãos de uma mulher na década de 1870, como vemos abaixo:

Alguns anos havia que este jogo bárbaro caíra em desuso, quando a célebre ex-marquesa de Monte Alegre, mulher do atual Sátrapa de São Paulo, que já foi desta Satrapia do Rio Grande, o pôs novamente em moda. Que esta renovação do passado fosse obra da ex-marquesa nada há que admirar, pois é muito conhecida pelo seu ardente temperamento e extraordinário calor;

Não é, porém digno das humanas filhas do Rio Grande, num tempo em que o tifo, a febre e a tísica dizimam a população, ensopar d'água os que transitam nas ruas banhados em suor?²⁹¹

²⁸⁹ Segundo Witter, o impacto da epidemia de cólera, em 1855, “na região foi extremamente doloroso. Apesar de já conhecido por suas incursões anteriores no Ocidente, foi a primeira vez que o cólera chegou à porção mais meridional da América e Porto Alegre foi a cidade mais atingida de toda a província”. A cidade também passou por um novo surto no ano de 1867. WITTER, Nikelen Acosta. *Males e Epidemias: Sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. UFF. Niterói, 2007, p.16.

²⁹⁰ Como vimos no primeiro capítulo, p.26.

²⁹¹ *A Reforma*, 15 de fevereiro de 1871.

A ex-marquesa de Monte Alegre era Maria Isabel de Souza Alvim. Fora a segunda esposa do Marquês de Monte Alegre, José da Costa Carvalho. Após a morte do Marquês, em 1860, ela casou-se novamente com Antônio da Costa Silva e Pinto (primo do Marquês), que fora presidente da Província do Rio Grande do Sul, entre setembro de 1868 e maio de 1869²⁹². Foi durante essa estada aqui, que a ex-marquesa teria revivido a brincadeira do entrudo.

Essa atitude tomada pela primeira-dama da Província gerou uma série de ataques a sua pessoa e ao Império, propriamente dito²⁹³. Notemos as apreciações feitas à ex-marquesa, censuras ao seu comportamento, não só por gostar do jogo, como fazendo insinuações maliciosas à sua conduta. Era como se dissessem: desse tipo de mulher, há de se esperar que goste de tal brincadeira. Pois, para gostar do entrudo, era somente uma mulher com “ardente temperamento e extraordinário calor” e as filhas do Rio Grande não deveriam seguir esse exemplo.

No domingo de carnaval do ano de 1873, dias antes da criação de Esmeralda e Venezianos, um articulista que assinava o nome de Desjanais²⁹⁴ saudava, em uma coluna intitulada Folhetim e publicada no jornal *A Reforma*, a festa carnavalesca como “o dia da folia, da loucura, do regozijo, da mais ampla liberdade. Momo, com seus guizos e suas caretas, atordoa a humanidade inteira”²⁹⁵, mas advertia sobre os inconvenientes do entrudo. Segundo ele “um mês antes da Quinquaségima é preciso andar de olho vivo, e atender bem para quem está na janela; porque um pequeno descuido fazem de um homem um pinto. É um horror!”²⁹⁶. Seguiu narrando os diversos incômodos pelos quais um homem passaria durante o período carnavalescos, em função do jogo do entrudo: “engomar-se a gente para uma visita de cerimônia e, ao dobrar uma esquina, descarregam-lhe uma dúzia de limões! Ir um homem muito sério, meditando

²⁹² *Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do Rio Grande do Sul (1835-1869)*. Porto Alegre: IEL/AHRGS, 1982.

²⁹³ Essa análise foi feita em nossa dissertação. LEAL, Caroline. Op. Cit., 2008, p. 34.

²⁹⁴ Desjanais era o pseudônimo de Joaquim Antônio Vasques. Foi pagador do Exército na Guerra do Paraguai, Inspetor Fiscal da Fazenda Provincial até 1879 e deputado provincial pelo Partido Liberal de 1873 a 1876. Foi homem de confiança de Gaspar Silveira Martins, o cacique supremo dos liberais gaúchos, sendo seu Oficial de Gabinete quando este esteve no Ministério da Fazenda do Império em 1878. MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS/IEL, 1878. Segundo Lazzari, “não consta que ele houvesse participado da fundação da Sociedade Carnavalesca Esmeralda em 1873”. LAZZARI, Alexandre. Op. Cit., p. 85. Entretanto, o mesmo foi sócio e chegou a presidir a sociedade na gestão de 1880/1881. *Mercantil*, 16 de fevereiro de 1880, p.2.

²⁹⁵ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

²⁹⁶ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

mui filosoficamente sobre casos graves da vida, e receber em cheio uma bacia d'água!”²⁹⁷. Além de não se poder andar elegante, nem andar distraído com seus pensamentos, pois senão seria uma vítima das molhadelas, a saúde também correria riscos ao se “andar curtindo os efeitos de uma constipação, atarefado no seu labor diário, suando em bicas, e ver-se repentinamente molhado, e bem molhado!”²⁹⁸. Segundo ele, “nem nos bondes já se pode andar. Esperam os carros, e, das janelas, delicadas mãozinhas tiroteiam os passageiros!”²⁹⁹, demonstrando a ativa participação das mulheres nesse jogo.

Em nossa dissertação de mestrado, discutimos o gosto do público feminino pela brincadeira do entrudo. Observamos e demonstramos que as mulheres eram ativas participantes dessa brincadeira, tanto as mulheres da elite quando mulheres de classes populares³⁰⁰. Ficavam munidas nas sacadas esperando os rapazes para jogarem ou então saíam às ruas para se regozijarem com a brincadeira, como acabamos de perceber. Mesmo após a criação das sociedades carnavalescas – que, como vimos no primeiro capítulo, foram fundadas com o objetivo de eliminarem o entrudo –, as prescrições sobre os comportamentos femininos nos festejos carnavalescos não eram rigorosamente aceitas e incorporadas pelas mulheres. Elas permaneciam fiéis aos seus antigos costumes, condenados tanto pela imprensa quanto pelas sociedades, que queriam estabelecer lugares e condições diferentes daqueles ocupados até então pelas mulheres.

Entre as críticas mais comuns a esse jogo podemos citar as de caráter moral e comportamental e as de cunho físico sanitário. Desjanais ressaltava os inúmeros prejuízos que a brincadeiras trazia, “porque o Entrudo traz sempre prejuízos físicos e morais”³⁰¹. Entre os inconvenientes apontados, ele cita as “brigas domésticas, brigas públicas, dão-se más respostas, recebem-se descomposturas, quebra-se uma perna, esfola-se o nariz, – o diabo, enfim!”³⁰².

²⁹⁷ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

²⁹⁸ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

²⁹⁹ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

³⁰⁰ O jogo era praticado tanto pela mulher do presidente da Província, quanto por meretrizes da cidade. Em nossa dissertação trabalhamos com um processo resultante de agressões presumivelmente sofridas por uma mulher de nome Maria Antônia e chegamos a um universo no qual as práticas entrudescas mostravam-se presentes entre as camadas populares. Ver LEAL, Op.Cit., p.41 e 42.

³⁰¹ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

³⁰² *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

Mas esses não eram os principais males apontados por Desjanais: pois se o entrudo “não passasse do bombardeio das laranjinhas de cheiro e mesmo de alguma boa porção de pós-de-arroz, seria suportável”³⁰³. O problema é que, durante o jogo, “ficamos todos doidos, e entregamo-nos com furor aos excessos da folia. Nada: precisamos acabar com o Entrudo”³⁰⁴. Assim, o articulista apontava para os excessos praticados durante a folia, à qual o público feminino entregava-se com todo furor.

O entrudo era, portanto, considerado um jogo bastante licencioso. E essa licenciosidade, motivo de condenação da brincadeira, poderia ser também uma das causas do gosto feminino por essa prática. Nele havia a possibilidade da burla da vigilância paterna e, com isso, determinados excessos poderiam ser cometidos. Note-se o trecho:

Eu já não quero falar nesta liberdade de que nos apossamos de entrar por qualquer casa alheia, e ir até o quintal para molhar a sinhá, as velhas e as meninas, até que nos deitam nalguma gamela, cedendo à força de frágeis mãozinhas que nos seguram e nos roçam.

O brinquedo tem outros mil atrativos, e dá lugar a episódios burlescos, aconchegos ternos, a que empreguemos com toda a sem-cerimônia um dos nossos cinco sentidos, coisa que nos é inteiramente proibida nos tempos comuns³⁰⁵.

A permissividade da brincadeira, que admitiria “coisas que seriam inteiramente proibidas em tempos comuns”, os episódios burlescos, os aconchegos ternos e o uso dos cinco sentidos, apontam para o libertar de uma sexualidade reprimida, além do afrouxamento do controle paterno e da repressão sexual.

O entrudo era, portanto, um momento em que poderiam ocorrer contatos corporais, propiciando oportunidades para liberações sexuais. E justamente esta licenciosidade do jogo era o que parecia agradar o gosto feminino. Segundo Rachel Sohiet, a sexualidade feminina seria marcada por um “anseio presente na maioria das mulheres, o de se fazerem sentir como um elemento de sedução”³⁰⁶. Por isso, as senhoras e senhoritas de boas famílias do Rio de Janeiro esperavam o ano inteiro para,

³⁰³ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

³⁰⁴ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

³⁰⁵ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos Op. Cit., p. 21.

³⁰⁶ SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX a XX. IN: *Diálogos Latinoamericanos*, número 002, Universidade de Aarhus, Dinamarca, 2000, p.105.

no dia de carnaval, poder usar uma fantasia de *cocottes*, denominação atribuída às prostitutas de luxo, em sua maioria francesas³⁰⁷.

Desta forma, colocamos uma hipótese para tentar entender o porquê do sucesso do entrudo entre o sexo feminino: seria um dos únicos momentos em que as senhoritas podiam exercer sua sexualidade de forma mais declarada? Em outras condições, tais molhadelas poderiam não ser percebidas como a expressão de uma sexualidade ou como um ato imoral: é a partir da internalização de estruturas mentais através daquilo que Bourdieu definiu como o “sentido do jogo” que os códigos são decifrados.

Sohiet justifica essa atitude pelo fato de que “apesar da repressão sexual que recaía sobre as mulheres, buscando nelas inculcar o estereótipo da frigidez feminina, das exigências de virgindade e de sobriedade de conduta, confirma-se o pressuposto de Freud de que a sexualidade, o ingrediente mais poderoso da constituição humana, não pode tão facilmente ser descartado”³⁰⁸. Para a autora, “as mulheres, vivendo outra modalidade de opressão, utilizavam-se igualmente da festa carnavalesca para entrar no reino do prazer, em sua variada significação, empregando-a como alavanca para a sua liberação”³⁰⁹. As mulheres “estavam, igualmente, procurando festejar o corpo e extrair o prazer que ele é capaz de proporcionar, ao invés de permanecer numa atitude passiva, conforme lhes era apregoado”³¹⁰.

Além das críticas moralistas, havia aquelas que procuravam demonstrar a periculosidade sanitária da brincadeira. Esses argumentos sanitários foram muito usados a fim de que se abolisse essa prática: o próprio Desjaneis criticou o fato de estar o homem passando pelos efeitos de uma gripe e acabar repentinamente molhado.

A imprensa porto-alegrense atribuíra ao jogo um caráter de ameaça à saúde pública, utilizava-se das então recentes epidemias ocorridas na capital (1853) como forma de amedrontar os foliões e dissuadi-los de entrudar. O tifo, a tísica e a febre eram lembrados com o intuito de abolir definitivamente essa prática dos costumes da cidade. No entanto, muito mais do que uma preocupação física, acreditamos que pretendia-se

³⁰⁷ *Cocottes* eram as mulheres, geralmente vindas da França, que eram sustentadas por ricos senhores. Cf. ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. *Saias, laços e ligas: Construindo Imagens e Luta - Um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses 1910/1937*. Dissertação de Mestrado. UFPA/NAEA, Belém, 1990, p. 398.

³⁰⁸ SOHIET, Op. Cit. 2000, p. 105.

³⁰⁹ SOIHET, Rachel. *Condição feminina e forma de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890 – 1920)*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.

³¹⁰ *Ibid*, p. 107.

“moralizar” a sociedade porto-alegrense, sobretudo o público feminino: o apelo a essas doenças tinha um caráter regulamentador do comportamento das mulheres.

O jornal *A Reforma* argumentava que: “ainda menos conveniente se pode dizer que é este jogo para as damas, pois não se dão bem com água fria, e mais de uma donzela robusta e viçosa tem deixado de ver o carnaval seguinte por haver sido arrebatada pela tísica, provocadas pelas águas aromáticas do limão”³¹¹. Note-se que a recomendação se dirigia às mulheres, normalmente apontadas como as grandes entusiastas do jogo do entrudo. E, não seria, portanto, “digno das humanas filhas do Rio Grande, num tempo em que o tifo, a febre e a tísica dizimam a população, ensopar d’água os que transitam nas ruas banhados em suor?”³¹², segundo o jornal *A Reforma*.

Era preciso, portanto, um carnaval regrado. Que não trouxesse problemas tanto de ordem física, quanto de ordem comportamental e que, sobretudo, possibilita-se o controle sobre o comportamento feminino. Precisava-se de “heróis”, moços da cidade que a livrassem do “antiquário Entrudo”³¹³ e fundassem uma sociedade carnavalesca.

2.1.2. As mulheres na primeira fase de Esmeralda e Venezianos

A partir do nascimento das tradicionais sociedades, novos lugares e novas condições serão atribuídos às mulheres no carnaval. Nessa nova festa, as mulheres passariam a ter uma posição passiva durante os festejos.

O protagonismo do carnaval ficou a cargo dos homens desde o momento em que fora sugerida a criação de sociedades carnavalescas. Desjanais, no jornal *A Reforma*, conclamava as pessoas a que trabalhassem “para acabar com o Entrudo. Olhem: no Rio Grande e Pelotas já há Carnaval. E é até vergonhoso para a mocidade porto-alegrense ter deixado a rapaziada daquelas sociedades pôr-lhes o pé na frente”³¹⁴. Se em Rio Grande e Pelotas³¹⁵ já havia sociedades, como Porto Alegre, a capital da Província, ainda não as possuía? Era necessário modernizar os festejos da cidade. Afirmava ele que:

³¹¹ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

³¹² *A Reforma*, 15 de fevereiro de 1871.

³¹³ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

³¹⁴ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873. Apud: FERREIRA, Athos. Op. Cit., p. 21.

³¹⁵ Em Pelotas, a partir de 1860, já havia sociedades carnavalescas, quando a elite começou a introduzir o Carnaval Veneziano ou Grande Carnaval, mais refinado e civilizado. Caracterizado pelos suntuosos carros alegóricos e bailes de máscara. Nesse período se estabeleceu um conflito entre a festa selvagem do entrudo - praticada pela população em geral - e a folia de exibição organizada pela elite. BARRETO, Álvaro. *Dias de Folia: o carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: EDUCAT, 2003.

[...] precisamos acabar com o Entrudo. Temos tantos carros na cidade e uma rapaziada que se distingue por seu bom gosto e fino espírito (é preciso elogiá-la); por que não havemos de organizar uma sociedade carnavalesca que enterre para sempre o antiquário Entrudo? Apareça aí um mais corajoso, tome a iniciativa, e verá que há de ser acompanhado. Se aparecer este herói, prometo desde á endeusá-lo, num discurso ad-hoc que há de ser proferido na sexta-feira gorda de 1874, por ocasião do banquete oferecido pelo Deus Baco, em regozijo à entrada da Quaresma”³¹⁶.

A iniciativa de criação de uma sociedade a fim de fazer carnaval deveria ser tomada por um corajoso, que seria considerado um herói. Se, no ano seguinte, houve esse discurso de endeusamento não conseguimos averiguar. Mas os heróis foram lembrados no ano de 1875 e comparados a ardorosos defensores de tempos medievais, com nobre missão a executar.

Como os antigos paladinos da Idade Média, que batiam-se galhardamente só para receberem em troca um sorriso, ou uma lembrança grata da dama de suas afeições, assim também venezianos e esmeraldinos, à porfia, se atiram à luta, aspirando, como único galardão, a uma recepção estrondosa, a uma manifestação de simpatia; mas as suas armas são mais delicadas, e a sua causa é mais nobre que a daqueles, pois eles batem-se pela civilização, pela inoculação de ideias adiantadas, enquanto que aqueles somente o faziam para satisfazerem um capricho pessoal, sem fim algum, nobre, que os justificassem.

Nós saudamos com verdadeiro entusiasmo os iniciadores e sustentadores dessa ideia grandiosa³¹⁷.

É interessante notar que, assim como os heróis da Idade Média, venezianos e esmeraldinos lutavam pela civilização de Porto Alegre. Nesse caso, o carnaval das sociedades era relacionado com a civilidade, com ideias avançadas; enquanto o entrudo, em contrapartida, seria um costume bárbaro e atrasado que deveria ser erradicado. E, nesta missão de remodelação do carnaval, é dado total destaque à figura masculina. Eles seriam os heróis, portadores de ideias adiantadas, que lutavam pela civilização de Porto Alegre.

Sabemos que, como salienta Amussen, o gênero dá significado às distinções entre os sexos, ele “transforma seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, seres sociais”³¹⁸ e que esta diferenciação entre os sexos “pressupõe a definição do que são as características que formam a identidade do masculino e do

³¹⁶ *A Reforma*, 23 de fevereiro de 1873.

³¹⁷ *A Reforma*, 08 de fevereiro de 1875.

³¹⁸ AMUSSEN, Susan. Feminin/Masculin: le genre dans l’Angleterre de l’époque moderne. *Annales Esc*, Paris, vol 40, n2, 1985, p. 270.

feminino”³¹⁹. Assim como ninguém nasce mulher, mas se torna mulher³²⁰, ninguém nasce homem, e sim aprendem a “ser homens”, e as expectativas sociais engendradas giram em torno da manutenção dessa masculinidade. Heroísmo, valentia, coragem não são qualidades inatas, intrínsecas a todos os machos, são sim características que, de acordo com o período histórico situado, são socialmente desejadas aos homens.

Robert Connell entende a masculinidade como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”³²¹, salientando que há “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade”³²². Desta forma, seria errôneo pensarmos em masculinidade, posto estas multiplicidades, e sim, em masculinidades, pois “diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social”³²³, e “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória”³²⁴. Contudo, no seio dessas pluralidades, há um modelo que corresponde a um ideal cultural de masculinidade, no qual há uma significação dos sentimentos e comportamentos adequados para os homens, que são pressionados

a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. [...] A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos³²⁵.

Pensando o carnaval em Porto Alegre sob esse prisma, vimos que o jornal *A Reforma* imputava determinadas características aos homens da capital. Essa inculcação estava relacionada ao dever que os homens tinham de aqui criarem sociedades carnavalescas: esse devia ser o homem porto-alegrense, heroico, valente, corajoso, moderno. E por que, segundo o jornal, a criação das sociedades seria uma incumbência masculina? Segundo a fonte, porque a criação das sociedades era um ato heroico, para o qual eram necessárias qualidades como valentia e heroísmo, características, à época, associadas ao masculino. E o carnaval se transformara no palco para a construção e

³¹⁹ Ibid., p.270.

³²⁰ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 1, 2 v.

³²¹ CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995, p. 188-189.

³²² Ibid., p.189

³²³ Ibid., p.189

³²⁴ Ibid., p.189

³²⁵ Ibid., p.190.

reforço dessas relações de gênero. Afinal, eram os mascarados venezianos e esmeraldinos, a nata dos moços da cidade, que faziam o passeio carnavalesco.

Importante e agradável deve ser o passeio carnavalesco se, como é uso em todas as cidades civilizadas, os moradores ornamentarem as suas testadas convenientemente; e se, embelezarem as suas janelas com damascos e outros enfeites; e se, finalmente, em vez do limão prejudicial, jogarem flores. Os mascarados venezianos e esmeraldinos serão a nata dos moços da nossa sociedade, a boa gente da terra. E, por isso, têm direito a todas as atenções dos habitantes, aos quais cabe também de sua parte secundá-los no abrilhantamento das festas carnavalescas³²⁶.

O protagonismo masculino era identificado não só na criação das sociedades carnavalescas, bem como na execução e exibição dos préstitos e festejos. Se esmeraldinos e venezianos já estavam a fazer toda esta “revolução”, ao promoverem um carnaval mais elegante e civilizado, cabia ao restante da população serem coadjuvantes da festa, ornamentando as janelas, abandonando o entrudo e atirando flores a nata dos moços da terra.

As mulheres, portanto, passaram à condição de coadjuvantes das festas carnavalescas. Deveriam assistir ao desfile dos rapazes, aplaudi-los e jogar-lhes flores. O carnaval de 1875 foi descrito como animadíssimo. Esmeralda e Venezianos teriam disputado a supremacia e deste combate “deu em resultado ficar o campo juncado de ... flores, tal foi o empenho das moças em jogar-lhes lindos buquês”³²⁷. O lugar das mulheres passara a ser de apreciadoras da festa e sua contribuição seria arremessar flores durante os desfiles. Vemos, portanto, a partir deste novo carnaval há uma mudança de lugares femininos no festejo: de uma participação ativa com as brincadeiras do entrudo para a passividade de apenas acompanhar as festividades realizadas pelos jovens esmeraldinos e venezianos.

Embora não participassem ativamente da festa, elas eram uma figura importante nesse carnaval. A elas eram direcionadas as falas e os discursos proferidos pelas sociedades carnavalescas. Durante os préstitos, eram feitos apelos e gracejos às moças. Apostava-se na adesão delas ao carnaval como contrapartida ao galanteio oferecido pelos jovens das sociedades.

No transcorrer do desfile do ano de 1875, foram distribuídos recitativos – chamados *puffs* – para a população, enquanto as sociedades percorriam as ruas da capital da província. Tanto o da Esmeralda quanto o da Venezianos foram publicados

³²⁶FERREIRA, Athos. Op. Cit, p.32.

³²⁷FERREIRA, Athos. Op. Cit., p.39.

no jornal *A Reforma*, do dia 11 de fevereiro 1875. O primeiro, intitulado *Sermão*, da Sociedade Carnavalesca Esmeralda, começava pedindo a atenção das mulheres: “Leitora, te peço. Me dê atenção”³²⁸. Alertava para que não se afligissem, pois era “breve o sermão”³²⁹. Comparava as moças de antigamente, com as de seu tempo, criticando seus costumes e modas, pois as “moças de agora, de faces pintadas, risonhas, coradas, sorrindo de amor, são meigos anjinhos, papudos formosos, gentis e preguiçosos[...]”³³⁰. Podemos observar um elogio ao recato e ao pudor, destacando os tempos dos avós, quando “as donzelas eram lindas, sem ter luxo e ostentação. E nas faces não traziam, pó de arroz e vermelhão”³³¹. Por fim, ainda fazia um apelo aos pais de família, para que refletissem “neste conselho, que é de um velho, mãe e pais”³³² e controlassem suas filhas, reafirmando a preocupação com as condutas femininas e a necessidade do domínio familiar sobre elas.

Em nossa análise, consideramos que o discurso do *puff* apresentava um caráter conservador, moralista e patriarcal subjacente à mensagem, estando de acordo com a ideia do novo carnaval, de combate às escapadelas proporcionadas pelo entrudo e de um ideal de passividade feminina, até mesmo no vestir-se. Ademais, como destacamos anteriormente, Bourdieu salienta que a divisão dos sexos está presente em todo o mundo social sob a forma de disposições incorporadas, estabelecendo um “poder invisível” que se destina a regular as práticas sociais³³³. Evidencia-se, ainda, como veremos adiante, a presença de preceitos fortemente arraigados em uma sociedade eivada no bojo de um positivismo difuso.

Já os Venezianos distribuíram uma “*Profissão de Fé*”, no qual faziam um encômio às filhas do Rio Grande. Pediam às “belas deidades”, “anjos na forma”, castas donzelas” e “lindas estrelas” que dessem aos filhos da Veneza “flores, sorrisos ... e um olhar de amor”³³⁴. Desta forma, demarcavam o comportamento que seria esperado destas mulheres após o surgimento das sociedades carnavalescas: ao invés das malícias do entrudo; olhares de amor para a sociedade carnavalesca.

³²⁸ *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875.

³²⁹ *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875.

³³⁰ *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875.

³³¹ *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875.

³³² *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875.

³³³ BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In : *O poder simbólico*. Lisboa : DIFEL, 1989. p. 7-15, p.8.

³³⁴ *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1875.

Apesar dos *puffs* das sociedades carnavalescas apresentarem um formato distinto – uma criticando, outra louvando as filhas do Rio Grande –, ambas as agremiações intencionavam atrair o gosto feminino para a nova festa que estava instaurando-se. Mesmo porque se dependia da aprovação feminina para o sucesso dos festejos: quanto mais elas atirassem flores, mais glória teria o carnaval. É recorrente, na fala das tradicionais sociedades carnavalescas, o direcionamento de seus discursos às mulheres, como, por exemplo, em 1878, quando os Venezianos ao anunciarem seu programa para os festejos, diziam que “atendendo à ansiedade natural, com que o público Porto-Alegrense, e especialmente o belo sexo, espera a publicação do resultado de suas lucubrações de um ano inteiro, tem resolvido levar ao conhecimento do mesmo público o programa abaixo para os festejos”³³⁵. Bem como, a Esmeralda, em 1881, que, também em seu programa carnavalesco, “felicitava especialmente o sexo das graças, de quem espera um sorriso que dulcifique-lhe a vida, enchendo-a de magia”³³⁶.

Já que o objetivo das sociedades carnavalescas era enterrar o entrudo, era preciso se cooptar suas principais adoradoras para a nova causa. Desta forma, estas agremiações afirmavam fazer este carnaval não só para render preito ao deus Momo, como também para “o sexo mimoso, aquele que tem o dom de todas as graças, que é o enlevo das festas, a alma da vida, deve a Esmeralda maior soma de agradecimentos, a este mais especialmente ela se dirige”³³⁷. De acordo com os esmeraldinos,

morreriam todas as galas e os festejos do carnaval se lhe faltasse o encanto peculiar à mulher, à mulher brasileira, sobretudo adorável pela beleza, sedutora pela graça e simplicidade de seu coração, que só sabe abrir-se aos amores santos, às festas civilizadoras, como são aquelas que promove e leva a efeito a “Esmeralda”. Graças, pois, a todas³³⁸.

Enfim, a adequação do comportamento feminino durante o reinado de Momo era uma das principais preocupações e objetivos a se atingir com a introdução do novo carnaval, ou seja, das sociedades carnavalescas. Um comportamento que fosse casto e imaculado, sem as malícias do entrudo. Era uma exaltação ao recato e à moral como condutas ideais para o gênero feminino. Para isso, no lugar de participarem ativamente nas brincadeiras do entrudo, elas deveriam, no carnaval veneziano, assistir e aplaudir os desfiles dos jovens que compunham aquelas agremiações. Desta maneira, a nova festa

³³⁵ *Mercantil*, 02 de março de 1978.

³³⁶ *Mercantil*, 25 de fevereiro de 1881.

³³⁷ *A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875.

³³⁸ *A Reforma*, 14 de fevereiro de 1875.

permitia um controle sobre a conduta das mulheres e estabelecia diferentes formas e comportamentos para sua participação.

Todavia, ao longo desse período, as mulheres vão conquistando novos espaços e lugares nessa festa, fazendo parte da organização dos festejos, dos bailes, desfilando nos préstitos e não se resignando com o lugar que inicialmente estava definido para elas. Mas, apesar de conseguirem conquistar este espaço no novo carnaval, quando as sociedades carnavalescas começam a encontrar dificuldades para realizar suas festas, mais uma vez, as mulheres são lembradas, por seu infeliz comportamento, por continuarem a entruadar e, com isso, acabar com a festa de esmeraldinos e venezianos.

Sabemos que essas agremiações, no início dos dias dedicados à Momo, mandavam publicar uma espécie de programa carnavalesco, no qual faziam um pronunciamento à população de Porto Alegre e depois anunciavam o cronograma de seus festejos. Abaixo, se encontra o programa de 1882, da sociedade carnavalesca Os Venezianos. Nele é feito um chamamento aos “Festeiros e ridentes habitantes desta heroica terra”³³⁹, para anunciar que estava chegando o carnaval, “o dia do nosso reinado”³⁴⁰, quando então “a velhice volta à mocidade e esta à loucura; mas à loucura pelo prazer, pela alegria e a festa!”³⁴¹. Anunciam de forma jocosa tudo o que conseguiram fazer em Porto Alegre:

Com o nosso poder tudo temos conquistado na senda do progresso.
Tudo!

Tratados de paz com diversas nações estrangeiras, abolição de diversas instituições nocivas a moralidade pública, criação de diversos estabelecimentos de utilidade pública, mandamos lavar o sol para brilhar mais nas nossas festas, e regular o serviço da linha de bondes para a lua, a fim de poder qualquer cidadão transportar para lá a sua jovem raptada, sem susto de que o fação matrimoniar-se, como sucede cá por baixo!...

Contudo, mesmo tendo conseguido muitos êxitos em sua senda modernizadora, esses bastiões da modernidade não conseguiam extirpar o jogo do entruado, nem o gosto das mulheres por tal divertimento.

E quem fez tudo isto, não tem podido abolir a perniciosa bisnaga, fonte de quanta constipação, pneumonia e tifo, há, que flagela e dissipa a humanidade!...

³³⁹ *Jornal do Comércio*, 18 de fevereiro de 1882.

³⁴⁰ *Jornal do Comércio*, 18 de fevereiro de 1882.

³⁴¹ *Jornal do Comércio*, 18 de fevereiro de 1882.

E o que mais horroriza, é ver que esta plêiade de epidemias dimana de delicadas e alvas mãozinhas que parecem fadadas para derramarem consolações sobre a humanidade sofredora!!!...³⁴²

Desta vez, era a sociedade Venezianos a atacar o comportamento das mulheres, que continuavam a entrudar. O que mais horrorizava a eles era que, mesmo uma associação que tinha conseguido muitos feitos, não conseguira fazer com que as mulheres desistissem de tal jogo, continuando a trazer prejuízos sanitários para a cidade. Além disso, a crise pela qual estavam passando e que ocasionou sua falência nos anos seguintes era creditada, em grande parte, à insistência feminina com essa brincadeira.

No primeiro capítulo, mostramos que em nossa dissertação, apresentamos três possíveis fatores que foram apontados como causa para a falência de Esmeralda e Venezianos: crise financeira, disputas internas e o gosto feminino pelo jogo do entrudo³⁴³. Essa última é a que aqui nos interessa: mesmo com a insistência por parte das sociedades carnavalescas em exterminar com o entrudo e com as recomendações feitas por elas para que ninguém levasse bisnagas aos bailes, essa prática continuava fazendo parte do cotidiano carnavalesco dos homens e mulheres do final do Império. A permanência desse jogo – e, sobretudo, a preferência das mulheres pelas bisnagas – logo se constituiu em um argumento utilizado pelas agremiações – especialmente a Venezianos – para justificar a crise que enfrentava por aqueles dias³⁴⁴. Como vimos, em seu programa para o carnaval do ano de 1882, os Venezianos enfatizavam que, a despeito de todos os esforços e feitos dessa sociedade, a permanência da “perniciosa bisnaga” e, especialmente, o fato de elas “emanarem de delicadas e alvas mãozinhas” continuavam a contaminar o carnaval. O entrudo era identificado como um elemento que ameaçava o êxito dos desfiles e as mulheres acusadas de serem as principais promotoras de tal fracasso.

Entretanto, com o renascer das sociedades carnavalescas, já no século XX, essas mulheres, que antes eram criticadas e acusadas pela falência do carnaval, passaram a ser exaltadas, tanto pela imprensa quanto pelas sociedades carnavalescas, que destacavam seu idôneo caráter e as comparavam a Nossa Senhora e a Virgem Maria. Na continuação de nossa análise, veremos que houve uma transformação do discurso sobre

³⁴² *Jornal do Comércio*, 18 de fevereiro de 1882.

³⁴³ Para maiores informações sobre a falência de Esmeralda e Venezianos ver LEAL, C. Op. Cit., Capítulo 4.

³⁴⁴ Na corte, o fracasso do modelo do carnaval veneziano também era atribuído às bárbaras práticas da massa inculta. Aqui, em Porto Alegre, tais práticas eram atribuídas às mulheres.

as mulheres, que deixaram de ser as Evas (as entrudeiras) para tornarem-se as Marias (rainhas das sociedades carnavalescas). Passemos, então, para o ano de 1906, quando renascem estas tradicionais agremiações e ocorre essa transformação, tanto da participação, quanto das representações das mulheres nesta festa.

2.2. As transformações do início do século XX

A segunda fase das tradicionais sociedades carnavalescas, marcada pelo renascer da Esmeralda e da Venezianos, é portadora de um conjunto de transformações no que concerne à participação feminina nos festejos carnavalescos. Ocorrera, nessa fase, uma significativa mudança no tocante ao discurso da imprensa e das sociedades carnavalescas sobre as mulheres. Estas passaram a ser exaltadas pela imprensa e comparadas a Nossa Senhora e a Virgem Maria. Sua participação nas festas tornou-se mais evidenciada e elas voltaram a organizar os bailes, desfilar nos carros alegóricos (compondo a maioria dos integrantes desses carros em posições de destaque).

A seguir, veremos como se deu essa transformação da participação das mulheres nas sociedades Esmeralda e Venezianos, tanto na organização, quanto na execução dos festejos carnavalescos, que eram compostos por diversas reuniões desde o início do ano, de bailes, de saraus, de *tea o'clock*, até a chegada do reinado de Momo, quando realizavam o préstito e um grande baile. Sempre que possível, iremos pontuar como as outras sociedades evidenciavam essa organização, visto que também contribuíram para a exaltação da figura feminina.

2.2.1. A participação das mulheres nas sociedades carnavalescas na segunda fase de Esmeralda e Venezianos.

Quando do reaparecimento da Esmeralda, em 1907, o *Correio do Povo* louvava o retorno do carnaval³⁴⁵, que reaparecia com a mesma aparência de antigamente, porém com algumas particularidades. Segundo o jornal, “vinha Ele [o Carnaval], senão com a mesma cara, com o mesmo aspecto de outrora”³⁴⁶. Porém, ao olhar mais detidamente,

³⁴⁵ Lembramos que, como foi explicitado no primeiro capítulo, havia outras formas de comemoração do período carnavalesco. No entanto, para boa parte da imprensa porto-alegrense, se não havia Esmeralda e Venezianos, não havia carnaval.

³⁴⁶ *Correio do Povo*, 17 de fevereiro de 1907.

reparava em “certas minudências”³⁴⁷: “o Carnaval reaparecia sob uma feição acentuadamente feminina”³⁴⁸. Com espanto, observava que “não restava a menor dúvida: era a linda, a grácil Mulher porto-alegrense que fazia o Carnaval. Por isso vinha ele tão garboso, tão gentil e tão *chic*. Por isso tinha sido possível o milagre de sua ressurreição”³⁴⁹.

Que mudanças teriam ocorrido para que o jornal afirmasse que o carnaval vinha com uma “feição acentuadamente feminina”? Era a mulher quem passara a fazer o carnaval? Ao reaparecer, o carnaval vinha com um aspecto feminino, com traços finos e distintos, era chique, gentil e garboso. Este excerto é, para nós, de muita importância, pois ele claramente anuncia uma mudança na forma de se ver a participação das mulheres nesta festa, que, com o retorno das sociedades carnavalescas, passam a ter sua presença glorificada: agora são elas o baluarte da moral e dos bons costumes, da regeneração do carnaval. Passados pouco mais de vinte anos, o carnaval reaparece com uma feição feminina: as mulheres são as líderes da ‘revolução’ que tiraria Porto Alegre da concupiscência em que se encontrava nos dias de folia. Tal discurso já havia sido proferido há trinta anos, como vimos anteriormente, contudo, com outros agentes: eram os heroicos e valentes esmeraldinos e venezianos que tinham tal missão.

Portanto, se, como vimos, a criação das sociedades havia sido um ‘ato heroico’ e demandava atributos masculinos, como a valentia, a coragem e o heroísmo; no ressurgimento das sociedades, as qualidades ressaltadas eram outras: o carnaval reaparecera com feições femininas!!! Era garboso, gentil e possuidor de traços finos. A criação das sociedades fora um ato heroico, protagonizado pelos moços da elite da capital, enquanto que o “milagre da ressurreição” era de responsabilidade da grácil “mulher porto-alegrense”. Entretanto, a despeito dessa ênfase na figura feminina, assim como na primeira fase dessas tradicionais sociedades carnavalescas, a presidência das agremiações era ainda ocupada somente por homens. Do mesmo modo, como vimos no primeiro capítulo, apesar de se afirmar que o “milagre da ressurreição” das sociedades foi uma obra feminina, somente homens participaram das reuniões realizadas para planejar o ressurgimento das referidas agremiações.

Contudo, nesse momento, era em torno das mulheres que se centrava o brilho da festa: das rainhas, das diretoras, das sócias e, até mesmo, das expectadoras. Tanto é que,

³⁴⁷ *Correio do Povo*, 17 de fevereiro de 1907.

³⁴⁸ *Correio do Povo*, 17 de fevereiro de 1907.

³⁴⁹ *Correio do Povo*, 17 de fevereiro de 1907.

como vimos, o jornal *Correio do Povo* afirmava que “era a grácil Mulher porto-alegrense que fazia o carnaval”³⁵⁰. Esta afirmativa é de máxima relevância, pois, apesar dos cargos de maior destaque dentro das sociedades carnavalescas ser ocupados por homens, a execução e o sucesso dos festejos será creditados às mulheres que perfaziam os quadros dessas agremiações. É preciso que se pontue que, na primeira fase, elas já ocupavam cargos de diretoria e faziam parte das comissões organizadoras dos festejos; no entanto, tal participação não era tão evidenciada, nem eram atribuídos a elas os êxitos do carnaval. O jornal *A Federação*, por exemplo, no carnaval de 1914, exaltava “o belo sexo esmeraldino” ao afirmar que “quanto a essa parte só pode falar claro, alto e em bom som, quem fez a distribuição pelos carros alegóricos do préstito e ora recebe as inscrições para as carruagens ornamentadas do corso”³⁵¹. Esse periódico, portanto, ressaltava a atuante participação das mulheres na sociedade Esmeralda, na organização do préstito carnavalesco.

Os Venezianos, logo após sua reorganização em 1906, na reunião em que escolheram a nova diretoria, apresentou a seguinte lista de diretoras: Alice Schmitt, Alice Telles, Celia Torres, Olinda Totta³⁵², Ida Araguão, Júlia Barreto, Judith Duval, Fantina Mariante, Arinda Canteiro, Rosita Ferreira, Lelia Gaudis Ferreira, Olga Kesller, Oxya Itaqui, Elmira Pacheco³⁵³, Regina Barreto Viana, Lavínia Candal, Golleta Coussirat³⁵⁴, Valesca Issler, Othylia Casado, Marília Barreto, Lili Primavera, Zizi Garcia, Brunehilda Fontoura³⁵⁵ e Adília Barreto Viana³⁵⁶.

³⁵⁰ *Correio do Povo*, 17 de fevereiro de 1907.

³⁵¹ *A Federação*, 19 de fevereiro de 1914.

³⁵² Olinda Totta era filha de Augusto Rodrigues Totta e de Emília Ribeiro de Andrade e Silva, irmã do médico e jornalista Mário Totta. MORAES, Adriana dos Santos. *Em novela de 1897, uma imagem da cidade em direção à modernidade. Estrychnina: na Porto Alegre do final do XIX, o moderno se envenena de desejo*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, Porto Alegre, 2006. Seu pai foi membro e segundo secretário do Partenon Literário. Casou-se com Teófilo Borges de Barros. Sobre o Partenon Literário, ver: SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo. *Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: 2008

³⁵³ Rainha da Sociedade Carnavalesca Os Venezianos em 1907. *Jornal do Comércio*, 10 de fevereiro de 1907.

³⁵⁴ Coleta Cuissart era filha de Ladislau Cuissart e Dulce Cuissart. Nasceu em Porto Alegre em 25 de setembro de 1886. Casou-se com Emílio de Moraes Fernandes em 24 de setembro de 1918, era dona de casa e não tiveram filhos. Cf. Inventário de Emílio de Moraes Fernandes, n. 6804, 1954, Porto Alegre, APERS. Seu irmão, “Ladislau Coussirat Araújo, nasceu em 1889, era da turma de 1912 da Escola. Ingressou no quadro docente da instituição no ano seguinte, assumindo, em 1918, como Engenheiro-chefe do Instituto Astronômico e Meteorológico, setor que dirigiria até sua morte, em 1929; de 1925 a 1929, Coussirat Araújo acumularia também a direção do Departamento Central da Escola. Pioneiro da moderna meteorologia brasileira, participou de várias viagens, comissionado pela escola e pelas autoridades brasileiras, de estudo aos Estados Unidos, de onde trazia parte das inovações aplicadas no Instituto. Em 1921-1922, a convite do governo do estado de Minas Gerais, dirigiria os trabalhos de reorganização do serviço meteorológico daquele estado”. HEINZ, Flávio. *Positivistas e republicanos: os*

Nesse ano, as duas sociedades, a fim de anunciar a escolha das mulheres que dirigiriam a organização dos bailes e dos desfiles, fizeram comissões para que fossem percorridas as casas “das jovens aclamadas diretoras, a fim de convidá-las a aceitar a inclusão dos respectivos nomes nas listas organizadas”³⁵⁷. Aceito o cargo, diversas eram as reuniões efetuadas para que se organizassem o festejo. A comissão central diretora das festas da Esmeralda, por exemplo, convocou todas as diretoras a se reunirem na casa de sua rainha, Edith Ribeiro, na Rua Duque de Caxias, número 187, “a fim de tratar de assuntos atinentes ao baile burlesco e de gala a ao passeio”³⁵⁸. De acordo com o jornal *A Federação*, essa reunião “esteve muito concorrida, compareceram muitas diretoras que, por não se acharem na capital ou por impedimento ocasional, não haviam podido estar presente na primeira”³⁵⁹.

Eram, ainda, realizados bailes em homenagem às diretoras, para os quais eram convidadas apenas as famílias dos sócios. A fim de anunciar esses eventos, também havia comissões que percorriam as casas das jovens, como por exemplo, no dia 18 de janeiro de 1907, quando, “às 3 horas da tarde, o Dr. Amaro Vilanova³⁶⁰ e o Sr. Alfredo

professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). *Revista Brasileira de História*, vol. 29, nº 58.

³⁵⁵ Brunehilde Fontoura era filha de Idelfonso Borges Toledo da Fontoura e Etelvina Carvalho. Nasceu em Santa Maria em 16 de novembro de 1891 e faleceu no Rio de Janeiro em 26 de fevereiro de 1969. Poetisa e pintora, casou-se com Waldemar José dos Anjos de Vasconcelos (promotor público, escritor e membro da Academia Sul Riograndense de Letras), em 11 de dezembro de 1918, na Catedral de Porto Alegre. Catedral Livro 14, folha 4, Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre. SIMÕES LOPES, João Filho. A Família Escoto: dos Açores ao Brasil Meridional. *Revista Gentree - Genealogia & História*. Ano I, no. 1, pgs 3-19. Associação Gentree Genealogia & História. São Paulo-SP, 2001. Seu pai foi Coronel da Guarda Nacional, engenheiro geógrafo formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1886, chefe da Secretaria de Obras Públicas do RS em 1898 e de 1904 a 1906, chefe do Serviço de Repressão ao Contrabando do RS em 1899, Coronel Comandante da 26ª Brigada de Infantaria do RS em 1901, chefe do Plano Geral da Viação do RS em 1907, inspetor de 1ª Classe do Telégrafo Nacional em 1908, engenheiro chefe do telégrafo de 1909 a 1913, e inspetor federal das estradas a partir de julho de 1913. Segundo Heinz, estava entre os quatro “professores dos primeiros anos da Escola de Engenharia [que] eram positivistas religiosos e atuaram na administração pública no período. HEINZ, Flávio. Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). *Revista Brasileira de História*, vol. 29, nº 58.

³⁵⁶ *Jornal do Comércio*, 04 de março de 1906. Adília Barreto Viana era filha de Olavo Barreto Viana e Regina Martins Marques, sobrinha de Manuel Teófilo Barreto Viana, que foi presidente da Esmeralda em 1910 e 1911, bem como Regina Marques Barreto Viana, sua irmã, nascida em 03 de fevereiro de 1889. Casou-se em 29 de julho de 1908, com Luiz José Guedes, médico; catedrático de psiquiatria da UFRGS; poeta e professor. Registro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora das Dores, Porto Alegre, Livro 8, folha 54, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

³⁵⁷ *A Federação*, 10 de março de 1906.

³⁵⁸ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1907.

³⁵⁹ *A Federação*, 28 de janeiro de 1907.

³⁶⁰ Neste ano ele também arquitetou e dirigiu a confecção dos carros alegóricos do préstito. *Jornal do Comércio*, 10 de fevereiro de 1907. Amaro de Azambuja Vilanova nasceu no Rio Grande do Sul, no dia 18 de abril de 1879. Fez carreira militar no Exército, e parte de um grupo de jovens oficiais que estagiaram na Alemanha, entre os anos de 1906 e 1912. Segundo Cristina Luna, esse grupo “foi

Torelly, membros da comissão central, visitar[am] as residências das diretoras esmeraldinas, convidando para o baile burlesco”³⁶¹. Durante estas visitas, as comissões também tinham a incumbência de fazer-lhes a entrega dos “belos distintivos esmaltados recebidos de Paris pela Esmeralda e que são a reprodução do respectivo estandarte”³⁶². Estes distintivos eram um belo sinal de distinção destes carnavalescos. Como abordamos no primeiro capítulo, o renascimento de Esmeralda e Venezianos atendeu a uma demanda de desencanto por parte de parcela da população que estava desiludida com os festejos que existiam naquele raiar do século XX. Eram comemorações de parcelas da população que não pertenciam às elites da capital. Ter um distintivo produzido em Paris era uma forma de se distanciar e marcar sua situação de “elevação” do restante da massa porto-alegrense, que neste modelo de festa, deveria apenas assistilos. O distintivo virava um sinal de distinção daqueles que o exibiam, eram como signos distintivos, do qual nos falava Bourdieu.

O jornal *A Federação*, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR)³⁶³, publicou, a pedido da diretoria da Esmeralda, uma nota anunciando a reunião desta

fortemente influenciado pela cultura, pela organização social e, principalmente, pela organização militar alemã”. Lutaram pela profissionalização dos militares e do aparelhamento do Exército, criando a “revista A Defesa Nacional, cujo formato inspirava-se na *Militär Wochenblatt*, de Berlim”. De acordo com a autora, essa revista, lançada em outubro de 1913, “se tornou o mais importante meio de divulgação das ideias dos oficiais reformadores, que se engajaram na defesa da ampliação do ensino militar nos estabelecimentos escolares de nível secundário e superior, na campanha pela modernização do Exército, principalmente a partir da vinda de uma missão militar alemã ao Brasil, e na luta para pôr em prática a lei que determinava o serviço militar obrigatório e o recrutamento militar através de sorteio (promulgada em 1908, mas inaplicada até 1916)”. LUNA, Cristina Monteiro de Andrada. Os “jovens turcos” no processo de desenvolvimento do Exército e da nação. ANPUH – Anais do XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo, 2007, p. 02. Amaro também foi comandante da 7ª Região Militar, sediada no Recife, conspirou contra o governador Carlos de Lima Cavalcanti, colaborando para a sua deposição. Foi designado interventor federal de Pernambuco, em 10 de novembro de 1937, passando o cargo a Agamenon Magalhães, no mês seguinte. Comandou a 7ª Brigada de Infantaria, a Infantaria Divisionária e a Artilharia Divisória da 7ª RM, todas sediadas no Recife, amigo íntimo de Getúlio Vargas. CAMARGO, Aspásia. et al. *O golpe silencioso: as origens da república corporativa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989, p.222.

³⁶¹ *A Federação*, 18 de janeiro de 1907.

³⁶² *A Federação*, 19 de janeiro de 1907.

³⁶³ O jornal *A Federação* foi “fundado por Júlio de Castilhos para ser o baluarte de vitória e de manutenção do poder do Partido Republicano Rio-grandense, é de 1º de janeiro de 1884, depois de cuidadosamente planejado, já que experiências anteriores haviam fracassado. Durará até 1937, quando é extinto por ato censório, ainda que já se encontrasse em decadência desde após a Revolução de 1930. HOHLFELDT, A.; RAUSCH, F. *A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937: Discussão sobre critérios para uma periodização*. NP de Jornalismo, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de Brasília, Distrito Federal. A imprensa republicana já tivera antecedentes, no Rio Grande do Sul, com os jornais *A democracia* (1872-1874 ou 1875), *A reação* (1878), *A imprensa* (1880-1882) e *A convenção* (1883-1884), segundo RÜDIGER, Francisco Ricardo. *A Federação e o processo político-ideológico rio-grandense (1884-1937)*. In: *Comunicação & Cultura*, Porto Alegre, Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1984, nº 1, ps. 12 a 21.

respectiva sociedade. Neste anúncio, “para governo das interessantes diretoras”³⁶⁴, informava que “interessam-se vivamente pelo bom êxito desse *rendez-vous* as comissões diretoras daquelas festas cujo maior esplendor consiste justamente na graciosa colaboração das gentis senhoritas esmeraldinas”³⁶⁵. O periódico creditava o sucesso dos desfiles e dos bailes da sociedade, enfim, do carnaval da Esmeralda, à participação e cooperação das moças que compunham esta associação, de tal forma que, era necessário que seus encontros, para a organização da festa, tivessem total sucesso. Crédito esse que não era dado somente pelo jornal, como também pela própria sociedade:

Logo após a entrada da rainha, acolhida entre palmas e aclamações, tomou a palavra o secretario da Esmeralda, nosso amigo Benjamim Flores que, agradecendo a graciosa assistência das diretoras, elucidou-as sobre os fins da reunião, afirmando-lhes que, constituindo elas o supremo encanto da sociedade, do interesse e esforço delas, dependia o brilho do festival esmeraldino no próximo carnaval³⁶⁶.

O secretário da Esmeralda, Benjamim Flores, cujo discurso foi descrito pelo *A Federação*, também afirmava serem as mulheres a maior atração da respectiva sociedade e que delas dependia o carnaval esmeraldino. Vemos, assim que, nessa nova fase das sociedades, o “belo sexo” passara a ocupar uma posição destacada de centralidade: organizava os préstimos, punha os carros alegóricos nas ruas e preparava os bailes. Mantinha-se o “belo sexo esmeraldino”, “sempre na vanguarda desse soberbo movimento”³⁶⁷, como ressaltava o jornal *A Federação*.

Do mesmo modo, a Venezianos também promovia reuniões de diretoras a fim de “tomarem deliberações definitivas sobre os próximos festejos carnavalescos”³⁶⁸. Como exemplo citamos o encontro, realizado no Clube Caixeiral, em janeiro de 1910, que além das diretoras também participou a soberana veneziana que “foi recebida com estrepitosa salva de palmas pelos membros da diretoria, gentis diretoras e pelo valente grupo do Zé Pereira”³⁶⁹. A reunião terminou em festa, com as danças prolongando-se até às 11 horas. As “gentis diretoras da Esmeralda”³⁷⁰ também haviam convocado uma

³⁶⁴ *A Federação*, 09 de fevereiro de 1909.

³⁶⁵ *A Federação*, 09 de fevereiro de 1909.

³⁶⁶ *A Federação*, 11 de fevereiro de 1909.

³⁶⁷ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1914.

³⁶⁸ *A Federação*, 24 de janeiro de 1910.

³⁶⁹ *A Federação*, 24 de janeiro de 1910.

³⁷⁰ *A Federação*, 24 de janeiro de 1910.

reunião “para simples disreter sobre assuntos relativos ao próximo carnaval”³⁷¹, contudo, segundo o jornal *A Federação*, este encontro, acabou assumindo “proporções de animadíssimo baile pela extraordinária assistência de esmeraldinas e de moços do nosso escol”³⁷².

A presença das mulheres passou mesmo a ser significativa. Ao que tudo indica, eram elas que faziam o carnaval acontecer. Várias são as vezes em que se menciona sua participação não só nas festas, mas como promotoras delas, como por exemplo, na transcrição abaixo:

Três dias de risos, de loucuras, de pilherias, de galhofas: depois, o arrastar contínuo do fardo da existência, com todos os seus espinhos. Como a capital da Republica, Porto Alegre rende ao carnaval um culto todo especial, incluindo a parte mais seleta da nossa sociedade, como o demonstra o entusiasmo com que o belo sexo concorre aos bailes das sociedades e aos préstitos que elas põem na rua todos os anos³⁷³.

Carnaval era dia de loucura, pilherias e galhofas, para depois se retornar a vida ordinária, repleta de carga e espinhos, segundo o articulista do *A Federação*³⁷⁴. Tal momento extraordinário era promovido pelas mulheres, pois eram elas que colocavam os carros das sociedades nas ruas. Note-se que Porto Alegre rendia um culto todo especial ao carnaval, culto que incluía a parte mais seleta da sociedade, o que nos remete ao capítulo anterior, quando afirmamos que a imprensa da capital criticava os festejos promovidos no período da falência das sociedades, acusando-os de serem rudes em função da participação das classes populares.

³⁷¹ *A Federação*, 24 de janeiro de 1910.

³⁷² *A Federação*, 27 de janeiro de 1910.

³⁷³ *A Federação*, 24 de fevereiro de 1914.

³⁷⁴ De acordo com Bakhtin, “a festa é isenta de todo sentido utilitário (é um repouso, uma trégua, etc.). É a festa que, libertando de todo o utilitarismo, de toda finalidade prática, fornece o meio de entrar temporariamente num universo utópico”. BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 4. Assim, os ritos e espetáculos, como os festejos populares “ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas”. BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 4. Segundo Ricardo de Souza, “a festa instala-se, portanto, a partir de um momento de ruptura em relação a um universo pautado pela obediência aos superiores e pela necessidade de sobrevivência, e é precisamente o fato de configurar-se como ruptura que a justifica, mas tal ruptura é, ela própria normatizada, e compreendermos como a ruptura se dá e quais normas a regem é fundamental para compreendermos o próprio cotidiano a partir do qual ela se define”. SOUZA, Ricardo Luiz de. Festa e cultura popular: A ruptura e a norma. *Revista ANTHROPOLOGICAS*, ano 9, volume 16(2): 99-132 (2005), p. 102.

Toda esta preparação e organização, da qual as mulheres participavam ativamente, era por si só uma própria festa (muitas reuniões das diretoras terminavam em bailes com a presença do Zé Pereira). Contudo, seu objetivo era preparar tudo para os quatro dias de folia, no qual haveria o curso carnavalesco e seus bailes de gala e burlesco. Desse modo, podemos afirmar que o ponto máximo de comemoração do carnaval era o préstito realizado pelas sociedades carnavalescas. Normalmente, o desfile saía do Parque ou Velódromo (atual Parque Farroupilha ou da Redenção). E para lá retornava ao findar do desfile. Após, os membros das sociedades dirigiam-se para o local em que ocorreria o baile de gala. Em 1907, por exemplo, a Esmeralda “saindo do quadrilátero defronte ao Parque”³⁷⁵, percorreria as seguintes ruas: Duque de Caxias, Marechal Floriano, Voluntários da Pátria, Dr. Flores, Andradas até o Arsenal³⁷⁶. Voltaria pela Andradas, passando pela Dr. Flores, Voluntários da Pátria, Marechal Floriano, Riachuelo até o ponto de partida³⁷⁷. Após iriam se reunir na Germânia para o baile de gala³⁷⁸.

Esse evento era narrado e descrito detalhadamente pela imprensa de Porto Alegre. Nessas descrições dos cursos realizados pelas sociedades, podemos perceber que os carros de maior destaque eram sempre conduzidos por mulheres e que as vestes utilizadas por elas são frequentemente bem caracterizadas, salientando-se o luxo e a beleza com que se apresentavam. No ano de 1907, quando da realização do primeiro desfile após o retorno das antigas sociedades, isto fica evidente. Na terça-feira de carnaval, os Venezianos – que decidiram apresentar seu curso tardiamente – abriram seu desfile com os Srs. Luiz Souza Lobo, Jaime de Figueiredo e Henrique Alves de Araújo. Em seguida, três clarins, a banda musical da Escola de Guerra, fantasiada, e um esquadrão de quarenta lanceiros, trajando garibaldinos. Após esta abertura, composta pelos homens da sociedade, vinham oito carros, “com boas ornamentações” e que “tomavam salientes lugares” as senhoritas a seguir:

No 1º: Isaura e Antonieta Magalhães, vestindo aquele riquíssimo traje de cigana e esta exibindo elegante costume de parasita; no 2º Palmira Alves, trajava de bailarina espanhola; no 3º Leonor Simes, vestia bem confeccionado traje de jardineira e Alaide Wildt, que exibia riquíssimo

³⁷⁵ *Jornal do Comércio*, 10 de fevereiro de 1907.

³⁷⁶ As primeiras manifestações urbanas ocorreram na Praia do Arsenal, conhecida como Ponta da Cadeia, com a construção dos primeiros prédios públicos: Casa da Câmara do Governador, Cadeia e Forca, esta última fronteira ao desembarcadouro. FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. 2º edição. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 1992.

³⁷⁷ *Jornal do Comércio*, 10 de fevereiro de 1907.

³⁷⁸ *Jornal do Comércio*, 10 de fevereiro de 1907.

costume rosa; no 4º Odilia e Gonçalina Guey³⁷⁹, que vestiam de cigana, duas meninas de pierrô e o menino Nemésio Guey, também trajando a clown; no 5º Leonor Monteiro e Lelia Gandis Ferreira, aquela representava a fada das flores e esta a folia, tendo a cabeça um gorro frígio; no 6º Mathilde Mazon e Orlandina Gaudis Ferreira, esta trajando de fada da felicidade e aquela de paz, tendo a mão direita o estandarte branco, sendo que neste carro ia também um jovem ‘pierrô’; no 7º Georgina Soares, que vestia costume de cigana; no 8º Leontina Menezes e Maria Lília Viana, ambas trajavam de borboleta azul³⁸⁰.

Esses carros não eram os alegóricos. Eram carros que, ornamentados, compunham os desfiles. Podemos perceber que em cada um deles há a presença de uma a duas mulheres, trajando distintas fantasias: bailarina espanhola, jardineira, cigana, fada das flores, folia, fada da felicidade, paz, borboleta azul. Com exceção do menino que trajava *clown* e outro pierrô, todos os demais integrantes desses oito carros eram mulheres. Já no nono carro, “iam os Srs. Albano Issler, que trajava fato a Luiz XV e Júlio Wildt, que vestia a príncipe espanhol”³⁸¹. No décimo, vinha a diretoria da Esmeralda e, no décimo primeiro, dois meninos, filhos de José Joaquim de Vargas, seguidos do presidente, tesoureiro e secretário da associação. Após, “seguia-se uma extensa fila de carros, conduzindo sócios e suas famílias”³⁸².

Entre os carros alegóricos a Esmeralda apresentou três: o fundo do mar, o da rainha e o deserto do Saara. Desses três carros alegóricos que desfilaram, dois eram conduzidos por mulheres: o primeiro, que representava o fundo do mar, vinha à frente a senhorita Alzira Prestes, “que trajava riquíssima toilette azul, com adereços dourados”³⁸³; o segundo, o da rainha, era “uma gôndola sob cuja proa sobressaia um cisne”³⁸⁴. No terceiro, o deserto do Saara, vinha um elefante, com um lugar para uma criança, mas sem presença alguma. Vemos, assim, que, nesse desfile da Venezianas, a presença das mulheres era, realmente, mais destacada.

³⁷⁹ Odila Gay da Fonseca foi moradora do bairro Ipanema e responsável por inúmeros trabalhos sociais e comunitários. Quando houve o loteamento desta área por Juca Batista ele teria sido a responsável por convencê-lo a reservar um espaço para uma escola. Posteriormente, a escola ali aberta, chamada Ginásio de Ipanema, foi nomeada Odila Gay da Fonseca. MACHADO, Janete da Rocha. *Bairro Ipanema. O Antigo e o Novo na paisagem da Zona Sul de Porto Alegre*. Trabalho de Conclusão de Curso, PUCRS, 2008, p. 8 e 9. Casou-se com João Pereira da Fonseca. FONSECA, Fernando Gay da. *Retratos*. Canoas, Ulbra, 2003.

³⁸⁰ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

³⁸¹ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

³⁸² *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

³⁸³ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

³⁸⁴ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

Já a Esmeralda havia desfilado no Domingo de carnaval. A chuva que caía na cidade quase chegou a atrapalhar a festa, contudo, “a temperatura foi declinando tenuemente, até o tempo pareceu querer firmar-se e a satisfação começou a atuar sobremaneira entre o público que ávido de ver desfilar os préstitos burlescos, começava a afluir a Rua da Praia”³⁸⁵. E, do mesmo modo que a Venezianos, a Esmeralda em seu curso, também apresentou os principais carros alegóricos conduzidos por mulheres: o da Rainha, o da Imprensa e o do canhão russo nipônico³⁸⁶.

[...] um alteroso carro, onde se divisava um cisne, sob cujo reflexo de asas brancas aparecia uma linda jovem como se estivesse declamando unissonamente – eu sou a Imprensa; suas vestes níveas tinham como adereço os cabeços das folhas locais.

[...] Um elegante veiculo alegórico, a Rússia-Japão, representando alteroso castelo, de cuja artilharia saiam confetes. As senhoritas Ondina Gomes e Arlinda Canteiro representavam estas duas nações³⁸⁷.

De acordo com o *Jornal do Comércio*, nem Esmeralda, nem Venezianos teriam ganhado o carnaval desse ano, tendo a vitória sido alcançada pelo Cara Duras. De qualquer forma, a disputa entre Esmeralda e essa agremiação parece ter sido parelha, tendo os esmeraldinos apresentado “duas coisas notáveis: o esquadrão e o carro da rainha”³⁸⁸. Podemos perceber, dessa forma, que as mulheres participavam não só em maior quantidade dos desfiles, mas também ocupando os lugares de maior destaque e sendo os seus carros alegóricos mais bem elaborados.

Além disso, elas são exaltadas por seu entusiasmo aguerrido, por não se deixarem abater pelos problemas que aparecem, nem mesmo com o mau tempo. O secretário da Esmeralda, Benjamim Flores, considerado o cônsul de Momo, “espírito em ação do velho deus da folia”³⁸⁹, nesse ano de 1907, “salientava agradecido a coragem destemida com que se portaram as esmeraldinas no préstito de domingo, pois

³⁸⁵ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

³⁸⁶ Em 1904 e 1905 houve uma guerra entre estas duas nações, pela disputa dos territórios da Coreia e da Manchúria. “Com navios menores, mas com grande mobilidade e poder de fogo muito superior aos pesados e antigos navios russos, a Marinha japonesa impôs uma derrota humilhante ao inimigo. Esta guerra marcou o reconhecimento do Japão como potência imperialista, pelas diversas nações da Europa, enquanto a derrota russa, por sua vez, patenteou a fraqueza do regime czarista e iniciou a sua queda, concretizada na Revolução de 1917. A guerra também foi conhecida como a primeira maior guerra do século XX”. Olender, Piotr. *Guerra Naval Russo-Japonesa (1904-1905)*. Vol. 2. Polônia: Stratus S. C., 2010.

³⁸⁷ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

³⁸⁸ *Jornal do Comércio*, 14 de fevereiro de 1907.

³⁸⁹ *Jornal do Comércio*, 03 de fevereiro de 1907.

que não temeram as intempéries do tempo chuvoso, dando assim uma sábia prova do que é esta obra prima da natureza que se chama – mulher”³⁹⁰.

Já evidenciamos que a descrição das roupas e das fantasias utilizadas pelos foliões era algo recorrente. As notas sobre os festejos carnavalescos procuravam sempre descrever quem era e como estava vestido aquele que participava das festas. No ano de 1914, por exemplo, os Venezianos não apresentaram seu préstito, apenas um passeio pelas ruas da cidade, que antecedia ao baile burlesco. Esse, no entanto, foi amplamente noticiado. Ele ocorreria no salão do Clube Caixeiral, onde as salas tiveram “ornamentação chique, sendo iluminadas feericamente. Inúmeras e custosas serão as fantasias que se apresentarão, devendo ser proporcionada aos presentes várias surpresas”³⁹¹. Havia, assim, os mais variados tipos de fantasias, entre os quais o jornal *A Federação* destacou: de senhoritas, mexicanas, ciganas, contrabandistas, salteadoras, piratas, vivandeiros, cardeais, gueixas; entre os cavalheiros, grumetes, salteadores, contrabandistas, piratas, pierrots, clowns³⁹².

Entre as fantasias destacadas, percebemos que há tipos de fantasias que eram utilizadas por ambos os sexos (salteadores, contrabandistas e piratas), enquanto *clowns* e pierrots eram especificamente masculinos e mexicanas, ciganas, vivandeiros, cardeais e gueixas designadamente femininas. O palco carnavalesco é, por princípio, um lugar no qual as pessoas se permitem liberar suas fantasias nas fantasias. É quando podem libertar seus desejos e necessidades sem terem de passar por algum tipo de censura, seja moral, social ou religiosa. Desta forma, vimos que fantasias que simbolizavam o ilícito e/ou contraventor vão permear o universo tanto de homens, quanto de mulheres, como as de pirata, contrabandistas e salteadores. Entre as mulheres vemos, também, que personagens “exóticas”, distantes dos papéis vivenciados por elas em suas vidas reais, são as escolhidas: como as gueixas, as ciganas e as mexicanas.

Segundo Marcos Bueno,

a fantasia é o arquétipo da psicologia profunda, onde dá formas aparentemente absurdas ou incompreensíveis para satisfazer os desejos. O mundo interno do homem é um mundo rico em fantasias e desejos. As antigas tradições sapienciais sempre representaram o mundo interno do ser humano através da dança, dos cultos sagrados, das pinturas, da escrita, das

³⁹⁰ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1907.

³⁹¹ *A Federação*, 11 de fevereiro de 1914.

³⁹² *A Federação*, 22 de fevereiro de 1914.

iniciações espirituais, enfim das mais diversas manifestações culturais. As fantasias estão no campo simbólico³⁹³.

Pelo olhar de Bueno, julgamos pertinente formular a hipótese de que, ao escolher determinada personagem para se fantasiarem, as mulheres estavam a evidenciar seus anseios e desejos e vivenciá-los, pelo menos nestes dias dedicados a Momo. É uma forma que encontramos para entender essas evidências sobre faces femininas silenciadas até então.

Mas não eram só as mulheres que compunham as sociedades carnavalescas, como Esmeralda e Venezianos, que passaram a ser exaltadas. Aquelas que não participavam dos desfiles e ficavam a assistir o passeio também eram elogiadas. Muitas ocupavam “as sacadas dos sobrados, as portas de algumas casas comerciais, tudo quanto podia oferecer um lugar donde se pudesse lóbrigar a rua, estava apinhado, dando o belo sexo a nota da elegância, do luxo e do bom gosto”³⁹⁴. A concorrência para assistir aos cursos das sociedades era grande e, de acordo com o periódico *A Federação*, apesar da aglomeração, as mulheres davam o ar da “elegância, do luxo e do bom gosto”³⁹⁵, denotando que a participação do feminino era considerada e importante sinal de destaque não só na exibição, como também na observação e admiração do préstito carnavalesco, sendo a elas direcionados todos os tipos de elogios.

Até o momento, temos demonstrado a participação das mulheres nos festejos promovidos por Esmeralda e Venezianos. Vimos que elas organizam desfiles e bailes, participam intensamente dos preparativos para o carnaval e dos festejos carnavalescos. Apresentam-se em posição de destaque nos cursos e são sempre evidenciadas em suas atividades. Apesar de, na primeira fase dessas agremiações, elas já terem conquistado esse espaço (lembrando que quando surgem, Esmeralda e Venezianos procuram dar um novo lugar e novas condições para as mulheres no carnaval, relegando a elas uma posição de passividade, de espectadora das festas e dos desfiles promovidos por esmeraldinos e venezianos), e aparecerem nas listas de diretoras, organizando préstitos e bailes, essa participação não era tão evidenciada, nem tão elogiada.

A principal mudança verificada no carnaval durante essa segunda fase das tradicionais sociedades carnavalescas no que tange à participação feminina, portanto, é

³⁹³ BUENO, Marcos. Por que no carnaval as pessoas soltam as fantasias nas fantasias? *IGT na Rede*. Vol. 2, n.2, 2005.

³⁹⁴ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1909.

³⁹⁵ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1909.

que essas mulheres passam a estar em evidência: os créditos e o sucesso do carnaval são atribuídos a elas, não mais porque atiram flores aos rapazes que desfilam, demonstrando sua aprovação à festa; mas sendo as responsáveis por organizá-lo, o “milagre” da ressurreição foi creditado às mulheres.

Não só o êxito dos festejos carnavalescos passa a ser atribuído à participação feminina, como elas passam a representar as próprias sociedades. Na citação abaixo, referente ao brinde que o presidente da co-irmã Venezianos fez para essa sociedade, durante seu baile, em 1911, podemos observar essa afirmação:

Entra uma comissão dos Venezianos, tendo a frente o seu presidente, nosso amigo coronel Afonso Emílio Massot, entrou no salão e ofereceu à rainha esmeraldina um riquíssimo ramallete, fazendo nessa ocasião um brinde muito amável à Esmeralda, sintetizado na sua rainha e no belo sexo³⁹⁶.

Devemos lembrar que, como vimos no capítulo anterior, nessa segunda fase, a relação entre as duas sociedades tornara-se mais amigável e cordial. O brinde feito à Esmeralda por Emílio Massot, presidente veneziano, louvava o belo sexo e as figuras femininas: elas representavam a própria sociedade, diferentemente do que antes ocorria, quando todos os adjetivos referentes ao carnaval eram usados no masculino e contribuía para o reforço da masculinidade.

Outro momento de exaltação das mulheres era durante os passeios das sociedades, quando eram distribuídos versos para a população. A temática de muitos deles era o enaltecimento do sexo feminino. As rainhas das sociedades carnavalescas, principalmente, eram os alvos destas glorificações, como veremos adiante. O Clube Cara Duras, composto exclusivamente por homens, estudantes do Colégio Militar, no carnaval de 1907, por exemplo, durante seu desfile, distribuiu versos às pessoas que assistiam seu préstito, em “homenagem ao belo sexo”³⁹⁷. Vejamos:

A Mulher
Astro que mesmo a luz do sol esplende,
Vai a mulher – a filha de Solyma –
Só, dos serris mais íngremes da rima,
Laura, chegando ao alto do que ascende.

Palida Beatriz que amor entende
Extraordinária e olímpica Dyotima
Sempre lívida Ofelia, ela reanima
Um estro e o coração de quem a entende.

³⁹⁶ *A Federação*, 07 de março de 1911.

³⁹⁷ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

Misto de Joana D'Arc e Julieta
Rosa pulcra do céu, meiga violeta
Honra seja-te, pois, Ísis formosa!

Mirra e aloés queimando a tua imagem
Um preto, uma fumaça perfumosa,
Nos rendemos a ti nesta homenagem³⁹⁸

Nessa homenagem, o Clube Cara Duras utiliza-se de personagens literários, históricos e mitológicos a fim de fazer seu tributo às mulheres, comparando-as a luz do sol e a formosas rosas do céu.

Personagens mitológicos como Ísis, deusa egípcia, cultuada como modelo da mãe e da esposa ideais, protetora da natureza e da magia; ou como a filósofa grega Diotima de Mantinea, que teve importante papel na obra *Banquete*, de Platão, no qual ele apresenta discursos sobre a natureza e as qualidades do amor. Personagens literários como Beatriz ou Beatrice Portinari, que teria sido musa inspiradora de Dante Alighieri, poeta italiano, que em função da paixão que por ela sentira fez o tema Amor aparecer em sua obra *Dolce Still Nuovo*, transmitindo o tema para toda poesia lírica italiana, bem como Laura, fora a musa de outro poeta italiano, Petrarca.

Já Ofélia e Julieta, personagens do escrito inglês William Shakespeare, uma da obra *Hamlet* e a outra de *Romeu e Julieta*, ambas sofrendo por problemas amorosos. E personagens históricos, como Joana D'Arc, a santa padroeira da França, que destacou-se na Guerra de Cem Anos e fora queimada viva em 1431. Utilizando-se de exemplos de mulheres, grande parte delas associadas ao conceito ou a modelos de amor.

Outra questão importante sobre o Clube Cara Duras é que, como não havia mulheres em seus quadros, o papel de rainha da sociedade era feito por um rapaz. Vejamos:

Salientava-se entre o curso o alteroso trono da rainha, que representava um dragão, guarnecida de adereços riquíssimos.
A suposta deusa vestia toilette branca com adereços dourados.
O endiabrado rapaz, com seu porte doinaroso e cabelos castanhos, estava como uma verdadeira senhorita...³⁹⁹

A ausência de mulheres nos quadros do clube Cara Duras motivou os seus componentes a representá-las a seu modo. Aqui, o rapaz, com vestes brancas e adereços dourados, vinha em um trono que concebia um dragão, embora estivesse ornado com

³⁹⁸ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

³⁹⁹ *Jornal do Comercio*, 12 de fevereiro de 1907.

riquíssimos adereços. O tom jocoso permeava essa apresentação dos Caras Duras, só mesmo um dragão para carregar a suposta deusa⁴⁰⁰.

Segundo Ferreira, desde o Egito Antigo já havia a prática de em desfiles homens se vestirem de mulheres. Diz a lenda que “uma numerosa multidão enchia as ruas da cidade desde o início da manhã para assistir ou participar da procissão em honra à deusa. A comemoração era aberta por pessoas com disfarces variados como os de soldado, caçador, gladiador, magistrado, filósofo ou mesmo homens travestidos travestidos de mulheres”⁴⁰¹. Tal prática se constata até hoje nos carnavais de diversas cidades brasileiras, tendo blocos exclusivos de homens que se vestem de mulheres, como por exemplo: As Virgens de Tambaú, em João Pessoa; o Bloco das Mimosas, em Minas Gerais; A Bandida, no Maranhão; Bloco das Piranhas, no Mato Grosso do Sul; As Virgens de Olinda, em Pernambuco⁴⁰². Para Benjamin, que em seu trabalho discute as imitações femininas nos festejos de Pernambuco,

o homem se vestir de mulher tem várias conotações, a mais recorrente e, ao mesmo tempo, a mais inadequada é a que sugere a homossexualidade, ridicularizando-a. Mas há outros folguedos em que a figura do travesti comparece, na maioria dos casos porque, nas suas origens e por muito tempo, a mulher não participava do folguedo. Ela era substituída por homens caracterizados por mulheres⁴⁰³.

Em Porto Alegre, essa troca de papéis ocorreu muito fortemente nos carnavais das décadas de 30 e 40. Havia os blocos de críticas. Diversos deles eram compostos exclusivamente por homens e tinham o costume de se travestirem. Segundo Marcus Freitas da Rosa, “travestidos, jecas e fazedores de crítica eram figuras burlescas que constituíam uma tradição entre os blocos humorísticos da cidade”⁴⁰⁴. Tal prática chegou a gerar problemas no carnaval da cidade. No ano de 1948, homens vestidos de mulheres sofreram repressão por parte da polícia e foram detidos; dois anos após, um certo capitão Da Matta sugeriria o reavivamento dos carnavais passados; “para isso o essencial é o seguinte: abandonar a ideia de que para nos divertirmos, devemos nos

⁴⁰⁰ O cordão Chove e não Molha também tinha a rainha representada por um homem. No seu desfile do carnaval de 1909, após um grupo de batedores que abriam o préstito “seguiam-se à rainha, um marmanjo ricamente vestido de branco e encarachado sobre um a mula magra como a necessidade”. *A Federação*, 25 de janeiro de 1909.

⁴⁰¹ FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p.19.

⁴⁰² GADINI, Sérgio Luiz. Representações femininas a partir de grupos masculinos no carnaval brasileiro. *Diásporas, Diversidades, deslocamentos. Fazendo Gênero 9*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010, p.09.

⁴⁰³ BENJAMIN, Roberto. *Folguedos e danças de Pernambuco*. Recife: Fundação da Cultura Cidade do Recife, 1989.

⁴⁰⁴ ROSA, M. V. Op. Cit., p. 45.

travestirmos de mulher”⁴⁰⁵. Essa prática era vista como perigosa e “gente como estas estariam estragando o carnaval, pois usar roupas femininas não era compatível com diversão”⁴⁰⁶. Contudo, os “travestidos eram apenas mais uma forma de manifestação dos blocos humorísticos”⁴⁰⁷ que tinham como objetivo principal “provocar o riso dos foliões nas ruas”⁴⁰⁸.

Tal incômodo não foi presenciado nas festas do início do século, quando os jovens do Cara Duras representaram a rainha de sua sociedade com um rapaz vestido de mulher. Pelo contrário, nas descrições dos jornais, se percebe que essa prática era encarada com um tom jocoso. Contudo, esses grupos, em suas performances, muitas vezes acionavam recursos do grotesco, da ironia e do exagero, produzindo representações de mulheres que “traduzem estereótipos de gênero”⁴⁰⁹. Representações de freiras, virgens e prostitutas estão entre as imagens das mulheres no carnaval, e “projetam elementos presentes no imaginário social que ridicularizam os ‘papéis sociais’ atribuídos às mulheres”⁴¹⁰. Interessante é que esses elementos presentes no carnaval atual, que oscilam entre a santa e a pecadora já se faziam sentir nos carnavais passados de Porto Alegre e demonstravam as relações de poder existentes na festa, como estamos procurando demonstrar com este trabalho.

Vimos, assim, o quanto as mulheres passaram a ser exaltadas nesse renascimento de Esmeralda e Venezianos: elas estavam presentes nas organizações dos festejos, recebiam diversos elogios por sua participação, até mesmo como espectadoras. Entretanto, nenhuma outra mulher era mais louvada do que a rainha das sociedades carnavalescas, sendo representada até mesmo entre grupos masculinos, como no caso do Clube Cara Duras. Podemos dizer que era ela a figura central do carnaval porto-alegrense.

2.2.2. A Porto Alegre de Clotilde de Vaux

O que teria provocado, contudo, essa mudança no discurso tanto da imprensa, quanto das próprias sociedades carnavalescas, que passara a exaltar a ativa participação

⁴⁰⁵ *Correio do Povo*, 07 de fevereiro de 1950. Apud: ROSA, M. V. Op. Cit., p. 45.

⁴⁰⁶ *Correio do Povo*, 07 de fevereiro de 1950. Apud: ROSA, M. V. Op. Cit., p. 45.

⁴⁰⁷ ROSA, M. V. Op. Cit., p. 49.

⁴⁰⁸ ROSA, M. V. Op. Cit., p. 49.

⁴⁰⁹ GADINI, S. L. Op. Cit., p. 09.

⁴¹⁰ GADINI, S. L. Op. Cit., p.9.

feminina, atribuindo-lhes o reerguimento e a nova feição do carnaval? Quais seriam as razões para essa glorificação das mulheres nessa nova fase dessas agremiações? Mulheres que antes eram descaracterizadas por se entregarem ardorosamente à festa passaram a ser enaltecidas por isto? Por que as mulheres passaram de Evas a Marias? Devemos considerar que o ressurgimento das tradicionais sociedades carnavalescas se dá em um momento posterior à implementação do regime republicano no país – trazendo consigo um conjunto de mudanças significativas e, em nosso estado, a ascensão de um partido político ideologicamente orientado pelo comtismo-castilhismo. Essas transformações nas estruturas políticas e ideológicas no estado poderiam ter exercido alguma influência nessa mudança?

Em 1906, ano do renascimento de Esmeralda e Venezianos, Porto Alegre era governada por José Montauray, já em seu terceiro mandato. Homem de confiança de Júlio de Castilhos estava no comando da cidade desde 1897, sendo substituído por Otávio Rocha somente em 1924⁴¹¹. Como capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre “gozava de uma importância singular pelo papel desempenhado na consolidação da hegemonia do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR)”⁴¹². Desta forma, era necessário que o seu Intendente “fosse pessoa do Partido, gozando das simpatias e das confianças do Presidente do Estado e de grande parte dos correligionários”⁴¹³. E assim o era Montauray: indicado por Castilhos em 1896 e eleito no mesmo ano, ele assume o governo de Porto Alegre em 1897, permanecendo por 27 anos. Nascido no Rio de Janeiro, em 1858, “formou-se engenheiro pela Escola Politécnica, onde recebeu grande influência da filosofia positivista”⁴¹⁴ e ele não se cansava de confirmar em seus discursos sua subordinação ao PRR, à Júlio de Castilhos, bem como a Borges de Medeiros, posteriormente. Vejamos sua fala no relatório de orçamento para o exercício de 1905, que fora apresentado ao Conselho Municipal:

Suprindo pela lealdade e pelos esforços o que me faltava em competência, procurei corresponder a confiança que me havia sido dispensada; e graças á coadjuvação patriótica do Conselho Municipal, à colaboração dos meus companheiros de trabalho e auxílio da generosa população, o Benemérito Dr. Júlio de Castilhos, findo o mandato, renovou a imerecida distinção que me

⁴¹¹ FRANCO, Sérgio da Costa. *Guia Histórico de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2006.

⁴¹² BAKOS, Margaret. *Porto Alegre e seus Eternos Intendentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p.13.

⁴¹³ *Ibid.*, p.13.

⁴¹⁴ *Ibid.*, p.48

conferira, julgando necessária a continuidade no cargo, indicando-me para o quadriênio que hoje finda⁴¹⁵.

Quando se dá o ressurgimento destas agremiações, Porto Alegre estava politicamente identificada com os ideais positivistas de governo, moldados pelo PRR, pois como afirma Bakos “é fato notório a grande influência da filosofia de Comte na formação do Partido Republicano Rio-grandense, quando o movimento positivista revestiu-se de cunho político e pragmático”⁴¹⁶. Segundo a autora, “encontramos no Rio Grande do Sul, na prática política dos administradores do estado, um empenho extraordinário em governar a partir dos princípios desenvolvidos por Augusto Comte”⁴¹⁷. E Porto Alegre era apontada à época, como “*a sala de visitas do Rio Grande do Sul*”⁴¹⁸, o que levou, por um lado, a modernizar e tornar aprazível a vivência na cidade e, por outro, a manter no governo pessoas da mais absoluta confiança do Partido Republicano Rio-grandense dispostas a encampar e a executar tais objetivos”, tornando-se “o reduto mais importante das forças coercitivas e de cooptação que sustentam a hegemonia do Partido Republicano Rio-Grandense”⁴¹⁹. Até que ponto isto se fez sentir no carnaval? Devemos lembrar que, como vimos na introdução desta tese, “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder”⁴²⁰

Trata-se, todavia, de um positivismo que teve apropriado apenas uma parte de seu conjunto, seu espírito cientificista e – embora em muito menor proporção – sua teoria religiosa. Para Cruz Costa, o positivismo teria chegado ao Brasil sob os auspícios da “nova burguesia” em ascensão, em contraposição aos interesses tradicionais dos latifundiários que dominavam o cenário político de então. Esse novo grupo – composto por médicos militares e engenheiros –, a partir de 1870, teria assumido papel de importância no setor intelectual brasileiro, e a partir dele que surgiria o movimento

⁴¹⁵ *A Federação*, 19 de dezembro de 1904.

⁴¹⁶ BAKOS, Margaret. Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre. *Estud. av.*, São Paulo, v. 12, n. 33, 1998, p. 1

⁴¹⁷ *Ibid.*, p.1.

⁴¹⁸ Conforme a ótica da filosofia positivista “Porto Alegre – como capital do estado – deveria passar uma imagem de ordem e de progresso, máxima que sintetiza a ideologia do Partido Republicano Rio-grandense (PRR), hoje imortalizada na bandeira do Brasil”, explicando-se a expressão *Porto Alegre – sala de visitas do Rio Grande do Sul* começou a aparecer nos discursos dos representantes da cidade, a partir do final do século XIX”. *Ibid.*, p.1.

⁴¹⁹ BAKOS, M. Op. Cit., 1996, p.24

⁴²⁰ *Ibid.*, p.14.

positivista⁴²¹. No Rio Grande do Sul, sobressaiu-se uma vertente mais claramente política, tendo como símbolo máximo a figura de Júlio de Castilhos, que passou pelas fileiras da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Ivan Lins salienta a forma como o positivismo se estabeleceu de forma difusa na formação cultural da sociedade brasileira⁴²².

Nelson Boeira, ao estudar o positivismo rio-grandense, afirma que o “impacto do comtismo no Rio Grande do Sul não se restringiu às esferas da política e da religião”, tendo impactado, igualmente, várias áreas da vida intelectual⁴²³. Desta forma, as ideias positivistas foram absorvidas, de uma forma ou de outra, por uma multiplicidade de públicos que as difundiram, as desviaram e as deformaram. A influência da simbologia extraída de Comte, não se limitou aos projetos político-institucionais. Esse positivismo difuso, que não pode ser entendido como fruto direto de Augusto Comte, se fez presente também na esfera carnavalesca. Se analisarmos as festas de Esmeralda e Venezianos, nesse segundo ciclo, sobretudo, no que tange a participação das mulheres nos festejos, veremos que há uma série de significados que correspondem com a doutrina inspiradora do partido que governava o Estado e sua capital, como por exemplo, a regeneração moral da sociedade, sendo esta uma tarefa a ser desempenhada pelas mulheres e a relação entre o catolicismo e a experiência positivista que se consolidava em Porto Alegre. Podemos afirmar que havia uma reciprocidade entre as elites políticas e os quadros dessas agremiações: grande parte dos associados e diretores fazia parte das elites do PRR.

Como observamos anteriormente, Bruneilde Fontoura, diretora da Venezianos em 1906, era filha de Idelfonso Borges Toledo da Fontoura, positivista religioso que era professor da escola de Engenharia⁴²⁴. Manuel Teófilo Barreto Vianna, presidente da Esmeralda em 1910 e 1911, foi eleito para a assembleia dos representantes do estado pelo PRR entre os anos de 1891 e 1897⁴²⁵. Idalina Mariante da Costa, rainha da Esmeralda em 1913, casou-se, dois anos mais tarde, com Mansueto Bernardi, membro

⁴²¹ COSTA, C. *Contribuição à História das Ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967, p. 127.

⁴²² LINS, I. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964, p. 64.

⁴²³ BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Conte. IN: *O Positivismo – Teoria e Prática*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001, p.401.

⁴²⁴ HEINZ, Flavio M. Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930), *Rev. Bras. Hist.* vol.29 no. 58 São Paulo, 2009.

⁴²⁵ TRINDADE, Héliqio; NOLL, Maria Izabel. *Subsídios para a história do Parlamento Gaúcho (1890-1937)*. Porto Alegre: CORAG, 2005, 176 p.

do PRR que, em 1918, no lançamento da pedra fundamental do edifício da Sociedade Carnavalesca Gondoleiros, representou o próprio presidente do estado, Borges de Medeiros, na cerimônia⁴²⁶. Amaro de Azambuja Vilanova, que fazia parte da Comissão Central da Esmeralda no ano de seu primeiro desfile, fez carreira no Exército, tendo sido designado interventor federal de Pernambuco, em 1937, por Getúlio Vargas, de quem era amigo íntimo. Vilanova foi o primeiro general de quatro estrelas do Brasil⁴²⁷.

Afonso Emílio Massot, presidente da Venezianos nos anos de 1909, 1912 e 1913, foi comandante geral da Brigada Militar entre os anos de 1917 e 1925 e, segundo Karnikowski, era um “castilhistas convicto”. Para o autor, a Brigada Militar era uma instituição forjada na “observância da disciplina e da hierarquia, com base nos valores da guerra tudo cimentado pelo positivismo castilhistas”⁴²⁸. Em março de 1915, substituiu interinamente o coronel Cypriano da Costa Ferreira no comando da Brigada Militar. Dois anos depois, o presidente do estado, Borges de Medeiros, promoveu Massot ao posto de coronel, tendo ele assumido o comando efetivo da Brigada Militar⁴²⁹. A intensa ligação entre o governo do estado e a Brigada reforçava “o cimento da corporação que acreditava na superioridade moral dos militares que sabemos ser uma variante do positivismo muito forte nos oficiais castilhistas”⁴³⁰. A importância de se observar a influência do positivismo-castilhistas sobre os quadros da Brigada para esta tese reside no fato de grande parte dos membros e diretores dessas agremiações estarem ligada a esta corporação. Como veremos no próximo capítulo, grande parte das rainhas das sociedades carnavalescas, por exemplo, também eram filhas de militares. Themira de Azevedo, rainha da Venezianos em 1908, era filha de Amphilóquio de Azevedo, tenente-coronel do estado maior⁴³¹ e professor da Escola de Guerra⁴³². Laura Brasil

⁴²⁶ *Correio do Povo*, 12 de março de 1918.

⁴²⁷ CAMARGO, Aspásia. et al. *O golpe silencioso: as origens da república corporativa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989, p.222.

⁴²⁸ KARNIKOWSKI, Romeu Machado. *De exército estadual à polícia-militar: o papel dos oficiais na policialização da Brigada Militar (1892-1988)*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS/PPGSoc, 2010, p. 96.

⁴²⁹ *Ibid.*, p. 157.

⁴³⁰ *Ibid.*, p.192.

⁴³¹ “O requerente major do quadro especial do estado-maior, Amphilóquio do Azevedo, sendo 2º tenente de artilharia, foi promovido a tenente do coronel o do estado maior a 29 do novembro de 1889, em conformidade com a lei n. 8.169, do 14 do julho do 1883, sendo graduado no posto imediato a 23 de abril do 1890, o promovido a efetivado em 8 de outubro do mesmo ano”. *Diário Oficial da União*, de 01 de Outubro de 1912.

⁴³² “Código do Instituto- oficiais de ensino superior e secundário aprovado pelo decreto n. 3.800 de 1º de abril de 1901, e 286 do regulamento que baixou com o do n. 330 do 12 de abril de 1890, ao professor da Escola de Guerra tenente-coronel Amphilóquio de Azevedo e acréscimo do 20 sobre os vencimentos

Paes, rainha da esmeralda em 1909, era filha do coronel Miguel de Oliveira Paes⁴³³. Amelina Chagastelles, rainha da Esmeralda em 1910, era filha de Joaquim Pantaleão Teles Queiros Filho, primeiro Comandante-Geral da recém-criada Brigada Militar do Rio Grande do Sul, em 1892⁴³⁴. Elythia, rainha da Sociedade Carnavalesca Esmeralda, em 1911, era filha de João Leocádio Pereira de Melo⁴³⁵, comandante Tenente-coronel, desde 1894⁴³⁶, diretor do arsenal de guerra⁴³⁷. Marina de Souza Neves, rainha da Esmeralda em 1914, era filha de Arthur Pinto de Souza Neves, tenente do Estado maior⁴³⁸.

Para Karnikowski, “a bem dizer todos os oficiais da Brigada Militar eram castilhistas até a década de 40, quando a influência do ‘Patriarca Republicano’ começa a declinar dentro da milícia”⁴³⁹. O autor prossegue ao enfatizar que o “positivismo em seu discurso da ordem e do progresso sob o signo da ciência, se constituiu na principal argamassa ideológica dos oficiais da Brigada Militar, além de ser o sacramento que fundamentava o regime castilhista-borgista”⁴⁴⁰.

Contudo, não só a Brigada militar sofria esta influência do positivismo: o Exército Brasileiro também era um bastião da ideologia Comteana. Segundo Frank McCann, o corpo de oficiais do Exército Brasileiro provinha de famílias sem muitos recursos, que aconselhavam os filhos a ingressarem em uma das três escolas militares do país, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre ou em Fortaleza. O coronel Benjamin Constant, professor de matemática, foi o principal expoente da filosofia positivista dentro das escolas e do exército⁴⁴¹. Considerando que, grande parte dos integrantes das sociedades carnavalescas faziam parte dos quadros tanto da Brigada Militar, quanto do Exército Brasileiro, compreende-se a presença dessa ideologia, mesmo que de modo difuso, na maneira de se ver e se fazer o carnaval.

lixados para aquele cargo, o qual ser-lhe-ha abonado a contar de 28 de abril ultimo, visto haver completado na véspera desse dia 20 anos de serviço no magistério”. *Diário Oficial da União*, de 18 de Setembro de 1909, pg. 3.

⁴³³ Diário Oficial da União de 18 de Dezembro de 1900, pg.2.

⁴³⁴ 92ª Sessão Ordinária, em 18 de Novembro de 2004 da ALRGS.

⁴³⁵ *O Independente*, 22 de janeiro de 1911.

⁴³⁶ Artigo único. A antiguidade da promoção do tenente-coronel João Leocádio Pereira de Mello a esse posto deve ser contada de março de 1894, em que foi a primeira vez a ele promovido; revogando-se as disposições em contrario. *Diário Oficial da União* de 16 de Junho de 1901, pg.1. Ele também foi comandante do 10º Batalhão de Engenharia de Construção, entre dezembro de 1895 e março de 1898.

⁴³⁷ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1910.

⁴³⁸ Diário Oficial da União de 25 de Julho de 1909, pg.5.

⁴³⁹ KARNIKOWSKI, Romeu Machado. Op. Cit., 2010, p.192.

⁴⁴⁰ *Ibid.*, p.192.

⁴⁴¹ MCCANN, Frank D. Op. Cit., 2007, p. 40.

De certo modo, a ativa participação dos militares no carnaval de Porto Alegre, a influência do positivismo castilhistas e a crença nessa “superioridade moral dos militares”⁴⁴² podem, talvez, explicar essas modificações ocorridas nos festejos carnavalescos na capital. Mesmo que nem todos os membros dessas agremiações pudessem “ser definidos como 'positivistas' em sentido doutrinário, a maioria compartilhava uma série de códigos culturais impregnados por aquilo que Nelson Boeira classificou como positivismo político e positivismo difuso”⁴⁴³.

O jargão positivista também era percebido na imprensa, mesmo em um jornal como o *Correio do Povo* que, ao comentar o baile promovido pela Esmeralda, em 1908, apontava para esta relação ao afirmar que “à meia noite ouviu-se a palavra de ordem: ‘máscaras abaixo’. E realmente era de justiça que se tratasse, quanto antes, de *viver às claras* no seio de uma sociedade tão nobre e que é *verde...*”⁴⁴⁴.

Verde era a cor da Esmeralda e *viver às claras* era uma máxima do positivismo. De acordo com Bosi, “o ethos comteano levava ao ideal de uma sociedade onde predominassem os valores de verdade e transparência: *viver às claras, vivre au grand jour*”⁴⁴⁵. Assim, o colunista do *Correio do Povo* pregava que no seio dessa agremiação devia-se ter total transparência, sem o encobrimento (com suas burlas) que a máscara proporcionava. No primeiro préstito realizado por essa agremiação após seu renascimento, em 1907, outro jornal, o *Jornal do Comércio*, noticiava que Benjamin Flores, “o cônsul do deus Momo, junto á Esmeralda, trajará costume de gala civil, colete e gravata da cor do positivismo, tendo na mão direita o sagrado bastão e na sinagoga a coroa, lapidada em alto relevo...”⁴⁴⁶, demonstrando a estreita relação entre esses ideais e a referida agremiação. Dessa forma, os indivíduos que se pensam e se visualizam como membros de uma coletividade acabam por expressar símbolos que expressam valores, medos, aspirações que designam os ideais em que acreditam.

As ideias de Comte, portanto, se faziam presentes no seio da sociedade porto-alegrense e se pode afirmar que, como sugeriu Lazzari, houve um “compartilhamento

⁴⁴² KARNIKOWSKI, Romeu Machado. Op. Cit., 2010, p.192.

⁴⁴³ HEINZ, Flavio, Op. Cit., 2009, p.03.

⁴⁴⁴ *Correio do Povo*, 11 de fevereiro de 1908.

⁴⁴⁵ BOSI, Alfredo. O positivismo no Brasil: Uma ideologia de longa duração. *Revista Brasileira – Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, n.43, p. 158.

⁴⁴⁶ *Jornal do Comercio*, 14 de fevereiro de 1907.

de valores e de atitudes entre a elite política rio-grandense e a elite social da cidade, e que curiosamente encontrou no carnaval uma forma de celebração pública”⁴⁴⁷.

Contudo, esse compartilhamento de valores só foi possível, pois aqui já haveria uma base na qual ele poderia se enraizar. Como mostramos no início do capítulo, já havia um combate contra o entrudo, pelo menos desde o surgimento de Esmeralda e Venezianos, em 1873. E lá, já encontrávamos um conservadorismo que tentava se fazer presente nas brincadeiras carnavalescas. O próprio nascimento dessas associações deve-se, em parte, a esse conservadorismo, que restringiu a participação das mulheres no carnaval e lhes direcionou um discurso conservador, procurando construir a imagem de uma mulher casta⁴⁴⁸. O positivismo só se fez tão importante por estar a sociedade porto-alegrense já mergulhada num discurso machista. Pierre Bourdieu entende a dominação masculina como uma estrutura invariável que já foi incorporada por ambos os sexos. Para ele, o nosso sexo define se seremos dominados ou dominadores, haja vista o corpo ser a materialização dessa dominação, ser o lugar onde ocorre o exercício do poder, pois é ele que nos dá a primeira forma de identificação desde o nascimento, homens ou mulheres, e a partir de então, todas as características inscritas em nosso capital cultural⁴⁴⁹. De acordo com Sayão,

a simples observação dos órgãos externos ‘diagnostica’ uma condição que deve valer para toda a vida. Passamos a ser homens ou mulheres e as construções culturais provenientes dessa diferença evidenciam inúmeras desigualdades e hierarquias que se desenvolveram e vêm se acirrando ao longo da história humana, produzindo significados e testemunhando práticas de diferentes matizes⁴⁵⁰.

Já Michelle Perrot tem uma visão diferente da apresentada por Bourdieu. Para ela, nesta relação de dominação entre o masculino e o feminino, haveria a possibilidade de as mulheres exercerem “poderes”, pois estas ao exercerem o domínio do cotidiano, escapam da dominação e criam “elas mesmas o movimento da história”⁴⁵¹.

Embora não concordemos com uma história da dominação universalizante, acreditando que há espaços para o exercício dos “poderes” e para a história das

⁴⁴⁷ LAZZARI, A. Op. Cit., p.33.

⁴⁴⁸ Ver análise dos versos distribuídos pelas sociedades carnavalescas, em 1875. Capítulo 2, página 90.

⁴⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel. A dominação masculina revisitada. Campinas: Papyrus, 1998, p.10

⁴⁵⁰ SAYÃO, Débora Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. In: *Revista Perspectiva*, v.21 n.01, jan/jun 2003. Editora da UFSC: NUP/CED. Florianópolis, p.122.

⁴⁵¹ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 187.

resistências, acreditamos que não há como negar que houve e, ainda, há uma dominação do masculino sobre o feminino e que foram atribuídos a estes gêneros diversos conceitos que visavam reforçar essa dominação: virilidade, força, para eles; enquanto pureza, fragilidade, para elas. Essas classificações, ao nosso ver, não são estanques e, como construções, podem ser alteradas ao longo do tempo. Todavia, o que gostaríamos de pontuar é que essas construções simbólicas já se faziam presentes no seio da sociedade porto-alegrense e, sobretudo, sendo reforçada pelo jogo carnavalesco após o surgimento de Esmeralda e Venezianos. A presença das ideias positivistas, na fase seguinte, só veio em reforço a elas.

No primeiro capítulo, vimos o quanto a insatisfação com as festas carnavalescas era frequente na virada para o século XX. Declarações de que o carnaval era uma festa cada vez mais plebeia, mais abjeta, altamente imoral e que se devia zelar pela moral pública eram constantes⁴⁵². Era uma festa na qual uma licenciosa libertinagem corrompia a juventude, ameaçava as bases do lar, da família, que era o fundamento do edifício social⁴⁵³. Nessas falas, já podemos observar o que ponderamos anteriormente sobre a presença de afinidade entre os valores e princípios do positivismo entre a elite intelectual porto-alegrense. Os festejos, sem a presença das antigas sociedades carnavalescas, não eram portadores desses valores, tão caros a essa doutrina, segundo a visão do jornal *O Independente*.

A fim de atingir o progresso, a organização da sociedade se fazia importante. Assim, segundo Ismério, para que isso fosse possível, “precisariam manter a ordem social através da moral e da educação”⁴⁵⁴. Dessa forma, para os positivistas, a questão moral consistia em um dos maiores problemas da humanidade no final do século XIX⁴⁵⁵. Era preciso que houvesse uma regeneração moral da sociedade. E esta é, justamente, a fala que observamos nos jornais ao se referirem aos festejos carnavalescos: era preciso uma festa que livrasse Porto Alegre desse pontuado quadro de libertinagem desenfreada. Assim, quando renasceram, Esmeralda e Venezianos tinham como função livrar o carnaval deste mal.

⁴⁵² *O Independente*, 09 de março de 1905.

⁴⁵³ *O Independente*, 09 de março de 1905.

⁴⁵⁴ ISMÉRIO, Clarice. As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930). *Revista Eletrônica História em Reflexão* – Vol. 1 - n. 1 – UFGD: Dourados, Jan/Jun 2007, p. 2.

⁴⁵⁵ SILVA, João Carlos. Utopia Positivista e instrução pública no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.16, p. 10 - 16, dez. 2004, p.11.

E, na visão dos jornais, elas parecem ter cumprido tal missão. Se antes o carnaval da cidade era sintomático de uma “sífilis social”⁴⁵⁶, com o renascimento dessas agremiações, ele passou a ser uma exceção, sem os excessos e as imoralidades presentes em outros lugares. Vejamos o excerto do *Correio do Povo*:

A luxúria, o deboche, a sensualidade, represados nos seus esconderijos durante o ano, como que vêm contando pelos dedos os meses, as semanas e os dias que precedem arrastadamente às 72 horas da licença carnavalesca (...)

Não pode ser indiferente a turba ao contato excitante e então, numa conjugação diabólica de êxtases e transportes, como que toda a obra milenária da organização social ameaça derruir, sob um eclipse ameaçador...

Porto Alegre é uma exceção.

Seu Carnaval é um ressumbramento de arte e galanteria, de elegância e moralidade.

À passagem dos nossos corsos, em que evocações de arte pagã, de literatura e de história se dão as mãos em concepções brilhantes, - a multidão freme...⁴⁵⁷.

De acordo com o jornal *Correio do Povo*, o carnaval promovido em Porto Alegre, através dos préstitos das sociedades carnavalescas, só destilava arte e moralidade. Era uma festa com aspecto familiar, sem os descomedimentos que ocorreriam em outras cidades, como Paris ou Rio de Janeiro, pois aqui “durante os três dias de carnaval a rua dos Andradas encontrava-se cheia de famílias”⁴⁵⁸. Como vimos anteriormente, a presença das filhas de oficiais da Brigada Militar e do Exército nos desfiles e a expectativa moral que era gerada sobre pessoas tão ilustres em nossa sociedade podem nos dar indícios deste carnaval mais recatado proporcionado por essas sociedades, compostas de membros respeitados da elite da capital. Esse festejo familiar e moralizado, contudo, teria, segundo o jornal *A Federação*, outra explicação: seria ele o resultado do agrupamento de características herdadas das etnias que formaram o povo gaúcho: o amor pelo som, pelo barulho, herdado dos portugueses; já domado, contudo, pela disciplina germânica⁴⁵⁹.

⁴⁵⁶ *O Independente*, 09 de março de 1905.

⁴⁵⁷ *Correio do Povo*, 10 de fevereiro de 1910.

⁴⁵⁸ *O Independente*, 12 de março de 1908.

⁴⁵⁹ Interessante ressaltar que na fala do articulista do jornal *A Federação* ele salienta apenas germânicos e portugueses como formadores de nosso povo, esquecendo-se das outras etnias que aqui estiverem presente e também sofreram o processo de miscigenação. Tal exclusão pode ser indicativa dos próprios preconceitos existentes: brancos (representados por portugueses e germânicos) faziam um carnaval moralizado, familiar. Negros eram os responsáveis pela indecência dos carnavais em outras cidades. Excluí-los desta narrativa poderia ser mais uma forma de marcar uma diferenciação com o restante do país, uma forma carregada de preconceitos. Maria Clementina Pereira da Cunha ressalta que no Rio de Janeiro, quando do nascimento das Grandes Sociedades Carnavalescas, queria-se levar “para o passado as troças, os mascarados que se compraziam em atormentar os passantes e a vizinhança, os desfiles de

Temos na massa do sangue, como nenhum outro neto dos portugueses, o *amor ao estrondo* (...); mas modificado já pela disciplina germânica e pelo gosto artístico adquirido na nossa convivência com os filhos de outras nações e com a experiência dos nossos patrícios que viajam no estrangeiro.

Com o concurso desses elementos formamos um carnaval típico, que não se confunde com nenhum outro, e que tem o aspecto de uma festa de família sem as etiquetas dos salões nobres, mas também sem os excessos e a nudez chocante do carnaval carioca e parisiense⁴⁶⁰.

Oliveira Viana, na década de 1920, irá publicar o livro *Populações Meridionais do Brasil*, no qual percebe as diferenças existentes entre os caldeamentos étnicos para a formação de diferentes sociedades no Brasil e atestariam a “superioridade civilizatória das populações meridionais em relação às populações do norte, por exemplo”⁴⁶¹. Esse discurso de uma superioridade gaúcha, em função da nossa formação pela miscigenação de vários povos de origem europeia, era bem frequente nos jornais desse período. Veremos, no próximo capítulo, que esse também é um argumento utilizado a fim de se louvar as rainhas das sociedades carnavalescas e justificar uma série de atributos que lhes eram designados.

Além da miscigenação de povos brancos, que nos permitiram ter uma festa moralizada e mais familiar, o fato de o carnaval se apoderar de todas as classes é apresentado como mais um sinal de distinção das comemorações em Porto Alegre:

Creemos mesmo que no Brasil, à exceção da Capital da República, nenhuma outra cidade tem pelas festas carnavalescas o entusiasmo e o fervor que aqui se vê (...)

E ainda diferimos das grandes cidades europeias e americanas, na sua feição de festejar os três dias consagrados a Momo porque, entre nós, a febre carnavalesca não se apodera só das classes populares mas de todas⁴⁶².

Segundo o jornal, somente o Rio de Janeiro nos ultrapassaria em arrebatamento pelo carnaval. Contudo, nos diferimos de cidades europeias e americanas, por exemplo, pois aqui o carnaval não seria somente uma festa das classes populares. A “febre carnavalesca” se apoderaria de todas as classes. O que o jornal não menciona é que, neste modelo de carnaval, os populares apenas iriam assistir a festa promovida pela

negros, que cantavam em estranhas línguas africanas – todo um rol de práticas que julgavam indignas de frequentar as ruas, mesmo em dias em que a alegria e permissividade pareciam andar juntas”. CUNHA, Maria Clementina Pereira da. Op.Cit., 2001, p.25

⁴⁶⁰ *A Federação*, 27 de fevereiro de 1911.

⁴⁶¹ SILVA, Sarah Calvi Amaral. Africanos e afro-descendentes nas origens do Brasil: Raça e relações raciais no II Congresso Afro-brasileiro de Salvador (1937) e no III Congresso Sul Rio-Grandense de História e Geografia do IHGRS (1940). Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, Porto Alegre, 2010, p.152.

⁴⁶² *Correio do Povo*, 10 de fevereiro de 1910.

elite⁴⁶³. E é justamente isso que para o *Correio do Povo* justificaria a superioridade do nosso carnaval, a multidão, o povo já haveria aprendido a apreciar os festejos com o devido comedimento: entusiasmada, mas discreta e com repeito!

Seu entusiasmo é, porém, todo respeitoso e discreto, pois que, representando uma divindade mitológica ou um herói contemporâneo, um pugilo de amazonas ou um esquadrão de média idade, – o povo vê passar a donzela encantadora e gentil portadora de um nome respeitado, o cavalheiro qualificado, o escol da sociedade indígena.

O povilêu não se desmanda na expansão de suas alegrias; não se excede, porque já se acostumou a essa espécie de domínio que a virtude exerce do alto, – mesmo pairando sobre um triunfante carro, transformado pela cenografia no mais suntuoso dos tronos orientais⁴⁶⁴.

O povo já não mais transgredia às ordens em função de suas alegrias, já havia compreendido que seu papel era apreciar “essa espécie de domínio que a virtude exerce do alto”. Ou seja, apreciar a festa feita pelos estratos sociais mais elevados, bem como no alto dos carros alegóricos vinham os representantes desses segmentos, como o “cavalheiro qualificado” ou “a donzela encantadora e gentil portadora de um nome respeitado”. Essas jovens eram as rainhas das sociedades carnavalescas, filhas de famílias importantes e conhecidas da cidade, como veremos adiante. Elas se tornaram o símbolo da purificação deste festejo, incorporando quesitos de virtude e moralidade, tão importantes neste início de século e representando a distinção dos nossos festejos. Desta forma, o carnaval serviu como veículo para a perpetuação deste poder simbólico que servia para a dominação das mulheres, pois como rito, tem o poder de objetivar uma superioridade que se inicia no plano simbólico. Um carnaval protagonizado por coronéis e outros membros ilustres de nossa sociedade e por suas filhas, donzelas de nomes respeitados havia se instaurado em nossa cidade. Todavia, se aqui essas donzelas eram a figura central do carnaval, em outros lugares essa festa era o louvor ao vício e à prostituição.

Em outros grandes centros as festas de Carnaval são a consagração das hetairas da flor e do vício.

Em nossa capital, porém, os festejos carnavalescos, tem um certo cunho familiar, todo provinciano e todo nosso que fazem o encontro não só do povo, mas também de grande número de forasteiros⁴⁶⁵.

⁴⁶³ Não significa que os mesmos não realizassem sua própria festa, com outras brincadeiras (serpentina, confete, bisnagas) e que não criassem suas próprias sociedades, clubes e cordões, adaptando o modelo das tradicionais Esmeralda e Venezianos e incorporando suas particularidades. Cf. LAZZARI, Alexandre. *Op. Cit.*, 2004, p. 144.

⁴⁶⁴ *Correio do Povo*, 10 de fevereiro de 1910.

⁴⁶⁵ *A Federação*, 20 de fevereiro de 1912.

No carnaval do Rio de Janeiro, nos desfiles de suas tradicionais sociedades, as mulheres apareciam como forte atração popular, sobretudo a partir da década de 1870. Entretanto, as mulheres que desfilavam eram célebres meretrizes ou as “hetairas da flor e do vício” e não “as boas moças de família”, as “donzelas de um nome respeitado” do carnaval porto-alegrense. Seus préstitos traziam “‘deusas’ pouco vestidas e exposto ao público aquelas mulheres de luxo – inacessíveis aos bolsos populares, mas provavelmente frequente em suas fantasias”⁴⁶⁶. Este carnaval tido como mais familiar, no qual não eram as prostitutas que desfilavam, só se daria nas menores sociedades carnavalescas, dos subúrbios cariocas, nas quais a presença de moças de família era comum⁴⁶⁷.

Em nossa dissertação de mestrado, pontuamos que o comportamento da ex-marquesa de Monte Alegre, da qual falamos no início do capítulo, era condizente com o de uma hetera. Na Grécia Antiga, o termo *hetairai* era utilizado para designar as mulheres que acompanhavam os homens no espaço público. Segundo Ullmann, “eram mulheres de alguma cultura e não raras provindas do estrangeiro. Participavam em pé de igualdade nas conversações com os homens que eventualmente se valiam delas para satisfação sexual”⁴⁶⁸. Essas mulheres podiam participar dos simpósios⁴⁶⁹, festividades das quais as mulheres casadas não podiam. Enquanto esposas, se restringiam apenas ao espaço do gineceu.

Por esse motivo, a imprensa nos apresentou uma ex-marquesa com um comportamento condizente ao de uma hetera, pois essa, vinda de fora, entrou e no espaço público, participando em pé de igualdade com os homens da festividade. É preciso explicar-se que a ex-marquesa era uma mulher casada, diferenciando-se, nesse sentido, das heteras atenienses, apesar de ter sido atacada pelo articulista no que se refere à sua atitude de liberdade de agir, de forma semelhante aos homens, rompendo com os lugares a ela destinados.

Décadas após o ocorrido com a ex-marquesa, encontramos o jornal *Correio do Povo* utilizando o mesmo adjetivo para designar as mulheres que participavam das festas carnavalescas em outros lugares, como vimos no último excerto. A ex-marquesa, identificada como a nossa Eva, teve um comportamento liberal e foi classificada tal

⁴⁶⁶CUNHA, Maria Clementina Pereira da. Op. Cit., 2001, p.147.

⁴⁶⁷Ibid., p.147.

⁴⁶⁸ULLMANN, Reinhold. *Amor e Sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p.64.

⁴⁶⁹Reuniões para filosofar e beber em conjunto.

como as “hetairas da flor e do vício” por não corresponder à adequação dos modelos culturais que passaram a ser relacionados ao comportamento feminino no que tange as festividades carnavalescas. Essas mulheres diferenciavam-se das mulheres de Porto Alegre, aos olhos da nossa imprensa, pois a festa aqui era apresentada como tendo um cunho familiar, sobretudo, após o renascer das antigas sociedades carnavalescas, ao raiar do século XX. As moças são apresentadas como sendo cheias de recato, pudor e graça, verdadeiras representantes da virgem Maria: é de fato, o carnaval da cidade indo de Eva a Marias! Os jornais apresentavam as rainhas das sociedades carnavalescas como modelos exemplares de virtude, que davam uma diferenciação aos nossos festejos, que teriam um cunho familiar, moralizado.

Antes do ressurgimento de Esmeralda e Venezianos, contudo, a participação de mulheres que não correspondiam a tais expectativas – como as prostitutas – no carnaval porto-alegrense causava indignação nos articulistas dos jornais. No carnaval de 1900, por exemplo, o *Jornal do Comércio* noticiava o escândalo que provocava a “‘patriótica horizontal’ que, em carro aberto acompanhada de outras três prostitutas, desfilava no carnaval de 1900 pela rua dos Andradas empunhando a bandeira nacional”⁴⁷⁰. O desfile desta ‘patriótica horizontal’ deve ter provocado um verdadeiro alvoroço, sobretudo, por a moça empunhar a bandeira nacional, verdadeiro bastião dos positivistas, a quem a moral social era tão cara.

Durante o carnaval de 1904, duas mulheres teriam desfilado “anunciando sua mercadoria”, de forma clara e evidente. Chamadas de ‘pestes’ pelo jornal *A Federação* estavam disfarçadas apenas pelo vestuário multicolor, que dava uma reabilitação exterior, mas que tinha como principal consequência o fato de tornar essas mulheres mais valiosas no mercado do sexo.

Agora é um carro de tolda caída, com a clássica colcha de renda dependurada (...).

Sentadas a sultana vão duas mulheres de meia máscara, uma à moda tunisina e outra em trajes de pescadora. Para bem dizer nenhuma delas representa tipo algum. Arranjaram-se, simplesmente, de modo que pudessem anunciar a sua mercadoria com toda a clareza e evidência.

Talvez vão ali duas pestes, mas o vestuário multicolor e espaventoso reabilita-as exteriormente.

Vejam lá como se encostam, hein, olhem que vamos todas de sedas e pedras finas e não admitimos brincadeiras pesadas. E já se sabe que daqui por diante valem mais⁴⁷¹.

⁴⁷⁰ *Jornal do Comércio*, 28 de fevereiro de 1900.

⁴⁷¹ *A Federação*, 17 de fevereiro de 1904.

De acordo com Sandra Pesavento, ao crescer, o centro urbano da cidade “passara a oferecer ameaça à moral e aos bons costumes das famílias honradas”⁴⁷². Estas famílias tiveram que conviver com habitantes que “viviam na ‘contra-mão da ordem instituída e que apresentavam comportamentos desviantes daqueles que a moral burguesa procurava impor”⁴⁷³, como por exemplo os bêbados, jogadores, vagabundos e as prostitutas. Tal incômodo era evidenciado pelos jornais que apresentavam um desagrado com a participação das prostitutas nos festejos carnavalescos da cidade, bem como com sua presença em suas principais ruas.

Entre todas as práticas atentatórias à moral e aos bons costumes, segundo Pesavento, nenhuma outra atraía “contra si uma campanha tão acirrada como a prostituição”⁴⁷⁴. Ela era condenada “por ser atentatória aos bons costumes, por ser uma forma de vadiagem, negadora do trabalho e ainda por se achar associada a todos os demais vícios da urbe: jogos, bebidas, etc”⁴⁷⁵. Além disso, era um comportamento que “se afastava dos padrões e elementos componentes da virtude”⁴⁷⁶, tão cara à moral social. A mulher que se prostituía e com isso apresentava uma conduta desregrada ao “afrontar os parâmetros estabelecidos pelo ordenamento social, servia como exemplo a ser condenado pelas famílias, pois apesar de considerada, em tese, profissão, paradoxalmente a prostituição não comportava a noção de trabalho que os detentores do capital criaram”⁴⁷⁷.

Havia um temor em relação ao contágio associado à prostituição. Contaminação tanto da parte física, quanto moral da sociedade. Os cronistas reivindicavam à policia medidas cerceadoras, pois a presença de mulheres em locais públicos, lugares “nos quais as tascas se constituíam, era tida como fonte de desordens e de ações lesivas à moral da comunidade”⁴⁷⁸. Desta forma, de nada adiantaria regulamentar a prostituição, que ao invés de acabar com o problemas “ampliaria os riscos de alargar-se e contaminar ainda mais os indivíduos social, física e

⁴⁷² PESAVENTO, Sandra. *O Cotidiano da República: elite e povo na virada do século*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1995, p.62,

⁴⁷³ Ibid., p.62,

⁴⁷⁴ PESAVENTO, Sandra. Op. Cit., p.67.

⁴⁷⁵ bid., p.67.

⁴⁷⁶ CARELI, Sandra. *Mulheres no Brasil Meridional. Prostituição em fins do século XIX: transgressão ou delito?* Ciênc.let., Porto Alegre, n.37, p.155-177, jan/jun. 2005, p. 156.

⁴⁷⁷ PESAVENTO, Sandra. Op. Cit., p.67.

⁴⁷⁸ CARELI, Sandra. Op. Cit., p.167.

moralmente”⁴⁷⁹. Além de ser uma afronta às questões morais daquela sociedade, havia também o problema da imagem que se queria passar de Porto Alegre. Como seria ela reconhecida por seus visitantes?!

Os acontecimentos descritos acima reforçam a ideia de que o ressurgimento das antigas sociedades veio em respaldo a uma tentativa de moralização da festa. A figura da rainha, cheia de graça, pureza e imaculada, contrastava com a imagem dessas mulheres, que exibiam os corpos, até mesmo como forma de propaganda de seu negócio, como exaltou o jornal *A Federação*. Se o comportamento daquelas era exaltado, o destas era criticado: seriam pestes a contaminar a cidade.

Contudo, por mais que este carnaval moralizado e familiar fosse exaltado, encontramos, mesmo após o renascer de Esmeralda e Venezianos, sociedades que se pautavam mais pelo modelo de carnaval da capital do país, do que pelo que aqui era apregoadado como correto e sinal de distinção dos nossos festejos. No ano de 1907, a sociedade Boêmios Carnavalescos trouxe algumas mulheres da vida noturna para seu desfile. Nos anúncios de jornal, convidavam as “gentilíssimas ninfas” para seus bailes à fantasia⁴⁸⁰, no qual “Rir e folgar – mulheres e *champagne*, eis o nosso ideal”, aparecia como lema. Esse comportamento, contudo, não era dos mais aceitos, haja vista não haver nenhuma referência a esse episódio, tanto no jornal *A Federação*, quando no *Jornal do Comercio*. Lazzari já acentuava que “a repercussão da proeza parece ter sido convenientemente abafada pela imprensa, de forma que pouco se sabe a respeito desta sociedade e do que realmente aconteceu além de rumores posteriores ao fato”⁴⁸¹. Em 1971, Walter Spalding escreveu um artigo no jornal *Correio do Povo*, intitulado “*No tempo dos limões de cheiro e das batalhas de flores*”, no qual faz uma lembrança sobre os antigos carnavais porto-alegrense. Segundo ele, os Boêmios Carnavalescos estavam ligados ao Clube Cara Duras e “contra qual a imprensa reclamou veementemente. É que seus carros alegóricos e todos os participantes femininos pertenciam à vida noturna, o que muito escandalizou a sociedade”⁴⁸². A presença das prostitutas nos desfiles de carnaval era um incômodo para a elite, sobretudo, se durante os dias de carnaval não fossem as “honradas moças da terra” que estivessem a se exibir nos carros e sim as “moças da vida”.

⁴⁷⁹Ibid., p.176.

⁴⁸⁰ Cf. *Correio do Povo*, 09 de fevereiro de 1907.

⁴⁸¹LAZZARI, A. *Op. Cit.*, P.

⁴⁸²*Correio do Povo*, 21 de fevereiro de 1971.

Tal situação na qual os festejos carnavalescos se encontravam exigia uma tarefa regeneradora, que fizesse do carnaval porto-alegrense uma festa mais ordeira e civilizada. E, de acordo com a doutrina positivista, essa tarefa de regeneração moral da sociedade tinha a marcante presença feminina. Segundo Silva, os positivistas

defendiam uma reforma da sociedade a partir de uma nova hegemonia política e social, através de um novo conteúdo, em que a formação da moral e do caráter deveriam ser ensinadas desde os primeiros anos da criança, devendo ser tarefa da família, especialmente da mulher como a primeira educadora, a valorização das primeiras manifestação do altruísmo na criança⁴⁸³.

Ao considerar a mulher como responsável pela manutenção da moral, Comte conferiu “modelos de conduta feminina baseados na mentalidade patriarcal, formada ao longo da História da Humanidade”⁴⁸⁴. Para atingir esses modelos, a “mulher deveria ser a rainha do lar e o anjo tutelar de sua família”⁴⁸⁵ e assim seguiria normas preestabelecidas pelo Catecismo Positivista, no qual “Comte codificou todo o pensamento conservador em torno da mulher”⁴⁸⁶. O discurso direcionado à mulher tinha, portanto, um caráter conservador.

Na doutrina elaborada por Comte, a mulher era o gênero que melhor representaria o altruísmo – único a fornecer a base para a convivência social na nova sociedade sem Deus –, daí ser ela o símbolo ideal para a humanidade, que vinha em primeiro lugar na escala de valores positivistas⁴⁸⁷. Contudo, “apesar da grande ênfase no papel feminino, apesar da declaração da superioridade da mulher sobre o homem”⁴⁸⁸, Comte acabava atribuindo “o papel tradicional de mãe e esposa, de guardiã do lar, pois era assim que a mulher garantia a reprodução da espécie e a saúde moral da humanidade”⁴⁸⁹. Para ele, “na preservação da espécie, o papel da mulher não se limitaria a reprodução, mas se daria especialmente na família, em que, como mãe, ela teria a responsabilidade da formação moral do futuro cidadão”⁴⁹⁰.

⁴⁸³ SILVA, João Carlos da. Utopia Positivista e Instrução Pública no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.16, p. 10 - 16, dez. 2004, p.10.

⁴⁸⁴ ISMÉRIO, Clarice. Op. Cit., 2005, p.158.

⁴⁸⁵ Ibid., p.158.

⁴⁸⁶ Ibid., p.158.

⁴⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 81.

⁴⁸⁸ Ibid., p.81.

⁴⁸⁹ Ibid., p. 93.

⁴⁹⁰ Ibid., p.93.

Esse modelo de mulher, mãe, esposa responsável pela saúde moral da sociedade foi proposto por Comte, inspirado em Clotilde de Vaux. Essa fora uma jovem que Comte conheceu e por quem se apaixonara. Ela nasceu em abril de 1815 e veio a falecer em maio de 1846. Filha de M. Marie, Capitão do Império, e de sua mulher Mma. Marie foi através de seu irmão, Maximiliano, que se conheceram em maio de 1844⁴⁹¹. Iniciaram uma amizade amorosa que “transmudou-se em uma paixão sublimada⁴⁹²”, haja vista Clotilde ser ainda casada com Amadeo de Vaux, que fugira para Bruxelas. Essa paixão ficou restrita à adoração platônica e Comte, já amadurecido “em suas ideias quanto à indissolubilidade do vínculo matrimonial no regime monogâmico, à proibição do divórcio e à viuvez eterna, chegou à conclusão de que o afeto entre ambos deveria oferecer à posteridade uma imagem de inalterável pureza⁴⁹³”. Foi Clotilde quem despertou em Comte um melhor conhecimento da natureza feminina e, “após sua morte prematura, conduzi-o ao caminho do crescente aperfeiçoamento moral, necessário para construir a segunda parte de sua obra⁴⁹⁴”. Assim, é a partir do encontro com Clotilde que se dá aquilo que ele chamou de sua regeneração moral. A musa de Comte “tornou-se a representação da mulher ideal, considerando-a íntegra, pura, perfeita. Isso ocorreu porque o filósofo nunca a tocou, tornando-a símbolo de adoração com atributos herdados do arquétipo da Grande Mãe⁴⁹⁵”.

O modelo da Grande Mãe tinha sua antítese representada por Caroline Massin. Antes de conhecer Clotilde, Comte casou-se com Caroline, “uma prostituta, com quem teve uma relação bastante conflituosa⁴⁹⁶”, vindo a separar-se dela quase vinte anos após o casamento. De acordo com Ismério, “a primeira foi moldada a partir do arquétipo de Maria, A Virgem, e a segunda no de Eva, A Pecadora⁴⁹⁷”.

De acordo com José Murilo de Carvalho, na obra *Cours de philosophie*, iniciada em 1830, a posição de Comte “em relação à mulher não discrepava da visão tradicional de inferioridade em relação ao homem⁴⁹⁸”. É somente após o encontro com Clotilde que houve esta guinada na sua visão da mulher e de seu papel na evolução social:

⁴⁹¹ SOARES, Mozart Pereira. *O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre: Editora AGE, 1998, p.73

⁴⁹² Ibid., p.74.

⁴⁹³ Ibid., p.75.

⁴⁹⁴ Ibid., p.75.

⁴⁹⁵ ISMÉRIO, Clarice. Op. Cit., 2005, p. 159.

⁴⁹⁶ Ibid., p.159.

⁴⁹⁷ Ibid., p.159.

⁴⁹⁸ CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit., p. 130.

Agora, misturando descobertas da biologia e visões católico-feudais, ele terminou por afirmar a superioridade social e moral da mulher sobre o homem. Tal superioridade se basearia no fato de a mulher representar o lado afetivo e altruístico da natureza humana, ao passo que o homem seria o lado ativo e egoísta. A mulher, como demonstraria a biologia, seria o principal responsável pela reprodução da espécie, enquanto o homem se prestaria mais à transformação do ambiente, à atividade industrial. Na preservação da espécie, o papel da mulher não se limitaria à reprodução, mas se daria especialmente na família, em que, como mãe, ela teria a responsabilidade da formação moral do futuro cidadão⁴⁹⁹.

Enfim, o perfil da mulher ideal seria o de mulher-mãe, voltada para o lar e preocupada com a criação e educação de sua prole, logo com a da nação. Responsável pela manutenção da moral da família era uma educadora por natureza. Isso, aliás, “redimia as solteiras, pois resgatava o papel de mãe-educadora”⁵⁰⁰, exercendo “profissão de professora, ensinando as crianças como se fossem seus filhos”⁵⁰¹.

O positivismo, que defendia a ideia de uma educação pública, via grande importância na presença marcante da mulher, direcionando essa educação “para a instalação de uma ordem livre, cujo conteúdo estava carregado pela formação da moral”⁵⁰². Para Júlio de Castilhos, “a esposa deveria ser sábia e estar à altura intelectual do marido, estudando e de tudo sabendo, mas mantendo-se esposa”⁵⁰³. Por isso, ele afirmava: “consinto que a mulher de tudo tenha luzes, mas da mulher doutora eu fujo e faço cruces”⁵⁰⁴.

Assim como o pensamento positivista pregava uma regeneração moral da sociedade através das mãos das mulheres, muitos jornais porto-alegrenses acreditavam que o carnaval também precisava dessa reforma. E, além disso, essa missão salvadora também caberia às mulheres. Seriam elas as responsáveis pela renovação moral do carnaval. O jornal *Correio do Povo* exultava o culto á mulher e a reforma que praticara no carnaval porto-alegrense:

E é realmente belo de ver-se e edificante de sentir-se, esse culto da Mulher, quando o inspiram sentimentos de alegria sã e quando em torno de almas de arminho.

Porque a verdade é esta: entre nós, e por honra nossa, o Carnaval quase que completamente deixou de ser a folia pagã na convulsão dos gozos

⁴⁹⁹ Ibid., p. 130.

⁵⁰⁰ CALEIRO, R. C. L o Positivismo e o Papel das Mulheres na Ordem Republicana. *UNIMONTES CIENTÍFICA*. Montes Claros, v.4, n.2, jul./dez. 2002, p. 2.

⁵⁰¹ Ibid., p.

⁵⁰² SILVA, João Carlos da. Op. Cit., 2004, p.10.

⁵⁰³ LEAL, Elisabete. Castilhos e Honorina: fragmentos biográfico sem cartas de amor. *MÉTIS: história & cultura*, p. 109-127p. 115.

⁵⁰⁴ *A Federação*, 31 de agosto de 1904.

profanos, exaustivos, e sim um pretexto para desafogarem-se os espíritos das amarguras e do tédio do diuturno viver afanoso e volverem-se, numa ânsia de consolação e de alegre remanso, para as mil formas de endeusamento do sexo que é flor ideal de ideal atração⁵⁰⁵.

O carnaval, pelas palavras do jornal *Correio do Povo*, quase deixou de ser a convulsão dos gozos profanos para se tornar o endeusamento do sexo feminino. Eram as mulheres promovendo a regeneração do carnaval, que passara a representar uma alegria sã e não ser o reflexo de uma sociedade doente, degenerada, como o era antes do renascer destas agremiações. Assim como na família, no carnaval, às mulheres fora atribuída a responsabilidade de regeneração da festa. Em Porto Alegre, segundo os jornais, teria-se um carnaval diferenciado, familiar, diferente de outros lugares, sobretudo, por ser a “grácil Mulher porto-alegrense que fazia o carnaval”⁵⁰⁶.

2.2.3. As rainhas das sociedades carnavalescas

Neste início de novo século e nova fase das tradicionais sociedades carnavalescas, vimos que ocorreram algumas modificações no que tange à participação das mulheres durante os festejos de Momo. Dentre elas, percebemos uma mudança no discurso a respeito sobre elas no carnaval, tanto por parte da imprensa como das próprias sociedades carnavalescas. Essa nova fala visava exaltar e destacar sua participação. Nesse louvor às mulheres porto-alegrenses era destacada uma figura protagonista: a rainha das sociedades carnavalescas. Nenhuma outra mulher era mais exaltada do que ela. Para as rainhas, eram dedicados bailes, *tea concerts*, exposições de seus retratos, vários eventos que pretendiam consagrar a soberana da agremiação. No próximo capítulo, iremos apresentar a história de dez rainhas, tanto da sociedade Esmeralda, quanto da Venezianos, mostrando sua participação no carnaval, bem como elementos de sua vida pessoal. Neste momento, contudo, gostaríamos de mostrar, de forma generalizada, aspectos que irão pautar o reinado de todas as soberanas, como por exemplo, a divulgação da escolha e da aclamação; a participação nos desfiles e bailes das sociedades; as festividades oferecidas às rainhas, como a exposição de seus retratos;

⁵⁰⁵ *Correio do Povo*, 10 de março de 1908.

⁵⁰⁶ *Correio do Povo*, 17 de fevereiro de 1907.

bem como o discurso direcionado à figura da soberana carnavalesca, através dos versos distribuídos por estas agremiações durante os desfiles⁵⁰⁷.

Quando da decisão de ressurgimento de Esmeralda, em 1906, diversas foram as medidas tomadas para que, no ano seguinte, ela pudesse apresentar seu carnaval. Em reunião “realizada no prédio n. 40 da Rua Nova”⁵⁰⁸, a diretoria da sociedade discutiu diversos “importantes assuntos, todos relacionados com o movimento reerguidor da popular agremiação”⁵⁰⁹. Entre eles, a escolha da soberana esmeraldina para carnaval de 1907, Edith Ribeiro. O jornal *A Federação*, assim, noticiava:

Foi aclamada rainha a interessante jovem Edith Ribeiro, filha do Sr. João Pinto Ribeiro Filho, funcionário do Banco da Província. Na próxima quinta-feira, á noite, irá a diretoria a residência da rainha cumprimentá-la e fazer a entrega do respectivo distintivo⁵¹⁰.

Três dias após a aclamação de Edith Ribeiro para o cargo de rainha da sociedade Esmeralda, a diretoria foi à sua residência para cumprimentá-la pela escolha. Além dos cumprimentos, lhe entregaram um distintivo da sociedade. Tal visita foi noticiada pelo mesmo periódico, descrevendo em ricos detalhes o distintivo entregue à Edith.

[...] Esse distintivo é constituído por um artístico broche, cujo fundo é formado por uma estrela de veludo verde assentado sobre uma chapa de prata.

Sobre a estrela, destaca-se outra, menor e de ouro, tendo ao centro uma coroa e cravados, abaixo uma esmeralda e diamantes.

Acompanha o delicado mimo um lindo cartão, trabalho de aquarela de distinto diretor, tendo a um canto o monograma da rainha, com as letras E e R entreladas, e a inscrição – Á gentil rainha, lembrança da S. C. Esmeralda⁵¹¹.

Após serem escolhidas as rainhas, diversos eram os eventos dos quais elas participariam ou que eram feitos em sua honraria: presidiam reuniões de diretoras em suas residências ou em outros locais⁵¹², eram agraciadas com visitas de membros e diretoria em seus domicílios, participavam de bailes⁵¹³, de *tea concerts* e de diversos

⁵⁰⁷ Para apresentar tais análises iremos utilizar, sobretudo, exemplos das soberanas do primeiro ano de desfile e bailes oferecidos por Esmeralda e Venezianos, em 1907. A rainha esmeraldina era Edith Ribeiro e a veneziana era Elmira Pacheco. Procuraremos pontuar como estas questões irão aparecer nas outras sociedades carnavalescas.

⁵⁰⁸ *A Federação*, 13 de março de 1906.

⁵⁰⁹ *A Federação*, 13 de março de 1906.

⁵¹⁰ *A Federação*, 13 de março de 1906.

⁵¹¹ *A Federação*, 15 de março de 1906.

⁵¹² “Por estes dias, reunir-se-ão as gentis diretoras, sob a presidência da rainha, para combinarem sobre a respectiva ação nas próximas festas”. *A Federação*, 05 de fevereiro de 1909.

⁵¹³ Festa de apresentação da rainha da Esmeralda no salão do Leopoldina. *A Federação*, 07 de janeiro de 1910.

saraus⁵¹⁴. Entre os eventos mais importantes, podemos citar a exposição de seus retratos, que normalmente acontecia nos ateliers mais reconhecidos da cidade.

A fotografia chegou a Porto Alegre com o fotógrafo italiano Luiz Terragno, em 1853⁵¹⁵. Já em 1871, aportou nessa cidade a família Ferrari: Rafael e depois seus filhos, Carlos e Jacinto montariam um dos ateliês mais conhecidos da época. Quando Jacinto e Carlos assumem o negócio do pai, eles se mudam para a Rua Duque de Caxias, nº 473 e constituem uma nova firma – Ferrari & Irmão, dando impulso ao empreendimento de Rafael⁵¹⁶. Especializados em fotografias de vistas urbanas, os Ferrari figuram entre os fotógrafos que mais aparecem na imprensa da última década do oitocentos⁵¹⁷. De acordo com Zita Possamai, “os Ferrari conseguiram prosperar de tal forma, que montaram um dos mais luxuosos ateliers fotográficos da virada do século, chegando mesmo a ter que fechar seu estabelecimento por excesso de trabalho”⁵¹⁸.

Tão prestigiado quanto os Ferrari foi o também italiano Virgílio Calegari, que aqui chegou por volta do ano de 1881. Nascido em Bérgamo, era filho de Oscar Calegari e Rosa Masserini, tendo imigrado para o Brasil aos 13 anos de idade⁵¹⁹. Ao raiar a nova centúria, ele “já era uma figura de destaque na sociedade porto-alegrense, sendo convidado a fazer parte dos eventos relacionados às artes e a fotografar os acontecimentos importantes da cidade”⁵²⁰. Fotógrafo de muitas personagens da elite, como a esposa de Borges de Medeiros ou atrizes de teatro, possuía um dos estúdios mais procurados – talvez por seu renome internacional e sua origem europeia, como salienta Santos – e destacou-se “pela criatividade na composição de cenas fotográficas que imortalizou”⁵²¹. Seu estúdio era, inicialmente, na Rua do Arroio (atual Bento Martins), mas dois anos depois se transferiu para a Rua dos Andradas, n.171, de onde nunca mais sairia⁵²². Foi acompanhado, durante muito tempo, do pintor Cervásio, que

⁵¹⁴Sarau de gala no Clube Caixeiral para homenagear a interessante rainha esmeraldina Alcinda Lewis. *A Federação*, 17 de fevereiro de 1910.

⁵¹⁵FERREIRA, Athos. *Colóquios com a minha cidade*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974, p.5.

⁵¹⁶ALVES, Hélio Ricardo. A fotografia em Porto Alegre: o século XIX. IN: ACHUTTI, Luiz Eduardo. *Ensaio sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998, p.13.

⁵¹⁷SANTOS, Alexandre. Calegari. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo. *Ensaio sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998, p.32.

⁵¹⁸POSSAMAI, Zita, Rosane. O Circuito Social da Fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). *Anais do Museu Paulista*, junho, ano/vol.14, número 001, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 265.

⁵¹⁹SANTOS, Alexandre. Op. Cit., p.23.

⁵²⁰Ibid., p.25.

⁵²¹Ibid., p.29.

⁵²²Ibid., p.24.

fazia o enobrecimento das imagens do fotógrafo, com a técnica de foto pintura. Fato muito presente desde o início da fotografia em Porto Alegre, “este recurso aproximava o signo fotográfico da aura das obras únicas”⁵²³.

Calegari era frequentemente citados pelos jornais, sobretudo pelos “comentários admirados quanto ao cultivo de alguns hábitos europeus”⁵²⁴. Além disso, noticiavam os êxitos por ele conquistado, especialmente, através do reconhecimento estrangeiro de seu trabalho, como por exemplo, em 1907, o *Jornal do Comércio* anunciava:

Mais um atestado de seu belo talento artístico acaba de conquistar o nosso amigo e distinto fotografo Virgílio Calegari.

Há dias, noticiamos ter-lhe sido conferida a medalha de ouro na exposição agrícola de Paris, onde expusera alguns trabalhos.

Agora, acaba de ser galardoado com o “*Gran Prix*”, na exposição internacional de Milão, na seção – “América Latina”.

Além disso, a “*Revue Universelle*”, de Genova, publicação autorizada pelos ministérios da indústria e do comercio de diversos países da Europa, estampou o retrato do distinto artista, assim como um bem lançado artigo sobre as suas fotografias.

Diz a referida revista, entre outras coisas, que, para se sustentar com dignidade o título de fotógrafo é necessário reunir duas condições essenciais: ser um químico completo e um artista perfeito [...].⁵²⁵

Era Calegari, em Porto Alegre, a encarnação da modernidade – frequentar seu estúdio era a incorporação deste signo. No Rio Grande do Sul, o início do regime republicano veio acompanhado pelo aburguesamento dos costumes e, de acordo com Santos, esse “encontrou posição privilegiada no signo fotográfico”⁵²⁶, que significava “a materialização imagética do conceito de modernidade, sustentada no efêmero e na imortalização do instante”⁵²⁷. Dessa forma, podemos entender a necessidade e o objetivo ao se fotografar a rainha carnavalesca, tendo a cada escolha de soberana, os renomados fotógrafos da cidade tirado sua fotografia: o retrato fotográfico dava a ver o individuo e a prática distintiva de um determinado grupo, que carregava consigo diversos signos, entre eles a modernidade. Para tanto, no dia em que essas fotografias seriam exibidas nas vitrines, era promovida uma verdadeira festa, cercada de toda pompa, contando com a presença dos membros das diretorias e de bandas musicais. Apesar da mostra de fotografias dos artistas em estabelecimentos ser uma prática comum e esses comércios realizarem uma “espécie de mecenato informal das artes

⁵²³ Ibid., p.27.

⁵²⁴ Ibid., p.25.

⁵²⁵ *Jornal do Comércio*, 03 de janeiro de 1907.

⁵²⁶ SANTOS, Alexandre. Op. Cit., p.29

⁵²⁷ Ibid., p.30

visuais porto-alegrenses”⁵²⁸, a intenção de se dar a ver que a rainha havia sido retratada por um ilustre fotógrafo e se promover uma festa a fim de exibir esse signo era mais um sinal da tentativa de distinção do carnaval promovido por Esmeralda e Venezianos e das mulheres que a representavam. Além disso, nos jornais publicados pelas próprias sociedades, Esmeralda e Venezianos, e que eram distribuídos durante os desfiles, o retrato da soberana estampava a primeira página⁵²⁹. Desde o ano de sua recriação, após escolher a rainha para o carnaval seguinte, a Esmeralda já passou a exibir o retrato da soberana Edith Ribeiro. Ela foi fotografada por atelier Ferrari e sua fotografia foi colocada nesta vitrine, juntamente com o estandarte da agremiação e o distintivo recebido por ela⁵³⁰.

No ato de inauguração da vitrine estavam presentes o “Sr. Victor Barreto, presidente da sociedade Venezianos, e membros da diretoria esmeraldina”⁵³¹. Além disso, “fez-se ouvir a banda musical do 1º de infantaria da brigada”⁵³². Além da presença de membros da Esmeralda, o evento contava com o comparecimento da Venezianos, na figura do seu presidente. Isso nos remete para o que discutimos no capítulo anterior, no que tange a mudança das relações entre as duas sociedades, Esmeralda e Venezianos, apontando para um bom relacionamento entre elas.

As rainhas esmeraldinas eram normalmente retratadas por Jacinto Ferrari, enquanto que as venezianas por Virgílio Calegari. Apesar do bom relacionamento entre as agremiações, a identificação de uma sociedade carnavalesca com um ou outro fotógrafo não deixava de ser uma competição à parte. De acordo com Santos, Jacinto Ferrari foi quem “se constituiu em ator principal de uma rivalidade tácita entre a família Ferrari e Calegari, no que se refere ao ofício da fotografia na aurora do século XX”⁵³³. Mesmo não tendo havido um confronto direto entre os dois, em vários momentos “da trajetória profissional dos dois fotógrafos a sua disputa implícita pelo prestígio profissional é notória. [...] quando um se destacava em algo, o outro trazia uma novidade”⁵³⁴. Assim, a identificação de Calegari com a Venezianos e de Ferrari⁵³⁵ com

⁵²⁸ Ibid., p.24

⁵²⁹ “Também foi distribuído o jornal Esmeralda, como retrato da rainha na primeira página, e contendo espirituosa e variada colaboração”⁵²⁹. *A Federação*, 21 de fevereiro de 1909.

⁵³⁰ *A Federação*, 17 de março de 1906.

⁵³¹ *A Federação*, 19 de março de 1906.

⁵³² *A Federação*, 19 de março de 1906.

⁵³³ SANTOS, Alexandre. Op. Cit., p.29.

⁵³⁴ Ibid., p.31.

a Esmeralda pode ser entendida como mais uma etapa desta tácita competição: quem representava melhor a rainha?

As visitas de membros e diretoria a fim de cumprimentarem a soberana era outro tipo de acontecimento que ocorria em homenagem a elas. Em 1907, por exemplo, esmeraldinos foram visitar sua rainha, Edith Ribeiro, em sua casa de veraneio, em Canoas. O jornal *A Federação* noticiou o episódio, descrevendo todo o trajeto percorrido pelos componentes da Esmeralda:

Ontem pela manhã a Esmeralda tomou o trem que desta capital parte às 7 horas e foi a Canoas saudar, de surpresa, a sua rainha, a gentil Srta. Edith Ribeiro, que ali se acha veraneando com seus progenitores. Os esmeraldinos seguiram em carro especial, ligado ao comboio do horário. Chegados a Canoas, rufou o Zé pereira e, alvorotando veranistas e moradores do local, dirigiram-se para a residência do Sr. João Pinto Ribeiro, que se achava na capital e seguira no mesmo trem. Inúmeras famílias aguardavam os excursionistas, que foram condignamente recebidos e com fidalguia obsequiados. A rainha esmeraldina foi, então, saudada pelo diretor Souza Neves, entre aplausos dos presentes; sendo entregue á Srta. Edith Ribeiro um lindo ramallete de cravos brancos. Não demoraram muito em canoas os esmeraldinos e, após as despedidas, entre grande entusiasmo, retomaram o trem, desembarcando aqui antes das 10 horas. Além dos que fazem parte do grupo do barulho, muitos foram os diretores e sócios da Esmeralda que estiveram em Canoas⁵³⁶.

Era uma verdadeira jornada: partindo de trem de Porto Alegre, rumo a Canoas, diretores, sócios, o Zé Pereira esmeraldino iam cumprimentar sua soberana e seus pais, demonstrando a importância da figura da rainha para a sociedade carnavalesca. Era um acontecimento, que chamava a atenção não só dos porto-alegrenses, como também de canoenses. Era a Esmeralda se dando a ver e marcar o carnaval de Porto Alegre.

As sociedades carnavalescas promoviam diversos bailes ao longo dos meses de janeiro, fevereiro e março. Muitos deles eram oferecidos “à rainha eleita e às respectivas diretoras”⁵³⁷. Em 1909, por exemplo, o primeiro baile em homenagem à rainha se deu em 23 de janeiro e se realizou no Clube Caixeiral. A presença da rainha era sempre bem marcada, como no baile burlesco oferecido pela Esmeralda, no Clube Caixeiral, em 1910, no qual “a entrada da rainha, senhorita Alcinda Lewis, foi triunfal. A gentil soberana foi recebida entre nuvens de flores e confetes e ao som do hino da

⁵³⁵ Jacinto Ferrari também foi membro da Esmeralda e, no ano de 1908, escreveu um verso dedicado à sua soberana, Edith Ribeiro: “Salve! Rainha formosa, Brillhante estrela divina. De encantos, miraculosa! Salve! Rainha formosa! Tu és o sol que ilumina. A nossa senda gloriosa! Salve! Rainha formosa, Brillhante estrela divina!”. *O Independente*, 10 de janeiro de 1908.

⁵³⁶ *A Federação*, 21 de janeiro de 1907.

⁵³⁷ *A Federação*, 05 de janeiro de 1909.

Esmeralda”⁵³⁸. Do mesmo modo, a Venezianos também promovia seus bailes e exaltava a presença de sua soberana nessas ocasiões.

Contudo, o baile de maior expressão, era aquele promovido após o curso carnavalesco. No ano de 1907, o baile de gala da Esmeralda ocorreu nos salões da Germânia. Esse apresentava “aspecto deslumbrante e as luzes, flores e adornos luxuosos em profusão por toda a parte emprestavam luzimento encantador à festa”⁵³⁹. A rainha Edith Ribeiro, deu entrada no salão às 11 horas da noite, “por entre aclamações e regozijos”⁵⁴⁰. O jornal *O Independente*, assim descrevia a entrada da soberana:

Ela, à proporção que atravessava os vastos salões da Germânia, ganhava esplendor como um diamante que se vai lapidando e polindo pouco a pouco e as pessoas rendiam-lhe um pleito de significativa homenagem, saudando-a em um verdadeiro naco de apoteose.

A sua fantasia venefica engastada de pedrarias preciosas, refletia as luzes multicores que batia de cima, de maneira que inundava o salão de um brilho resplendecente. Os seus cabelos negros faziam-lhe na cabeça graciosa uma torre de ébano lúcido⁵⁴¹.

Esse adentrar da rainha nos salões da Germânia é comparado à lapidação de um diamante: a cada passo, uma lapidada, até o ponto de seu brilho se tornar esplendoroso e as pessoas se renderem à sua divinização, tributando-lhe expressiva homenagem. O brilho que irradiava era facilitado pela fantasia que vestia, coberta de pedras preciosas, refletindo as luzes do salão.

Mas antes de chegar ao grande baile, como vimos, havia o préstito carnavalesco e nele a rainha também era uma figura central. Durante o curso, as sociedades carnavalescas exibiam, além dos carros de passeio, alguns carros alegóricos. Vimos, na parte anterior, que as mulheres compunham a grande maioria dos ocupantes de ambos os veículos. Contudo, o de maior destaque era sempre o que conduzia a soberana. A própria Esmeralda, em 1907, notificava que prosseguia “nos seus preparativos para os dois bailes e o grande préstito, estando em atividade a confecção dos diversos carros alegóricos, dentre os quais sobressairá o principal, que é o da rainha”⁵⁴². Mas ela não vinha só: para anunciar a sua chegada vinham bandas de música, clarins e batedores. Como narrava o jornal *A Federação*, durante o desfile de 1907: “vinham em seguida bandas de música e de clarins; dois cavalheiros e os batedores, era o prenuncio da égide

⁵³⁸ *A Federação*, 17 de janeiro de 1910.

⁵³⁹ *Jornal do Comércio*, 14 de fevereiro de 1907.

⁵⁴⁰ *Jornal do Comércio*, 14 de fevereiro de 1907.

⁵⁴¹ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1907.

⁵⁴² *A Federação*, 28 de janeiro de 1907.

onde pontificava a soberana da Esmeralda a – graciosa senhorita Edith Ribeiro”⁵⁴³. Passando a soberana, vinha o esquadrão real. Esse era formado por homens que compunham a sua legião. Para fazer parte dele, era necessário inscrever-se antecipadamente. Em 1907, esse registro era feito com o capitão Trajano Mostardeiro e, em janeiro daquele ano, o número de cavaleiros para o esquadrão já estava quase completo⁵⁴⁴. O esquadrão de honra da rainha também era considerado uma “das atrações do grande cortejo carnavalesco”⁵⁴⁵.

As descrições e os adjetivos atribuídos à rainha eram sempre muito elogiosos. Sua presença no desfile era muito destacada. O carro em que desfilava era meticulosamente descrito. Analisemos a descrição do *Jornal do Comércio* sobre a passagem do carro que condizia a rainha esmeraldina, no desfile de 1907:

Uma águia presa por fitas verdes seguradas por duas gentis meninas, vendo-se ao alto sobre colunas uma caixa acolchoada tendo as cores verde e amarela e de cujas tampas transparecia como seu meigo olhar e porte donairoso, a galante deusa esmeraldina⁵⁴⁶.

A escolta da soberana anunciava sua chegada, quando no alto ela apareceria com seu olhar meigo e porte galante, demonstrando a superioridade e a distância que ela deveria ter do público que a assistia. Retornaremos a essa questão, quando analisarmos a imagem da rainha que passara a ser transmitida com esse festejo, logo adiante. O sucesso das sociedades era medido pela quantidade de flores que eram arremessadas, sendo que, naquele ano, o “carro da rainha, principalmente, ficou repleto de ramalhetes atirados das sacadas e janelas dos sobrados”⁵⁴⁷.

No desfile de 1909, aconteceram dois pequenos incidentes envolvendo as mulheres que compunham a Esmeralda. Quando passava o préstito esmeraldino, em frente “à fábrica de calçados do capitão Hermenegildo de Barros Figueiredo Júnior, o carro da rainha, tocando em um fio aéreo, fez com que caísse um dos adornos, o que motivou a demora para arranjá-los de novo”⁵⁴⁸. Além do incidente com a rainha, houve, no mesmo desfile, outro imprevisto envolvendo as esmeraldinas: quando o referido curso passava em frente à chapelaria Chiaradia, na Rua dos Andradas, “as fagulhas de fogo de bengala, caindo sobre as gazes e tafetá que enfeitavam um carro conduzindo

⁵⁴³ A *Federação*, 14 de fevereiro de 1907.

⁵⁴⁴ A *Federação*, 25 de janeiro de 1907.

⁵⁴⁵ A *Federação*, 25 de janeiro de 1907.

⁵⁴⁶ *Jornal do Comercio*, 14 de fevereiro de 1907.

⁵⁴⁷ A *Federação*, 03 de março de 1906.

⁵⁴⁸ A *Federação*, 21 de fevereiro de 1909.

fantasias, incendiaram-no. As senhoritas que nele vinham, porém, saltaram rapidamente para o solo, e o povo que logo as cercam, bem como o veículo, impediu maior desastre”⁵⁴⁹.

As celebrações à rainha na sociedade Os Venezianos ocorriam de modo muito similar e seguiam os mesmos ritos da Esmeralda. Também havia encontros na casa de sua rainha, como o que ocorreu na casa da “Srta. Elmira Pacheco, filha do Sr. Alcides Pacheco, [onde] reuniram-se ontem a noite, as diretoras da associação, tomando diversas deliberações sobre os festejos”⁵⁵⁰.

Do mesmo modo, o carro que conduzia a soberana era igualmente bem detalhado, bem como as vestes trajadas por ela, como, por exemplo, no desfile de 1907, quando *A Federação* noticiava que:

O carro da rainha era uma gôndola sob cuja proa sobressaia um cisne, tendo ao centro o trono, adornado luxuosamente.

[...] A formosa deusa trajava costume de cetim branco, com capa de veludo encarnado, guarnecido de boas brancas, tinha à cabeça riquíssima diadema e à mão direita o bastão.

Estava a gentil Elmira Pacheco, com muita graça⁵⁵¹.

Além das duas tradicionais sociedades, existiam outras que mantinham o mesmo tom quando se referiam a sua rainha e ao belo sexo. O Clube Carnavalesco Saca-Rolhas também dava total atenção a elas, seguindo o padrão de ter um carro principal para a rainha e mulheres nos carros de destaque.

É esta a organização do cortejo:

[...] Carro triunfal da rainha do Saca Rolhas, a distinta Srta. Maria Amelia de Moraes.

Carros ornamentados, conduzindo sócios.

Carro alegórico em que figurarão as Srtas. Mimosa e Marieta Moraes, prestando homenagem à imprensa.

Carro alegórico dedicado ao belo sexo porto-alegrense, que será representado pela Srta. Maria Amélia Laeger, rainha do clube no carnaval do ano passado⁵⁵².

O Clube Saca Rolhas não só teve o carro triunfal da rainha e a presença de mulheres nos principais carros, como também fez um especificamente para homenageá-las. Além disso, também promovia bailes em homenagem à sua soberana, como em

⁵⁴⁹ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1909.

⁵⁵⁰ *A Federação*, 16 de fevereiro de 1907.

⁵⁵¹ *Jornal do Comércio*, 14 de fevereiro de 1907.

⁵⁵² *A Federação*, 05 de fevereiro de 1907.

1907, no qual havia um trono para Amelia Moraes, que durante a festividade discursou agradecendo por ter sido escolhida rainha do Saca Rolhas⁵⁵³.

Como vimos, nessa fase, passou a ser frequente a glorificação das mulheres durante os festejos de Momo. Nessa onda de tributos às mulheres, encontramos, seguidamente, versos que tinham como temática a mulher⁵⁵⁴ ou a figura da rainha. Selecionamos os que foram produzidos tanto pela sociedade carnavalesca Esmeralda, quanto pela Os Venezianos, no intervalo de 1909 a 1911. Pretendemos, assim, averiguar as representações e imagens de mulher que foram elaboradas durante o carnaval, na figura de tais sociedades, e analisar as mensagens sociais contidas nesses versos, procurando reconhecer seu sentido, ou seja, seu valor e sua dependência com um determinado contexto.

Ao separarmos esses documentos e criarmos um corpo documental, gostaríamos de analisar e entender os significados dos conceitos nas mensagens, bem como categorizar a influência social das mesmas. Para tanto, tomamos o conceito de Orlandi de discurso, para quem esse é um efeito de sentido entre locutores. Tal premissa nos faz entender a linguagem em relação à constituição do sujeito e à produção dos sentidos. Desta forma, o discurso supõe um sistema significante e a relação deste sistema com sua exterioridade⁵⁵⁵. Para a autora, “no discurso, o mundo é apreendido, trabalhado pela linguagem e cabe ao analista procurar apreender a construção discursiva dos referentes. A ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação”⁵⁵⁶.

Os documentos a serem analisados eram distribuídos ou recitados durante os desfiles das respectivas sociedades. Posteriormente, eram publicados nos jornais. No carnaval de 1909, a Esmeralda distribuiu diversos versos durante seu desfile e cópias de seu jornalzinho⁵⁵⁷, com o retrato da rainha ao fim dele. Os próximos dois versos a serem analisados foram distribuídos neste ano. O primeiro, *A Lenda da Esmeralda*, como veremos, é uma exaltação à figura da rainha e dedicado a ela:

⁵⁵³ *Jornal do Comércio*, 19 de fevereiro de 1907.

⁵⁵⁴ Mulher aqui entendido num sentido universal, de modelo único a ser reconhecido e exaltado, sem levar em consideração todas as diferenças existentes entre as mulheres.

⁵⁵⁵ ORLANDI, Eni. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan/mar. 1994, p.53.

⁵⁵⁶ *Ibid.*, p.57.

⁵⁵⁷ Neste período de seu renascimento a Esmeralda publicava seu jornal durante o período carnavalesco e distribuía nos desfiles. Infelizmente não conseguimos ter acesso a nenhum exemplar.

Um dia, uma alva Estrela, espiando além da espalda, de encontro a um monte azul, - de espanto estremeceu quando viu que passava a RAINHA ESMERALDA, mais bela do que o sol -, mais bela do que o céu!!!

Espiou e tremeu..., e tremeu e tremeu.

E não quis mais olhar, de despeito ou por balda ou porque pressentisse obumbro o brilho seu e obumbra a sua luz rolar de falda em falda!

Desde aí vem a luta entre astros e Terra – luta feita com brilho e em resplandecente guerra, onde arde o sol a pino e o solo abrasa a escalda...

É uma luta em que vence o Belo e o Belo exprime luta de astros, de luz, de sonhos e sublime, porque, enfim, é uma luta em torno da Esmeralda⁵⁵⁸.

Esse excerto é uma narrativa sobre a criação da Esmeralda. Neste início mitológico, a criação dessa sociedade está relacionada à existência de sua rainha que, de tão bela, fez estremecer a estrela, pois era mais formosa do que o céu e do que o sol. Tal beleza fez a estrela não querer mais olhar para a rainha, por despeito, por imperfeição ou por pressentir, abismada, o brilho da Esmeralda. Desde esse momento, desse choque, se gerou uma luta entre astros e Terra e quem venceu foi o belo, pois era uma luta em torno da Esmeralda.

Vemos que, nessa mensagem, não há um sujeito específico, há um narrador da lenda que não se identifica nem como indivíduo, nem como no coletivo. Para narrar essa fábula, ele utiliza-se de referências à natureza – elementos como sol, estrela e montes – e coloca em evidência a presença feminina para o surgimento da Esmeralda, sobretudo, pela sua beleza. Contudo, se observamos o processo de criação dessa sociedade, veremos que as mulheres não estavam presentes, tendo sido uma iniciativa masculina, como vimos anteriormente. Desta forma, podemos acreditar que, ao criar essa fábula, a sociedade estava procurando moldar um passado que fosse ao encontro dos atuais ideais de marcante presença feminina no carnaval, o que de fato não aconteceu quando do nascimento da Esmeralda, em 1873.

Além de causar uma luta entre terra e céus e ser a responsável pela criação da sociedade, a rainha da Esmeralda também era comparada a *Nossa Senhora*. Esse era o título do segundo verso distribuído pela associação. Vejamos:

Vai passar a Rainha – a nossa Grã Senhora
Virgem Nossa Senhora Imaculada e Casta
- qual a santa de um ádro, ao resplendor da aurora
Ou qual mago Santélmo a quem o mar se afasta!

Virgem Nossa Senhora Aparecida em vasta
Nuvem d'ouro e de sonho a qual o sol rubora.

⁵⁵⁸ A Federação, 21 de fevereiro de 1909.

Virgem Santa Maria, a cujos pés se arrasta
A multidão que geme e a Sua Graça implora...

Virgem Santa do Céu! Como ela é bela e moça
E como, feito d'alma, o seu olhar se adoça
E se expande e se estende e sobre nós se reflora!

Ei-la!... Deixem passar o seu ardor singelo!
Abram alas!... Avante, ó devotos do belo:
Vai passar a Rainha – a Nossa Grã Senhora!⁵⁵⁹

Esse verso era, igualmente, uma consagração à figura da rainha. Era uma exaltação à sua passagem durante o desfile da Esmeralda, como se essa fosse uma procissão religiosa. O emissor da mensagem se projeta na 3ª. pessoa do singular, novamente como um narrador, anunciando a passagem da soberana. Desta vez, as referências são de cunho religioso – Grã-Senhora, Nossa Senhora, Nossa Senhora Aparecida, Virgem Santa Maria –, se dirigindo ao receptor como se esse fosse um fiel, a assistir a procissão, devotos do belo, arrastando-se aos pés da Grã- Senhora. Assim como fiéis aos pés da santa se jogam, os que assistiam ao desfile da sociedade também deveriam implorar por sua graça. Imaculada, casta, santa, virgem. A soberana era igualada a Virgem Maria. O símbolo do carnaval porto-alegrense era agora uma mulher virginal (a palavra virgem foi utilizada quatro vezes no verso).

Nesta busca pela regeneração moral, que se aplicaria também ao carnaval, a Esmeralda apelou para a simbologia do catolicismo. No que se refere ao papel das mulheres perante a sociedade, tanto o positivismo quanto o catolicismo tinham posições semelhantes. Se, aparentemente, o positivismo e a Igreja Católica opunham-se frontalmente, pois “o primeiro fundamentava-se em princípios científicos, enquanto que o segundo em teológicos”⁵⁶⁰, nas questões ligadas “à família, propriedade e moral, ambos tinham discursos semelhantes”⁵⁶¹. De acordo com Arthur Isaías, o estado forte, o antiliberalismo, a política moralizadora e o conservadorismo eram pontos de intersecção entre o positivismo e o catolicismo, dois sistemas de ideias alicerçados em parâmetros opostos. Tanto um quanto o outro pregavam a reforma moral da sociedade. Enquanto

⁵⁵⁹ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1909.

⁵⁶⁰ ISMÉRIO, Clarice. Op. Cit., 2007, p.2.

⁵⁶¹ *Ibid.*, p.2.

que o positivismo acreditava que isso deveria ocorrer através da reforma do processo educativo; o catolicismo via a caminho da cristianização social⁵⁶².

O catolicismo da primeira metade do século XX, a fim de conquistar o mundo espiritualmente, usava uma estratégia de cunho missionário. Isto irá coincidir e coexistir no Rio Grande do Sul com o messianismo castilhisto, que também era imbuído de um objetivo de regeneração social. Desta forma, o castilhismo irá desenvolver um padrão de relacionamento com o catolicismo baseado em um *modus vivendi* harmônico. O catolicismo era aceito como força legitimadora e capaz de colaborar com o acatamento social requerido para a vigência da ordem. Por outro lado, o catolicismo via com simpatias uma experiência governamental fundada em princípios como a moralidade como forma administrativa, o apelo à ordem, o desdém à consulta popular como princípio legitimante e realizador do bem comum, o antiliberalismo e, principalmente, o prestígio e a liberdade desfrutados pela religião no castilhismo⁵⁶³.

Outra questão importante é que, no positivismo, a “virgem católica”, “alegoria da Igreja, transformou-se na “virgem mãe”, alegoria da Humanidade. Os positivistas possuíam consciência da tradição católica no Brasil e da mariolatria, conseqüentemente, as mulheres católicas constituíam um público privilegiado para sua doutrina e para o projeto social que almejavam”⁵⁶⁴. Em consonância a essa simbologia, a Esmeralda no verso acima apresentado, comparava à rainha da sociedade a Nossa Senhora e à Virgem Santa Maria.

Para o catolicismo, a mulher, a fim de “seguir a nobre missão de difundir a fé católica deveria possuir moral inspirada no modelo da Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, símbolo de mulher sem mácula que se dispôs a seguir os desígnios de Deus, sem nunca questioná-los”⁵⁶⁵. Desta forma, ao comparar a rainha da sociedade carnavalescas à “Virgem Santa Maria”, a Esmeralda buscava exaltar o sentido de pureza desse carnaval, expressando a santidade e inocência da rainha, símbolo da festa. Naquele verso, a Esmeralda utilizou-se de um vocabulário e de ícones religiosos pertencentes ao catolicismo para expressar, através da figura da rainha, uma imagem modelar para as mulheres.

⁵⁶² ISAÍÁ, Artur Cesar. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 46.

⁵⁶³ Ibid., p.70.

⁵⁶⁴ CALEIRO, R. Op. Cit., p. 2.

⁵⁶⁵ Ibid., p.3.

A Virgem Maria e Clotilde de Vaux eram, segundo Ismério, “modelos de perfeição e sacrifício feminino e, ao serem comparados, demonstram pontos em comum tanto na sua construção simbólica como na sua representação ou signo”⁵⁶⁶. Isso, segundo a autora “vem a comprovar que Comte foi influenciado pelo pensamento medieval católico nas questões relacionadas à moral, organização da família e modelo de conduta de mulher, pois a Igreja foi a grande divulgadora e mantenedora de uma mentalidade de cunho machista e conservador”⁵⁶⁷. Desta forma, pode-se afirmar que o positivismo “deu continuidade as ideias católicas e vice versa, particularmente no que tange à manutenção de uma hierarquia das relações de gênero pautadas, sobretudo, nas diferenças de natureza humana entre homens e mulheres”⁵⁶⁸.

A referência à Nossa Senhora e à virgem Maria como forma de exaltar o papel da rainha da sociedade evidencia uma mudança com o renascer das sociedades carnavalescas, em 1906. Se antes dessa data, as mulheres eram agredidas por comportamentos considerados indevidos durante o carnaval, a partir de agora, elas passaram a ser exaltadas por exemplar castidade e, na metáfora das flores, elas são comparadas às açucenas e lírios, as flores mais usadas em cerimônias religiosas cristãs.

Neste processo viemos destacando a sociedade Esmeralda e a glorificação que esta fazia às mulheres e à sua rainha. Agora veremos que os venezianos também contribuíram para essa exaltação. Em seu desfile, no ano de 1909, em um carro em formato de gôndola, vinha sentado a sua popa, um veneziano, o Sr. Pedro Guimarães Junior, que entoava a seguinte canção:

Enquanto a gôndola segue
Sob o clarão do luar,
No céu palpitam estrelas,
Gemem as ondas do mar

E a nossa altiva Rainha
Conquistando corações
Marcha no carro da Glória
Ao ruído das ovações.

Das açucenas, dos lírios,
Todo o perfume se evola
Enquanto a rosa faceira
Em carrinho abre a corola

⁵⁶⁶ISMÉRIO, Clarice. Op. Cit., p.3.

⁵⁶⁷Ibid., p.3.

⁵⁶⁸OGANDO, Ana Carolina. Entre o Público e o Privado: as relações de gênero no pensamento positivista e católico (1870-1889). Fazendo *Gênero 9 – Diálogos, diversidades, deslocamentos*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

Para brindar a rainha
Dos venezianos a estrela
A quem os anjos da terra
Curvam-se todos ao vê-la.

Marchemos, pois, gondoleiros,
Sob o clarão do luar,
Enquanto brilham estrelas
E as ondas gemem no mar.

Um adeus de despedida
Deixemos como lembrança
E sigamos à Vitória
Sobre as asas da Esperança⁵⁶⁹.

Os venezianos cantavam a marcha dos gondoleiros e sua rainha. Pedro Guimarães Júnior⁵⁷⁰, na figura do emissor, se projeta como um gondoleiro a convocar os demais para a marcha e a vitória veneziana. Novamente aparecem as referências em relação à natureza e a rainha tendo o poder de influir sobre ela: as flores brindam sua passagem, gemem as ondas do mar. Aqui também a rainha ouvia as ovações, os aplausos de quem assistia aos desfiles e conquistava seus corações. Marchando no carro da glória, até mesmo os anjos terra curvavam-se para vê-la em sua passagem. Todos saudavam a estrela veneziana.

Nos anos seguintes, as consagrações continuavam. Em 1910, a rainha da Esmeralda era Alcinda Lewis e, de seu carro “tirado por um elefante reproduzido ao natural com a máxima fidelidade”⁵⁷¹, eram distribuídos panfletos com o verso intitulado *A Rainha*, escrito por Raul Totta, o qual endeusava sua figura. Vejamos:

Sobre o trono real de perola e de gema,
O áureo cetro na mão, esparsa a regia coma,
Entre os louros da glória, Ela, serena, assoma,
Toda cheia de graça, e de beleza extrema.

Cinge-lhe a augusta fronte o brilhante diadema,
E aureolada de luz fulgente e policroma,

⁵⁶⁹ *A Federação*, 25 de fevereiro de 1909.

⁵⁷⁰ Pedro Guimarães Junior era filho de Leopoldina Cardoso e Pedro de Alencastro Guimarães. Seu pai foi vereador (1887-1890) e ilustre cidadão de São Sebastião do Caí. Pela importância da família na cidade o povoado passou a chamar-se “Porto dos Guimarães”. Casou-se, em 1910 (ano posterior ao desfile) com Alaide Silva em 1910. Tiveram os seguintes filhos: Lourdes de Alencastro Guimarães, João de Alencastro Guimarães, Cloty de Alencastro Guimarães, Paulo de Alencastro Guimarães, Henriqueta de Alencastro Guimarães e Ruth de Alencastro Guimarães. Cf. *Ancestry.com* – Site de Genealogia. Disponível em <http://freepages.genealogy.rootsweb.ancestry.com/~alencastro/pafg06.htm#116>, acessado em 15 de novembro de 2011.

⁵⁷¹ *A Federação*, 09 de fevereiro de 1910.

Ela o povo deslumbra e a forma estranha toma
De uma jóia real de valia suprema.

O fogo do delírio os corações escalda.
Bem alto tremulando, a vitória proclama
O verde pavilhão da rutila Esmeralda.

Há pelo espaço em fora alaridos de trompa.
Por entre a multidão, que ardentemente a aclama
Ela passa triunfal na majestosa pompa⁵⁷².

Descrevia-se a passagem triunfal da rainha e, novamente, aclamação do povo com seu desfilar. Utilizando-se de palavras que remetessem à realeza – trono, cetro, diadema, augusta frente, majestosa – Raul Totta ressalta a superioridade da rainha que chega a tomar a forma de uma “jóia real de valia suprema”, proclamando a vitória da Esmeralda.

Ainda no mesmo desfile, a Esmeralda recitava um salve a soberana do seu carnaval, sua estrela flamejante:

Salve! Estrela Refulgente
Do Carnaval Soberana
Que fazes da luta insana
E a folia resplendente.

Brilhando no vasto céu
Do mundo fantasiado
E que vive atormentado
Té de espanto estremeceu

Ao ver passar a gloriosa
Espião, além da espalda
A Rainha da Esmeralda
Fremente e vitoriosa.

Por estas palmas e flores
E aclamação deste dia
Retribuem de coração.

*As filhinas da folia*⁵⁷³

Nesta saudação à rainha, novamente, aparecem as referências à natureza – estrela, céu. A rainha também aparecia como promotora de uma luta insana e de uma festa mais brilhante, que tem o poder de estremecer o céu com sua passagem vibrante e vencedora.

⁵⁷² *A Federação*, 09 de fevereiro de 1910.

⁵⁷³ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1910.

No desfile dos Venezianos, desse mesmo ano, havia um carro *chamado Presas do Amor*. Segundo o jornal *A Federação*, esse era o “mais feliz e surpreendente do cortejo”⁵⁷⁴. Nele tudo “revelava inspiração feliz, gosto na interpretação e doce poesia na escolha dos menores detalhes”⁵⁷⁵. Havia juntamente um esquadrão de cupidinhos que o guarneciam e “davam-lhe ainda mais realce e lhe punha uma nota única de elegância e chique”⁵⁷⁶. Desse carro, eram distribuídos os seguintes versos:

Eis-me aqui, levo uma bela,
Vai comigo uma donzela
A quem eu dedico amor.
Pobre vítima inocente,
De quem cupido, inclemente,
Logo se fez de senhor!

Não é ela unicamente,
A donzela resplendente,
Que eu quero sempre beijar;
A armadilha está armada
E mais alguma adorada,
Virá a mim se entregar⁵⁷⁷.

A presa do amor era representada por uma jovem. Vítima inocente do cupido, que dela se fez senhor. Nesta declaração de amor, o emissor, que fala na primeira pessoa do singular (EU), dedica seu amor a essa jovem, como também a alguma outra que possa a ele se entregar. Diferentemente dos outros versos, este possui um tom mais jocoso e malicioso por parte do emissor da mensagem, fazendo sua declaração não só para a jovem que já estava “presa”, como também às outras que poderiam cair na armadilha. No desfile, havia um alçapão armado e esta última sextilha referia-se ao intento de “apanhar qualquer alminha incauta”⁵⁷⁸. Apesar do tom diferente deste verso, as mulheres, contudo, continuam a ser representadas com os adjetivos de inocência, ingenuidade, virgindade e beleza.

O último verso a ser analisado é do ano de 1911 e pertence à Esmeralda. Neste desfile, a rainha recebeu três buquês de flores e de seu carro foram distribuídos o seguinte verso:

Clarins sonoros num clangor glorioso
Vibram de novo da vitória o canto!
Alas abri o vulto majestoso

⁵⁷⁴ *A Federação*, 09 de fevereiro de 1910.

⁵⁷⁵ *A Federação*, 09 de fevereiro de 1910.

⁵⁷⁶ *A Federação*, 09 de fevereiro de 1910.

⁵⁷⁷ *A Federação*, 09 de fevereiro de 1910.

⁵⁷⁸ *A Federação*, 09 de fevereiro de 1910.

Que surge agora o verde manto!

Ei-la, Rainha Excelsa! Vede o encanto!
Que envolve o seu perfil esplendoroso...
Vendo-a formosa assim, cheio de espanto
No azul do céu desmaia o sol radioso!

Cinge-lhe a fronte a coroa triunfante!
E o próprio *momo* [grifo meu] se extasia diante
Da esmeraldina olímpica grandeza!

Flor ideal irmã gêmea da Graça!
Cobri de flores essa Luz que passa;
Majestade do cetro e da beleza⁵⁷⁹.

Novamente vemos uma narração da passagem da rainha. Feita na terceira pessoa do singular, buscava enaltecer a figura mais importante do carnaval, pois até Momo (na terceira estrofe do verso) se deslumbrava com tamanha grandeza, graça e beleza. O verso mandava abrir alas para a figura majestosa da excelsa rainha esmeraldina e utilizava-se de um tom suntuoso para essa descrição. Mais uma vez, temos referências a elementos da natureza, como o sol desmaiando por tanta formosura.

Vimos, portanto, que foram utilizadas estratégias discursivas a fim de construir uma nova imagem feminina no carnaval. Como afirma Orlandi, “não se trata de procurar ‘conteúdos’ ideológicos que seriam a ocultação da realidade, mas justamente os procedimentos discursivos em que a ideologia e a linguagem se constituem em uma forma de produzir sentido”⁵⁸⁰. Estes versos foram instrumentos simbólicos através dos quais esses carnavalescos (note-se que o emissor quando é identificado, é masculino) expressaram seus valores sociais, suas relações de poder, bem como sua forma de verem as relações entre homens e mulheres nesta Porto Alegre do início do século XX. O que ficou mais evidente foi a relação mulher/natureza e o associação das mulheres a adjetivos que se pautavam por uma noção de moralidade tão presente na época, como temos visto até então.

Tal instrumento podia ser útil, também, na difusão desses valores em diferentes camadas sociais, haja vista os desfiles serem produzidos pela elite da cidade, mas assistido pelas classes populares. De acordo com Backthin, para a análise da Psicologia da linguagem é preciso que se considere concomitantemente texto e contexto. Cada época tem seu conjunto de tipo de discursos que são usados em sua comunicação sócio-

⁵⁷⁹ A Federação, 02 de março de 1911.

⁵⁸⁰ ORLANDI, E. Op. Cit., p.56

ideológicos. Desta forma, entender como era e o que acontecia nesta cidade, durante esse período, nos ajuda a compreender as transformações nas representações das mulheres, pois “não são os traços sociológicos empíricos – classe social, idade, sexo, profissão – mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um pai, de um operário, de um presidente”⁵⁸¹ e de uma mulher.

Desta forma, vimos neste capítulo, o quanto as mulheres passaram a ser exaltadas no carnaval, nessa nova fase de renascer de Esmeralda e Venezianos. A rainha da sociedade carnavalesca era a figura mais glorificada, como por exemplo, com os adjetivos graciosa, bela, imaculada e casta. Adjetivos que refletissem sempre um aspecto santificado, divinal desta mulher que personificava a sociedade carnavalesca e o carnaval porto-alegrense⁵⁸².

Ao longo do capítulo mostramos o quanto se modificou a forma de se “generificar” o carnaval: se antes eram os heroicos esmeraldinos e venezianos que faziam a festa; agora é a grácil mulher porto-alegrense. Em ambas as ocasiões, foram construídos estereótipos de masculinidade e feminilidade – valentia e coragem para eles; graça, pureza e beleza, para elas.

Os homens, na primeira fase dessas associações, assumiram o controle do carnaval, organizando e promovendo a festa e desfilando nos préstitos. Teriam eles perdido seu lugar de primazia no carnaval com o renascimento das agremiações? Nesse novo momento, os homens ainda continuavam participantes da festa e eram os possuidores dos principais cargos dentro da sociedade – o de presidente, vice-presidente, tesoureiro e secretário. Contudo, a visibilidade nos festejos passou a ser das mulheres.

Se eles não tinham mais um notório reconhecimento pela promoção das festividades, elas não mais se entregavam ao entrudo, possibilitando a manutenção do capital simbólico em mãos masculinas. Deste modo, o carnaval pode ser entendido como um espaço no qual houve a perpetuação desse poder masculino que servia para a dominação das mulheres, delineando um domínio que se iniciava já no plano simbólico.

⁵⁸¹ Ibid., p.56.

⁵⁸² Lembramos que a festa promovida pelas sociedades carnavalescas não era a única forma com que se comemorava o carnaval em Porto Alegre. Contudo, como vimos no primeiro capítulo era a forma mais reconhecida e considerada legítima para se aproveitar a festa.

3. “MAIS BELA DO QUE O SOL, MAIS BELA DO QUE O CÉU”: as trajetórias de vida das rainhas das tradicionais sociedades carnavalescas de Porto Alegre.

Procuramos, ao longo dos primeiros capítulos, demonstrar que o segundo ciclo das sociedades carnavalescas apresentou uma série de peculiaridades em relação ao primeiro, tanto no que concerne à participação das mulheres nos festejos carnavalescos de Porto Alegre, quanto, sobretudo, no discurso que visava ressaltar essa participação e atribuir uma série de qualitativos às mulheres que faziam parte do carnaval promovido por Esmeralda e Venezianos. Mostramos a importância que era dada, especialmente, à figura da rainha das sociedades carnavalescas, uma das figuras centrais desse festejo, a quem eram direcionados uma série de eventos e feitas as mais variadas exaltações. No segundo capítulo, analisamos os excertos que eram escritos para as rainhas dessas agremiações e mostramos como se dava a sua participação no carnaval.

Neste capítulo, daremos uma atenção especial à trajetória de vida de cada uma delas, indicando as diferenças e similaridades, aproximações e interdependências, sobretudo, no que tange aspectos ligados ao carnaval. Verificaremos até que ponto esses caminhos corresponderam ao modelo de mulher apresentado pelo carnaval, no qual essas mulheres foram apresentadas como símbolo maior. Além disso, testaremos a hipótese que encaminha para a tese sobre o envolvimento dos familiares, mais diretamente, os *pater familie*, na escolha, indicação e gerenciamento das rainhas da festa, porque foram alçadas a símbolos maiores do processo que buscamos descortinar nesta tese. Suas histórias ajudam, e muito, a revelar o processo, entender e comprovar nossa tese.

3.1. As rainhas: as Marias do carnaval e suas histórias

Como ressaltamos, temos trabalhado, até o momento, com as mulheres no carnaval de uma forma generalizada: como se modificou a visão a respeito delas ao participarem da festa, como as rainhas carnavalescas foram consideradas modelos de virtude e beleza nos festejos promovidos por Esmeralda e Venezianos e como ocorreu uma ampliação dos espaços ocupados pelas mulheres no carnaval porto-alegrense. Contudo, acreditamos que a trajetória de vida dessas mulheres, compreendidas em sua

individualidade e não só como “as rainhas”, é uma questão que nos ajuda a compreender as relações existentes nesse festejo, bem como essa mudança no que se refere a “generificação” da folia. Nosso objetivo, então, nesta parte, é resgatar alguns fatos da história de vida dessas mulheres que foram consideradas símbolos do carnaval porto-alegrense. Até que ponto suas trajetórias de vida refletem as características que o festejo carnavalesco propalava como seus signos de distanciamento? De que forma suas relações de parentesco e o capital social acumulado podem se refletir no carnaval da capital? Advertimos, contudo, que dado ao limite deste trabalho, haja vista a escassez de fontes a respeito de muitas das rainhas, não iremos construir “biografias” a respeito dessas mulheres e, sim, trabalhar com material que tivemos disponível de uma forma mais individualizada, procurando dar voz e entender cada uma dessas personagens que ajudaram a fazer esse festejo. Isso não significa que não procuraremos pautar nossa análise pelas orientações teóricas e metodológicas do trabalho biográfico. Nossa maior intenção é nos aproximarmos um pouco mais da vida dessas mulheres, vidas que foram usadas como modelos de retidão e moralidade, a fim de visualizarmos como elas eram, que caminhos seguiram, como agiam além daquilo que era vinculado pelos jornais no período carnavalesco. De algumas mulheres conseguimos obter mais informações e fazer uma análise mais aprimorada. De outras, contudo, poucos foram os elementos que conseguimos rastrear. Mas, mesmo assim, optamos por colocá-las no trabalho a fim de se fazer ver um número significativo dessas rainhas⁵⁸³.

Uma de nossas inquietações nesta parte do trabalho era, justamente, a pergunta feita por Momigliano, de que “os historiadores serão um dia capazes de enumerar os incontáveis aspectos da vida?”⁵⁸⁴. Conseguiríamos escrever a vida de um indivíduo? Que difícil tarefa, sobretudo, porque tendemos a narrar uma história em que “os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado”⁵⁸⁵. Por vezes, reproduzimos através de “modelos que associam uma cronologia ordenada, uma

⁵⁸³ Das 17 mulheres que ocuparam o título de rainha, entre esmeraldinas e venezianas, apresentaremos a história de vida de dez. As demais não conseguimos levantar nenhum outro tipo de documentação referente às suas vidas, desta forma, optamos por não colocá-las nesta parte da tese. Ver anexo 1, com a listagem das rainhas por sociedade carnavalesca e ano de reinado.

⁵⁸⁴ MOGLIANO, Arnaldo. *Lo sviluppo della biografia greca*. Torino, 1974, p.8. APUD: LEVI, Giovanni. *Usos da Biografia*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 169.

⁵⁸⁵ LEVI, Giovanni. *Usos da Biografia*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 169.

personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas”⁵⁸⁶. É claro, que nós indivíduos não temos essa coerência enquanto vivemos. Desta forma, já colocamos uma das primeiras questões a ser pensada para quem trabalha com o gênero biográfico: “como pode a narrativa histórica representar a descontinuidade e a fragmentação de uma biografia”⁵⁸⁷? As pessoas ao longo de suas vidas não têm sempre comportamentos coerentes e de acordo com as normas e, sobretudo, com aquilo que gostaríamos que tivessem.

Mas como o historiador que pode “ver” a vida deste outro, com começo, meio e fim (apesar deste trajeto não ser um deslocamento linear, unidirecional) devido ao seu distanciamento temporal, consegue abarcar essa pluralidade de anseios, de dúvidas, de incertezas que abarcam a vida humana? Afinal, nossas fontes nos informam “acerca dos processos de tomada de decisões, ou seja, dos atos”⁵⁸⁸ que esta pessoa procedeu ao longo de sua existência. Bourdieu já alertava para a necessidade de reconstruir o contexto em que este indivíduo agiu numa pluralidade de campos, a cada instante.

Outro aspecto que gostaríamos de salientar é que, se por um lado, o trabalho biográfico é extremamente instigante e prazeroso; por outro, é um tanto quanto delicado, pois estamos tratando com a vida das pessoas reais, com seus sentimentos, suas frustrações, suas omissões, com suas famílias. Ao mesmo tempo em que este é o maior encanto desta tarefa – resgatar a história das pessoas, com seus anseios, desejos e assim entender um pouco mais do comportamento humano – também é o maior problema, pois estamos lidando com memórias, memórias de famílias, que nem sempre são tão positivas e que virão à tona com o trabalho. Como equacionar este dilema?

Benito Schmidt aponta para alguns impasses atuais no gênero biográfico. Ele destaca quatro oposições que “normalmente se colocam ao historiador interessado em realizar uma pesquisa biográfica”⁵⁸⁹: a relação entre o indivíduo e a sociedade, entre a unidade e a fragmentação social, a narração e a explicação, o público e o privado. Desta forma, procuraremos aqui “desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto”⁵⁹⁰, buscando a tensão entre o indivíduo e o social. Como palco, temos

⁵⁸⁶ Ibid., p.169.

⁵⁸⁷ Ibid., p.169.

⁵⁸⁸ Ibid., p.173.

⁵⁸⁹ SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *ANOS 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, Porto Alegre, UFRGS, n. 6, dez. 1996, p. 181.

⁵⁹⁰ Ibid., p.180.

o carnaval e as diretrizes que dele partiram: como essas mulheres agiram em suas vidas, a partir do posto ocupado de rainhas e dos caracteres que lhes eram designados através dele? Que peso esses conceitos normativos tiveram em suas vidas? Para tanto, nossa narrativa busca, através das histórias dessas rainhas, entender um pouco mais sobre relações sociais e de gênero estabelecidas na Porto Alegre do início do século passado, sobretudo, no que tange aos festejos carnavalescos de Esmeralda e Venezianos. Dentro de nossos limites, procuraremos explorar as diversas facetas das vivências dessas mulheres, bem como as relações estabelecidas entre a vida pública e a privada – o título de rainha se fez sentir nas experiências privadas dessas mulheres? Dito isto, partamos para a história das Marias do carnaval!

3.1.1. Themira de Azevedo

Themira de Azevedo foi rainha da Sociedade Carnavalesca Os Venezianos em 1908, aos 15 anos de idade. Neste ano, o jornal *O Independente* noticiava o passeio que ela fizera como soberana veneziana, “em *Landau*⁵⁹¹, tirado por três pares e escoltada pelo seu esquadrão [...] pela Rua dos Andradas”⁵⁹² para depois dirigir-se a um baile que seria dado no Clube Caixeiral. Esse passeio era acompanhado por um “grande número de carros, em que iam o coronel Neves, presidente; vice-presidente, Reiniger; Santos Pardelhas, secretário e grande número de senhoritas e cavalheiros fantasiados”⁵⁹³. Vemos, assim, a importância dada ao passeio, o mostrar-se da rainha, que aparecia em uma carruagem puxada, provavelmente, por dois cavalos, com a presença de seu esquadrão que lhe dava a proteção, além da companhia de ilustres e importantes membros da agremiação. Ao passar a carruagem da rainha em frente do Ferro Carril, um café no centro de Porto Alegre⁵⁹⁴, o aluno militar Tito de Barros lhe entregou uma coroa de louros e recitou os seguintes versos:

Militares e Civis,

⁵⁹¹ Landau era uma espécie de carruagem usada antigamente para o transporte de reis e nobres. Foi criado na França, no início do século XIX. Modelo leve, de duas rodas, puxada por um animal. Dois bancos de passageiros que se defrontam, coberta com capota em fole dividida em duas seções que se podem arriar, levantar ou remover independentemente uma da outra. Na década de 1970 a Ford, cria um novo carro, com características similares e lhe dá o nome de *Landau*, pois era um automóvel de carroceria fechada com capota em fole sobre o compartimento reservado aos passageiros. *MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, 2259p.

⁵⁹² *O Independente*, 12 de março de 1908.

⁵⁹³ *O Independente*, 12 de março de 1908.

⁵⁹⁴ Ferro Carril era um café localizado na Rua dos Andradas, em frente à loja Preço Fixo e próximo à Fotografia Ferrari.

Unidos num laço forte
Formando bela corte,
Vos prestam justa homenagem

E para porta-bandeira
Do momento improvisado
Lembraram-se de um soldado,
Apenas o vosso pajem.

Esta coroa, senhorita,
Que de todo o coração,
Como um troféu, um brasão, vos oferta a mocidade,
É um símbolo de glória,
Uma aureola de luz,
Que finalmente traduz
A nossa sinceridade
Guarde-a, pois... Quando um dia,
Vos disserem que o passado,
O vosso tempo dourado,
De criança, já morreu;

Direis a quem vos falar:
Fui criança, terna e boa,
Eis aqui esta coroa
Que a mocidade me deu. [...] ⁵⁹⁵

O verso pregava a união de civis e militares para formar uma corte que homenageariam a rainha veneziana. Note-se que em nossa pesquisa, percebemos que a maioria das rainhas eram filhas de majores e tenentes-coronéis, como mostramos anteriormente, sem falar da Venezianos que ficou por vários anos sob a presidência de Emílio Massot, tenente-coronel, considerado patrono da Brigada Militar. Além disto, a presença da Banda da Brigada Militar é frequente nos festejos promovidos por estas associações. Percebe-se, portanto, que há uma forte relação entre os militares e o carnaval promovido por Esmeralda e Venezianos.

No verso, o jovem recomendava a Themira que guardasse a coroa, símbolo de glória e de luz, que ele lhe ofertava como prova de um passado dourado, para quando lhe passassem os anos de juventude. Interessante é que tal discurso também é apresentado pela própria Themira: neste ano de 1908, os venezianos saíram vencedores do carnaval. A sociedade carnavalesca teria ganhado uma medalha como prova da vitória. No ano seguinte – 1909 – na reunião organizada para a entrega do estandarte para a então rainha Therezinha Piccardo, o Sr. Leonel de Alencastro, em nome da diretoria “ofereceu a senhorita Themira de Azevedo a medalha que os venezianos

⁵⁹⁵ *O Independente*, 12 de março de 1908.

conquistaram no carnaval de 1908, com a maior prova de estima e reconhecimento que a sociedade podia dar-lhe”⁵⁹⁶. Tal medalha foi posta em seu peito por sua sucessora, Therezinha Piccardo, “por entre aclamações e palmas”⁵⁹⁷. Foi então que Themira Azevedo passou o estandarte que empunhava a sua sucessora e “agradecendo a distinção recebida”⁵⁹⁸, afirmou que “conservaria aquela medalha como uma feliz recordação de sua mocidade”⁵⁹⁹.

Havia, portanto, todo um ritual que procurava demarcar a passagem de um reinado a outro: símbolos e emblemas, representantes daquela festividade – medalha, estandarte - eram entregues às soberanas a fim de que perpetuassem aquela memória. Essa, justamente, é uma das funções do símbolo⁶⁰⁰: “resguardar certos valores, considerados básicos para a perpetuação de cultura e sociedade”⁶⁰¹. Assim, ao conservá-lo como um signo de sua mocidade, Themira e as demais rainhas, estariam reproduzindo e, neste sentido conservando, uma série de comportamentos, características, sentimentos e atos que estavam vinculados a esse carnaval, bem como o ideal de mulher expresso por ele. Esta rede de significados simbólicos, perpassados pelas festividades carnavalescas, podem ser interpretadas como um “poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”⁶⁰². Homens e mulheres participavam da festividade, na qual os emblemas eram passados de mulher para mulher. Transferia-se de uma rainha para outra toda aquela carga simbólica que esses signos carregavam consigo, objetivando, provavelmente, fazer com que aquelas mulheres se sentissem honradas. Como afirma Bourdieu, quanto maior for o grau de sujeição inconsciente ao poder simbólico, mais poderoso ele será⁶⁰³.

Neste desfile que resultou na vitória veneziana de 1908, o carro que conduziu Themira “representava o fundo do mar, sendo ela uma pérola cercada de corais. O seu

⁵⁹⁶ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

⁵⁹⁷ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

⁵⁹⁸ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

⁵⁹⁹ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

⁶⁰⁰ “Pessoa, gesto, palavra, fórmula, sinal gráfico ou objeto material que tenha adquirido um significado específico e representante, num contexto cultural, um sentimento, ato ou atitude”. GLOBO. Dicionário de Símbolos. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, p. 306.

⁶⁰¹ *Ibid.*, p.306

⁶⁰² BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, Lisboa: Ed. Difel, 1989, p.7.

⁶⁰³ *Ibid.*, p.17.

trono, uma concha com muito gosto feita, era puxado por dois golfinhos”⁶⁰⁴. Após esse cortejo, o jornal *O Independente*, em homenagem aos venezianos, que se sagraram vencedores, publicou um texto em que exaltava a figura de sua soberana. Afirmava que a folha se sentia muito contente, “dourada pelo perfil gracioso da jovem Themira de Azevedo, graciosa rainha da galharda falange veneziana, que passou triunfalmente pela artéria principal por entre o aplauso da população em peso que a vitoriava, arrancando uma ovação que é a mais bela apoteose que lhe podia fazer”⁶⁰⁵. O perfil gracioso da rainha seguia sendo destacado pelo jornal, que lhe designava uma série de atributos, qualidades próprias de uma majestade:

Instruída, graciosa, reunindo em si todos os atrativos, tendo a altivez e bondade de uma majestade, do alto do seu trono, ao mesmo tempo em que empunhava um cetro do mais fino lavor com a mesma dignidade de rainha, distribuía aos seus súditos que se curvavam à sua passagem, submissos, as alvoradas do seu sorriso que eram gotas de orvalho caindo no coração de seus vassallos numa pulverização de ouro⁶⁰⁶.

Instruída, graciosa, altiva, bondosa, digna: Themira, em seu desfile, ao passar pelos súditos que a admiravam, distribuía sorrisos, que para seus corações era como o borrifar de ouro. A rainha representava as virtudes que as mulheres deveriam apresentar. Segundo o modelo positivista, apresentado no capítulo anterior, ela era o anjo tutelar, responsável pela “formação moral” da sociedade⁶⁰⁷. Tal visão coincidia com a visão da imprensa que desejava uma regeneração moral dos festejos. Seguia o jornal:

[...] Rainha pela beleza e rainha pelo espírito, baixa do seu alteroso sólio a confundir-se com seus vassallos, esparzindo sorrisos, espalhando as pétalas de ouro do seu espírito de elite, numa graça infinita, sem entretanto descer de sua majestade de soberana⁶⁰⁸.

Novamente percebemos a referência feita ao período medieval, seus cavaleiros, donzelas e rainhas: descendo de seu trono, a soberana do carnaval se misturava a seus vassallos em uma graça infinita, mas sem perder a majestade. E o jornal prosseguia elencando as virtudes da graciosa rainha da Venezianos:

⁶⁰⁴ *O Independente*, 05 de março de 1908.

⁶⁰⁵ *O Independente*, 23 de março de 1908.

⁶⁰⁶ *O Independente*, 23 de março de 1908.

⁶⁰⁷ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 130.

⁶⁰⁸ *O Independente*, 23 de março de 1908.

Possui uma certa *nonchalange* que a distingue brilhantemente, tem o poder, o dom de cativar, de fazer curvar-se aquele que se lhe acerca, com uma graça extraordinária, com uma requintada delicadeza.

Talento primoroso, a grácil rainha veneziana é senhora de lúcida inteligência, amalgamada a um serio estudo. Modesta também reúne todas as raras qualidades que formam o coração de uma moça destinada a dominar e a brilhar⁶⁰⁹.

O talento e a inteligência de Themira eram salientados. Contudo, devemos lembrar que, apesar do modelo ideal feminino requerer uma mulher “sábia” que devia “estar à altura intelectual do marido”, esta deveria manter-se esposa⁶¹⁰, para tanto a modéstia de Themira também era uma virtude salientada, que traçava, inclusive, seu destino. E a louvação à rainha continuava, destacando-se seus atributos de soberana:

O carinho e o entusiasmo, quando Ela se apresentou, vestida de púrpuras, envergando graciosamente as vestes áureas da realeza, reclinada, numa pose verdadeiramente régia, sobre o seu belíssimo trono, como se a ele estivesse habituada, é a mais alta prova de apreço e admiração que lhe podiam tributar⁶¹¹.

Themira portava-se tal qual uma rainha verdadeira, ao trajar vestes reais e com sua atitude corpórea em seu trono, dignos de admiração e tributos. E o jornal *O Independente* fazia homenagem à rainha veneziana publicando essas palavras e a seu retrato fotográfico. Sabemos que o retrato foi o primeiro gênero forte da fotografia e que alcançou grande popularidade desde o início do processo fotográfico, no século XIX. Tal sucesso pode ser entendido, pelo fato de que ele materializava a demanda dos indivíduos de construírem sua imagem e se eternizarem. Segundo Procopiak, “a representação da figura humana, no universo das imagens, sempre correspondeu a um firme desejo de perpetuar determinada identidade, como espírito e os valores da época, ou seja, cada sociedade produz formas artísticas que refletem suas tradições e exigências”⁶¹². Assim, a importância dada pelas sociedades carnavalescas de fotografarem suas rainhas, bem como a entrega de diversos emblemas da sociedade, podem ser entendidos como uma maneira de eternizar aquele momento, perpetuando os valores daquele tempo, representados através do carnaval.

⁶⁰⁹ *O Independente*, 23 de março de 1908.

⁶¹⁰ LEAL, Elisabete. Castilhos e Honorina: fragmentos biográfico sem cartas de amor. *MÉTIS: história & cultura*, p. 109-127, p.115.

⁶¹¹ *O Independente*, 23 de março de 1908.

⁶¹² PROCOPIAK, Ana Lúcia. O retrato fotográfico na trama sociocultural. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, n. 24, FCSA 03, p. 167-176, Curitiba, nov. 2001.

Como mostramos no segundo capítulo, a fotografia já estava bem presente na Porto Alegre da virada do século XIX. Essa presença “demonstrava a assimilação desse novo engenho, pelo menos entre as camadas mais abastadas da sociedade porto-alegrense, que faziam das imagens fotográficas objetos de consumo”⁶¹³. Consumo este que se deu, sobretudo, pela aquisição de retratos realizados em estúdio. Assim como Themira, veremos que todas as outras rainhas foram fotografadas, tirando seus retratos em estúdios. Ora sob a lente de Ferrari, ora sob a de Calegari. Das dez rainhas pesquisadas, a imagem de oito delas estava acessível ao historiador, mesmo um século depois, permitindo que visualizássemos a auto-imagem daquelas mulheres e daquela sociedade. Vejamos o retrato de Themira de Azevedo⁶¹⁴.



Figura 3- Themira de Azevedo, rainha dos Venezianos. Retirada do jornal *O independente*, 23 de março de 1908.

Themira era filha de Amphilóquio de Azevedo e Maria José de Assis Azevedo⁶¹⁵. Nascida em Porto Alegre, em 1893, ela tinha ainda mais três irmãos: Plauto de Azevedo, nascido em 02 de novembro de 1892; Astréa de Azevedo, nascida em 12 de agosto de 1900 e Maria de Azevedo, nascida em 24 de novembro de 1901.⁶¹⁶ O jornal *O Independente*, no texto produzido para aquela homenagem da vitória que

⁶¹³ POSSAMAI, Zita. O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1920 e 1935). In: *Anais do Museu Paulista*, jun. ano/vol.14, n.001, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2006, p.265

⁶¹⁴ Não faremos uma análise desses retratos, contudo optamos por colocá-los no corpo do texto ao invés de anexos, por acreditarmos que ficariam melhor evidenciados nesta condição.

⁶¹⁵ Registro de Batismo da Igreja do Menino Deus Porto Alegre, Livro 4, Folha 2, Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

⁶¹⁶ Inventário de Amphilóquio de Azevedo, n. 28, 1912, Porto Alegre, APERS.

vimos mais acima, afirmava que: “a grácil rainha veneziana é filha do Dr. Amphilóquio de Azevedo, talento de elite, lente da Escola de Guerra, onde, por entre a pedraria fina da sua palavra fácil e autorizada, pontifica do alto de sua cátedra”⁶¹⁷.

Sabemos desta forma, que seu pai foi tenente-coronel do estado maior⁶¹⁸ e professor da Escola de Guerra⁶¹⁹. Considerado pelo jornal um “talento de elite”, que na referida escola doutrinava com sua palavra “fácil e autorizada”. Ao fim do ano em que Themira fora rainha dos venezianos, ao que tudo indica Amphilóquio recebeu uma promoção ao posto de tenente-coronel. Tal ascensão lhe valeu uma visita de cumprimentos dos venezianos à sua residência, como noticiava o jornal *Correio do Povo*, em 1908:

Manifestação de apreço – A diretoria da Sociedade Venezianos, acompanhada de uma banda de musica, foi, ontem, á noite, cumprimentar o Dr. Amphiloquio de Azevedo, pela sua recente promoção ao posto de tenente-coronel do exercito. Servida uma taça de champagne, o tenente-coronel Affonso Massot, presidente dos Venezianos, saudou o dr. Amphiloquio, em nome da sociedade, que lhe deve prestimoso auxilio. Foi, também, muito festejada a distinta senhorita Themira Azevedo, querida ex-rainha dos Venezianos. O Dr. Amphiloquio tem sido alvo de muitas manifestações de apreço, pela sua promoção a tenente-coronel⁶²⁰.

Vemos uma ligação entre os membros da sociedade veneziana com questões que iam além dos festejos carnavalescos: vitórias de cunho pessoal de um membro daquela agremiação eram saudadas por toda ela. Além disso, note-se que na fala do presidente, tenente-coronel Afonso Massot, é demarcada a presença da ex-rainha Themira. Além disso, essa família continuou no ano seguinte contribuindo para os festejos da cidade, pois, de acordo com o jornal *A Federação*, em 1909, a reunião de senhoritas para se prepararem para o desfile foi na casa do tenente-coronel Dr. Amphilóquio de Azevedo⁶²¹.

⁶¹⁷ *O Independente*, 23 de março de 1908.

⁶¹⁸ “O requerente major do quadro especial do estado-maior, Amphilóquio do Azevedo, sendo 2º tenente de artilharia, foi promovido a tenente do coronel o do estado maior a 29 do novembro de 1889, do conformidade com a lei n. 8.169, do 14 do julho do 1883, sendo graduado no posto imediato a 23 de abril do 1890, o promovido a efetivado em 8 de outubro do mesmo ano”. *Diário Oficial da União*, de 01 de Outubro de 1912, p.2.

⁶¹⁹ “Código do Instituto de oficiais de ensino superior e secundário aprovado pelo decreto n. 3.800 de 1º de abril de 1901, e 286 do regulamento que baixou com o do n. 330 de 12 de abril de 1890, ao professor da Escola de Guerra tenente-coronel Amphiloquio de Azevedo e acréscimo do 20 sobre os vencimentos lixados para aquele cargo, o qual ser-lhe-ha abonado a contar de 28 de abril ultimo, visto haver completado na véspera desse dia 20 anos de serviço no magistério”. *Diário Oficial da União*, de 18 de Setembro de 1909, p.5.

⁶²⁰ *Correio do Povo*, 22 de dezembro de 1908.

⁶²¹ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1909.

Ao buscarmos mais informações sobre a vida de Themira, descobrimos que, em 17 de março de 1912, quatro anos após o seu reinado, seu pai – Amphilóquio – morreria. Em seu inventário, consta que ele deixou como bens aos herdeiros uma casa “no Campo da Redenção, n. 54, com três janelas e uma porta de frente, limitando-se por um lado, sudoeste e sudeste, com propriedade de Bernardo Luiz Pinto; noroeste com herdeiros de Maria Leonor Fróes de Campos e fundos com propriedade de mesmo Bernardo Luiz Pinto”⁶²². Através desse mesmo documento, descobrimos que quatro anos após seu mandato de majestade veneziana, Themira já se encontrava casada com Sylvio do Nascimento Barros. Em 1937, através do inventário de sua tia, Parisina – que faleceu em Porto Alegre, aos 74 anos de idade, solteira – que deixou Themira e seus irmãos (Plauto, Astréa e Maria) como únicos legatários e legou-lhes, “apenas em dinheiro, a quantia de sessenta e seis contos de reis, a dividir em partes iguais, com os requerentes”⁶²³, soubemos que ela ainda achava-se casada com Silvio. Em, 1941, contudo, ela ficou viúva⁶²⁴, vindo a falecer trinta e cinco anos após seu esposo, em 15 de março de 1976⁶²⁵.

3.1.2. Laura Brasil Paes

Laura foi rainha da sociedade carnavalesca Esmeralda em 1909. Nesse ano Laura estava veraneando com sua família na Tristeza⁶²⁶ e ao retornar para a cidade presidiu uma reunião com as diretoras da sociedade, nos salões do Clube Caixeral. O jornal *A Federação*, não só comunicava o acontecimento, como também noticiava que vindo “de reputado atelier, já se acha nesta capital a luxuosa *toilette* majestática daquela

⁶²² Inventário de Amphilóquio de Azevedo, n. 28, 1912, Porto Alegre, APERS.

⁶²³ Inventário de Parisina de Azevedo, n.2511, 1937, Porto Alegre, APERS.

⁶²⁴ Encontramos o registro do inventário de Silvio, no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, porém este documento foi devolvido ao cartório por poder do juiz de direito da 5 a. Vara, em 1943.

⁶²⁵ Cf. Listagem de Sepultados. Cemitério da Irmandade Arcanjo São Miguel e Almas, Porto Alegre.

⁶²⁶ Em 1899 se dá a inauguração da Estrada de Ferro do Riacho, com terminal na Tristeza. A estrada que à princípio serviria para transportar o lixo produzido pelo centro de Porto Alegre para os aterros da Zona Sul, passa a atrair a curiosidade da população, despertada pela presença dos trens. Isto fez com que se desenvolvesse, no ano seguinte, o uso para “transporte de passageiros desta ferrovia, o que estimulou de maneira decisiva o crescimento do bairro. Essa facilidade de deslocamento para o Tristeza permitiu que muitas pessoas de maior poder aquisitivo pudessem desafogar o já populoso Centro, comprando propriedades na faixa de terra entre a ferrovia e o Rio Guaíba e instalando casas de veraneio com arquitetura em forma de chalé. Estimulados pela construção de uma faixa de concreto, alguns desses novos moradores passaram a não apenas veraneiar, mas também a morar no bairro”. Segundo Sérgio da Costa Franco “foi em função da linha férrea que a Tristeza progrediu, convertendo-se em zona de veraneio, com um aumento progressivo de habitações construídas. Em 1910, uma nota no *Jornal do Comércio* sobre o desenvolvimento do bairro faz referência às “confortáveis e excelentes residências de verão”, quase todas “em forma de chalé”, e de “frente para o Guaíba”. FRANCO, Sérgio da Costa Franco. *Porto Alegre: Guia histórico*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992, p. 416.

senhorita [Laura] e que é de efeito deslumbrador[sic] o carro triunfal que a Esmeralda destina a sua graciosa soberana”⁶²⁷.

Após a referida reunião, “entregavam-se senhoritas e cavalheiros aos prazeres da dança, quando foi anunciado a presença dos Venezianos precedidos da diretoria e da atual e da ex-rainha, senhoritas Therezinha Piccardo e Themira Azevedo, acompanhadas de crescido número de diretoras, e, ainda, de seu valente Zé Pereira e de uma banda de música”⁶²⁸. Note-se a presença das rainhas da sociedade co-irmã no festejo promovido pela Esmeralda: procura-se denotar um sentimento de simpatia e convivência, contrastando com os festejos do primeiro ciclo destas associações, como pontuamos no primeiro capítulo.

O retrato da rainha, tirado pelo atelier de Jacinto Ferrari, também foi motivo de notícia do jornal *A Federação*. Quando da inauguração dele na vitrine do referido atelier, o jornal comunicou quando seria o acontecimento e no dia seguinte descreveu tal estreia. Segundo ele, “o sucesso principal da noite de ontem, foi a inauguração do retrato da rainha da sociedade carnavalesca Esmeralda, d. Laura Paes Brasil, na vitrine do atelier fotográfico Ferrari, á Rua dos Andradas”⁶²⁹. Após narrar o brilho e o entusiasmo com que teria acontecido o evento, com a presença do Zé-pereira esmeraldino e de uma banda de música da Brigada Militar, ele descrevia o retrato de Laura:

[...]foi descoberta a vitrine, aparecendo então o retrato disposto de uma forma originalíssima e que muito recomenda a perícia e o bom gosto do Sr. Jacinto Ferrari e do pintor Cervásio.

A jovem rainha é representada em busto recortado na fotografia em tamanho aproximado do natural, no centro da vitrine, pitorescamente ornamentada e iluminada a luz verde embaciada.

O conjunto é magnífico e não podia deixar de produzir no público que se premia as cercanias do estabelecimento o mais completo efeito⁶³⁰.

Como evidenciamos no capítulo anterior, o pintor Vicente Cervásio costumava trabalhar em conjunto com o fotógrafo, dando um ar de pintura aos retratos tirados por

⁶²⁷ *A Federação*, 10 de fevereiro de 1909. Em um ensaio sobre o carnaval baiano, na década de 1970, analisando os prêmios realizados pelas sociedades e clubes carnavalescos (Fantoques de Euterpe, Cruzeiro da Vitória, Inocentes em Progresso) Maria Tereza Roxo Nobre afirma que esse carnaval era inspirado na Europa, em Nice e Roma e que segundo seus entrevistados “os milionários da terra [...] mandavam as medidas das roupas através de agentes representantes de firmas de lá, qee o maior carnaval do mundo é o de Nice, e as roupas já vinham prontas de lá”. NOBRE, Maria Tereza Roxo. Meandros da Participação: formas de compartilhar espaço. *Ciência e Cultura*, v.30, 1978, p. 536.

⁶²⁸ *A Federação*, 11 de fevereiro de 1909.

⁶²⁹ *A Federação*, 18 de fevereiro de 1909.

⁶³⁰ *A Federação*, 18 de fevereiro de 1909.

Calegari⁶³¹. Jacinto Ferrari também tinha o costume de trabalhar associado a um pintor, “a fim de contentar uma freguesia apreciadora das imagens fotográficas retratadas”⁶³². Contudo, a referência que temos é a de os que Ferrari teriam trabalhado com os “pintores Boscagli e Carlos Fontana, num primeiro momento, e Frederico Trebbi, posteriormente”⁶³³. Teriam Calegari e Cervásio rompido a parceria e o pintor ido trabalhar no estúdio concorrente? O que podemos ver é que o retrato de Laura que fora exposto na vitrine da fotografia Ferrari era o busto em tamanho próximo ao natural e tinha um local e iluminação privilegiada na referida vitrine, dando ainda maior evidência aquela fotografia, “materialização imagética do conceito de modernidade”⁶³⁴.

No baile promovido pela Esmeralda, a rainha teria chegado pouco depois das “onze horas, no carro de gala que figurou no préstito, acompanhado do seu luzido esquadrão e do Zé Pereira”⁶³⁵. Em sua passagem pela rua dos Andradas teriam sido “aclamadas com entusiasmo a jovem rainha d. Laura Brasil Paes e a Esmeralda”⁶³⁶. Ao chegarem ao salão aonde ocorreria o baile, Laura “foi recebida em triunfo e seguida até o trono que lhe estava reservado no salão principal, pelas suas alas e a diretoria da Esmeralda”⁶³⁷.

Laura Brasil Paes nasceu em 1890 era filha de Maria de Assis Brasil e do coronel Miguel de Oliveira Paes e não tinha irmãos. Era sobrinha de Joaquim Francisco de Assis Brasil⁶³⁸.

⁶³¹ De acordo com Alves, durante muito tempo Cervásio trabalhou no anonimato e obscuridade, porque Calegari “fazia a ampliação fotográfica levemente fora do foco; e, em papel fosco especial, Cervásio pintava sobre a foto. Calegari emoldurava e colocava num canto inferior, em geral no lado direito, uma plaquinha com a marca em forma de assinatura – *Atelier ou Studio Calegari*. Isto, por muitos anos, fez acreditar que Calegari fosse o pintor”. ALVES, Hélio Ricardo. Op. Cit., p.15.

⁶³² POSSAMAI, Zita Rosana. Op. Cit., p.265.

⁶³³ Ibid., p.265.

⁶³⁴ SANTOS, Alexandre. Op. Cit., p.29.

⁶³⁵ *A Federação*, 25 de fevereiro de 1909.

⁶³⁶ *A Federação*, 25 de fevereiro de 1909.

⁶³⁷ *A Federação*, 25 de fevereiro de 1909.

⁶³⁸ Joaquim nasceu em São Gabriel e foi estudar direito em São Paulo. Lá se filiou ao Clube Republicano Acadêmico, onde teria ingressado na militância republicana. Segundo Passos, entre 1880 e 1881, essa agremiação será dirigida por Antônio Gomes Pinheiro Machado (irmão de José Gomes Pinheiro Machado), Afonso Celso de Assis Figueiredo, Júlio de Castilhos e Assis Brasil. Além destes militantes republicanos Assis Brasil teria entrado em contato com Alcides de Mendonça Lima, Ernesto Aleves, Arymirio Galvão, Severo Peixoto, Antônio Augusto Borges de Medeiros, Victoriano Monteiro, Álvares Chaves e Barros Cassal. Com sua diplomação, volta ao Rio Grande do Sul e aqui ajuda a criar o Partido Republicano Rio-Grandense. É eleito primeiro deputado republicano e organiza a empresa jornalística *A Federação*, sendo um de seus redatores. Após alguns desacordos, em manifesto de 1891, mesmo deixando claro em várias passagens sua amizade e afeição a Julio de Castilhos, Assis Brasil iria romper definitivamente com ele. Em 1908, funda o Partido Republicano Democrático, juntamente com Fernando Abott. PASSOS, Manoel Caetano de Araújo. *Entre os direitos do cidadão e o interesse do Estado*:

Quando seu pai morreu estava Laura entrando na adolescência, aos dozes anos, e residia em São Gabriel⁶³⁹. Não sabemos se após a morte do pai, ela e sua mãe vieram para Porto Alegre, mas o certo é que sete anos depois ela seria rainha da Esmeralda. Em 1931, sua mãe Maria Brasil Paes também faleceu. Segundo o seu inventário, constava que ela era viúva desde 1913 – contrariando a nossa primeira data – estava com 70 anos de idade e residia em Bagé⁶⁴⁰.

Laura casou com Carlos Saldanha e teve duas filhas: Léa Paes de Saldanha e Lia Paes de Saldanha⁶⁴¹. Sabemos que está enterrada no Cemitério São Miguel e Almas, mas não conseguimos descobrir a data de seu falecimento⁶⁴². Quando da morte de sua mãe, Laura, com então 38 anos, e seu esposo Carlos, residiam em Santa Maria e ela era a “única e universal herdeira, na qualidade de filha legítima”⁶⁴³. Assim, pelo inventário de sua mãe lhe foi deixado os seguintes bens: um prédio à rua Gel. João Manuel, 357, em Porto Alegre. Tal bem teria sido adquirido pela “‘de cujus’ por arrematação, nos autos das execuções movidas pela Fazenda Municipal de Porto Alegre, contra d. Maria B. de Oliveira Fonseca e herdeiros de Manuel de Oliveira Paes”. Além do prédio, Laura herdou uma casa em Bagé, “5 quadra, 32 braças e $\frac{3}{4}$ de palmo, mais ou menos, de uma sesmaria”, na Fazenda de S. Gonçalo, também em Bagé e um “estabelecimento denominado ‘Recreio’, no campo acima descrito, tendo sido estes dois últimos bens adquiridos pela “ ‘de cujus’, em pagamento de sua meação, na herança de seu finado marido Cel. Miguel de Oliveira Paes”⁶⁴⁴. Essa descrição dos bens adquiridos por nossa rainha, através de sua herança, nos levam a perceber que ela era possuidora de considerável condição social, tendo herdado dois imóveis e uma propriedade.

3.1.3. Therezinha Piccardo

Therezinha Piccardo nasceu em 06 de março de 1890 e foi batizada em 24 de junho de 1890, na igreja Nossa Senhora Madre de Deus, em Porto Alegre⁶⁴⁵. Foi rainha da sociedade carnavalesca Os Venezianos, em 1909, aos dezenove anos de idade.

representação política no pensamento político de Joaquim Francisco de Assis Brasil. Dissertação de Mestrado, PPGCS/UFRGS, Porto Alegre, 2006, p.17-23.

⁶³⁹ Inventário de Miguel de Oliveira Paes, n. 603, 1902, São Gabriel, APERS.

⁶⁴⁰ Inventário de Maria Brasil Paes, n. 2501, 1937, Porto Alegre, APERS.

⁶⁴¹ Inventário de Maria Brasil Paes, n. 2501, 1937, Porto Alegre, APERS.

⁶⁴² Cf. Listagem de Sepultados. Cemitério da Irmandade Arcanjo São Miguel e Almas, Porto Alegre.

⁶⁴³ Inventário de Maria Brasil Paes, n. 2501, 1937, Porto Alegre, APERS.

⁶⁴⁴ Inventário de Maria Brasil Paes, n.2501, 1937, APERS.

⁶⁴⁵ Registro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora Madre de Deus/ Catedral, Porto Alegre, Livro 25, folha 45v, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Naquele ano, os Venezianos fizeram uma reunião, promovida por sua diretoria, no Salão Leopoldina, para “solene entrega do estandarte social, à interessante rainha, senhorita Therezinha Piccardo”⁶⁴⁶. Segundo o jornal *O Independente*, o Salão Leopoldina, “fartamente iluminado, regurgitava de exmas. senhoras, gentis senhoritas e diretoria e sócios dos venezianos”⁶⁴⁷. Nessa reunião também estava presente a senhorita Themira Azevedo, a quem foi dado a medalha ganha pelos venezianos no ano anterior, como expusemos anteriormente. Thereza colocou a medalha no colo de Themira e, após a fala de agradecimento da ex-rainha, “também falou a senhorita Piccardo, dizendo que tinha esperança de conduzir aquele pavilhão à vitória[...]”⁶⁴⁸. A reunião findou com um baile entre venezianos e esmeraldinos no Clube Caixeiral, demonstrando, novamente, a boa relação entre essas duas agremiações.

Os agrados venezianos à figura de sua rainha não se restringiram a isso. Também lhe foi entregue pelo Dr. Pinto Rocha uma coroa de louros e a taça dourada. Além disso, Therezinha foi eleita a mais bela rainha, no concurso promovido pelo semanário *Não Pode*. De acordo com *O Independente* “[...] uma gentil senhorita, em nome do semanário *Não Pode* entregou à grácil soberana dos Venezianos a medalha do concurso desse jornal para a mais bela rainha”⁶⁴⁹. Após essa homenagem “[...]o primeiro secretário, pedindo a palavra, ofereceu em nome da sociedade à senhorita Therezinha Piccardo, belíssimo quadro com o seu retrato, como testemunho do seu eterno reconhecimento[...]”⁶⁵⁰. Verifica-se, novamente, a tentativa de eternizar a participação dessas mulheres como rainha carnavalescas, seja através da entrega de medalhas, ou por meio dos retratos fotográficos.

O retrato oferecido à Therezinha Piccardo pelo secretário da Venezianos, Benjamim Flores, como sinal de gratidão foi o retrato tirado pelo fotógrafo Calegari. Vejamos a notícia da exposição na Drogaria Inglesa⁶⁵¹:

Hoje às 8 da noite será exposto, na vitrine da Drogaria Inglesa, o retrato da gentil senhorita Therezinha Piccardo, trabalho do reputado fotógrafo Calegari.

⁶⁴⁶ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

⁶⁴⁷ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

⁶⁴⁸ *O Independente*, 14 de fevereiro de 1909.

⁶⁴⁹ *O Independente*, 13 de março de 1909.

⁶⁵⁰ *O Independente*, 13 de março de 1909.

⁶⁵¹ A Drogaria Inglesa, localizada na Rua da Praia, era frequentemente usada por Calegari para exibir seus retratos. Além disso, ela vendia artigos especializados, vindos da Europa, como a “moderna Repromaster, lentes cambiáveis de boa luminosidade e papeis de excelente qualidade”. ALVES, Hélio. Op. Cit., p.15

O Zé Pereira dos Venezianos e uma banda de música tocarão no local⁶⁵².

Percebemos, desta forma, a identificação dos dois mais renomados estúdios fotográficos da época de Porto Alegre – Calegari e Ferrari – com uma ou outra agremiação. Enquanto Calegari fotografava as venezianas, Ferrari retratava as esmeraldinas. Nesse ano de 1909, por exemplo, Calegari retratou Therezinha Piccardo, a soberana veneziana; enquanto Ferrari fotografava e expunha o retrato na vitrine de seu atelier da rainha esmeraldina, Laura Paes Brasil.

No préstito realizado pelos venezianos era um carro egípcio que conduzia Therezinha. Ela estava vestida com “trajes e adornos das rainhas egípcias”⁶⁵³ e tinha “aos seus pés duas escravas, também ricamente vestidas; dd. Iracema Albuquerque e Mariana Lobato”⁶⁵⁴.

No baile de encerramento dos festejos carnavalescos que essa sociedade promoveu, no salão da Leopoldina, Therezinha Piccardo, a soberana veneziana, “fez sua entrada solene [...] no seu belo traje de princesa egípcia”⁶⁵⁵. Após sua entrada, “a guarda de honra formou em alas e por entre elas passou a rainha debaixo de uma tempestade de aplausos e foi conduzida ao trono pelo presidente da sociedade, tenente coronel Afonso Massot e mais membros da diretoria”⁶⁵⁶. Depois de devidamente conduzida ao trono, era o momento da rainha receber “as homenagens devida e muitos lindos buques oferecidos por outras associações”⁶⁵⁷. O tenente Alencar agradeceu a dedicação do presidente da sociedade, Afonso Massot, e Therezinha pendurou-lhe no peito uma rica medalha de ouro. A festa prolongou-se até a madrugada.

Não conseguimos obter muitas outras informações de Therezinha, além das que apareceram nos jornais, por ocasião de seu reinado. O que sabemos é que ela era filha de Agostinho e Carlota Piccardo, ambos naturais da Itália⁶⁵⁸. Casou-se com Humberto Selbach, em 1908. Humberto era natural de Bom Princípio e nascera em 30 de outubro

⁶⁵² *A Federação*, 16 de fevereiro de 1909.

⁶⁵³ *A Federação*, 25 de fevereiro de 1909.

⁶⁵⁴ *A Federação*, 25 de fevereiro de 1909.

⁶⁵⁵ *A Federação*, 01 de março de 1909.

⁶⁵⁶ *A Federação*, 01 de março de 1909.

⁶⁵⁷ *A Federação*, 01 de março de 1909.

⁶⁵⁸ Registro de Batismo de Thereza Piccardo, da Igreja de Nossa Senhora Madre de Deus/ Catedral, Porto Alegre, Livro 25, folha 45v, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

de 1884⁶⁵⁹. Filho de Jacob Selbach Júnior e Maria Knapp⁶⁶⁰. Foi diretor da Folha do Sul⁶⁶¹. Em 1958, Thereza já era viúva e residia na Av. Venâncio Aires, 57⁶⁶².

3.1.4. Alcinda Lewis

Alcinda foi rainha da sociedade carnavalesca Esmeralda, em 1910. Era neta do cenógrafo que preparou os carros para a primeira exibição da sociedade, em 1874, o Sr. João Manoel Barreto Lewis⁶⁶³. Era filha de José Ebank Lewis e Carlota Cabral Lewis⁶⁶⁴ e teve mais sete irmãos: James Cabral Lewis, Walter Lewis, Brunilde Lewis, Hilda Lewis, Egberto Lewis, Irma Lewis e Benjamin Lewis. Segundo o jornal *O Independente*, era

uma brilhante prova do quanto vale o cruzamento das raças, na produção de tipos de perfeição. Neta remota de filhos da velha Albion, pelo lado paterno, pelo materno corre-lhe nas veias a mistura do sangue luso-brasileiro, resultando dessa mescla operada em quatro gerações, de que ela é a flor, o tipo formoso que apresenta, impecável em seus detalhes⁶⁶⁵.

O jornal *O Independente* defendia, assim, a miscigenação para o aprimoramento das raças⁶⁶⁶. Alcinda era um tipo formoso por fruto da mistura britânica – por seu pai,

⁶⁵⁹ Registro de nascimento, Cartório de Órfãos e Ausentes, n. 1114, maço 8, 1908, Montenegro, APERS.

⁶⁶⁰ *Nossas Páginas de Genealogia*. <http://www.familiateixeira.com/tng/index.php>, acessado em 22 de agosto de 2012. Jacob Selbach Júnior foi fundador do município de Selbach, no Rio Grande do Sul e da livraria Selbach. *Correio do Povo*, 27 de janeiro de 1968. Jacob Selbach Junior “engajou-se no aguerrido e ferrenho Partido Republicano. Nascida a República, em 1889, entrou para a Guarda Nacional, na qual conquistou por mérito o galardão de Tenente-Coronel”. SELBACH, Jacob Christiano. Apontamentos sobre a vida do pioneiro de Santa Teresinha, ex-Santa Teresinha do Forromeco, município de Bom Princípio, Rio Grande do Sul. Genealogia da Família Selbach. Disponível em http://www.selbach.eti.br/genealogia/Biografia_de_Jacob_Selbach_Junior.pdf, acessado em 15 de novembro de 2011.

⁶⁶¹ Cf. LAYTANO, Dante. *Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas*. Porto Alegre: EST, 1989.

⁶⁶² *Diário Oficial da União* de 31 de Outubro de 1958, pg.16.

⁶⁶³ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910. Faleceu em 22 de março de 1924. Era casado com Emília Kaminski, com quem teve os seguintes filhos: Alice Lewis Maciel, Alberto Barreto Lewis, Auvim Barreto Lewis, Arthur Barreto Lewis, Adelia Lewis Maya, Maria Emília Pereira da Silva, Maria José Dexheimer, José Ebank Lewis e Adelaida Maria de Azevedo. Inventário de Manuel Barreto Lewis, n.723, 1924, Porto Alegre, APERS.

⁶⁶⁴ Registro de batismo de Montenegro, Livro 8, folha 91, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

⁶⁶⁵ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁶⁶⁶ É frequente a noção de que o gaúcho é o “resultado da miscigenação entre portugueses, espanhóis, africanos, alemães, italianos com o índio da terra”. LUVIZOTO, Caroline Kraus. *Cultura Gaúcha e Separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 25. E que a ocupação do território e seu povoamento “se deu lentamente a partir da miscigenação com as nativas no intercuro das lutas, guerras, comércio e tropeiradas”. ALMEIDA, Carina dos Santos. O Debate Historiográfico entre Moisés Velhinho e Manoelito de Ornelas. *Spartacus*, UNISC, Santa Cruz do Sul, 2009. De acordo com Alexandre Lazzari, no Rio Grande do Sul houve “grupos literários e tradicionalistas que produziram tanto práticas associativas como uma expressiva quantidade de textos” abrangendo diversos gêneros, que

José e portuguesa, já mesclada com o Brasil – por sua mãe, Carlota. Sabemos que seu pai, José Ewbank Lewis, foi inspetor ajudante da rede telegráfica e telefônica do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1920, foi nomeado para o cargo de inspetor de 3º. da classe da Repartição Geral dos Telégrafos⁶⁶⁷. Sua mãe, Carlota, morreu em 21 de fevereiro de 1972 e está enterrada no Cemitério São Miguel e Almas⁶⁶⁸. Alcinda, diferentemente das outras rainhas, não tinha pai major ou coronel. Contudo, a relação de sua família com a Esmeralda desde seus primórdios, através da figura de seu avô, talvez explique a sua escolha como soberana. Note-se que no primeiro ciclo, percebemos uma maior ligação das sociedades carnavalescas com o mundo das artes, da escrita, haja vista até mesmo, muitos dos integrantes participarem do Partenon Literário⁶⁶⁹.

Nascida em 19 de fevereiro de 1898, em Montenegro, Alcinda foi rainha aos doze anos. E para o referido jornal seu “desenvolvimento físico, é, então, admirável, pois não conta ainda 12 anos de idade, e já parece uma moça completa”⁶⁷⁰. Mas não era só o seu crescimento físico que chamava a atenção, pois a sua “organização moral está[va] de acordo com a figura física: inteligente a toda prova, extraordinariamente

possibilitou a ambição de imaginar a identidade nacional brasileira como uma identidade rio-grandense ou gaúcha e que o trabalho desses letrados não deixou de “inventar, divulgar e popularizar símbolos e narrativas de um passado comum”, criando “um grande artefato de aparatos culturais que serviram de matéria-prima aos movimentos regionalistas e tradicionalista ao longo do século seguinte, bem como ao discurso dos movimentos políticos e intelectuais que se seguiram na ‘província’ e fora dela”. LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade. (1860-1910)*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2004, p. 19 e 20. A descrição de nossa rainha, a partir de suas origens, resultado da união de dois povos (brancos), talvez buscasse contribuir para esse pensamento de superioridade gaúcha.

⁶⁶⁷ *Diário Oficial da União* de 21 de Março de 1920, pg.58. “O ministro ao Estado dos Negócios da Viação das Obras Públicas, em nome do Presidente da Linha, resolve nomear o inspetor ajudante da rede telegráfica e telefônica do Estado do Rio Grande do Sul, José Ewbank Lewis, para o cargo de inspetor de 3º classe da Repartição Geral dos Telégrafos, com os vencimentos que lhe competirem”.

⁶⁶⁸ Cf. Listagem de Sepultados. Cemitério da Irmandade Arcanjo São Miguel e Almas, Porto Alegre.

⁶⁶⁹ A Sociedade Partenon Literário foi criada em 18 de junho de 1868 em Porto Alegre e reunia um grupo heterogêneo de intelectuais: mulheres, negros, professores, funcionários públicos, caixeiros. Frequentavam bailes junto “às elites porto-alegrenses e promoviam saraus para os quais eram convidadas as mais distintas famílias da cidade”. Entre os ideais difundidos pela sociedade pode-se citar: republicanismo, abolicionismo, emancipação feminina, construção de uma literatura nacional/local. SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá: o Partenon Literário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, 2008. Para difusão de suas ideias, a sociedade publicava *A Revista do Partenon Literário*, que circulou entre 1869 e 1879 e era distribuída gratuitamente. Tal agremiação sofreu influência do pensamento positivista comteano e, segundo Paulo Mossmann Sobrinho, representou um elo entre esta doutrina e o restante da população. MOSSMANN SOBRINHO, Paulo Gilberto. A influência do positivismo de Augusto Comte no Partenon Literário. *Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v.24, n.1, 2010.

⁶⁷⁰ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

vivaz e, não obstante sua juvenilidade, tem o propósito e a correção das moças completas”⁶⁷¹.

Era Alcinda, para *O Independente*, uma “moça completa”. Tamanha quantidade de qualidades, provavelmente, a habilitaram a possuir o título de soberana da Esmeralda, pois essa agremiação, “a verde joia do carnaval, procurou um raio de sol no belo sexo, para iluminá-la nas festas deste ano”⁶⁷². E para corroborar esses inúmeros adjetivos elencados, o jornal apresentava “o seu retrato, pálido esboço do que realmente ela é: tipo completo da beleza plástica”⁶⁷³.



Figura 4 - Alcinda Lewis. Rainha da Esmeralda, em 1910. Retirado do jornal *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

Pela ocasião da apresentação de Alcinda como rainha da Esmeralda, essa sociedade enviou um convite para o jornal *A Federação* a fim de que fosse assistir a tal exposição. Segundo o jornal, o convite era “uma obra de arte, pois tem ao centro uma chapa de prata, tendo uma esmeralda cravejada no alto, e com os seguintes dizeres: Alcinda Lewis, 06-01-1910. No alto do cartão, ao canto, vê-se um mignon e belo retrato da rainha, senhorita Alcinda Lewis”⁶⁷⁴. No dia seguinte, esse jornal apresentou uma nota descrevendo a festa para a qual tinha sido convidada:

⁶⁷¹ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁶⁷² *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁶⁷³ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁶⁷⁴ *A Federação*, 06 de janeiro de 1910.

Como todas as festas da gloriosa Esmeralda, a de ontem, de apresentação da rainha, revestiu-se de maior brilhantismo. [...] o vasto salão do Leopoldina achava-se repleto de uma sociedade distinta e elegante quando, por entre aclamações, entrou a graciosa soberana esmeraldina, senhorita Alcinda Lewis que, acompanhada da diretoria da Esmeralda, encaminhou-se para o lugar de honra que lhe fora reservado⁶⁷⁵.

Após a entrada da futura soberana, Benjamim Flores fez a apresentação da rainha e “concitando as gentis diretoras a, congregando-se em torna da interessante patrícia, – não pouparem esforços a bem das glórias ininterruptas da Esmeralda”⁶⁷⁶.

Outro evento noticiado pelo jornal *A Federação* foi o baile burlesco promovido pela Esmeralda, ocorrido no Clube Caixeiral. De acordo com o jornal: “[...] a entrada da rainha, senhorita Alcinda Lewis, foi verdadeiramente triunfal. A gentil soberana foi recebida entre nuvens de flores e confetes e ao som do hino da Esmeralda sendo acompanhada pelo vice-presidente da sociedade até o lugar de honra que lhe fora preparado”⁶⁷⁷. No baile a rainha foi felicitada por seu aniversário que coincida, justamente, com a data desta festividade. Foi feito um brinde a sua pessoa e este “deu lugar a uma entusiástica oração à jovem Alcinda Lewis”⁶⁷⁸. Após todas as homenagens a rainha as agradeceu “num formoso discurso, pronunciado com a mais graciosa presença de espírito”⁶⁷⁹. Apesar da tenra idade, a soberana esmeraldina já efetuava belos discursos, tendo a capacidade de reagir rápido e bem às homenagens que lhe eram feitas, era uma “moça completa”, como afirmava o jornal!

Temos percebido que em todos os eventos promovidos pela a Esmeralda, a soberana carnavalesca é sempre uma figura de destaque. Contudo, como já mencionamos, um dos eventos que nos parecem ter sua imagem ainda mais em evidência é a festa promovida pela ocasião da exposição de seu retrato. O jornal *Correio do Povo* noticiava o acontecimento da seguinte forma:

⁶⁷⁵ *A Federação*, 07 de janeiro de 1910.

⁶⁷⁶ *A Federação*, 07 de janeiro de 1910.

⁶⁷⁷ *A Federação*, 17 de janeiro de 1910.

⁶⁷⁸ *A Federação*, 17 de janeiro de 1910. Podemos perceber uma forte religiosidade presente entre os componentes desta festa, pois junto ao brinde feito à rainha procederam uma prece. O jornal não descreve que tipo de oração foi feita à Alcinda. Mas o que sabemos que o catolicismo no início do século XX procura estabelecer “definitivamente o espírito tridentino na vida religiosa das populações rio-grandenses”. De acordo com esta concepção, a catequese seria o meio mais eficaz para ‘elevar’ o nível da formação religiosa do povo, separando o religioso do festivo, o espiritual do social. Outra questão interessante a ser ressaltada é que a igreja lutava pela instituição de uma unidade moral, capaz de avalizar um padrão de convivência social favorecedor do trabalho missionário da igreja e isto era uma intersecção com o castilhismo, que pregava pela moral social. Enquanto o Estado pregava a reforma moral da sociedade através da educação, a igreja acreditava na cristianização para se alcançar a regeneração moral, como vimos no capítulo anterior. ISAÍÁ, Artur César. Op. Cit., 1998.

⁶⁷⁹ *A Federação*, 17 de janeiro de 1910.

Foi um sucesso a inauguração ontem, na vitrina do atelier Jacinto Ferrari, do retrato da rainha da Esmeralda, a senhorita Alcinda Lewis. O retrato foi desvendado entre palmas e aclamações, ao som do hino da Esmeralda e ao rufar ensurdecedor da mocidade do Zé Pereira. A vitrina Ferrari apresentava deslumbrante aspecto. A habilidade dos artistas Vicente Cervasio e Jacinto Ferrari empolgou a atenção geral⁶⁸⁰.

O jornal *A Federação* também noticiava a exposição do retrato da soberana, contudo fornecia maior detalhamento sobre a festividade. Narrava o trajeto da caverna até o atelier de Jacinto Ferrari, que teria sido feito “entre brados de contentamento e vivas à ‘Esmeralda, à rainha, ao carnaval’”⁶⁸¹. Tendo a multidão parado diante da vitrine, “subiu a placa que a encobre e apareceu, em toda a sua beleza, a concepção artística”⁶⁸² dos artistas acima citados. Assim o jornal descrevia a obra:

Ao alto nuvens de arminho; e num voo à terra, um anjo faz pairar sobre a fronte curvada da linda soberana esmeraldina, uma coroa de louros.

Nada mais simples.

Entretanto, nada mais espiritualizante pela delicadeza concepcional do conjunto, pelo harmônico destaque das figuras, todas de recorte, no belo tom geral da perspectiva⁶⁸³.

Um anjo colocava a coroa sobre Alcinda, dando um toque espiritualizante, como o próprio periódico salienta, e angelical não só à rainha, como à própria comemoração carnavalesca. Até mesmo na descrição dos retratos pode-se perceber essa tentativa moralizadora do carnaval que buscava exaltar uma figura mais casta, angelical em contraposição às imagens mais sensuais que a festa poderia promover. Não devemos esquecer que, nessa época, o discurso feito sobre a fotografia, de mimese, era de que ela era o espelho do real, sendo considerada “como a imitação mais perfeita da realidade”⁶⁸⁴, logo a rainha ali representada era considerada a verdadeira imagem daquela mulher.

Após mostrarem o retrato, “houve, então, um delírio de aclamações que prolongaram-se enquanto a banda tocava o hino da Esmeralda e o Zé Pereira a secundava freneticamente”⁶⁸⁵. E as ovações só fizeram aumentar quando apareceu a rainha, que “que, por entre alas de senhoritas e moços que a cobriam de confete, encaminhava-se para o atelier, acompanhada da diretoria da gloriosa sociedade, para

⁶⁸⁰ *Correio do Povo*, 04 de fevereiro de 1910. Novamente aparece o pintor Cervásio acompanhando o estúdio Ferrari e não o Calegari.

⁶⁸¹ *A Federação*, 04 de fevereiro de 1910.

⁶⁸² *A Federação*, 04 de fevereiro de 1910.

⁶⁸³ *A Federação*, 04 de fevereiro de 1910.

⁶⁸⁴ DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. Campinas: Papirus, 1993, p.26.

⁶⁸⁵ *A Federação*, 04 de fevereiro de 1910.

agradecerem aos distintos artistas Ferrari e Cervásio a gentileza com que mais uma vez distinguiram a Esmeralda”⁶⁸⁶.

Assim como os esmeraldinos estavam a comemorar com sua rainha a exposição de seu retrato pelo atelier Ferrari, o mesmo faziam os venezianos, só que no estúdio Calegari. Quando Alcinda se retirou da festividade em direção à sua casa ela passou pela exposição do retrato de Amelina Chagastelles e a comemoração dos venezianos em frente ao estúdio Calegari⁶⁸⁷. A identificação dos fotógrafos com as respectivas sociedades parece ficar ainda mais evidente. Entre os anos de 1907 a 1914⁶⁸⁸, enquanto Ferrari fotografava a rainha da Esmeralda, Calegari registrava a da Venezianos e os eventos de inauguração, marcados para o mesmo dia, denotavam um ou outro lado do carnaval.

Alcinda casou-se com alguém da família Leyraud, pois encontramos seu registro de falecimento no Cemitério São Miguel e Almas, no dia 05 de julho de 1984, com este sobrenome. Interessante ressaltar que, a família Leyraud foi bem atuante no carnaval da época pesquisada. Encontramos tanto os nomes de Gustavo quanto Oscar Leyraud fazendo parte das diretorias e comissões organizadoras do festejo⁶⁸⁹.

No fim do carnaval houve um sarau em homenagem a rainha e à comissão organizadora dos bailes, formadas por Gustavo Leyraud Filho, José Esteves Barbosa e Hugo Bins, no Clube Caixeiral. Teria sido neste carnaval que teria começado o romance de Alcinda e os Leyraud? Teria sido com Gustavo? Em busca dessa informação, encontramos um processo no Arquivo Público de Estado do Rio Grande do Sul, que nos instiga ainda mais sobre a questão.

No dia 18 de julho de 1905, faleceu Adelina Pedrozo Lewis Leyraud e em 02 de julho de 1914, foi a vez de seu esposo Gustavo Leyraud. Por causa disso, seus filhos e genros procederam a partilha amigável dos bens, em 1916, documento que tivemos acesso. Descobrimos que eles tiveram sete filhos: Oscar Leyraud, com 39 anos, casado com Adelina Barbosa Brochado; Adelvina Leyraud, casada com Dr. Félix de Abreu Silva; Gustavo Leyraud Filho, com 34 anos, solteiro; Alberto Leyraud, com 31 anos,

⁶⁸⁶ *A Federação*, 04 de fevereiro de 1910.

⁶⁸⁷ *A Federação*, 04 de fevereiro de 1910.

⁶⁸⁸ Exceto pelos anos de 1911 e 1913 em que a rainha veneziana foi retratada pelo atelier Ferrari, como veremos adiante.

⁶⁸⁹ Oscar Leyraud era 2º Secretário da Esmeralda, em 1910. *A Federação*, 07 de janeiro de 1910. Gustavo Leyraud Filho fazia parte da comissão responsável pelo baile burlesco, neste mesmo ano. *A Federação*, 17 de fevereiro de 1910.

casado com Cecília Leite Pereira; Armando Leyraud, com 27 anos, solteiro; Luiz Carlos Leyraud, com 25 anos, solteiro e Heitor Leyraud, com 23 anos e também solteiro⁶⁹⁰. Não sabíamos se Alcinda havia realmente casado com Gustavo Filho (afinal, em 1916, ele ainda era solteiro) ou se tinha casado com algum dos outros três irmãos, que se encontravam nesta mesma condição.

Foi quando tivemos acesso ao neto de Alcinda e com ele conseguimos esclarecer algumas questões. Alcinda realmente se casou com Gustavo Leyraud Filho e com ele teve cinco filhos: Lígia Lewis Leyraud, Ione Leyraud, Gélio Leyraud, Isnard Vinícius Leyraud, Aracy Terezinha Leyraud (ver anexo 8 – árvore genealógica). O que podemos com isso perceber é que o carnaval era também um momento para o encontro das famílias, que contribuía para futuros matrimônios, mas desta vez, regulamentado pelo ordenamento familiar, sob os auspícios domésticos, ao contrário da famigerada brincadeira do entrudo.

Além disso, descobrimos que o carnaval e o título de rainha da Esmeralda parecem ter sido bem importantes na vida de Alcinda, tanto que ela voltou a desfilar, já com sessenta e oito anos de idade, pela Academia de Samba Praiana. O *Correio do Povo* noticiava que foi “impressionante a disposição de dona Alcinda Lewis Leyraud, que foi rainha do carnaval de 1910. Pulou com disposição puxando o desfile da Praiana, vestida de ‘Nega Maluca’”⁶⁹¹. A praiana naquele ano desfilou com o samba enredo *Porto Alegre à noite* e, infelizmente, foi desclassificada. Dias antes do desfile, Archimedes Fortini, publicava em sua coluna no *Correio do Povo* a seguinte matéria: “*Rainha do Carnaval de 1910 volta hoje para nova homenagem de Momo*”⁶⁹². Nesta reportagem Fortini afirmava que a Praiana quis “recordar o carnaval passado, trazer para o presente as luzes e as cores de um carnaval em que pontificavam, entre outras, as sociedades e cordões carnavalescos da ‘Esmeralda’ e dos ‘Venezianos’”⁶⁹³. E que para isso, escolheu uma figura que orientasse os foliões da Praiana: “a menina que inspirou poetas e despertou paixões, a rainha cujo reinado não foi esquecido”⁶⁹⁴, Alcinda Lewis. Ao aceitar tal homenagem Alcinda quis ver alguns exemplares do referido jornal, “aqueles que a ela se referiam quando de seu reinado em 1910”⁶⁹⁵. Vemos, assim, a

⁶⁹⁰Inventário de Gustavo Leyraud. Partilha Amigável, no. 338, 1916, Porto Alegre, APERS.

⁶⁹¹ *Correio do Povo*, 25 de fevereiro de 1966.

⁶⁹² *Correio do Povo*, 20 de fevereiro de 1966.

⁶⁹³ *Correio do Povo*, 20 de fevereiro de 1966.

⁶⁹⁴ *Correio do Povo*, 20 de fevereiro de 1966.

⁶⁹⁵ *Correio do Povo*, 20 de fevereiro de 1966.

importância que o carnaval e o título de rainha tiveram na vida de Alcinda, procurando ela manter essa memória carnavalesca e indo, mais de cinquenta anos depois, ao reencontro dos desfiles, pois era “um gosto que jamais perderia pelas festas de Momo”⁶⁹⁶.

3.1.5. Amelina Chagastelles

Amelina Chagastelles nasceu em 23 de março de 1894⁶⁹⁷. Filha de Joaquim Pantaleão Teles Queiros Filho (1857-1926) e Perpétua Gonçalves das Chagas (1866-1911), teve mais três irmãos: Jaymino, Luizio e Telino. Em 1909, seu pai, Joaquim, e sua mãe, Perpétua, encontravam-se enfermos, como informava o jornal *Correio do Povo*.

Enfermos – Além do coronel Dr. Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, também se acha acometida de febre tifoide sua digna esposa, exma. Sra. d. Perpetua Chagas Telles. É médico assistente dos dois enfermos o Dr. Jacinto Gomes⁶⁹⁸.

Dois anos após, sua mãe viria a falecer, no Rio de Janeiro, para onde, ao que tudo indica, a família teria se mudado. A família mandou publicar, no jornal *O Paiz*, um convite para a missa de sétimo dia de Perpétua (22 de outubro de 1866 – 24 de novembro de 1911):

O coronel Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz e seus filhos, Jaymino Chagastelles, Luizio Chagastelles, Amelina Chagastelles e Tellino Chagastelles convidam seus parentes e amigos para assistirem a missa do 7º dia, que mandam rezar, amanhã, sexta-feira, 1º de dezembro, na igreja de S. Francisco Xavier (Engenho Velho), às 9 horas, pelo repouso eterno de sua idolatrada esposa e mãe Perpétua Telles⁶⁹⁹.

Joaquim Pantaleão Teles de Queirós Filho nasceu em 11 de agosto de 1857 e faleceu em 25 de março de 1926. De família ligada à guerra (seu pai e tios lutaram na Guerra do Paraguai e seu pai morreu em batalha como major de seu regimento), ele também seguiu a tradição: foi nomeado primeiro Comandante-Geral da recém-criada Brigada Militar do Rio Grande do Sul, em 1892. Ele, alçado no posto de coronel “tinha por competência, em todo o Rio Grande do Sul, zelar pela segurança pública e

⁶⁹⁶ *Correio do Povo*, 20 de fevereiro de 1966.

⁶⁹⁷ Registro de Batismo da Igreja do Menino Deus Porto Alegre, Livro 4, folha 78, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

⁶⁹⁸ *Correio do Povo*, 5 de março de 1909

⁶⁹⁹ *O Paiz*, 30 de novembro de 1911.

pelo manutenção da República e do Governo do Estado, fazendo respeitar a ordem e executar as leis”⁷⁰⁰.

Sergio da Costa Franco, em um artigo chamado “*Um Litígio Tumultuoso no Fim do Século XIX: a Questão Telles*”⁷⁰¹, traz o seguinte mote, que envolve a referida família: a Cia Hidráulica Porto-Alegrense estabeleceu sua represa nas nascentes do Arroio Dilúvio e lá operava normalmente. Até que, um casal da família Telles, José Vicente da Silva Telles – tabelião de Porto Alegre – e sua esposa Joaquina Cotta da Silva Telles (tios de Amelina) adquiriram uma propriedade ribeirinha e passaram a disputar o condomínio das águas do arroio e, conseqüente, uma indenização pelo seu uso. O caso gerou inúmeros litígios judiciais e, ao longo dos anos, houve episódios de desvio da água, danos à represa e invasão de propriedade. Em apelação no Superior Tribunal do Estado, a Cia. Hidráulica ganhou a ação.

Os autores, não aceitando a derrota, reagiram com ameaças e agressão física, essa cometida pelo Coronel Joaquim Panteleão Telles de Queiroz contra o desembargador Paulino Fernandes Chaves. Como Joaquim era o comandante da Brigada Militar – que deveria respeitar a ordem e executar a lei, como acima mencionamos –, o presidente do Estado, Júlio de Castilhos, informado do caso, ordenou que ele se exonerasse do cargo. Esse se negou e disse ao presidente que o demitisse, ao mesmo tempo em que se dirigiu ao quartel do 1º Batalhão de Infantaria e tentou sublevar uma unidade da Brigada Militar e ir a Palácio exigir a substituição dos desembargadores. Não tendo apoio dos oficiais e da tropa, ele foi destituído por Júlio de Castilhos, que, “por telefone, comunicou sua decisão a todos os batalhões da milícia”⁷⁰², perdendo mesmo o cargo para o general Salvador Ayres Pinheiro Machado. Franco conclui seu artigo salientando que a chamada Questão Telles reflete

o clima de uma época em que sobrevivia, retardatária, uma cultura de violência pessoal e caudilhismo: desde os episódios de desvio de águas do arroio, danos à represa e invasões da propriedade da Cia. Hidráulica, até à reação contra a decisão judicial e tentativa de motim militar. De outro lado, em contraponto, começava a implantar-se, ainda incipiente, uma cultura de impessoalidade administrativa e de respeito à lei”⁷⁰³.

⁷⁰⁰Superintendência Legislativa, *Sessões Plenárias*, Transcrição da 92ª Sessão Ordinária, em 18 de Novembro de 2004 da ALRGS.

⁷⁰¹FRANCO, Sérgio da Costa. *Um Litígio Tumultuoso no Fim do Século XIX: a questão Telles. Justiça e História*, Porto Alegre, 2010, vol. 7, nº 13, p. 7.

⁷⁰²Ibid., p.6.

⁷⁰³Ibid., p. 7.

Como bem elencou Franco, esses episódios evidenciam uma cultura caudilhista, pelo menos, por parte da família Telles. Por terem, desde longa data, dedicado suas vidas à luta e à guerra, entendiam serem “os donos das armas”, ou da Brigada Militar. Entendiam, também, serem os “donos da terra”, justificando, assim, os atos tomados contra a Cia. Hidráulica. Ao invés de comandar para zelar pela ordem e executar as leis, queriam destituí-la em favor próprio.

A questão fica ainda mais interessante com a notícia que encontramos no jornal *O Independente*, por ocasião do reinado de Amelina, sobre a escolha da soberana veneziana, daquele ano. Segundo o jornal esta sociedade “fazendo dirigir sua tripulada gôndola, enganalada de flores, atirou-se aos mares da sociedade porto-alegrense”⁷⁰⁴. E assim:

um tripulante audaz, como o mergulhador indiano, desceu à sua profundidade e foi ao retiro onde se acha a digna e excelsa família do coronel Joaquim Pantaleão Telles de Queiros, que se acha ausente, em serviço militar, procurar uma pérola para colocar em seu carro triunfal, como a sua rainha: a modesta e bela senhorita Amelina Chagastelles⁷⁰⁵.

A excelsa e ilustre família do coronel Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz – a mesma família do caso descrito anteriormente, a questão Telles – teria cedido a pérola, Amelina, para que essa sociedade pudesse colocar em seu carro triunfal. Tal ato teria sido dado somente em consideração aos venezianos, tendo essa “distinta família”⁷⁰⁶ acedido “ao convite, devidamente autorizada por seu chefe ausente”⁷⁰⁷. Tal referência aponta para um patriarcalismo e conservadorismo familiar, no qual o pai – o chefe, aquele que manda – mesmo ausente, tinha a premissa de decidir que rumos que tomariam os membros de sua família, aqueles que estavam sob seu poder. Amelina, para aceitar o cargo de rainha, tinha que, primeiramente, ter a autorização paterna, mesmo que esse estivesse naquele momento ausente. Ser rainha ou não era uma decisão que deveria ser aprovada ou recusada pelo pai!

O jornal continuava descrevendo os atributos da soberana que, além de modesta e bela, reuniria “a beleza física, os dotes morais das conhecidas famílias – Chagas – Telles, donde se origina, liando em sua especial organização, num arroubo de natureza,

⁷⁰⁴ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁷⁰⁵ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁷⁰⁶ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁷⁰⁷ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

os atributos físicos e morais dos genitores”⁷⁰⁸. Além da beleza física da rainha, ela encantaria por seus dotes morais, dotes esses herdados de sua família. Teria ela também ganho o título de rainha através da violência física e coerção? Seriam estes os dotes morais herdados por Amelina? Ironias à parte, o que gostaríamos de mostrar eram as diferentes visões expressas a respeito de uma mesma família. Se, para o jornal *O Independente*, os atributos morais herdados da família que Amelina possuiria, além da beleza, justificariam sua escolha como soberana veneziana, para os envolvidos no caso Telles, talvez tal opção não fosse legítima.

Após esta apresentação da rainha, o jornal concluiu afirmando terem sido felizes os venezianos “pois colocaram em seu carro triunfal uma joia de beleza rio-grandense”⁷⁰⁹ e apresentando “o clichê [...] com o seu retrato, [que] é apenas uma sombra ligeira de seu vulto admirável”⁷¹⁰.



Figura 1 - Amelina Chagastelles. Rainha dos Venezianos. Retirado do jornal *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁷⁰⁸ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁷⁰⁹ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

⁷¹⁰ *O Independente*, 06 de fevereiro de 1910.

Amelina e sua família residiam na rua 13 de maio – atual Av. Getúlio Vargas⁷¹¹ – e descobrimos que a família Telles também possuía uma chácara no que hoje conhecemos como bairro Petrópolis (ver anexo 5 – aquarela da casa da família Telles). A chácara, construída por Joaquim Pantaleão Telles de Queiros, era composta por diversas casas. Sua propriedade “ia até a baixada onde hoje é a Rua Mostardeiro, à época também Chácara Mostardeiro. Os Telles, família de tradição militar, foram os primeiros proprietários do terreno, tanto é assim, que as ruas que circundam a antiga Chácara levam o nome de seus habitantes: Jaime Telles[irmão de Amelina], Amélia Telles [avó de Amelina], Perpétua Telles [mãe de Amelina]”⁷¹². Na casa principal da chácara é onde hoje funciona o salão fechado de uma tradicional churrascaria de Porto Alegre: Barranco.

Ficamos em dúvida se a chácara teria sido construída pelo pai ou pelo avô de Amelina, pois ambos tinham o mesmo nome. Pesquisamos o inventário de sua avó, Amélia da Silva Telles, que faleceu em 10 de novembro de 1922 e já se encontrava viúva do major Joaquim Pantaleão Telles de Queiros. Seu filho, Joaquim – pai de Amelina – foi, então, seu inventariante e entre seus bens não consta nenhuma referência à chácara. Desta forma, concluímos que essa deve ter sido uma aquisição de seu filho Joaquim, pai de nossa rainha.

Sabemos que Amelina casou-se, pois encontramos referências ao seu nome de casada, que incluía o sobrenome Marinho. Entretanto, ao que tudo indica, Amelina foi dependente de Joaquim Pantaleão Teles Queirós Filho, seu pai, pois em 1932 há uma “concessão de melhoria de montepio a Amelina Chagastelles Marinho e outras filhas do marechal graduado reformado do Exército Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz: o Tribunal julgou legal a conto: mão constante das apostilas feitas nos títulos expedidos a favor das pensionistas de quem se trata”⁷¹³.

⁷¹¹ Às nove horas da noite, a diretoria da sociedade irá buscar a sua rainha Amelina ChagasTelles, à residência de sua exma. família, á rua 13 de maio, organizando para esse fim um prestito de carruagens. *A Federação*, 10 de fevereiro de 1910.

⁷¹² BUAES, Ana; LEMMIESZEK, Martha; SCHUCH, Vera. *Bairro Petrópolis*. Monografia Disciplina de Estágio em História I, PUCRS, 2008.

⁷¹³ *Diário Oficial da União* de 22 de Junho de 1932, pg.49.

3.1.6. Elythia Mello

Elythia foi rainha da Sociedade Carnavalesca Esmeralda, em 1911. Era filha de João Leocádio Pereira de Melo⁷¹⁴, comandante Tenente-coronel, desde 1894⁷¹⁵. João também era identificado com as festividades carnavalescas da cidade e com a sociedade Esmeralda. No ano anterior ao do reinado da filha, 1910, houve um baile no Clube Caixeiral, e a música foi puxada por ele, então diretor do arsenal de guerra, como informava o jornal *A Federação*: “as danças começaram às 11 horas, pela majestosa *polanaise* de estilo, marcada pelo coronel João Leocádio de Mello, diretor do arsenal de guerra, e só terminaram pela madrugada de domingo”⁷¹⁶. E neste mesmo ano de 1910, ele, junto com o presidente Barreto Viana, Arthur Neves (pai de Marina, rainha de 1914) e Afonso Beck, foram em um automóvel, acompanhados do Zé Pereira, ao salão dos venezianos “retribuir a visita que momentos antes estes lhe tinham ido fazer”⁷¹⁷.

A família de Leocádio, juntamente com Elythia, residia em um palacete localizado na Rua Independência. No ano em que fora soberana da Esmeralda, ela ofereceu “à sociedade um faustoso baile”⁷¹⁸ em sua casa. Nesta ocasião, “foi-lhe entregue o novo e artístico estandarte dos esmeraldinos, que se achava exposto na vitrine do Trocadero merecendo elogios de todos que lá iam vê-lo. A entrega foi feita por uma comissão, seguida de feérico cortejo e do ruidoso Zé Pereira, que, conduzida à casa da rainha em bondes especiais, executou ali, sua missão.”[...]”⁷¹⁹

A primeira festa promovida pela Esmeralda neste ano foi a que serviu como recepção para a sua rainha, Elythia. Tal festividade começou pela inauguração da caverna esmeraldina, localizada na Rua Gel. Câmara, lá havia “soberbo trono, ricamente armado”⁷²⁰, que serviria para receber Elythia. Ela foi conduzida até a caverna em uma “carruagem real, puxada por quatro cavalos brancos”⁷²¹. Interessante ressaltar que cabia a ela declarar inaugurada a caverna da sociedade.

⁷¹⁴ *O Independente*, 22 de janeiro de 1911.

⁷¹⁵ Artigo único. A antiguidade da promoção do tenente-coronel João Leocádio Pereira de Mello a esse posto deve ser contada de março de 1894, em que foi a primeira vez a ele promovido; revogando-se as disposições em contrário. *Diário Oficial da União* de 16 de Junho de 1901, pg.1. Ele também foi comandante do 10º Batalhão de Engenharia de Construção, entre dezembro de 1895 e março de 1898.

⁷¹⁶ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1910.

⁷¹⁷ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1910.

⁷¹⁸ *O Independente*, 22 de janeiro de 1911.

⁷¹⁹ *O Independente*, 22 de janeiro de 1911.

⁷²⁰ *A Federação*, 20 de janeiro de 1911.

⁷²¹ *A Federação*, 20 de janeiro de 1911.

Depois da inauguração da caverna, a soberana partira para o Clube Caixeiral onde foi feita a apresentação oficial. Durante o trajeto, acompanhou a carruagem real o Zé-pereira e a banda de música, sendo ela aguardada pelas diretoras, diretoria e família. Segundo *A Federação*, “uma oponente festividade consagrará depois a apresentação oficial da senhorita Elythia de Melo, que também terá ocasião de receber homenagens do Zé- pereira, que lhe fará a entrega de um rico buquê de flores naturais, falando em seu nome um esmeraldino”⁷²².

Para a organização do baile burlesco realizado pela Esmeralda, como vimos, eram feitas comissões que tinham a missão de “assegurar a tradição dos saraus da Esmeralda, atrativos compatíveis coma sua bandeira, por vezes triunfal”⁷²³. Foi contratada para o baile uma orquestra, composta somente de professores a fim de impressionar as esmeraldinas e a sua rainha. Esta é apresentada como ponto chave do sucesso do carnaval: “em torno de quem, cada vez mais se volvem todas as esperanças de sucesso no advento do carnaval de 1911”⁷²⁴. Vemos, aqui, uma festa promovida por uma comissão composta por homens da Esmeralda⁷²⁵, fazendo uma festa a fim de agradar o público feminino. E não só: apesar de serem os responsáveis pela organização do festejo, atribuem à rainha a responsabilidade do sucesso do carnaval.

O retrato de Elythia foi feito pela fotografia Ferrari, tendo sido exposto em sua vitrine. Desse acontecimento participou a banda de música da Brigada e Militar e o Zé-Pereira da respectiva sociedade. O jornal *A Federação* noticiava que “a decoração artística da vitrine apresentava magnífico efeito; e ao ser erguida a tela que a encobria, uma verdadeira ovação foi feita a jovem soberana esmeraldina e à aristocrática sociedade”⁷²⁶.

⁷²² *A Federação*, 20 de janeiro de 1911.

⁷²³ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1911.

⁷²⁴ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1911.

⁷²⁵ Direção Geral: Souza Neves, Carlos Peixoto, Pércio Piegas; de recepção: Pessoa de Mello, Oscar Leyraud, Fernando Carvalho, Mário Puente, Bougard Brochado, João Esteves Barbosa. *A Federação*, 14 de fevereiro de 1911.

⁷²⁶ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1911.



Figura 5: Retrato de Elythia Mello, rainha da Esmeralda em 1911. Retirado de *O Independente*, 21 de fevereiro de 1911.

3.1.7. Elvira Coelho

Maria Elvira Werna Coelho foi rainha da sociedade carnavalesca Os Venezianos, em 1911, aos 16 anos. Nesse mesmo ano, o jornal *O Independente* fez uma série de publicações, nas quais relatariam “a trajetória das grandes e supremas belezas feminis de Porto Alegre”⁷²⁷. No dia 12 de fevereiro a escolhida foi Elvira Werna Coelho. O jornal afirmava ser ela

uma destas jovens, em redor das quais a admiração adeja, como vespas em torno do néctar da flor.

A sua beleza, a supremacia do seu espírito cintilante, a delicadeza do seu trato, os infinitos cambiantes da ternura, que nesta adolescência assume amavios indescritíveis, a sua educação, o seu gênio de encantamento, que joga com esta habilidade despreocupada das grandes naturezas emotivas, feitas para a contemplação tacita dos mortais nos seus instantes de ledos devaneios e seis mares⁷²⁸.

O jornal *O Independente* destacava uma série de qualidades desta mulher: juventude, beleza, espírito brilhante e elevado, delicadeza, ternura, educação, temperamento que encantava. Enfim, uma serie de adjetivos que, segundo ele, serviam para a contemplação dos mortais. Seguia *O Independente* nessa sua descrição elogiosa,

⁷²⁷ *O Independente*, 12 de fevereiro de 1911.

⁷²⁸ *O Independente*, 12 de fevereiro de 1911.

destacando novamente a sua juventude, contudo, sendo essa pautada por sua aparência moral:

Elvira Werna Coelho é muito jovem ainda, diríamos quase um botão de rosa a despontar em pleno azul da mocidade.

Entretanto, a sua compleição moral afina-se já com assomos austeros e adoráveis de gravidade, qual flor sensível que ao contato da brisa inimiga, se contraísse, num movimento de infinita graça e pureza.

E são, precisamente, graça e pureza as dotações supremas de sua natureza de moça meridional, superiormente definida.

Poderia-se dizer mesmo que são as duas estrofes primaciais deste poema de mocidade.⁷²⁹

Elvira possuiria, justamente, as características que eram exaltadas – e por que não, cobradas – nas rainhas das sociedades carnavalescas. Uma aparência e comportamento moralizado orientado por sua pureza e graça. Adjetivos esses muito usados nos versos distribuídos pelas associações, como vimos no capítulo anterior. Além disso, o jornal estende essas características a todas as moças do sul, sendo graça e pureza, qualidades próprias de sua natureza. E isso é que as diferenciaria das mulheres de outros lugares, demarcando a superioridade das filhas do Rio Grande: graça e pureza eram características naturais de todas as mulheres gaúchas! Assim como o carnaval de Poro Alegre seria uma exceção, um carnaval melhor e mais moralizado, as moças daqui – e que faziam a festa – também o eram.

Salientava a educação de Elvira, que possuía “invulgar e esmerada instrução, de parceria com a mais imperturbável fineza do modo de entender e exprimir as coisas”⁷³⁰ e desta forma, conquistaria “as simpatias dos que se lhe a cercam, deixando-lhes na alma um rastro de profunda admiração”⁷³¹. Marcava a sua condição de soberana dos Venezianos para o carnaval que se aproximava, uma “rainha de indicação e verdade”⁷³². Tal afirmação aponta para uma necessidade de aceitação da indicação da soberana. A descrição dessa infinidade de virtudes da rainha pode ser interpretada numa tentativa de se corroborar que a indicação de Elvira fora acertada, pois seria ela uma “rainha de verdade”, que, segundo o jornal, seria aclamada pelo povo, quando passasse o cortejo.

E quando aqueles heroicos adoradores de Momo, que tanto vitórias já colheram do entusiasmo do povo, fizerem passar, agora em fevereiro, pelas ruas de Porto Alegre sua grácil rainha cercada do cortejo de seus vassallos e da fantasia alegórica de seus caprichos artísticos, então vereis a gentil soberana aclamada e vitorizada pelo povo como um astro que percorre uma

⁷²⁹ *O Independente*, 12 de fevereiro de 1911.

⁷³⁰ *O Independente*, 12 de fevereiro de 1911.

⁷³¹ *O Independente*, 12 de fevereiro de 1911.

⁷³² *O Independente*, 12 de fevereiro de 1911.

trajetória estelar, por entre alas de corações extasiados, pelo fulgor da beleza e a majestade da pompa.

Este é o desejo do *O Independente* no instante em que presta a gentil soberana dos Venezianos uma homenagem de admiração e simpatia, filhas do alto apreço em que tem as qualidades excelsas da distintíssima adolescente.⁷³³

A “distintíssima adolescente”, ao que tudo indica, nascera em 1894 e era filha caçula de João da Matta Coelho e de Miguelina de Castro Werna e Bilstein. A data de seu nascimento é uma das controvérsias que encontramos em nossa pesquisa. Em sua certidão de óbito consta que Elvira morrera aos 75 anos. Isso ocorreu em 1981, logo ela teria nascido, segundo este documento, em 1906. Já em sua certidão de casamento consta que Elvira nasceu em 24 de abril de 1899. Ambas as últimas datas, provavelmente, estão equivocadas, haja vista, sua mãe ter morrido em 1896 e no inventário feito por ocasião de sua morte constar que Elvira tinha dois anos, sendo a data de 1894 a mais provável para ela ter nascido. Seria somente um erro dos cartórios? Qual data ela utilizava como a de sendo a de seu nascimento? Ficam os questionamentos e a curiosidade!

Seu pai, João da Matta Coelho, era major e, quando da Proclamação da República, era um dos vereadores que constituíam a Câmara de Porto Alegre. Foi um dos primeiros chefes municipais do período republicano, tendo governado a cidade entre 21 de novembro de 1891 e 11 de junho de 1892⁷³⁴. Sabemos, ainda, que Elvira tinha ainda um irmão mais velho, chamado Ernesto, cinco anos mais velho do que ela⁷³⁵ e que era neta, por parte de mãe, de Miguel de Castro Werna Bilstein e D. Maria Benedita de Ataíde. Miguel de Werna foi um conhecido cidadão porto-alegrense. Nasceu em 1850 e faleceu aos 46 anos. Era um monarquista ferrenho e membro de uma família ligada à aristocracia imperial, filiado ao Partido Conservador, filho de Ernesto Frederico de Werna Bilstein⁷³⁶ e Maria do Carmo de Castro Canto e Melo.

⁷³³ *O Independente*, 12 de fevereiro de 1911.

⁷³⁴ BAKOS, Op. Cit., 1996, p. 43.

⁷³⁵ Além de Elvira, Miguelina e João foram pais de Dr. Ernesto de Werna da Mata Coelho que faleceu afogado, em Alegrete, quando procurava salvar a vida a uma senhora que havia caído ao rio. Nasceu em 1889. Ernesto formou-se em Medicina na UFRGS, em 1911. Mesmo ano em que Elvira fora rainha dos Venezianos. Relato de familiares concedido à Caroline P. Leal, em dezembro de 2011.

⁷³⁶ Filho de pais alemães, que vieram junto com corte portuguesa em 1808, veio para o Rio Grande do Sul como vereador. Em São Leopoldo anunciou a construção de uma estrada entre a cidade e Porto Alegre, o que causou constrangimento ao presidente da província, pois não se cogitava tal obra. Foi o primeiro deputado de origem germânica, entretanto não era considerado representante dos colonos. Defendeu a demissão dos engenheiros estrangeiros do governo do estado, advogando em causa própria. Em 1847 foi encarregado de fazer o balizamento da laguna dos Patos, depois da construção de

Aquiles Porto Alegre (que também participou do carnaval e de ambas as sociedades carnavalescas) apresenta Miguel de Werna como:

um dos homens mais belos que conheci. Vestiu-se sempre ao rigor da moda, roupa fina e justa ao corpo, como uma luva, gravatas vistosas, com enormes laços abertos sobre o peito.

E as meninas, vendo-o assim, naquele gosto, como uma tentação, olhavam para ele com olhos pecadores. E ia o Werna vaidoso e enamorado de si mesmo como o Narciso da velha lenda do paganismo⁷³⁷.

Elegante e vaidoso, Werna, “apesar de ser um homem inteligente, nunca tomou ao sério os seus estudos. Era aluno do Colégio Gomes, mas aluno honorário. Ia à escola quando queria, e o pai, que morria de amores pelo filho, não o contrariava em coisa alguma, e deixava o rapaz fazer o que lhe vinha à cabeça”⁷³⁸. Foi só quando homem e precisando de “ocupação, para ganhar a vida”⁷³⁹ que ele teria fundado *O Século*. Esse era um jornal ilustrado, de edição semanal, que costumava publicar anedotas maliciosas e escandalosas para as famílias da burguesia local e dedicado em criticar os costumes da cidade, que circulou entre os anos de 1880 e 1893, em Porto Alegre⁷⁴⁰. Segundo Aquiles Porto Alegre, “o *Século* só era publicado aos domingos, e deixou nome na imprensa da nossa terra, pela graça, pelo espírito e por muitas cousas que dizia sem recato, cruas demais ...”⁷⁴¹.

Sem papas na língua e com ácido humor, em seu periódico, Miguel debochou, escarnou e castigou muitas pessoas e muitos comportamentos, inclusive do carnaval. Diversas foram as charges publicadas em seu jornal, em que ele satirizava os festejos carnavalescos. Sócio e presidente da Sociedade Carnavalescas Esmeralda, em 1883, ele promoveu uma série de polêmicas com o presidente da Venezianos, Ramiro Barcelos, como relatamos no primeiro capítulo. Além disso, neste mesmo ano, Os Venezianos, foram troçados pela crise financeira por que passavam naqueles tempos, tendo Werna publicado a seguinte charge:

uma estrada entre São Leopoldo e Portão; das pontes do Moinho e do arroio Portão; da desobstrução do rio Jacuí, que durou de 1859 a 1864, com o trabalho de quinze praças da marinha; em 1866 foi encarregado de consertar os faróis Cristóvão Pereira, do Bujuru, Capão da Marca e do Estreito. WEIMER, Günter. *Arquitetos e construtores Rio-Grandenses na Colônia e no Império*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006, p.151.

⁷³⁷ PORTO ALEGRE, Aquiles. *Flôres entre ruínas*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas Wiedemann & Cia, 1920, p. 73-75.

⁷³⁸ Cf. Sérgio da Costa Franco, Op. Cit., p.312.

⁷³⁹ Ibid., p.312.

⁷⁴⁰ Ibid., p.312.

⁷⁴¹ PORTO ALEGRE, Achylles. Op., Cit., p. 78.



Figura 6 – Alegria Veneziana. Retirada do Jornal *O Século*, 28 de janeiro de 1883.

Neste cartum, Werna – que, neste ano, era presidente da Esmeralda – debochava da “alegria dos cadáveres dos ‘Venezianos’ ao verem anunciado o espetáculo dos ditos. Mas como a alegria em casa de pobre dura pouco, eles terão de chorar, por que há cada gargântua ...”⁷⁴². Percebe-se nitidamente a linguagem sarcástica e provocativa do presidente da Esmeralda. Nesse ano, os programas carnavalescos da Venezianos eram assinados com o pseudônimo de Pantagrueu – cujo nome significa “tudo alterado” –, personagem de Rabelais. Fazendo referência a tal pseudônimo, Werna ironizava ao afirmar que naquela sociedade haveria “cada Gargântua”, numa clara referência a outro personagem de Rabelais, Gargântua, pai de Pantagrueu. Todavia, parece que o autor da charge quis fazer um trocadilho Gargântua/garganta, procurando acusar os Venezianos de chorões e faladores. Acusar alguém de “garganta” significa chamar este de “fanfarrão” ou “mentiroso”. Como vimos no primeiro capítulo, esta ironia iria se realizar, pois atingida pela crise, em 1885, a Venezianos não mais compareceu ao carnaval, tendo renascido somente no século seguinte.

Mas Werna também enfrentava dificuldades dentro de sua própria sociedade. No primeiro capítulo, mostramos que a Esmeralda também enfrentava problemas para fazer seus festejos, por volta da década de 1880, e que, justamente em função dessa crise, os diretores da Esmeralda convidaram Miguel de Werna para ocupar a presidência da sociedade, a fim de a agremiação poder se beneficiar de sua “influência

⁷⁴²*O Século*, 28 de janeiro de 1883, p.4.

peçoal”⁷⁴³. Tal motivação é descrita pelo presidente interino da Esmeralda, em 1883, José Leite de Castro, ao escrever uma carta a Werna, em 19 de janeiro desse ano, na qual ele oficializa o convite feito a Miguel, afirmando que “será dolorosa a nossa decepção se declinar de aceitar a nossa escolha na próxima eleição de domingo”⁷⁴⁴. Na carta, Leite de Castro exaltava a benevolência de Werna para com a Esmeralda ao ceder “a sua mimosa e galante filhinha para representar como nossa soberana”⁷⁴⁵ e, por isso, queria “a maioria dos sócios eleger V.S. presidente”⁷⁴⁶. Leite de Castro fazia, ainda, questão de preveni-lo

desde já de que a sociedade conta com grande número de sócios que oferecem os recursos para a sua ligeira festa, sem o sacrifício da parte do meu amigo, mais do a influência pessoal de que dispõe.

Já deram as necessárias providências que requer o começo da festa, invendo-se distribuído a cobrança, cuja arrecadação parece animar-nos.⁷⁴⁷

Werna concedia a filha – Miguelina – para que fosse rainha da Esmeralda. E, em vista dessa boa vontade para com a sociedade, os sócios gostariam de elegê-lo presidente. Para tanto, Leite de Castro garantia que as cobranças de anuidades já estavam sendo feitas, que os sócios estavam respondendo ao chamado e que a sociedade não teria problemas com recursos para a realização do carnaval, tendo um grande numero de sócios já os oferecidos, a fim de prepararem uma bonita festa. Era preciso apenas de sua influência pessoal! Contudo, no ano seguinte, estando a Esmeralda repleta de dívidas, Werna, como presidente da associação, foi cobrado a responder por elas. Em resposta a essas cobranças ele publicou a carta que Leite de Castro o enviou, ao fazer o convite para que assumisse o cargo de presidente da sociedade, e completou afirmando que “a Esmeralda deve-me a vida. Estava morta e eu a fiz ressuscitar. Mas não se segue daí que eu seja responsável pelas suas dívidas”⁷⁴⁸.

Para Werna, se não fosse por ele, a Esmeralda já estaria morta. Ele é quem teria conseguido fazer com que ela ressuscitasse, ao tomar “a sua direção quando até alguns dos seus membros mais influentes a abandonaram. Isso foi quase em fins de Janeiro de 1883, e o carnaval foi a 4 de Fevereiro”⁷⁴⁹. Alegava uma série de medidas para tal intento: “atizei a sua cobrança. Andei de porta em porta pedindo aos sócios para

⁷⁴³ *O Século*, 04 de fevereiro de 1883.

⁷⁴⁴ *O Século*, 04 de fevereiro de 1883.

⁷⁴⁵ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁴⁶ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁴⁷ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁴⁸ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁴⁹ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

pagarem as suas anualidades, alguns dos quais só o fizeram em consideração a mim[...]. Promovi uma subscrição entre o honrado comercio desta praça, e tirei 600\$000 mais ou menos”⁷⁵⁰. Werna salientava, repetidamente, que muitos que ajudaram a Esmeralda só o fizeram em sua consideração como, por exemplo, alguns “distintos comerciantes que subscreverão [e que] declararam que concorriam somente por me obsequiar”⁷⁵¹.

Além disso, teria despedido o que podia “com as festas carnavalescas. Note-se, porém, que um suítil do dinheiro recebido não passou pelas minhas mãos. Quando ia pedir aos comerciantes, apresentava a subscrição, mas nunca recebi dinheiro”⁷⁵². Quem receberia os donativos era o Sr. Leite de Castro, que o acompanhava, “tomava nota, e no fim do peditório entregava –os ao Sr. Tesoureiro”⁷⁵³. Ele não teria se envolvido com questões de despesa, pois teria aceitado a presidência “com a condição de não ter a mínima responsabilidade das dívidas”⁷⁵⁴. E, depois de terem as festas sido concluídas, o secretário da Esmeralda, Sr. Carvalhinho, teria dito a Werna “que a receita dava para a despesa”⁷⁵⁵, que teria ficado “satisfeito por saber que a sociedade, que eu tinha a honra de presidir, não possuía cadáveres”⁷⁵⁶. Contudo, findo o carnaval, “apresentam-me agora alguns, exigindo que eu lhes pague, e ameaçando-me com mofinas pela imprensa”⁷⁵⁷. Desta forma, Werna deixava claro nada ter “com as dívidas, e que aceitei a presidência por empenhos dos sócios que apenas exigiam a minha influencia pessoal”⁷⁵⁸. Respondia às cobranças em tom sarcástico, ironizando as ameaças de seus credores que diziam expor toda a questão na imprensa se ele não pagasse as dívidas da Esmeralda: “E eu que tenho tanto medo da imprensa! Eu que até emagreço quando ela toca!”⁷⁵⁹. Encerrava sua publicação dando um aviso aos “cadáveres da Esmeralda: – Amiguinhos, vão bater a outra porta; Deus os favoreça”⁷⁶⁰.

Segundo Aquiles Porto Alegre, com a Proclamação da República, cercado de inimigos, Miguel mudou-se para o Rio de Janeiro⁷⁶¹. Ele viria a falecer em 21 de Julho

⁷⁵⁰ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁵¹ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁵² “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁵³ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁵⁴ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁵⁵ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁵⁶ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁵⁷ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁵⁸ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁵⁹ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁶⁰ “A sociedade Esmeralda e os seus credores”, *O Século*, 1º de fevereiro de 1884.

⁷⁶¹ [...] Quando veio a Republica, sem que ninguém esperasse por ela, o Miguel Werna, que tinha culpas no cartório e já via as barbas do vizinho a arderem, não quis ficar aqui. Resolveu, do dia para a noite, ir

de 1896, 3 meses após a morte de sua filha, Miguelina, que deixava Elvira, com então 2 anos de idade, órfã de mãe⁷⁶², como já mencionamos. Não sabemos se de fato Miguel de Werna foi, realmente, viver no Rio de Janeiro até sua morte. No inventário de Miguel e Miguelina, encontramos uma carta redigida por ele a João Landell de Moura⁷⁶³, que parece contrariar tal versão.

Venho precipitadamente ao Rio, ver minha filha que se achava enferma e aqui fui preso por diversas enfermidades que me tem detido no leito até hoje, não sendo a menor delas o beribéri que me toleu os movimentos não podendo eu ainda caminhar.

Werna teria ido ao Rio de Janeiro para visitar a filha que se encontrava doente. A carta é datada de 27 de dezembro de 1895. Quatro meses após, em abril de 1896, Miguelina, realmente, viria a falecer. Neste ínterim, Werna também teria adoecido e por esse motivo não teria voltado a Porto Alegre, como ele afirmava:

Por semelhante razão, não pude voltar ao meu bom Porto Alegre e, conseqüentemente, deixei de saldar alguns compromissos, entre estes, a conta de 204 conto de reis e cuja nota me remeteu com sua atenciosa cartinha de 25 de novembro último.

Até março próximo pretendo mandar satisfazer a importância que lhe devo.

Peço-lhe que me recomende muito a seu venerado pai, o meu amigo Sr. Ignácio José Ferreira de Moura.

Vemos que Werna possuía uma dívida com João Landell de Moura e que a mesma já havia sido cobrada por ele em “atenciosa cartinha”. Se a enfermidade era apenas uma desculpa para não ter saldado a dívida não sabemos. O que conhecemos é que Werna também viria a falecer meio ano após esse episódio. E que, também, ele morria deixando muitas dívidas para serem saldadas.

No auto de avaliação de seu inventário, aparecem dois bens: um imóvel, “uma casa assobradada, na Rua Gel Portinho, no. 10, com três janelas, seu pavimento superior

viver no Rio de Janeiro e lá se foi, com as suas gravatas e o fardão de moço fidalgo, com receio que o raio lhe caísse em casa[...]PORTO ALEGRE, Achylles. *Flôres entre ruínas*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas Wiedemann & Cia, 1920, pp. 73-75.

⁷⁶² Miguelina faleceu em 24 de abril de 1896, no Rio de Janeiro. Inventário de Miguelina de Werna Coelho, n. 2335, 1896, Porto Alegre, APERS.

⁷⁶³ João Landell de Moura, nascido a 30.07.1864, em Porto Alegre-RS, onde faleceu a 22.03.1939. Foi batizado a 03.03.1866, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, foi padrinho o Cônego Vicente Ferreira da Costa Pinheiro. Era farmacêutico e médico, casado com Antônia de Almeida Moura. Não teve filhos. Certidão de Batismo da Igreja do Rosário, 1864, Livro 4, folha 150; Filho de Sara Marianna Landell de Moura, nascida a 24.03.1832, em Porto Alegre-RS, onde faleceu a 11.08.1926, era casada com Ignácio José Ferreira de Moura, natural de Rio Grande-RS, nascido a 19.06.1829 e falecido a 10.02.1904, comerciante, filho de Luiz Ferreira de Moura, pernambucano e de Ignácia Maria de Jesus Moura, natural de Rio Grande-RS. Irmão do padre Roberto Landell de Moura, um dos precursores da invenção do rádio.

é todo sótão e um grande portão de entrada do pavimento térreo, dividindo-se por um lado com propriedade de João José Pinheiro Junior e pelo outro lado com propriedade de Francisco José Veloso e cuja casa avaliaram os avaliadores dever dar o valor de 20 contos de reis⁷⁶⁴; e uma ação da “Cia Hidraulica Guaibense, de no. 1790 e cujo ação avaliaram os avaliadores dever dar o valor de 70 mil reis⁷⁶⁵. José Soares Júnior, procurador de João da Matta Coelho, que era o inventariante mas que se achava no Rio de Janeiro, declarou que:

os mesmos bens de herança se acham relacionados foram avaliados, como se vê, a folhas cito nesse e que sendo a herança devedora a diversos credores que se acham justificando suas dívidas requer que seja levada a praça a casa da rua, sob no. 10, na Rua General Portinho, não só para satisfazer esses pagamentos como também a ter a fazenda do Estado custas do presente inventário. Declarou finalmente o mesmo procurador que o saldo devedor partilhado depois de feito o cálculo dotava a fazenda do Estado⁷⁶⁶.

Através desse documento, podemos perceber que Werna morreu possuindo muitas dívidas e que seu genro teve que cuidar de toda esta situação. Até mesmo a casa que possuía foi vendida para saldá-las. Sua mulher, provavelmente, também teria ido morar com o genro e os netos, corroborando a versão nos dada por familiares de que Elvira fora criada pela avó materna, D. Maria Benedita de Ataíde.

A casa que possuíam localizava-se em uma rua do centro de Porto Alegre, por onde também passava o cortejo carnavalesco. Como vizinho, eles possuíam o Sr. Francisco José Veloso, outro carnavalesco, sócio da sociedade Esmeralda, cuja filha também teria sido rainha, logo no primeiro ano de renascimento dessa agremiação, em 1906, como mencionamos no primeiro capítulo.

A filha de Werna e mãe de nossa rainha Elvira, Miguelina de Castro Werna e Bilstein, nasceu em Porto Alegre, em 15 de dezembro de 1967⁷⁶⁷ e também participou das festividades carnavalescas de seu tempo. Ela foi rainha da sociedade Esmeralda, em 1882, aos 14 anos de idade. Casou com João da Matta Coelho, que também era apreciador do carnaval, só que da sociedade rival, Os Venezianos, tendo sido tesoureiro

⁷⁶⁴Inventário de Miguelina de Werna Coelho, n. 2335, 1896, Porto Alegre, APERS.

⁷⁶⁵Inventário de Miguelina de Werna Coelho, n. 2335, 1896, Porto Alegre, APERS.

⁷⁶⁶Inventário de Miguelina de Werna Coelho, n. 2335, 1896, Porto Alegre, APERS.

⁷⁶⁷ Registro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora das Dores, Porto Alegre, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

e vice-presidente da mesma⁷⁶⁸. Seria o carnaval palco para namoros e casamentos? Teria Miguelina dado os olhares de amor que os venezianos já pediam lá em 1875?⁷⁶⁹

O que conseguimos alcançar é que Elvira, sua filha, foi uma pessoa pertencente a uma família de carnavalescos da cidade. Fizemos este resgate de sua história familiar a fim de mostrar o quanto a história de Elvira estava entrelaçada com a própria história do carnaval de Porto Alegre. Avô, pai, mãe todos estiveram envolvidos com as sociedades carnavalescas, seja Esmeralda ou Venezianos. Não queremos com isso imputar uma coerência artificial⁷⁷⁰ à vida de Elvira, a fim de não reforçar uma ilusão biográfica⁷⁷¹. Nossa intenção é tornar visível que nossa rainha cresceu em um ambiente que dava importância e participava dos festejos carnavalescos de seu tempo. Isto não significa que em sua trajetória de vida já estivesse predeterminada a “viver o carnaval”, pois fazia isto “desde pequena”. Procuramos aqui mostrar que “como qualquer indivíduo, a cada momento de suas vidas, tem diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual fazem escolhas. Seguem alguns caminhos e não outros”⁷⁷² e que, até um certo momento, Elvira escolheu seguir o “caminho carnavalesco”, aos moldes de avô, pai e mãe, participando ativamente de sua sociedade carnavalesca, Os Venezianos. Teria ela feito isso por toda a sua vida?

Podemos, ainda, nos questionar se Miguelina, mãe de Elvira, trocou de sociedade carnavalesca após o casamento com João, ou escolheu continuar torcendo pela Esmeralda? Enfim, o que nos chegou é que a filha, Elvira, representou a sociedade carnavalesca escolhida pelo pai, Os Venezianos. Até porque ela teve pouco contato, tanto com a mãe, quanto com o avô, que eram esmeraldinos, pois eles morreram quando ela era ainda bem pequena. Além disso, seu pai era um membro bem ativo da sua sociedade carnavalesca e Elvira, provavelmente, cresceu com a presença dos venezianos

⁷⁶⁸ João da Matta Coelho foi eleito vice-presidente da Sociedade Carnavalesca Os Venezianos, em 1908, tendo ficado a presidência para Cel. Afonso Massot. *O Independente*, 29 de março de 1908. Ele já havia sido, também tesoureiro desta associação, em 1882.

⁷⁶⁹ No segundo capítulo mostramos que a Sociedade Carnavalesca Os Venezianos, no carnaval de 1875, distribuíram versos em seus desfiles em que pediam às “belas deidades”, que dessem aos filhos da Veneza “flores, sorrisos... e um olhar de amor”. *A Reforma*, 11 de fevereiro de 1975.

⁷⁷⁰ SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da Vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História UNISINOS*, vol8, n. 10, jul/dez, p.139.

⁷⁷¹ Pierre Bourdieu chama de “ilusão biográfica” o engano, a ilusão de se considerar uma vida “[...] como um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto [...]”. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. Usos e abusos da História Oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 184.

⁷⁷² *Ibid.*, p.139.

em sua residência, como por exemplo, quando do aniversário de João da Matta Coelho, os venezianos iam lhe fazer os cumprimentos:

Sábado passado o furioso Zé-Pereira dos Venezianos foi levar os seus parabéns ao seu vide-presidente João da Matta Coelho por motivo de seu aniversário.

Gentilmente recebidos, foram obsequiados com farta mesa de doces e líquidos, trocando-se por essa ocasião diversos brindes.

Após teve começo animada soirée que durou até alta noite, correndo sempre entre a mais franca cordialidade.

Despediu-se, por fim, a correta mocidade veneziana, entre vivas ao Sr. Matta Coelho, a sua família e sua rainha⁷⁷³.

Antes mesmo de ser rainha da sociedade, Elvira já participava dos desfiles. No ano de 1909, ela saía no carro A Presa, sendo noticiado pelo *O Independente* que afirma que “distinguia-se também o carro A Noite de Núpcias e o A Presa, onde se achava a gentil senhorita Elvira de Werna Coelho”⁷⁷⁴. O jornal *A Federação* também descrevia o referido carro:

A Presa, magnífica alegoria apresentada com grande propriedade, gosto e perfeição das linhas. Para nós foi a mais feliz de quantas figuraram no préstito, especialmente por fugir a banalidade.

Representava ela uma donzela surpreendida no bosque por uma enorme serpente, que, preparada para dar-lhe o bote supremo e de faces hiante, e a ainda contida pela graça e pela candura da vítima, figurada pela senhorita Elvira Werna Coelho, filha do nosso amigo João da Matta Coelho⁷⁷⁵.

Salientava-se a graça e a candura de Elvira, que representava a presa surpreendida por uma enorme serpente. Para o jornal *A Federação*, essa foi a melhor alegoria do cortejo, pois fugia da trivialidade. E dela eram distribuídos os seguintes versos que “descreviam o quadro”⁷⁷⁶:

Neste bosque tão cheio de primores
Senhorita gentil auda passar
Anda, quiça, pensando em seus amores
E uns sonhos cor de rosas, a sonhar.

Distraída vagueia pela flores,
Pelas flores silvestres a cismar
E súbito ela vê, por entre horrores
A bíblica serpente a fitar.
Estáca, pára e toda se apavora
Ao ver num tronco lá daquela flora
A serpente a mirar-lhe a sobranceira.

⁷⁷³ *O Independente*, 13 de fevereiro de 1908.

⁷⁷⁴ *O Independente*, 25 de fevereiro de 1909.

⁷⁷⁵ *A Federação*, 25 de fevereiro de 1909.

⁷⁷⁶ *A Federação*, 25 de fevereiro de 1909.

Quer fugir, quer correr, a desditosa
Mas é tarde, a serpente impiedosa,
Em um segundo a torna prisioneira⁷⁷⁷

O verso descreve uma jovem romântica, com o pensamento nos amores e nos sonhos, que audaciosamente passou pelo bosque. Lá, se deparou com a serpente bíblica, que a fez prisioneira, mesmo querendo ela fugir e correr. Elvira incorpora aqui o papel da jovem sonhadora que fora presa pela serpente. A cobra é a representação daquilo que seria bom, enquanto proibido. É o ser que engana, trapaceia. Curioso é que essa é a descrição que nos foi dada a respeito do casamento de Elvira. Ela a jovem educada, preparada que casou com um homem desregrado, desraigado, como veremos adiante. Era a gentil senhorita prisioneira da serpente impiedosa!

Dois anos após essa apresentação, em 1911, era a vez de Elvira ocupar o lugar de soberana dos venezianos. Nesse ano, as atenções voltaram-se todas para ela. Em janeiro, Os Venezianos fizeram a apresentação de sua rainha, no Clube Caixeiral, entregando-lhe o estandarte da associação. E assim descrevia o acontecimento o jornal *A Federação*:

[...] Às nove horas, o clarim-mor anunciou a aproximação da rainha, a senhorita Elvira Werna Coelho, cuja entrada triunfal teve imponente caráter.

A galante soberana foi recebida, á porta, pela diretoria, tocando duas bandas de música alegres marchas e, ao ar, subindo uma girândola de foguetes.

O nosso amigo, tenente coronel Affonso Massot, presidente dos Venezianos, deu braço à rainha, apresentando-a a assistência, que formou em alas no salão de honra.

Reboavam de instante a instante salvas de palmas, tendo a senhorita Elvira Werna Coelho, n'uma manifestação de gentil agradecimento, cumprimentado todos aqueles que a saudavam.

[...] De posse do estandarte a senhorita Elvira Werna Coelho fez uso da palavra, agradecendo a homenagem que lhe fora feita, assegurando a sua dedicação e simpatia à sociedade de que era soberana⁷⁷⁸.

A descrição da festa fazia com que ela parecesse ser realmente majestosa: clarins anunciando a entrada da rainha, que era recebida pela diretoria, pelo presidente e por bandas de música, ao som retumbante das palmas. Adjetivos como triunfal, imponente caráter demarcam esse aspecto grandioso que se queria passar com essas notícias, como se a apresentação da rainha veneziana fosse realmente um acontecimento soberbo. Além

⁷⁷⁷ *A Federação*, 25 de fevereiro de 1909.

⁷⁷⁸ *A Federação*, 13 de janeiro de 1911.

dessa exposição, os venezianos fizeram um passeio pela cidade e ao final dele reuniram-se na casa de sua soberana. Vejamos a nota do *Correio do Povo*:

Teve excepcional realce, no registro das nossas festas sociais, o curso organizado, ontem, pela sociedade Venezianos, que tem um passado brilhante nas pugnias do carnaval de Porto Alegre.

Desde a tarde que uma multidão se premia nas imediações do palácio real, á rua Duque de Caxias, n 197, onde um curioso contou 174 senhoritas trajando lindas toilettes com as cores daquela sociedade carnavalesca.

A soberana, senhorita Elvira Werna Coelho, e seu pai, major João da Matta Coelho, obsequiaram com uma mesa de doces e bebidas os diretores e os sócios da sociedade Venezianos.⁷⁷⁹

A sociedade Os Venezianos é distinguida novamente em função de seu passado: é lembrado que essa teve um legado brilhante nas batalhas de carnaval. Assim, o curso por eles realizado contou com a presença de muitas mulheres que se vestiram de vermelho e branco, as cores da sociedade. Após esse cortejo, os sócios e os diretores da referida sociedade reuniram-se na casa de Elvira, que, juntamente com seu pai, ofereceu-lhes uma mesa de doces e bebidas. Assim, a soberana dos venezianos se fazia presente em todos os acontecimentos promovidos pela sociedade. Sua condição de rainha era sempre demarcada pelos adjetivos que utilizavam nas descrições dos acontecimentos, como por exemplo, na inauguração da caverna veneziana:

À rainha, senhorita Elvira Werna Coelho, em regozijo ao fato, foi visitar a caverna, sendo recebida com todas as honras do estilo.

A galante soberana, ao penetrar no recinto, recebeu estrondosa manifestação de aplausos, vivas e confete.⁷⁸⁰

“Estrondosa manifestação de aplausos, vivas e confetes”: ficamos a imaginar sua entrada na caverna com esta descrição. Ela nos faz reviver esse momento, nos passa a sensação de um momento de verdadeiro êxtase, como se, ser a rainha da sociedade, fosse algo extremamente suntuoso, pomposo. Essas descrições procuram sempre anunciar a rainha com qualidades, como “galante”, sendo recebida “com todas as honras e estilos”.

Os carros que conduziam a soberana também procuram despertar esse sentimento. O jornal *A Federação* assim descrevia o carro que levava Elvira:

[...] Carro da rainha, um barco fantástico, conduzindo a rainha, d. Elvira Werna Coelho, tendo como séquito duas aias e dois príncipes.

O barco é puxado por sete cavalos alados, dos quais três serão cavalgados por moças.⁷⁸¹

⁷⁷⁹ *Correio do Povo*, 30 de janeiro de 1911.

⁷⁸⁰ *A Federação*, 05 de janeiro de 1911.

⁷⁸¹ *A Federação*, 01 de março de 1911.

Uma comitiva com duas aias e dois príncipes acompanhava o barco que conduzia a rainha. Essa embarcação era puxada por sete cavalos. Note-se a marcação de que dos sete cavalos, três seriam conduzidos por mulheres.

Podemos, assim, observar que – como trabalhamos no segundo capítulo – a presença dessas mulheres – as rainhas – no caso aqui em análise, de Elvira, é sempre pautada por um ar de distinção: galante, supremacia de espírito, beleza, etc. As descrições remetem para que o leitor visse o comparecimento das soberanas nos desfiles, nos bailes, nas cavernas como sendo um esplendor a mais da festa, elas é que seriam o ápice dos festejos. Tanto que o jornal *O Independente* procurava, na semana de carnaval, publicar as fotos das rainhas das sociedades, com breves descrições a seu respeito. Vejamos:

De Elvira Werna Coelho, outra pérola de artístico lavor que reúne a limpidez do orvalho, a doçura do lírio, não necessitamos falar, pois já lhe prestamos nossa ardorosa homenagem.

Só diremos que seu nome passará hoje não sei um hino ao meio dos gloriosos cantos venezianos.

Elvira era, portanto, uma pérola que reunia a clareza do orvalho e a singeleza do lírio. Vemos, novamente, a referência à natureza associada às qualidades das rainhas. Juntamente com essa declaração, foi publicada a seguinte fotografia:



Figura 7: Retrato de Elvira Werna Coelho, rainha dos Venezianos, 1911. Retirado de *O Independente*, 21 de fevereiro de 1911.

Este retrato, além de publicado no jornal *O Independente*, foi inaugurado pelo atelier Ferrari. Diferindo-se das outras rainhas venezianas, Elvira foi retratada pelo atelier Ferrari, ao invés de Calegari⁷⁸². Após a inauguração da vitrine haveria, ainda, uma reunião de diretoras:

Será festivamente inaugurado, hoje, à noite, no atelier Ferrari o retrato da gentil rainha veneziana senhorita Elvira Werna Coelho.

Após à inauguração, haverá no Club Caixeral, uma reunião das diretoras dos galhardos Venezianos, a fim de tratarem de assuntos concernentes ao préstito de gala de terça-feira próxima.

Na vitrina da Predileta está exposto um belo quadro com o retrato da gentil senhorita Elvira Werna Coelho, soberana dos Venezianos.

A vitrina apresenta lindíssimo aspecto, tal gosto que preside a sua ornamentação⁷⁸³.

Além do retrato apresentado de Elvira, existia ainda outro que fora exposto na vitrine da Predileta e que também fora publicado pelo jornal *O Independente*:



Figura 8: Retrato de Elvira Werna Coelho, 1911. Retirado de *O Independente*, 12 de fevereiro de 1911.

Elvira, como neta de Miguel de Werna, era descendente de um irmão da Marquesa de Santos, o 2º Visconde de Castro, João de Castro e Melo (Ver anexo 11, árvore genealógica). Isso parece ser bem importante nas memórias de sua família, haja

⁷⁸² Não encontramos nenhuma referência para esta mudança, não sabendo explicar o porquê dela. Talvez Calegari pudesse estar fora da cidade, ou tivesse algum problema com a Venezianos ou com a própria Elvira. Sabemos, contudo, que haverá outras rainhas venezianas sendo retratadas pelo referido estúdio, como Marieta Franco, em 1914.

⁷⁸³ *A Federação*, 23 de fevereiro de 1911.

vista ter sido a primeira informação que obtivemos a seu respeito: “ela é descendente direta da Marquesa de Santos”⁷⁸⁴. Apesar de ser um parentesco bem distante, tal informação também aparece no jornal *O Independente*, como sinal de distinção de seu comportamento, o poder da graça que teria sido lhe dada pela soberania de seus ascendentes.

Há nesta juventude, como numa corda passível de múltiplos acordes, inumeráveis liames de sedução, fluidos de ignotas admirações, que ela prende e jugula com esta confiança ingênua e certa de quem conhece a soberania de seus ascendentes, o poder da graça que lhe foi doada pela natureza⁷⁸⁵.

Segundo relato de parentes, Elvira “era uma dama. Pessoa de fino trato”⁷⁸⁶. Devemos lembrar que, nesse ponto, estamos trabalhando com as “memórias dos informantes”⁷⁸⁷ e que, como qualquer outra fonte, é necessário “recompôr as reminiscências por ele registradas”⁷⁸⁸. Aqui, entendemos por memória “a propriedade de conservar certas informações, por meio de um conjunto de funções psíquicas e cerebrais”⁷⁸⁹ e que é composta de seletividade e esquecimentos. Nesse processo de rememoração do passado, deve-se levar em conta que a “fonte” o refez e o reconstruiu com seus valores atuais, pois o passado “não sobrevive ‘tal como foi’, porque o tempo transforma as pessoas em suas percepções, ideias, juízos de realidade e de valor”⁷⁹⁰. Além disso, como afirma Bosi, “lembrar-se é uma ação coletiva, pois, embora o indivíduo seja o memorizador, a memória somente se sustenta no interior de um grupo”⁷⁹¹. Dessa forma, a reconstrução do passado dependerá da integração ao grupo social com o qual o indivíduo compartilha de suas experiências.

Portanto, nas memórias familiares de Elvira, ficou registrado que apesar de ter sido criada para ser uma dama, o grande problema de sua vida teria sido o seu casamento. Em 01 de março de 1924, ela se casou com Mathias Octávio Roxo⁷⁹².

⁷⁸⁴ Relato de familiares concedido a Caroline P. Leal, em fevereiro de 2012.

⁷⁸⁵ *O Independente*, 12 de fevereiro de 1911.

⁷⁸⁶ Certidão da Comarca de Vacaria, do Cartório da Direção do Foro, em 27 de agosto de 1930.

⁷⁸⁷ AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, FGV, 2000.

⁷⁸⁸ THOMSON, Alistair. Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre História Oral e a Memória. Proj. História, São Paulo (15), abril 1997, p.1.

⁷⁸⁹ FREITAS, Sonia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. . São Paulo: Humanitas, 2002, p.59.

⁷⁹⁰ Ibid., 65.

⁷⁹¹ BOSI, Ecléa. Memória da Psicologia. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n.22, 1994, p. 280.

⁷⁹² Certidão de Casamento de Mathias Octavio Roxo e Maria Elvira de Werna Coelho. Cartório da 1ª Zona de Porto Alegre.

Conhecido como Mathiasinho, ele era filho de cafeicultor. Rábula, era considerado uma ovelha desraizada da família⁷⁹³, pois foi viver em Vacaria, no Rio Grande do Sul, onde foi juiz e promotor público dessa comarca⁷⁹⁴. Nascido em 30 de setembro de 1894, no Rio de Janeiro, era filho de Mathias Octávio Roxo e de Eugenia de Negreiros Roxo, irmão gêmeo de Joaquim Alberto e teria falecido em Porto Alegre⁷⁹⁵.

De acordo com Ismério, no Rio Grande do Sul do início do século passado, a fim de que as moças desempenhassem exemplarmente seu papel, elas recebiam alguns conhecimentos básicos, “principalmente as chamadas prendas domésticas, tais como costurar, bordar, fazer rendas e os serviços da casa, que lhes era transmitidos por suas mães. Quando fossem para a escola aprenderiam essas matérias, oferecidas no currículo normal, além de tocar instrumentos musicais, como violino, acordeom e piano”⁷⁹⁶. Essa foi justamente a descrição nos dados de Elvira: “ela tocava piano como ninguém”⁷⁹⁷. Contudo, o casamento com Mathias fez com que o curso de sua vida tivesse sido alterado. Segundo o relato, ele teria a abandonado e sem dar explicações e, ao que indica, teria voltado para São Paulo. Apesar de ser de uma importante família, era um homem desregrado, dado a jogos e vícios. Ela, a dama bem nascida e educada teve que “ir à luta” para criar a família⁷⁹⁸.

Sabemos que Elvira e Mathias se casaram em 1924, ambos com trinta anos (apesar da certidão apontar Elvira com 25 anos). Tiveram quatro filhos: Lourdes Maria Coelho Roxo, nascida em 1926; Paulo de Tarso Coelho Roxo, nascido em 1933 e falecido em 1998; João Batista Coelho Roxo, nascido em 1935 e Pedro Evangelista Coelho Roxo, nascido em 1941, o único que ainda vive e reside em Porto Alegre⁷⁹⁹. Se as datas de nascimento dos filhos estão corretas, quando Pedro Evangelista nasceu, Elvira tinha 47 anos. Desta forma, não se concretiza a ideia de que ele a abandonou muito cedo e ela teve que trabalhar para sobreviver, pois 17 anos após o casamento eles ainda teriam um filho. O que pode ter ocorrido é ele ter morado em outra cidade, como

⁷⁹³ Relato de Eduardo Roxo Nobre, parente de Mathias Octávio Roxo, dado a Caroline P. Leal, em fevereiro de 2012.

⁷⁹⁴ Livro de Registro Histórico, folha 20, 27 de agosto de 1930. Certidão da Comarca de Vacaria, Cartório da Direção do Foro, de 23 de fevereiro de 2006.

⁷⁹⁵ NOBRE, Eduardo Dias Roxo. *João Roxo e seus Descendentes. De Pensalves para o Brasil*. São Sebastião da Gramma-SP: São Sebastião Editora e Gráfica Lda, 1998.

⁷⁹⁶ ISMÉRIO, Clarice. Op. Cit., p.10

⁷⁹⁷ Relato de familiares concedido a Caroline P. Leal, em fevereiro de 2012.

⁷⁹⁸ Relato de familiares concedido a Caroline P. Leal, em fevereiro de 2012.

⁷⁹⁹ NOBRE, Eduardo Dias Roxo. *João Roxo e seus Descendentes. De Pensalves para o Brasil*. São Sebastião da Gramma-SP: São Sebastião Editora e Gráfica Lda, 1998.

Infelizmente não podemos conversar com Pedro Evangelista Coelho Roxo por motivos de saúde.

Vacaria, por exemplo, onde sabemos ter sido ele juiz, em 1930, já casado com Elvira. Talvez ele morasse por lá e ela aqui? Isso, contudo, não impediu que continuassem casados e com uma família em comum. Além disso, encontramos um processo judicial, em nome de Mathias, datado de 1932, no qual seu advogado impetrava ao Supremo Tribunal “uma ordem de habeas-corpus em favor de Octávio Mathias Roxo ou Mathias Octávio Roxo, preso na casa de correção, desta capital”⁸⁰⁰.

Sabemos, também, que Elvira foi funcionária da Secretaria da Educação e Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul e se aposentou como funcionária pública⁸⁰¹. O real motivo que levou Elvira a trabalhar fora por ora não compreenderemos, nem como se construiu a memória de que teria sido o abandono do marido a mudar o curso de sua vida. Conhecemos, contudo, que havia discursos que salientavam a “imagem da mulher como responsável pelas atividades da casa e o zelo pela família; deveria ser realmente a rainha do lar e anjo tutelar”⁸⁰² e que, de acordo com Ismério, uma mulher que “optasse por trabalhar fora, cairia em uma desordem moral, pois deixaria de exercer sua verdadeira vocação para ocupar-se de atividades prescritas ao homem, indo contra sua natureza”⁸⁰³. Ao tomar tal atitude e “ir à luta para criar a família”, Elvira estava destoando do modelo para o qual ele havia sido criada, bem como o modelo que ela representou ao ser escolhida como rainha da sociedade carnavalesca venezianas, residindo aí, talvez, indícios para explicar nossos questionamentos.

Elvira morreria em 1981, de broncopneumonia, no Hospital Santa Rita, em Porto Alegre, sendo sepultada no Cemitério da Irmandade Arcanjo São Miguel e Almas. Vivia ainda na cidade da qual foi uma das soberanas no carnaval, residindo na Rua Duque de Caxias, rua pela qual seu cortejo percorreu naqueles idos de 1911. Contudo, essa memória de seu passado carnavalesco não estava presente na família que construiu. Apesar de ela, seus pais e avós serem apreciadores do carnaval, seus filhos, netos, sobrinhos, não sabiam dessa relação de Elvira com tal festejo. Como todo ser humano

⁸⁰⁰ Processo judicial/Habeas Corpus, n.3, 1932, Porto Alegre, APERS.

⁸⁰¹ Em 1930 “foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública. A nível estadual, houve a criação da Secretaria de Educação e Saúde Pública (1935) e, dentro desta secretaria, a criação do Departamento Estadual de Saúde (1938). Porém, dois anos depois de ser oficializado (1940), este departamento foi desligado da Secretaria de Educação, passando a estar diretamente subordinado ao governador”. ALVES, Gabrielle Werenicz. As políticas para a saúde pública no Rio Grande do Sul – 1928/1945. *IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação*, PUCRS, 2009, p.2.

⁸⁰² ISMÉRIO, Clarice. Op., Cit., p.6.

⁸⁰³ Ibid., p.6

escolhe seu caminho e a vida não é feita de coerências, Elvira escolheu se afastar e não prosseguir nessa ligação de sua família com a história do carnaval de Porto Alegre.

3.1.8. Idalina Mariante da Costa

Idalina foi rainha da Sociedade Carnavalesca Esmeralda, em 1913. Nesse ano, a Esmeralda não apresentou seu desfile, restringindo-se aos bailes nos salões. Já no início do ano houve uma reunião dançante no Clube Caixeiral. Segundo o jornal *A Federação*, os esmeraldinos “dispostos perfeitamente em alas aguardavam a chegada de sua soberana, senhorita Idalina Costa, que ao penetrar ali foi vivamente aclamada por prolongada salva de palmas”⁸⁰⁴. Ela foi obsequiada pelo Coronel Virgílio Vaz Martins, “em nome da diretoria com um enorme e belíssimo ramalhete de flores naturais”⁸⁰⁵.

A festa também contou com a presença de Marieta Franco, rainha da sociedade veneziana. Essa, segundo o referido jornal, foi bem recebida pelos esmeraldinos e sua soberana, com a “amabilidade que lhes é peculiar”⁸⁰⁶, tendo o encontro das soberanas “uma nota chique e de requintada cortesia. [...] A senhorita Idalina dirigindo-se aos membros da diretoria da Esmeralda, solicitou-lhes permissão para oferecer à sua colega o bonito ramalhete que momentos antes havia recebido”⁸⁰⁷, completando as “homenagens prestadas à sua co-irmã Venezianas, representados na senhorita Marieta”⁸⁰⁸.

Já o baile de gala foi realizado no sábado de carnaval, no início de fevereiro, ocorrendo nos salões do Clube Júlio de Castilhos. Às nove horas da noite “começou a chegar a residência da excelsa rainha esmeraldina grande número de carros conduzindo os sócios que iriam tomar parte no corso que a levariam aos salões”⁸⁰⁹. No corso vinha à frente o “auto da rainha que era acompanhada de seu progenitor e do cel.dr. Manuel Teófilo Barreto Viana”⁸¹⁰. Já no clube, no primeiro salão, “ao fundo deparava-se com o retrato da rainha, tendo num dos lados o estandarte esmeraldino circundado de flores”⁸¹¹. Antes de começar a dança foi entregue à Idalina o seu retrato, com posterior

⁸⁰⁴ *A Federação*, 13 de janeiro de 1913.

⁸⁰⁵ *A Federação*, 13 de janeiro de 1913.

⁸⁰⁶ *A Federação*, 13 de janeiro de 1913.

⁸⁰⁷ *A Federação*, 13 de janeiro de 1913.

⁸⁰⁸ *A Federação*, 13 de janeiro de 1913.

⁸⁰⁹ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1913.

⁸¹⁰ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1913.

⁸¹¹ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1913.

fala do capitão Benjamim Flores, “que fez um retrospecto da tradição esmeraldina, lembrando seus feitos carnavalescos até hoje”⁸¹² e recitou para a rainha o seguinte soneto:

No magnífico alvor do rosto virgíneo
Mais belo ainda, talvez que o próprio sol na altura,
Límpido espelho da alma, o seu olhar fugura,
Cheio de fantasia e cheio de domínio.

Manhas de eliseu encanto o orvalham de doçura
E, como aureola ideal de um astro sem declínio,
Toda a graça latina amorável e pura,
Ri na luz desse olhar veludoso e flumíneo.

Se ela os cílios abaixa - ó estranha maravilha
Súbito a noite imensa e o luto que envolve a terra,
Tal como, ondante e espumeo o oceano envolve uma ilha.

Mas se ela acaso rindo - ó mistério profundo!
A venda orbicular das pálpebras descerra,
Fulge um varão de luz, glorioso em todo o mundo⁸¹³.

Após o recital do poema, foi-lhe entregue um ramalhete de flores e deu-se início ao baile com a *polanaise* “que foi marcada pelo Dr. João Vespúcio, deputado federal, tendo como par a gentil soberana”⁸¹⁴. Tal descritivo era noticiado pelo jornal *A Federação*, que também descrevia as vestes utilizadas por Idalina, que “ostentava lindíssimo traje verde e branco, tendo num dos braços um cadeceu e na cabeça lindíssima coroa, tendo ao centro uma esmeralda”⁸¹⁵. Por fim o referido periódico cumprimentava a “gentil soberana esmeraldina”⁸¹⁶ e enviava “efusivas saudações à Esmeralda”⁸¹⁷.

O retrato exposto no primeiro salão e que foi entregue à Idalina, provavelmente, foi este abaixo elencado. Esta fotografia foi tirada pelo atelier Ferrari, no ano em que Idalina fora a soberana esmeraldina:

⁸¹² *A Federação*, 08 de fevereiro de 1913.

⁸¹³ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1913.

⁸¹⁴ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1913.

⁸¹⁵ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1913.

⁸¹⁶ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1913.

⁸¹⁷ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1913.



Figura 9: Idalina Mariante da Costa. Rainha da Esmeralda, em 1913. Retirado da Fototeca Sioma Bertran. Museu Joaquim José Felizardo.

Idalina era filha de Octavio Dias da Costa e Leonor Mariante da Costa. Dois anos após ser a soberana da Esmeralda, Idalina casa-se com Mansueto Bernardi. Ela contava então com 19 anos de idade e eles se casaram na igreja da Conceição em Porto Alegre, em 08 de junho de 1915⁸¹⁸. Mansueto era italiano, nasceu em Pagnano, Treviso, em 20 de março de 1888 e veio recém-nascido para o Brasil com sua família, indo morar em Veranópolis. Filho de Giovanni B. e Maria Luiza Dal Pai⁸¹⁹.

Foi professor concursado, lecionando em Capão Bonito (Lagoa Vermelha), depois em Alfredo Chaves. Depois, em 1909, concursou-se para oficial do Tesouro do Estado, desempenhando vários cargos políticos posteriormente, inclusive Secretário da Presidência do Estado (chefe da Casa Civil, em 1919), afora outros, como vice-intendente de São Leopoldo. Com João Pinto da Silva, Mansueto fundou e dirigiu o Almanaque do Globo (1917 a 1931), além de redator da revista Kodak e fundador da Revista do Globo e sócio do Instituto Histórico e Geográfico do RS. Faleceu em nove de setembro de 1966, em Veranópolis⁸²⁰.

⁸¹⁸ Registro de Casamento, Porto Alegre, livro 3, folha18v, Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

⁸¹⁹ GERMANN, Aline Rullian. Mansueto Bernardi e o espírito franciscano. Dissertação de Mestrado em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2007, p. 27.

⁸²⁰ COSTA, ROVILHO. *Povoadores das colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado*. EST Edições, 1997, p. 617.

Idalina e ele viveram juntos uma vida toda e não tiveram filhos. A casa que construíram em Veranópolis é, hoje em dia, um dos pontos turísticos daquela cidade. Pedro Vergara, em seu livro *Visita à Vila Bernardi: uma viagem a Veranópolis* dedica um capítulo a Mansueto Bernardi e outro à Idalina. No capítulo oferecido à esposa de Bernardi, Vergara descreve uma a relação muito bonita, uma união amorosa, repleta de cumplicidade e parceria. Vejamos:

Idalina é a senhora e dona de Mansueto, que é dono dela, - e ambos são donos da Vila Bernardi [...]. Não tenho, não conservo uma recordação que seja – a mais remota ou a mais recente, - de Idalina, - senão ao lado de Mansueto, – e só vivendo para ele, - e por que ele vive, - e amando-o com desvelo e desvanecimento, - e derramando sobre ele, - sobre o poeta, - em cada instante bom ou mau de suas vidas, a fulgência aérea de sua alma de mulher enamorada,- e assim deixando que brotassem dentro dele, - como dádiva constante de um jardim perene, - as apreensões e as esperanças, os cuidados e as tristezas, as venturas de sua férvida paixão⁸²¹.

Vergara descreve um casal apaixonado, mesmo com o passar do tempo. Idalina, a companheira fiel, que amava Mansueto e que fez dele o poeta que era. Interessante ressaltar que encontramos bastante material que falasse a respeito da vida e obra de Mansueto Bernardi⁸²². Contudo, raras foram as citações a respeito de Idalina, limitando-se a informar que ele casara-se com ela, em 1915. Vergara, contudo, credita o sucesso obtido por Mansueto, a esta relação marital e amorosa que eles tinham, sendo uma relação recíproca de amor e companheirismo. Quando Vergara descreveu essa impressão, o casal contava já com quase cinquenta anos de casado e não distanciava-se da visão que ele tivera, quando eles ainda eram jovens e Idalina e Mansueto eram noivos. No mesmo capítulo, ele expõe a impressão que o casal lhe causou na primeira vez em que os viu, quando ia ele, Vergara, andando pela Rua Independência, em Porto Alegre, numa manhã de domingo, acompanhado de Alceu Wamosy:

De repente, o luminoso amigo puxou-me pelo braço [...] e disse-me, trêmulo e confidente: – Olha ali o Mansueto Bernardi com a noiva! [...] Estavam tão contentes – e eram tão íntimos – que se enlaçavam – e se ungiam de sorrisos e ternuras [...], nem queriam saber de mais nada e de ninguém – e só eles existiam – e seu amor enchia o mundo, só porque enchia seus corações. [...] E assim entrelaçados e assim ungiados daquele abandono de suas almas, continuavam andando na aura do sonho que os levava, como

⁸²¹ VERGARA, Pedro. *Visita à Vila Bernardi*. Rio de Janeiro, 1963, p.113.

⁸²² GERMANN, Aline Rullian. *Mansueto Bernardi e o espírito franciscano*. Dissertação de Mestrado, 63pp., PUCRS, Porto Alegre, 2007. MARINELLO, Adiane Fogali. *Quando o poeta toma partido: literatura e política em Mansueto Bernardi*. Dissertação de Mestrado, 187pp., UCS, Caxias do Sul, 2005. SULIANI, Antonio. *Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. MARINELLO, Adieni; ARENDT, João. Cultura regional, política e literatura em Mansueto Bernardi. *MÉTIS: história & cultura* – v. 4, n. 8, p. 281-306, jul./dez. 2005.

que suspensos e mal tocando as pedras duras da calçada; e assim foram e sumiram e recuaram para o fundo de cinza dos recordos – entrelaçados para sempre, naquele abraço de paixão⁸²³.

O amor de juventude, dos jovens enamorados, parecia persistir mesmo tantos anos após aquela manhã de domingo. Ao reencontrarem-se lá em Veranópolis, Vergara percebeu que “a vida risonha, – a vida contente, – a vida plena de Idalina estava sempre se refletindo na vida intensa e forte de Mansueto”⁸²⁴. Para ele, era Idalina “a flor que perfuma a vida do poeta”⁸²⁵.

Pela fala de Vergara, entende-se que a carreira de sucesso de Mansueto teve intensa colaboração da esposa e que ela teria o acompanhado em todas as suas decisões. Para Vergara “nunca um poeta, – em parte alguma, – terá encontrado, – para ir com ele pela estrada, – ao longo de um destino vário, – a companheira mais ideal, – como Mansueto encontrou Idalina”⁸²⁶. Era Idalina a fazer jus ao título que lhe havia sido dado em 1913, de rainha da Esmeralda.

Vergara também descrevia o porte físico de Idalina, “muito pequena e grácil”⁸²⁷, aos moldes dos elogios de sua época de soberana. Além disso, seria ela “uma brasileira dos quatro costados” e que “mulher brasileira completa, em verdade, é Idalina!”⁸²⁸. Para ser essa brasileira completa, ele elencava uma série de qualidades, “tudo o que há de mais nobre, de exemplar, de racial, de típico, de substancialmente brasileiro, na mulher do Brasil”⁸²⁹, que Idalina possuiria:

a dignidade, a afetividade extrema, a bondade de branduras e bonança, a religiosidade interior e doméstica, - o sentimento de família, - que não transige na solidariedade que se deve aos parentes, o poder do sacrifício gratuito, no amor filial, conjugal, maternal e fraternal, - a disposição e morrer e viver por alguém, - tudo isso que através de toda nossa história, fez das mulheres do Brasil, um ser de exceção de que falavam já os antigos viajantes, [...] está na personalidade de Idalina, - e a define e a exalta e a galardoa e a retempera a cada instante, - e lhe emoldura e lhe alcandora os atos e as vivências⁸³⁰.

Idalina fora no passado a representante da mulher do sul, ao ostentar o título de rainha da Esmeralda (lembramos que, frequentemente, os jornais atribuíam uma série de

⁸²³ Ibid., p.114 e 115.

⁸²⁴ Ibid., p.115.

⁸²⁵ Ibid., p.116.

⁸²⁶ Ibid., p.116

⁸²⁷ Ibid., p.116

⁸²⁸ Ibid., p.116.

⁸²⁹ Ibid., p.116.

⁸³⁰ Ibid., p.117.

qualidades às rainhas, qualidades essas que as remetiam para representantes da cidade) e, agora, era a representante da mulher brasileira, com uma série de características de cunho moralista e de submissão, características que definiriam Idalina.

Ao ser Idalina identificada com a imagem da mulher brasileira e Mansueto com a do imigrante italiano, Vergara creditava a eles a representação da formação do povo do sul, através da miscigenação das raças. Vejamos:

Idalina, durante cinquenta anos de sua vida conjugal, foi abrasileirando a alma de Mansueto, [...] Assim a alma do Brasil se transfundiu, por Idalina, através do Mansueto, na alma da Itália, - e vice-versa, - e assim um italiano ficou sendo brasileiro, - e uma brasileira ficou sendo italiana. E é esse o caldeamento que precisamos e que se opera, - cada dia mais, - nas colônias, para a formação do Rio Grande do Sul, - um caldeamento de corações eleitos e de almas de elite, com virtudes essenciais, de parte à parte, um caldeamento de rio-grandenses e de italianos, e de alemães, e de polônios, - como outrora um caldeamento luso-afro-ameríndeo⁸³¹.

3.1.9. Marieta Franco

Marieta Franco foi rainha da Sociedade Carnavalesca Os Venezianos por dois anos consecutivos – 1913 e 1914. Em fins de janeiro de 1913, seu retrato era inaugurado na vitrine da Fotografia Ferrari, sendo que “após a inauguração os venezianos acompanharão a senhorita Marieta Franco até ao Caixeiral, onde terá lugar a anunciada reunião dançante”⁸³².

⁸³¹ Ibid., p.118.

⁸³² A Federação, 29 de janeiro de 1913.



**Figura 10: Retrato de Marieta Franco, rainha dos Venezianos, em 1913.
Retirado da Fototeca Sioma Beirtan. Museu Joaquim José Felizardo.**

Durante o desfile carnavalesco daquele ano, ela vinha no quinto carro, o carro real, que representava uma sala de trono. O jornal *A Federação* descrevia que “ao alto, após dourados degraus, vê-se o sólio magnífico da rainha, a senhorita Marieta Franco, que trajará luxuosissimamente”⁸³³. Ao lado da rainha, estavam dispostos “dois riquíssimos jarrões japoneses, que transbordam de raríssimas flores luminosas e, em plano pouco inferior, dois dourados anjos”⁸³⁴. E, em “último plano, voltadas para a rainha vão suas aias, as senhoritas Dinorah Soares e Edilia Franco”⁸³⁵. O carro da rainha possuía farta iluminação e era escoltado “por um numeroso esquadrão de luzidos calheiros, ostentando riquíssima fantasia original dos Venezianos, cujo efeito é deslumbrante”⁸³⁶. Ainda em 1913, houve um último baile promovido por essa sociedade. Para a festividade, a rainha foi conduzida, “juntamente com o presidente, Emílio Massot”⁸³⁷, por um Landau.

Já no ano seguinte, em 1914, a sociedade Venezianos não apresentou seu préstito⁸³⁸. Fez somente bailes no Clube Caixeiral. No seu baile principal, quando deu a

⁸³³

⁸³⁴ *A Federação*, 03 de março de 1913.

⁸³⁵ *A Federação*, 03 de março de 1913.

⁸³⁶ *A Federação*, 03 de março de 1913.

⁸³⁷ *A Federação*, 05 de março de 1913.

⁸³⁸ cf *A Federação*, 27 de janeiro de 1914.

meia noite, foi dado o sinal e “... abaixo a máscara... e aparecerá então, sob calorosas aclamações, o vulto da gentil soberana, senhorita Marieta Franco”⁸³⁹.

Marieta Franco era filha de Harmodio Franco. Sabemos que seu pai foi despachante aduaneiro na alfândega de Porto Alegre.⁸⁴⁰



Figura 11: Retrato de Marieta Franco, rainha dos Venezianos, em 1914. Retirado de *A Federação*, 08 de fevereiro de 1914.

⁸³⁹ *A Federação*, 20 de fevereiro de 1914.

⁸⁴⁰ Cf *Diário Oficial da União* de 24 de Março de 1925. Por títulos de 19 do corrente, foram nomeados, de acordo com o artigo 10, parágrafo 2, do decreto n. 1.057, de 14 de janeiro de 1920, respectivamente, Floriano Pereira de Oliveira, Harmodio Franco e Carlos d'Almeida, despachantes aduaneiros das Alfândegas de Santos, no Estado do S. Paulo, Porto Alegre e Rio Grande, no Estado do Grande do Sul.

3.1.10. Marina Neves

Marina Neves foi rainha da sociedade carnavalesca Esmeralda, em 1914. Ao analisarmos os jornais, sobretudo o jornal *A Federação*, pudemos perceber que o seu reinado foi um dos mais noticiados: desde *tea-concerts*, bailes, reuniões, tudo era informado, pelos jornais. O referido periódico salientava que, com o carnaval chegando, já se ouvia o ruidoso Zé Pereira e que “as gentis soberanas das sociedades, dia a dia, recebem manifestações, manifestações estas a que se associam os principais elementos da nossa sociedade”⁸⁴¹. Isso demonstra a intensa agenda de honrarias que as soberanas teriam durante seu reinado, sendo que é denotado que essas eram feitas pelos “principais elementos da sociedade”. No reinado de Marina, se percebe uma intensificação da tentativa de distinção do carnaval esmeraldino em relação aos outros tipos de festejo, sendo isso também entendido através da enorme quantidade de honrarias que eram prestadas à rainha durante os meses de janeiro e fevereiro.

À soberana da Esmeralda, por exemplo, foi oferecida a primeira reunião familiar, ocorrida no salão nobre da Confeitaria Rocco, na qual foi ofertada, em nome da Esmeralda, “à rainha, a galante jovem Srta. D. Marina Neves, um belíssimo ramalhete de flores artificiais; oferecimento igual foi feito à gentil soberana pelo capitão Rocco, proprietário da confeitaria”⁸⁴², ou então o “tea-concert que os proprietários do Café Colombo”⁸⁴³ oferecem a gentil senhorita Marina Neves, soberana, este ano, da distinta Sociedade Carnavalesca Esmeralda”⁸⁴⁴. Tal evento foi descrito pelo *A Federação* que salientava a ornamentação da galeria, com “belo aspecto, estando toda iluminada”⁸⁴⁵. Antes da chegada da soberana já se encontram ali muitas senhoras, sua vinda foi anunciada pelos clarins do Zé Pereira que se

⁸⁴¹ *A Federação*, 22 de janeiro de 1914.

⁸⁴² *A Federação*, 18 de janeiro de 1914.

⁸⁴³ O Café Colombo localizava-se na esquina da rua da Ladeira (atual Gel. Câmara), depois transferiu-se para o lado oposto da rua. De propriedade da firma Romba & Schmidt, era considerado um café literário. AMARO JR. Os Cafés da Rua da Praia, o Beco do Leite e o Palácio das Lágrimas. Folha da Tarde. Para o Álbum de Porto Alegre (6): 5, 7 de agosto de 1976, p.05. APUD: LEWGOY, Bernardo. Os Cafés na Vida Urbana de Porto Alegre (1920-1940): As transformações em um Espaço de Sociabilidade Masculino. *Revista Iuminuras* - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/UFRGS, v. 10, n. 24 (2009).

⁸⁴⁴ *A Federação*, 21 de janeiro de 1914.

⁸⁴⁵ *A Federação*, 22 de janeiro de 1914.

achava postado a frente do café. A rainha vinha acompanhada de sua família e foi “recebida à porta pelo Sr. Mario Pinto, um dos proprietários do café”⁸⁴⁶, e quando entrou “na galeria a orquestra executou o hino da Esmeralda”⁸⁴⁷, sendo oferecidos “aos presentes chá, chocolate, gelados e champagne”⁸⁴⁸. A ela foi entregue “um lindo buquê, como lembrança da festa, gentileza esta que a senhorita Marina Neves agradeceu”⁸⁴⁹.

Além dos eventos citados, também foram oferecidos à Marina Neves as seguintes festividades: um festival no palacete Rocco, proposto por seu proprietário à soberana da Esmeralda; um sarau burlesco dedicado à soberana esmeraldina pelo Clube Cinco de Janeiro, no salão do Cinema Variedades⁸⁵⁰; um festival ofertado pelos Irmãos Petrelli, proprietários do Teatro Coliseu, à soberana “cujo retrato foi exibido entre aplausos, na tela cinematográfica”⁸⁵¹; no cinema Avenida uma festa em homenagem a esmeralda “personificada na sua rainha, a Srta. Marina Neves e a sua diretoria”⁸⁵², no qual havia lugares especiais reservados para ela, sua família e a diretoria da Esmeralda. Note-se que “o proprietário do Avenida teve a gentileza de mandar um automóvel buscar a rainha em sua residência e à sua chegada ao cinema foi recebida gentilmente, prestadas as continências pela banda de clarins e Zé Pereira [...]. Ao começar a sessão cinematográfica foi exibido o retrato da Srta. Marina Neves, saudado com aplausos, e a orquestra executou o hino da Esmeralda, a vibrante composição de Calderon de La Barca”⁸⁵³.

Evidenciamos, então, uma série de homenagens que eram prestadas à sociedade Esmeralda, “personificava na sua rainha, Mariana Neves”⁸⁵⁴, como bem lembrava o jornal *A Federação*. Outras honrarias, contudo, eram preitos da própria agremiação para a sua soberana. Um exemplo foi baile à fantasia oferecido por um grupo de esmeraldinos que ocorreria na Tristeza. Segundo o jornal *A Federação*, “os veranistas esmeraldinos da pitoresca Tristeza – contraste com a alegre fisionomia local”⁸⁵⁵ – transformarão aquele

⁸⁴⁶ *A Federação*, 22 de janeiro de 1914.

⁸⁴⁷ *A Federação*, 22 de janeiro de 1914.

⁸⁴⁸ *A Federação*, 22 de janeiro de 1914.

⁸⁴⁹ *A Federação*, 22 de janeiro de 1914.

⁸⁵⁰ *A Federação*, 17 de fevereiro de 1914.

⁸⁵¹ *A Federação*, 18 de fevereiro de 1914.

⁸⁵² *A Federação*, 21 de fevereiro de 1914.

⁸⁵³ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1914.

⁸⁵⁴ *A Federação*, 21 de fevereiro de 1914.

⁸⁵⁵ *A Federação*, 11 de fevereiro de 1914.

lugar em “foliona desenvolta para receber a Esmeralda, que lá comparecerá com sua rainha, a diretoria e os mais entusiastas do seu núcleo de resistência, correspondendo como sempre a simpatia que por todos os lados lhe demonstram⁸⁵⁶. Esse evento também contou com ampla divulgação tendo sido feito até mesmo uma excursão por parte dos esmeraldinos a fim de apreciarem a festividade. De acordo com *A Federação*, eles já eram esperados por uma multidão que “saudava com delírio a Srta. Marina Neves, rainha da Esmeralda, e sua brilhante comitiva, entre qual se encontravam sua família, o presidente Aristóteles Barbosa e os mais caracterizados e influentes do círculo do estado-maior da diretoria”⁸⁵⁷. Note-se que é comumente exaltada a presença da rainha, acompanhada de sua família e de membros da diretoria - ou o “círculo da resistência” e de “pessoas influentes”. Além disso, a expressão “círculo do estado-maior da diretoria” nos remete à ligação militar do carnaval promovido por Esmeralda e Venezianos que mostramos nos capítulos anteriores.

No dia do segundo sarau burlesco promovido por essa sociedade, foi organizado um curso que seguiria até o palacete Avenida, local do baile. Contudo, “como estava combinado, ao frontear o préstito a Fotografia Ferrari, foi levantada a tela metálica da respectiva vitrine e, então, surgiu aos olhos da multidão que a aplaudia a surpreendente homenagem à rainha esmeraldina”⁸⁵⁸. Tal tela era uma homenagem à Marina e às outras rainhas esmeraldinas, estando “o firmamento sob um crescente de lua a efigie da soberana Marina Neves e sobre o fundo, novas estrelas, os retratos das rainhas Ema da Fontoura, Edith Ribeiro, Alcinda Lewis, Laura Brasil, Picuchinha Amorim, Elythia de Melo e Idalina Costa. Uma revoada de palmas e aclamações saudou a linda alegoria”⁸⁵⁹.

⁸⁵⁶ *A Federação*, 11 de fevereiro de 1914.

⁸⁵⁷ *A Federação*, 11 de fevereiro de 1914.

⁸⁵⁸ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1914.

⁸⁵⁹ *A Federação*, 22 de fevereiro de 1914.



Figura 12: Retrato de Marina Neves, rainha da Esmeralda, em 1914. Retirado de *A Federação*, 08 de fevereiro de 1914.

O primeiro baile burlesco da Esmeralda parece ter obtido sucesso, tanto que foi feito um segundo evento. Esse primeiro ocorreu nos salões Club Caixeiral. Uma questão interessante de se ressaltar é que, nessa festa, era para estar presente não só a rainha esmeraldina – Marina – como também a soberana veneziana, “que por motivo de força maior não compareceu à festa”⁸⁶⁰. O Sr. João Vespúcio, em nome da senhorita Idalina Costa, então entregou o estandarte esmeraldino à soberana “Mariana Neves, que por sua vez, pediu ao nosso colega, Sr. Benjamim Flores, para que em seu nome agradecesse aos seus vassallos as gentilezas de que tem sido alvo. [...] A gentil rainha Marina Neves ostentava lindíssima fantasia”⁸⁶¹.

No reinado de Marina também houve outra peculiaridade: foi noticiado a sua visita ao local de preparo dos carros do desfile. Ela, acompanhada de seu pai – major Souza Neves – e outras pessoas da família foram até o barracão da sociedade, no qual se achavam os carros do préstito alegórico. Lá estavam o zelador Mario Barros, Arnaldo Pereira, o presidente honorário e o diretor geral Francisco Furtado e o tesoureiro o Dr. Edmundo Monteiro. Segundo o *A Federação*:

⁸⁶⁰ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1914.

⁸⁶¹ *A Federação*, 08 de fevereiro de 1914.

A visita é demorada, examinada uma a uma as belas concepções artísticas executadas sob a direção de Fernando Schodatter e Alberto Eiberch; enquanto no salão anterior a orquestrina dos operários faz-se ouvir maviosamente.

Na volta a saleta de recepção os zeladores ofereceram a soberana esmeraldina uma taça de champagne, e, em nome deles, à saúda o Dr. Edmundo Monteiro, respondendo em agradecimento o major Souza Neves.

Os membros da diretoria acompanharam rainha até em casa⁸⁶².

Até este momento, ainda não havíamos encontrado nos periódicos da capital gaúcha, nenhuma referência como essa: de acompanhamento da diretoria e rainha dos trabalhos que estavam sendo feitos nos barracões. Note-se que a presença da soberana é bem demarcada pelo jornal, sendo oferecida a ela uma taça de champagne e ela sendo acompanhada até sua casa pela diretoria.

Na noite do desfile da Esmeralda, uma forte chuva caiu em Porto Alegre, impedindo que ela saísse com seu préstito, tendo desfilado somente na terça-feira de carnaval. O público, contudo, de acordo com *A Federação*, esperava ansiosamente pelo cortejo de domingo. A rainha, Mariana Neves, estava a assistir o movimento, em companhia da família, da sacada do pavimento superior da casa de calçados Maullmach. Até que “cerca de 22 horas e meia daí se retirou, penetrando na onda compacta e colante do povo que se premia em toda a estação de nossa principal artéria”⁸⁶³. Era o símbolo máximo daquele carnaval, nomenclaturada sempre como os adjetivos de excelsa, estando sempre acima – seja nas sacadas ou de seu carro alegórico – misturando-se junto ao povo para festejar. Foi então que

Um grupo entusiasta da Esmeralda percebeu-a, o confete verde surgiu com o lança perfume.

Aumentou o grupo, chamou atenção, houve alguns vivas, pouco depois era uma ovação generalizada, que aumentava à proporção que a família Neves avançava Andradas adiante.

A multidão foi sacudida pelo frêmito de entusiasmo que em um minuto a fez vibrar intensamente e a manifestação simpática prolongou-se, ininterruptamente, até a casa Minerva, onde entrou a rainha da Esmeralda.

As ovações continuavam, porém, na rua e a senhorita Marina Neves viu-se obrigada a subir a uma cadeira e corresponder ao entusiasmo com que a saudavam os seus admiradores. [...] ⁸⁶⁴.

⁸⁶² *A Federação*, 20 de fevereiro de 1914.

⁸⁶³ *A Federação*, 26 de fevereiro de 1914.

⁸⁶⁴ *A Federação*, 26 de fevereiro de 1914.

Vejam os que não foi somente ela que penetrou em meio à multidão, sua família a acompanhou, provavelmente, seu pai Neves de Souza. Tal atitude, segundo o jornal, fez vibrar a multidão que se empolgou ainda mais ao ver sua soberana junto a eles.

Marina de Souza Neves era filha de Arthur Pinto de Souza Neves e Adelina Penna de Souza Neves⁸⁶⁵. Eles casaram-se em Porto Alegre, em 27 de fevereiro de 1892⁸⁶⁶. Souza Neves casou-se novamente, com Mariana Martins Penna (26.04.1879⁸⁶⁷ – 31.05.1958⁸⁶⁸), irmã de Adelina. Ambas eram filhas de Manoel Martins dos Santos Penna e Mariana de Lima e Silva. Marina teve um irmão, Oscar de Souza Neves. Arthur Souza Neves foi um importante membro da sociedade Esmeralda. No ano em que Mariana foi a soberana, ele não só dirigia a sociedade, como fez a organização do préstito e participou ativamente de todas as festividades⁸⁶⁹. Além disso, Arthur Pinto de Souza Neves, em 1901, era tenente secretário do 77º batalhão de infantaria⁸⁷⁰.

Neste ano de 1914, o jornal *A Federação* narrou que “em diversos pontos houve necessidade de se parar o préstito para que fossem oferecidos lindos ramalhetes de flores a senhorita Marina Neves, alvo de entusiásticas manifestações”⁸⁷¹. Entre estas manifestações estava uma proporcionada por Otacílio Fagundes em nome do Clube Esportivo Internacional, a Rua dos Andradas, em frente ao Preço Fixo⁸⁷², “oferecendo-lhe belíssima palma da qual pendiam fitas com as cores sociais”⁸⁷³.

⁸⁶⁵ . Processo de Interdição de Regina Neves Morganti, n.15378, 1969, APERS.

⁸⁶⁶ Registro de Casamento da Igreja de Nossa Sra Madre de Deus, Porto Alegre, Livro 10, folha 72. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

⁸⁶⁷ Registro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora Madre de Deus, Porto Alegre, Livro 20, folha 7. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

⁸⁶⁸ Listagem dos Sepultados. Cemitério São Miguel e Almas, Porto Alegre.

⁸⁶⁹ [...]A organização do préstito da Esmeralda, foi feita, pessoalmente, pelo presidente Aristóteles Barbosa e diretor Arthur Pinto de Souza Neves, progenitor da rainha. *A Federação*, 28 de fevereiro de 1914. Em 1911, juntamente com Oscar Leyraud, enviou convite para o jornal *A Federação* ir assistir a inauguração da caverna esmeraldina e conduziu a soberana daquele ano, Elythia Mello ao salão de honra. *A Federação*, 1911.

⁸⁷⁰ *Diário Oficial da União*, de 07 de novembro de 1901, p.6.

⁸⁷¹ *A Federação*, 27 de fevereiro de 1914.

⁸⁷² Preço Fixo era o nome da loja em que Henrique Poppe, um dos fundadores do Internacional, trabalhava. Ela localizava-se na Rua dos Andradas, em frente a Fotografia Ferrari. Cf. VAZ, Thiago. A trajetória de Enrique Poppe Leão. Porto Alegre, 2009, <http://pt.scribd.com/doc/13930950/A-TRAJETORIA-DE-HENRIQUE-POPPE-LEAO-Texto-Completo>, acessado em 23 de setembro de 2012.

⁸⁷³ *A Federação*, 27 de fevereiro de 1914. Além disso, neste loja eram vendidos diversos artigos para se brincar o carnaval, tendo muitas propagandas publicadas nos jornais. *Jornal do Comércio*, 27 de janeiro de 1907.

Interessante mencionar que nas memórias do Sport Club Internacional consta que as cores do clube foram decididas por disputas carnavalescas do ano de 1909, data de seu nascimento. No histórico do clube o título, *As cores do Venezianos, o alvi-rubro do Inter surgiu do Carnaval*, já nos dá uma ideia do porquê de vermelho e branco:

Nem todos ficaram de acordo com a cor da futura camisa do Clube. Subdividiram-se em dois grupos como fora o carnaval daquele ano – a decisão veio do carnaval de rua entre Venezianos e Esmeraldinos, um vermelho, outro verde. Justamente as cores pretendidas, ou uma, ou outra. O resultado da votação tirou da ata de fundação os que defendiam o verde. Mas o racha não esvaziou a reunião, muito menos o Clube. Ficou vermelho e branco para o resto da vida.⁸⁷⁴

Mesmo que a maioria dos votantes tenha sido composta por venezianos, isto não significou que, anos mais tarde, o clube fizesse honrarias à rainha esmeraldina (até porque a Venezianos não desfilaria naquele ano). Encontramos uma notícia sobre as rainhas do carnaval de Porto Alegre, no jornal *Correio do Povo*, de 1964. Nesse ano, o jornal publicava “breves notas sobre o carnaval de outros tempos em Porto Alegre”⁸⁷⁵. Esse artigo ressaltava uma carta enviada por Napoleão Gonçalves⁸⁷⁶, antigo esmeraldino até debaixo d’água, na qual ele relembra o nome de algumas antigas rainhas e entre elas, constava: Marina de Souza Neves (hoje Sra. Morganti). Desta forma, tentamos descobrir a trajetória conjugal que trilhou Marina. Averiguamos que ela se casou Humberto José Morganti e que, cinco anos após a publicação desta carta de Napoleão Gonçalves, viria a falecer, em 27 de julho de 1969.

Marina e Humberto tiveram uma filha – Regina – que, ao que tudo indica, nascera com deficiência mental. Por ocasião da morte de Marina, Humberto entrou com um pedido de interdição de sua filha, por ser ela “total e definitivamente incapaz de reger sua pessoa e seus bens e por ser também incapaz de prover sua subsistência”⁸⁷⁷ e para “tornar-se seu curador, para efeitos de inventário dos bens da esposa falecida e habilitar a filha para a titularidade da pensão em favor dela instituída perante o Instituto de Previdência do

⁸⁷⁴ Site oficial do Sport Club Internacional. www.intercacioanl.com.br, acessado em 17 de novembro de 2011.

⁸⁷⁵ *Correio do Povo*, 29 de março de 1964.

⁸⁷⁶ Por três anos, Napoleão Gonçalves fez parte do Zé Pereira, como secretário da Esmeralda, na presidência de Benjamin Flores e J. Osvaldo Rentzch, ambos altamente considerados na sociedade local.

⁸⁷⁷ Processo de Interdição de Regina Neves de Souza, n. 15378, 1969, APERS.

Estado”⁸⁷⁸. Nesta ocasião, eles residiam em Porto Alegre, na Avenida Belém, número 432, no bairro Teresópolis.

Regina nasceu em 20 de setembro de 1930, em Porto Alegre. Tinha ela então 39 anos de idade e, segundo o pai, ao longo de sua existência foram tomadas por ele e por sua mãe – Marina – “todas as tentativas clínicas executadas sem que lograssem êxito, para arrancá-la de sua permanente infância”⁸⁷⁹. O médico que forneceu o atestado tem, ainda hoje, seu consultório perto da casa em que residiam. Contudo, meses após conseguir a curatela da filha, Humberto também adoece, “necessitando de repouso e longo tratamento [...] situação que lhe impede de cumprir seus encargos de curador”⁸⁸⁰, necessitando escolher um substituto.

Humberto era do comércio e tinha como sócio o Sr. Ernesto Schilling⁸⁸¹, que fora escolhido para substituí-lo, provisoriamente, por ser seu sócio há longos anos, “pessoa da mais absoluta intimidade [...] gozando da mais irrestrita confiança”⁸⁸². Entretanto, em 1971, Humberto viria a falecer, ficando Regina aos cuidados definitivos de Ernesto.

Ao que tudo indica, Marina dedicou sua vida a cuidar do lar, haja vista constar na certidão de nascimento de sua filha, a profissão de doméstica. Como teria se sentido Marina, uma rainha tão exaltada em sua juventude, por sua beleza e graça, ao ter que cuidar e criar uma filha com graves problemas mentais? Dedicou ela toda sua vida ao cuidado do lar e da família? Teria ela seguido o caminho que lhe fora ensinado como correto e propalado pelos festivais carnavalescos de que participara?

3.2. “Militares e Civis unidos num laço forte”: as rainhas e as redes de poder

Ao longo da análise da trajetória de vida de nossas rainhas, pudemos observar uma estreita circularidade entre os espaços público e privado, ou seja, o núcleo familiar e o

⁸⁷⁸ Processo de Interdição de Regina Neves de Souza, n. 15378, 1969, APERS.

⁸⁷⁹ Processo de Interdição de Regina Neves de Souza, n. 15378, 1969, APERS.

⁸⁸⁰ Processo de Interdição de Regina Neves de Souza, n. 15378, 1969, APERS.

⁸⁸¹ Ernesto Schilling era brasileiro, casado, industrialista, natural do município de Santo Antônio da Patrulha, nascido em 15 de janeiro de 1922 e residia na Av. Beno Mentz, n.1023. Cf. Processo de Interdição de Regina Neves de Souza, n. 15378, 1969, APERS.

⁸⁸² Processo de Interdição de Regina Neves de Souza, n. 15378, 1969, APERS.

associativo, a casa e a sociedade. A começar pela indicação e escolha das rainhas, onde o peso da autoridade paterna e do prestígio familiar exercia um papel determinante.

Em várias ocasiões, o espaço do lar era “invadido” pela folia, quando, em préstito, as sociedades carnavalescas iam às casas das rainhas para agraciá-las com alguma honra ou informá-las da escolha. Observamos que, em 1906, a diretoria da Esmeralda se dirigiu em procissão à casa de Edith Ribeiro para cumprimentá-la pela escolha⁸⁸³. No ano seguinte, vários membros da Esmeralda foram a Canoas – onde Edith Ribeiro se achava veraneando com seus progenitores – para saudar, de surpresa, a sua rainha⁸⁸⁴. Do mesmo modo, a reunião em que, em 1907, se tomariam as deliberações para o carnaval da Venezianos ocorreu na casa de sua rainha, Elmira Pacheco⁸⁸⁵.

Ao analisarmos o reinado de cada soberana mais detidamente, pincelado com aspectos de suas vidas, pudemos notar algumas semelhanças e similaridades entre elas. Havia uma estreita relação entre os militares e o carnaval promovido por Esmeralda e Venezianos: dentre as rainhas pesquisadas, várias eram filhas de militares. Das dez rainhas cujas trajetórias de vida foram abordadas neste capítulo, seis delas – Themira de Azevedo, Laura Brasil Paes, Amelina Chagastelless, Elíthya Mello, Elvira Coelho e Mariana Neves – possuíam pais militares. Outras duas, não pudemos apurar a profissão do pai, e somente Terezinha Piccardo e Alcinda Lewis não possuíam influência do exército em seu seio familiar. Ambas eram filhas de imigrantes.

Vimos que, durante o reinado de Themira, por ocasião de seu desfile, o aluno militar Tito Barros fez até a entrega de um verso que pregava a união de civis e militares a fim de agraciá-la. Eram os “militares e civis, unidos num laço forte”⁸⁸⁶, fazendo corte e prestando homenagem a soberana veneziana.

O pai de Elvira Coelho, além de ser major, foi intendente de Porto Alegre e seu avô havia sido presidente da Esmeralda. Do mesmo modo, o avô de Alcinda Lewis, João Manoel Barreto Lewis, fora o cenógrafo dos carros da Esmeralda durante sua primeira fase. Assim, tanto o prestígio da profissão dos pais quanto a participação familiar no carnaval de Porto Alegre podem ser interpretados como elementos importantes para se determinar a

⁸⁸³ *A Federação*, 15 de março de 1906.

⁸⁸⁴ *A Federação*, 21 de janeiro de 1907.

⁸⁸⁵ *A Federação*, 16 de fevereiro de 1907.

⁸⁸⁶ *O Independente*, 12 de março de 1908.

escolhas de uma rainha. Laura Brasil Paes era sobrinha (por parte de mãe) de Joaquim Francisco de Assis Brasil, um dos fundadores do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) que, mais tarde, passou para a oposição, tendo fundado o Partido Republicano Democrático, juntamente com João Abott e, em 1928, o Partido Libertador. Apesar disso, casou-se com Maria Cecília Prates de Castilhos, irmã de Júlio de Castilhos.

As sociedades eram, como vimos ao longo da tese, composta por membros ilustres da política, pela elite endinheirada da capital, e, além disso, a escolha da rainha de tais associações tinha que levar em conta critérios de distinção, moral ou social. Assim, evidenciamos que as rainhas, além de uma ligação com os militares, também provinham de famílias com maiores recursos financeiros, com bens descritos nos inventários. Residiam, em sua maioria no centro de Porto Alegre e algumas possuíam casas de veraneio, como Laura Brasil Paes, que passava as férias na Tristeza.

Outro dado importante foi a constatação de que o capital social movimentado nos bailes de carnaval era acionado no sentido de se conseguir matrimônios. Uma vez que esses bailes só eram frequentados pela elite da capital, era uma oportunidade interessante de se iniciar relacionamentos que, muitas vezes, acabavam em casamentos. Neste capítulo, pudemos inferir que Alcinda Lewis teria se casado com Gustavo Leyraud que, possivelmente, teria conhecido (ou se relacionado) em um baile da Esmeralda organizado em sua homenagem pelo próprio Leyraud. A mãe de Elvira Werna Coelho, Miguelina Werna, filha de Miguel de Werna e rainha da Esmeralda no ano de 1882, casara-se com João da Matta Coelho, tesoureiro e vice-presidente da Venezianos.

Entre as rainhas pesquisadas, todas ainda eram solteiras quando ocuparam o título de soberanas, tendo as idades entre doze e dezenove anos. Entre os quesitos comumente mais exaltados nessas mulheres pelas sociedades carnavalescas estavam: a beleza, a graça, a candura, a fineza, a instrução, a modéstia, a correção e os dotes morais. Cria-se, assim, o ideal de uma mulher que deveria ser: bonita, mas ingênua; culta, mas modesta; elegante e, sobretudo, moralizada. E essa era uma imagem veiculada não somente pela fala, como também nas fotografias tiradas da rainha, modelos exemplares, que eram expostas nas vitrines das principais ruas da cidade, disponível aos olhos de todos! Eram as Marias o símbolo do carnaval!

CONCLUSÃO

Ao longo desta tese buscamos comprovar que carnaval do início do século XX (1906- 1914), em Porto Alegre, representado por Esmeralda e Venezianos, estava centralizado e figurado sobre o gênero feminino, servindo tal centralização para o reforço de uma dominação masculina. Evidenciamos que a participação das mulheres nesta festa foi determinada por uma influência de redes de poder existentes no seio dessas sociedades carnavalescas, fortalecidas pelos poderes civis e militares de seus dirigentes.

Essas redes de poder, no entanto, já vinham sendo construídas desde o nascimento das referidas sociedades carnavalescas. Fizemos, assim, um resgate da história dessas agremiações que, surgidas em 1873, buscavam dar uma nova faceta ao carnaval. Pontuamos as diferenças concernentes a ambas as fases de Esmeralda e Venezianos. Mostramos que a rivalidade característica do primeiro ciclo deu lugar a uma convivência mais pacífica e elegante. O entrudo, motivo de seu surgimento e de intensa crítica e combate durante o primeiro ciclo, passara a ser consentido sem maiores destaques após o ressurgimento.

A brincadeira do entrudo e a liberação sexual por ele facilitada permitiam que as mulheres pudessem exercer suas vontades sem maiores reprimendas. Eram as protagonistas da festa. A partir do nascimento das sociedades carnavalescas Esmeralda e Venezianos, contudo, se deu a construção de um *habitus*, que visava manter as mulheres “em suas ideias, percepções, práticas ou ações, dentro dos padrões de comportamento e de auto-compreensão atribuídos pelo processo de socialização do sistema de dominação”⁸⁸⁷. Elas saíam do protagonismo que apresentavam nos jogos das molhadelas para a passividade de assistir ao préstito veneziano. Vimos que, neste primeiro ciclo das sociedades carnavalescas, o discurso a respeito do carnaval buscava inculcar coletivamente a superioridade masculina através de um discurso virilizante da folia de Momo. Fazendo uso de adjetivos como heroico e moderno, buscava-se a construção de uma festa que fazia uso de símbolos culturalmente compreendidos como masculinos, da qual as mulheres não

⁸⁸⁷ BUTELLI, Felipe Gustavo. Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.127-143, jun. 2008, p.135.

fariam parte, exceto como apreciadoras. Mesmo com tamanho controle, as mulheres continuaram a brincar o entrudo, inclusive nos bailes promovidos por essas sociedades, passando a participar da organização e execução dos festejos. Passado pouco mais que um decênio do surgimento de Esmeralda e Venezianos, essas agremiações iriam ingressar em crises que as afastariam dos palcos carnavalescos. Vimos que, entre os argumentos utilizados para esse fim, estava a permanência do gosto feminino pelas molhadelas. Eram Evas a pecar no paraíso!

Assim, em 1906, ao ressurgirem Esmeralda e Venezianos, essas redes de poder passaram a exercer forte influência sobre as tradicionais sociedades carnavalescas, tendo talvez levado as brincadeiras de entrudo, ponto de resistência comportamental das mulheres, a sucumbir. A participação feminina no segundo ciclo das sociedades sofreu, também, a mediação dos ideais de mulher difundidos pelo castilhismo e sua interpretação do pensamento positivista, bem como as diretrizes do catolicismo. Evidenciamos que, neste segundo ciclo, a inculcação da ordem simbólica de dominação masculina se deu de modo diferente, não mais pela exaltação do discurso viril do carnaval, mas através da consagração das mulheres, ressaltando-se características “femininas do carnaval”, meigo, gentil! Apesar de uma aparente liberdade das mulheres, na qual elas podiam se reunir para organizar o festejo, desfilar e participar dos bailes, o que houve foi um reforço dessa dominação masculina. Eram as Marias envaidecidas a regenerar o carnaval! Desta forma, as mulheres que participavam das sociedades abdicaram de maiores momentos de liberdade oferecidos pelas brincadeiras do entrudo em troca da consagração e aplauso oferecidos pelos apreciadores das referidas agremiações carnavalescas após seu ressurgimento.

Vimos que em ambos os períodos se construiu distintos símbolos e significados culturais a respeito das diferenças sexuais, muitas vezes utilizados para a compreensão não só do carnaval, mas de todo universo daquela sociedade. Afinal, o saber sobre os corpos femininos e masculinos e a criação de determinadas características (a santa e a pecadora para elas e heroico para eles) sobre estes corpos foi uma forma de hierarquizar estas relações e está imbricado nas redes de poder.

A despeito de, comumente, o carnaval ser interpretado como um espaço para a desconstrução de categorias estruturantes – no qual o Brasil se situaria fora do tempo, fora do espaço, em comunhão com o extraordinário –, vemos que, no início do século, em Porto

Alegre, isso não se verificou. Pelo contrário, houve um reforço dessas hierarquias e dos valores apreendidos socialmente, no que tange à relação entre homens e mulheres. Hierarquias que foram incorporadas por elas, ao decidirem abandonar as brincadeiras do entrudo – espaço no qual elas resistiam a essas imposições e exerciam seus “poderes” – em troca de elogiosas e exaltadas aparições como ícones do reinado de Momo.

Contudo, se percebemos um reforço das hierarquias dominantes de masculino sobre o feminino durante as festas de carnaval (entendendo que, ao desistirem do entrudo, as mulheres aceitaram essas imposições), se olharmos para a vida das rainhas, veremos mulheres que se enquadraram nesse modelo exaltado, e outras que não se amoldaram aos espaços e lugares destinados a elas. Elvira, por exemplo, não ficou a cuidar do lar, foi para a rua, trabalhar, apesar de ter sido criada para ser uma “dama”. Já Mariana parece ter dedicado sua vida a ser a rainha do lar, a cuidar da família, do marido e da filha que carecia de cuidados especiais. Percebe-se, desta forma, as margens de liberdade desses indivíduos diante dos sistemas normativos - que foram propalados pelos festejos carnavalescos - e das possibilidades de sua época.

Enfim, no segundo ciclo das sociedades carnavalescas Esmeralda e Os Venezianos, as mulheres passaram a ter uma participação mais destacada, seja na organização dos préstitos e bailes, seja no discurso da imprensa. As Marias do carnaval passaram a ocupar um lugar de destaque. Todavia, essas sociedades carnavalescas estavam calcadas em relações de poder muito sólidas, estabelecidas a partir de uma ampla participação de militares e membros destacados da elite porto-alegrense, que faziam da moral e dos bons costumes uma bandeira a ser erguida. Afinal, nosso carnaval era um carnaval familiar, distinto, repleto de bons moços e gentis senhoras.

Procuramos demonstrar o quanto essas redes de poder influenciaram na moralização das festas carnavalescas e na participação das mulheres nesses festejos. As Evas do século XIX e seu permissivo jogo de entrudo haviam dado lugar, pelo menos no carnaval das sociedades, às “joias de valia suprema”, de caráter ilibado e moral irretocada. Esse era o carnaval que esmeraldinos e venezianos propunham: uma festa de elite, onde as filhas e mulheres dos seus sócios pudessem participar sem correr os “riscos” da licenciosidade e da permissividade de outrora. Eram as Evas e as Marias nas redes do poder!

Fontes Consultadas:

Periódicos:

Álbum de Domingo

A Federação

A Gazetinha

A Reforma

Correio do Povo,

Jornal do Comercio

Mercantil

O Independente

O Século

O Exemplo

Atas, processos, inventários e outros documentos:

ATA da S. C. Esmeralda. 25 de fevereiro de 1907. IHGRS.

Certidão de Casamento de Mathias Octavio Roxo e Maria Elvira de Werna Coelho.
Cartório da 1ª Zona de Porto Alegre;

Certidão de Nascimento de Regina Neves Morganti. Processo de Interdição de Regina
Neves Morganti, n.15378, 1969, APERS;

Diário Oficial da União de 16 de Junho de 1901, pg.1.

Diário Oficial da União de 16 de Junho de 1901, pg.1.

Diário Oficial da União de 18 de Dezembro de 1900, pg.2.

Diário Oficial da União de 21 de Março de 1920, pg.58.

Diário Oficial da União de 22 de Junho de 1932, pg.49.

Diário Oficial da União de 24 de Março de 1925, p5.

Diário Oficial da União de 25 de Julho de 1909, pg.5.

Diário Oficial da União de 31 de Outubro de 1958, pg.16.

Diário Oficial da União, de 01 de Outubro de 1912, p.2.

Diário Oficial da União, de 01 de Outubro de 1912, p22.

Diário Oficial da União, de 07 de novembro de 1901, p.6.

Diário Oficial da União, de 18 de Setembro de 1909, p.5.

Diário Oficial da União, de 18 de Setembro de 1909, pg. 3.

ESTATUTOS DA S. C. Esmeralda. 30 de março de 1910. IHGRS.

Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do Rio Grande do Sul (1835-1869). Porto Alegre: IEL/AHRGS, 1982.

Inventário de Amphilóquio de Azevedo, n. 28, 1912, Porto Alegre, APERS.

Inventário de Emílio de Moraes Fernandes, n. 6804, 1954, Porto Alegre, APERS.

Inventário de Gustavo Leyraud. Partilha Amigável, no. 338, 1916, Porto Alegre, APERS.

Inventário de Manuel Barreto Lewis, n.723, 1924, Porto Alegre, APERS.

Inventário de Maria Brasil Paes, n. 2501 , 1937, Porto Alegre, APERS.

Inventário de Miguel de Oliveira Paes, n. 603, 1902, São Gabriel, APERS.

Inventário de Miguelina de Werna Coelho, n. 2335, 1896, Porto Alegre, APERS.

Inventário de Parisina de Azevedo, n.2511, 1937, Porto Alegre, APERS.

Listagem de Sepultados. Cemitério da Irmandade Arcanjo São Miguel e Almas, Porto Alegre.

Livro de Registro Histórico, folha 20, 27 de agosto de 1930. Certidão da Comarca de Vacaria, Cartório da Direção do Foro, de 23 de fevereiro de 2006.

Livro de Registros de Posturas Municipais de 1829 a 1888.4 dez 1829. AHPA.

Processo de Interdição de Regina Neves de Souza, n. 15378, 1969, APERS.

Processo judicial/Habeas Corpus Octávio Mathias Roxo, n.3, 1932, Porto Alegre, APERS.

Registro de Batismo de Adília Barreto Viana. Igreja de Nossa Senhora das Dores, Porto Alegre, Livro 8, folha 54, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Registro de batismo de Alcinda Lewis, Montenegro, Livro 8, folha 91, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Registro de Batismo de Amelina Chagastelles, da Igreja do Menino Deus Porto Alegre, Livro 4, folha 78, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Registro de Batismo de João Landell de Moura. Igreja do Rosário, 1864, Livro 4, folha 150, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Registro de Batismo de Mariana Martins Pena, da Igreja de Nossa Senhora Madre de Deus, Porto Alegre, Livro 20, folha 7. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Registro de Batismo de Miguelina Werna, Igreja de Nossa Senhora das Dores ,Porto Alegre, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Registro de Batismo de Thereza Piccardo, da Igreja de Nossa Senhora Madre de Deus/ Catedral, Porto Alegre, Livro 25, folha 45v, Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Registro de Casamento Arthur Pinto de Souza Neves e Adelina Penna de Souza Neves, da Igreja de Nossa Sra Madre de Deus, Porto Alegre, Livro 10, folha 72. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Registro de Casamento de Brunehilde Fontoura e Waldemar José dos Anjos de Vasconcelos, Catedral de Porto Alegre, Livro 14, folha 4, Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre

Registro de Casamento de Mansueto Bernardi e Idalina da Costa, Porto Alegre, livro 3, folha 18v, Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

Registro de nascimento de Humberto Selbach, Cartório de Órfãos e Ausentes, n. 1114, maço 8, 1908, Montenegro, APERS.

Relato de Eduardo Roxo Nobre, parente de Mathias Octávio Roxo, dado a Caroline P. Leal, em fevereiro de 2012.

Relato de familiares de Elvira Werna Coelho, concedido a Caroline P. Leal, em dezembro de 2011.

Superintendência Legislativa, Sessões Plenárias, Transcrição da 92ª Sessão Ordinária, em 18 de Novembro de 2004 da ALRGS.

Documentos Eletrônicos – Sites

Casas Masson. HISTORIA

História do Clube de Comércio de Porto Alegre,
<http://www.clubedocomerciopoa.com.br/index.asp?ch=historia>,

Revista Gentree - Genealogia & História. Ano I, no. 1, pgs 3-19. Associação Gentree Genealogia & História. São Paulo-SP, 2001.

Nossas Páginas de Genealogia. <http://www.familiateixeira.com/tng/index.php>, acessado em 22 de agosto de 2012.

Site oficial do Sport Club Internacional. www.internacioanal.com.br, acessado em 17 de novembro de 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Carina dos Santos. *O Debate Historiográfico entre Moisés Velinho e Manoelito de Ornelas*. Spartacus, UNISC, Santa Cruz do Sul, 2009.
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. *Saias, laços e ligas: Construindo Imagens e Luta - Um estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses 1910/1937*. Dissertação de Mestrado. UFPA/NAEA, Belém, 1990.
- ALVES, Gabrielle Werenicz. As políticas para a saúde pública no Rio Grande do Sul – 1928/1945. *IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação*, PUCRS, 2009.
- ALVES, Hélio Ricardo. A fotografia em Porto Alegre: o século XIX. IN: ACHUTTI, Luiz Eduardo. *Ensaio sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, FGV, 2000.
- AMUSSEN, Susan. Feminin/Masculin: le genre dans l'Angleterre de l'époque moderne. *Annales Esc*, Paris, vol 40, n2, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BAKOS, Margaret. Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre. *Estud. av.*, São Paulo, v. 12, n. 33, 1998.
- BAKOS, Margaret. Marcas do positivismo no governo municipal de Porto Alegre. *Estud. av.*, São Paulo, v. 12, n. 33, Aug. 1998.
- BAKOS, Margaret. *Porto Alegre e seus Eternos Intendentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BAROJA, Júlio Caro. *Le carnaval*. Paris: Gallimard, 1979.
- BARRETO, Álvaro. Dias de Folia: o carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: EDUCAT, 2003.
- BATISTA, Alessandra de Jesus Sodré *Vândalos na folia: carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 1, 2 v.
- BENJAMIN, Roberto. *Folgedos e danças de Pernambuco*. Recife: Fundação da Cultura Cidade do Recife, 1989.
- BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Conte. IN: *O Positivismo – Teoria e Prática*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- BOSI, Alfredo. O positivismo no Brasil: Uma ideologia de longa duração. *Revista Brasileira – Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, n.43.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. Usos e abusos da História Oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

- BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Poder Simbólico. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, Lisboa: Ed. Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989. p. 7-15.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel. *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 2009.
- BUAES, Ana; LEMMIESZEK, Martha; SCHUCH, Vera. *Bairro Petrópolis*. Monografia Disciplina de Estágio em História I, PUCRS, 2008.
- BUENO, Marcos. Por que no carnaval as pessoas soltam as fantasias nas fantasias? *IGT na Rede*. Vol. 2, n.2, 2005.
- BUSARELLO, Raulino. *Máximas Latinas: para o seu dia-a-dia*. Florianópolis: Autor, 1998. pp. 400. 1 v.
- BUTELLI, Felipe Gustavo. Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.127-143, jun. 2008.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CALEIRO, R. C. L o Positivismo e o Papel das Mulheres na Ordem Republicana. *UNIMONTES CIENTÍFICA*. Montes Claros, v.4, n.2, jul./dez. 2002, p.
- CARELI, Sandra. *Mulheres no Brasil Meridional. Prostituição em fins do século XIX: transgressão ou delito?* Ciênc.let., Porto Alegre, n.37, p.155-177, jan/jun. 2005, p. 156.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- COLAÇO, Thais Luzia. *O carnaval no Desterro: século XIX*. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1988.
- COLUSSI, Eliane Lúcia. *Plantamos Ramas de Acácia: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX*. Tese de doutorado. PPGH/PUCRS, Porto Alegre, 1998.
- CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.
- COSTA, ROVILHO. *Povoadores das colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado*. EST Edições, 1997.
- CRUZ COSTA, João. *Contribuição à História das Ideias no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CUNHA, Maria C. P. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DAMATTA, ROBERTO. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 6. Ed, 1997.
- DUARTE, Ulisses Corrêa. *O carnaval espetáculo no Sul do Brasil : uma etnografia da cultura carnavalesca nas construções das identidades e nas transformações da festa em Porto Alegre e Uruguaiana*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2011.

- DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. Campinas: Papirus, 1993.
- ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. IN: *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, n.13, dezembro de 1995.
- ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS – Curso de Pós-Graduação em História, v. XXIV n.2, dez.1998, pp. 269-289.
- FERREIRA, Athos Damasceno. O Carnaval Porto-Alegrense no século XIX. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.
- FERREIRA, Athos. *Colóquios com a minha cidade*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.
- FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FONSECA, Fernando Gay da. Retratos. Canoas, Ulbra, 2003.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. 2ª edição. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 1992.
- FRANCO, Sérgio da Costa. Um Litígio Tumultuoso no Fim do Século XIX: a questão Telles. *Justiça e História*, Porto Alegre, 2010, vol. 7, nº 13.
- FREITAS, Sonia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. . São Paulo: Humanitas, 2002.
- GADINI, Sérgio Luiz. Representações femininas a partir de grupos masculinos no carnaval brasileiro. *Diasporas, Diversidades, deslocamentos. Fazendo Gênero 9*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- GERMANN, Aline Rullian. Mansueto Bernardi e o espírito franciscano. Dissertação de Mestrado em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2007.
- GERMANO, Iris. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- GLOBO. Dicionário de Símbolos. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- GUTERRES, Liliane S. *Sou Imperador até morrer: um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1996.
- HEERS, Jacques. *Festas de loucos e carnavais*. Lisboa: Publ. D. Quixote, 1987.
- HEILBORN, Maria Luiza. Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: VELHO, Gilberto. *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- HEINZ, Flávio. Positivistas e republicanos: os professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre entre a atividade política e a administração pública (1896-1930). *Revista Brasileira de História*, vol. 29, nº 58.
- HOHLFELDT, A.; RAUSCH, F. *A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937: Discussão sobre critérios para uma periodização*. NP de Jornalismo, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de Brasília, Distrito Federal.
- ISAÍÁ, Artur César. *Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- ISMÉRIO, Clarice. As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930). *Revista Eletrônica História em Reflexão – Vol. 1 - n. 1 – UFGD: Dourados, Jan/Jun 2007*.

- KARNIKOWSKI, Romeu Machado. De exército estadual à polícia–militar: o papel dos oficiais na policialização da Brigada Militar (1892-1988). Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS/PPGSoc, 2010.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com Imagens: arte e cultura visual. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v.8,n.12, jan.-jul. 2006.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O Carnaval de Romans*, Da Candelária à Quarta-feira de Cinzas (1579 – 1580). Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.
- LANZARIN, Cláudia Cruz. A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio. *Psicol. cienc. prof.* Brasília, v. 20, n. 3, set. 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>, acessado em 30 set. 2012.
- LAYTANO, Dante. *Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas*. Porto Alegre: EST, 1989.
- LAZZARI, Alexandre. *Certas coisas não são para que o povo as faça: Carnaval em Porto Alegre (1879-1915)*. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP, Campinas, 1998.
- LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade. (1860-1910)*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2004.
- LEAL, Caroline P. *As Mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no carnaval de Porto Alegre (1869-1885)*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2008.
- LEAL, Elisabete. Castilhos e Honorina: fragmentos biográficos sem cartas de amor. *MÉTIS: história & cultura*, p. 109-127.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 169.
- LINS, I. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.
- LUVIZOTO, Caroline Kraus. *Cultura Gaúcha e Separatismo no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 25.
- MACHADO, Janete da Rocha. Bairro Ipanema. O Antigo e o Novo na paisagem da Zona Sul de Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso, PUCRS, 2008.
- Maria Isaura Pereira de Queiroz *Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito*, GONÇALVES, Mariana de Araújo *Enredos da memória: história e identidade no carnaval das escolas de samba em Macapá 1975/2000* Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 2001.
- MARINELLO, Adiane Fogali. *Quando o poeta toma partido: literatura e política em Mansueto Bernardi*. Dissertação de Mestrado, 187pp., UCS, Caxias do Sul, 2005.
- MARINELLO, Adieni; ARENDT, João. Cultura regional, política e literatura em Mansueto Bernardi. *MÉTIS: história & cultura* – v. 4, n. 8, p. 281-306, jul./dez. 2005.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS/IEL, 1878.
- MAUCH, Cláudia et all. *Porto Alegre na virada do século 19; cultura e sociedade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1994.
- MCCANN, Frank D. *Soldados da Pátria - História do Exército brasileiro 1889-1937*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, 2259p.
- MILLEN, Carlos. Marginais e desviantes: criminalidade e controle social na Porto Alegre dos anos de 1890 e 1900. *IV Mostra de pesquisa do Arquivo Público do Estado do*

- Rio Grande do Sul. Anais: produzindo história a partir de fontes primárias.* Porto Alegre : CORAG, 2006.
- MOGLIANO, Arnaldo. Lo sviluppo della biografia greca. Torino, 1974, p.8. APUD: LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- MORAES, Adriana dos Santos. *Em novela de 1897, uma imagem da cidade em direção à modernidade. Estrychnina: na Porto Alegre do final do XIX, o moderno se envenena de desejo.* Dissertação de Mestrado. PPGL/PUCRS, Porto Alegre, 2006.
- MOSSMANN SOBRINHO, Paulo Gilberto. A influência do positivismo de Augusto Comte no Partenon Literário. *Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v.24, n.1, 2010.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos*, v.8, n.2, p. 9-41, 2000.
- NOBRE, Eduardo Dias Roxo. *João Roxo e seus Descendentes. De Pensalves para o Brasil.* São Sebastião da Gramma-SP: São Sebastião Editora e Gráfica Lda, 1998.
- NOBRE, Maria Tereza Roxo. Meandros da Participação: formas de compartilhar espaço. *Ciência e Cultura*, v.30, 1978.
- OGANDO, Ana Carolina. Entre o Público e o Privado: as relações de gênero no pensamento positivista e católico (1870-1889). *Fazendo Gênero 9 – Diálogos, diversidades, deslocamentos.* Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- OIENDER, Piotr. *Guerra Naval Russo-Japonesa (1904-1905).* Vol. 2. Polônia: Stratus S. C., 2010.
- ORLANDI, Eni. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan/mar. 1994.
- PEDREIRA, Flávia de Sá *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal 1920-1945.* Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2004;
- PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PESAVENTO, Sandra. *O Cotidiano da República: elite e povo na virada do século.* Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1995.
- PETERSEN, Sílvia Regina. *Que a União Operária seja nossa Pátria: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações.* Santa Maria/Porto Alegre: UFSM/UFRGS, 2001.
- PORTO ALEGRE, Achylles. *Flôres entre ruínas.* Porto Alegre: Oficinas Gráficas Wiedemann & Cia, 1920, pp. 73-75.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. *Noutros tempos.* Porto Alegre: Globo, 1922.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. *Flôres entre ruínas.* Porto Alegre: Oficinas Gráficas Wiedemann & Cia, 1920.
- PORTO-ALEGRE, Achylles. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul.* Livraria Selbach, Porto Alegre, 1917.
- POSSAMAI, Zita, Rosane. O Circuito Social da Fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935). In: *Anais do Museu Paulista*, junho, ano/vol.14, número 001, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PROCOPIAK, Ana Lúcia. O retrato fotográfico na trama sociocultural. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, n. 24, FCSA 03, p. 167-176, Curitiba, nov. 2001.

- REIS, Aloísio Luiz dos. *Brinca quem pode territorialidade e (in)visibilidade negra em Laguna*. Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 1996;
- REIS, Letícia Vidor de Souza. *Negros e brancos no jogo da capoeira: a invenção da tradição*. Dissertação de mestrado, USP, São Paulo, 1993.
- ROSA, Marcus Vinícius Freitas de. *Para além da identidade nacional: hierarquias e distinções, aproximações e distanciamentos, conflitos e identidades nos carnavais de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940*. Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- ROSA, Maria Cristina *Inter-relações de turistas e moradores: um olhar através das manifestações corporais no Carnaval de Ouro Preto*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1998.
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. A Federação e o processo político-ideológico rio-grandense (1884-1937). In: *Comunicação & Cultura*, Porto Alegre, Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1984, nº 1.
- SANTOS, Alexandre. Calegari. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo. *Ensaio sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998.
- SANTOS, Tavama Nunes. *A trajetória da S.R.B. Estado Maior da Restinga e seu papel na constituição da identidade e visibilidade do bairro Restinga (Porto Alegre - 1977 a 2002)*. Dissertação de Mestrado, PPGH/ PUCRS, Porto Alegre, 2011.
- SAYÃO, Débora Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. In: *Revista Perspectiva*, v.21 n.01, jan/jun 2003. Editora daUFSC: NUP/CED. Florianópolis.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da Vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História UNISINOS*, vol8, n. 10, jul/dez.
- SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Anos 90*. Porto Alegre, n.6, pp. 165-192, dez. 1996.
- SCOTT. Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez 1990.
- SILVA, Eloiza Maria Neves. *Histórias de vidas de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas*. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2002.
- SILVA, João Carlos da. Utopia Positivista e Instrução Pública no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.16, p. 10 - 16, dez. 2004.
- SILVA, Josiane Abrunhosa da. *Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1993.
- SILVA, Sarah Calvi Amaral. Africanos e afro-descendentes nas origens do Brasil: Raça e relações raciais no II Congresso Afro-brasileiro de Salvador (1937) e no III Congresso Sul Rio-Grandense de História e Geografia do IHGRS (1940). Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Literário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, 2008.

- SIMÕES LOPES, João Filho. A Família Escoto: dos Açores ao Brasil Meridional. *Revista Gentree - Genealogia & História*. Ano I, no. 1, pgs 3-19. Associação Gentree Genealogia & História. São Paulo-SP, 2001.
- SOARES, Mozart Pereira. *O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte*. Porto Alegre: Editora AGE, 1998.
- SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX a XX. IN: *Diálogos Latinoamericanos*, número 002, Universidade de Aarhus, Dinamarca, 2000.
- SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- SOIHET, Rachel. *Condição feminina e forma de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890 – 1920)*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.
- SOIHET, Rachel. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas (SP), n.11, p. 89-98, 1998.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. Festa e cultura popular: A ruptura e a norma. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 9, volume 16(2): 99-132, 2005.
- SPALDING, Walter. *Construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Sulina, 1970.
- STEYER, Fábio Augusto. Reflexões sobre a história do jornalismo no Rio Grande do Sul: uma experiência de pesquisa. UNICENTRO, Guarapuava/PR, 2010. *Anais I Encontro de História da Mídia*.
- SULIANI, Antonio. *Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a relação entre História Oral e a Memória. *Proj. História*, São Paulo (15), abril 1997.
- TRINDADE, Hélio; NOLL, Maria Izabel. Subsídios para a história do Parlamento Gaúcho (1890-1937) Porto Alegre: CORAG, 2005..
- ULLMANN, Reinhold. *Amor e Sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- VALENÇA, Rachel. *Carnaval: pra tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.
- VARGAS, Anderson Zalewski. *Os Subterrâneos de Porto Alegre. Imprensa, ideologia autoritária e reforma social (Porto Alegre – 1900/1919)*. Dissertação de Mestrado, PPGH/UFRGS, Porto Alegre, 1992.
- VARGAS, Anderson. Usos da Antiguidade: imprensa, civilização e decadentismo no sul Brasil Republicano. *Liber Intellectus*, v. 02, p. 02, 2007.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. A dança como alma da brasilidade, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 15 marzo 2007, consultado el 17 septiembre 2012. URL : <http://nuevomundo.revues.org/3709> ;
- VERGARA, Pedro. *Visita à Vila Bernardi*. Rio de Janeiro, 1963.
- VILELA, Ana Marie; KLEIDE, Ricardo. "Mens in corpore": o positivismo e o discurso psicológico do século XIX no Brasil. *Mnemosine Vol. 1*, nº0, p.165-178,2004.
- WEIMER, Günter. *Arquitetos e construtores Rio-Grandenses na Colônia e no Império*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.
- WITTER, Nikelen Acosta. *Males e Epidemias: Sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. UFF. Niterói, 2007.

ANEXOS:

ANEXO 1

LISTAGEM DOS PRESIDENTES DAS SOCIEDADES CARNAVALESCAS ESMERALDA E VENEZIANOS

ANOS	ESMERALDA	VENEZIANOS
1906	Ten. Cel. Frutuoso Fontoura	Victor Barreto
1907	?	Cel. Francisco Neves
1908	Victor Barreto	Cel. Francisco Neves
1909	Victor Barreto	Cel. Afonso Massot
1910	Manuel Teófilo Barreto Viana	Cel. Afonso Massot
1911	Manuel Teófilo Barreto Viana	Cel Afonso Massot
1912	?	Cel. Afonso Massot
1913	?	?
1914	Aristóteles Barbosa	Oscar Daudt

ANEXO 2

LISTAGEM DAS SOCIEDADES, CLUBES CORDÕES CARNAVALESÇOS DE
PORTO ALEGRE NO INÍCIO DO SÉCULO XX

ANO	SOCIEDADES, CLUBES, CORDÕES	CARACTERÍSTICAS
1906	S.C. Esmeralda	
	S.C. Venezianos	
	S.C. Filhos do Inferno	
	C. C. Progressistas	A maioria dos sócios eram empregados de lojas comerciais. É de 1904.
	C. C. Saca Rolhas	
	C. C. Pierrots	
	C. C. Juvenil	
	Clube dos Girondinos	Pertencente à mocidade comercial
	C. C. Estrela do Oriente	
	S.C. Netos do Diabo	

ANO	SOCIEDADES, CLUBES, CORDÕES	CARACTERÍSTICAS
1907	S.C. Esmeralda	
	S.C. Venezianos	
	C.C. Cara Dura	Renascimento, mocidade militar, barracão na praça Jayme Telles
	C. C. Progressistas	
	C. C. Saca Rolhas	
	C. C. Estudantina dos Pierrots	Rapazes Boêmios
	C. C. Vassourinhas	Desfila na Cidade Baixa

ANO	SOCIEDADES E CLUBES	CARACTERÍSTICAS
1908	S.C. Esmeralda	
	S.C. Venezianos	

ANO	SOCIEDADES E CLUBES	CARACTERÍSTICAS
1909	S.C. Esmeralda	
	S.C. Venezianos	
	S.C. Vagalumes	
	S.C. Filhos do Inferno	Rainha: Docelina Guedes Pinto, caverna na Mal. Floriano, 169.
	C. C. Veneza	Fundado neste ano, sob presidência de Alberto Mazon, meninos de famílias da rua Lima e Silva
	C. C. Pierrots	
	Clube dos Girondinos	Pertencente à mocidade Comercial
	C. C. Estrela do Oriente	
	S.C. Netos do Diabo	
	C. C. Juvenil	

ANO	SOCIEDADES E CLUBES	Características
1910	S.C. Esmeralda	
	S.C. Venezianos	
	S.C. Saca Rolhas	Rainha: Alba Maiato
	S.C. Filhos do Inferno	
	S. C. Tenentes do Diabo	
	C. C. Fidalgos Carnavalescos	

ANO	SOCIEDADES E CLUBES	Características
1911	S.C. Esmeralda	
	S.C. Venezianos	
	S.C. Vagalumes	Rainha: Marieta Carvalho da silva
	S.C. Saca-Rolhas	Rainha: Corina Vieira
	S. C. Petit Momo	Rainha: Marieta da Silva Gesta
	Fidalgos Carnavalescos	
	Cordão Carnavalesco	Fundado neste ano
	Cordão Os Príncipes	Crianças do bairro Teresópolis
	Clube dos Bagadus	Crianças do 3º distrito (Menino Deus), rainha: Célia Pereira
	C. C. Filhos do Progresso	
	Appolinos	

ANO	SOCIEDADES E CLUBES	Características
1912	S.C. Esmeralda	
	S.C. Venezianos	

ANO	SOCIEDADES E CLUBES	Características
1913	S.C. Esmeralda	
	S.C. Venezianos	
	S.C. Tenentes do Diabo	
	S. B. Satélite Porto-Alegrense	Rainha: Cecília Porto
	S. Instrução Familiar	Rainha: Jacinta Simoni; Príncipe: Ademar da Silva Nascimento.

ANO	SOCIEDADES E CLUBES	Características
1914	S.C. Esmeralda	
	S.C. Venezianos	
	S.C. Tenentes do Doabo	Rainha: Terezinha Lavoura
	S.C. Filhos dsa Ondas	Recém-fundada no 3º distrito; Rainha: Ercília de Gerone.
	Demônios Carnavalescos	Só rapazes; direção: Jonathas Setta
	S. B. Satélite Porto-Alegrense	Presidente: Jachinto Campos
	S. Aliança dos Operários	
	S. C. Petit Momo	Rainha: Celina Prestes

ANEXO 3

LISTAGEM DAS RAINHAS DAS SOCIEDADES CARNAVALESCAS ESMERALDA
E VENEZIANOS

ANOS	ESMERALDA	VENEZIANOS
1906	Alice Velloso\Marina de Barros	-
1907	Edith Ribeiro	Elmira Pacheco
1908	Edith Ribeiro	Themira Azevedo
1909	Laura Paes Brazil	Theresinha Picardo
1910	Alcinda Lewis	Amelia Chagasteles
1911	Elithia Mello	Elvira Werna Coelho
1912	?	?
1913	Idalina Costa	Marieta Franco
1914	Marina Neves	Marieta Franco

ANEXO 4

DIPLOMA DA SOCIEDADE CARNAVALESCA VENEZIANOS



Anexo 4 : INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO RIOGRANDENSE (IHGR)

ANEXO 5

AQUARELA DA CASA DA FAMÍLIA TELLES



Anexo 5: BARRANCO CHURRASCARIA

ANEXO 6

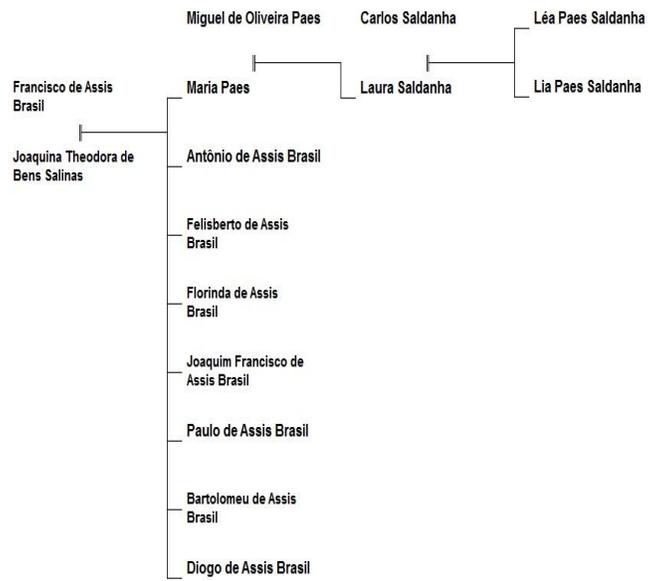
Árvore Genealógica de Themira de Azevedo



Produzido por Family Tree Builder, copyright © 2013 MyHeritage Ltd.

ANEXO 7

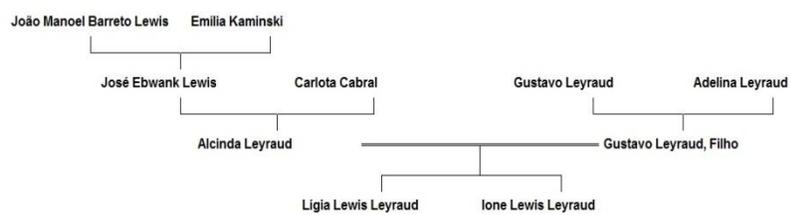
Árvore Genealógica de Laura Brasil Paes



Produzido por FamilyTree Builder, copyright © 2013 MyHeritage Ltd.

ANEXO 8

Árvore genealógica de Alcinda Leyraud



Produzido por Family Tree Builder, copyright © 2013 MyHeritage Ltd.

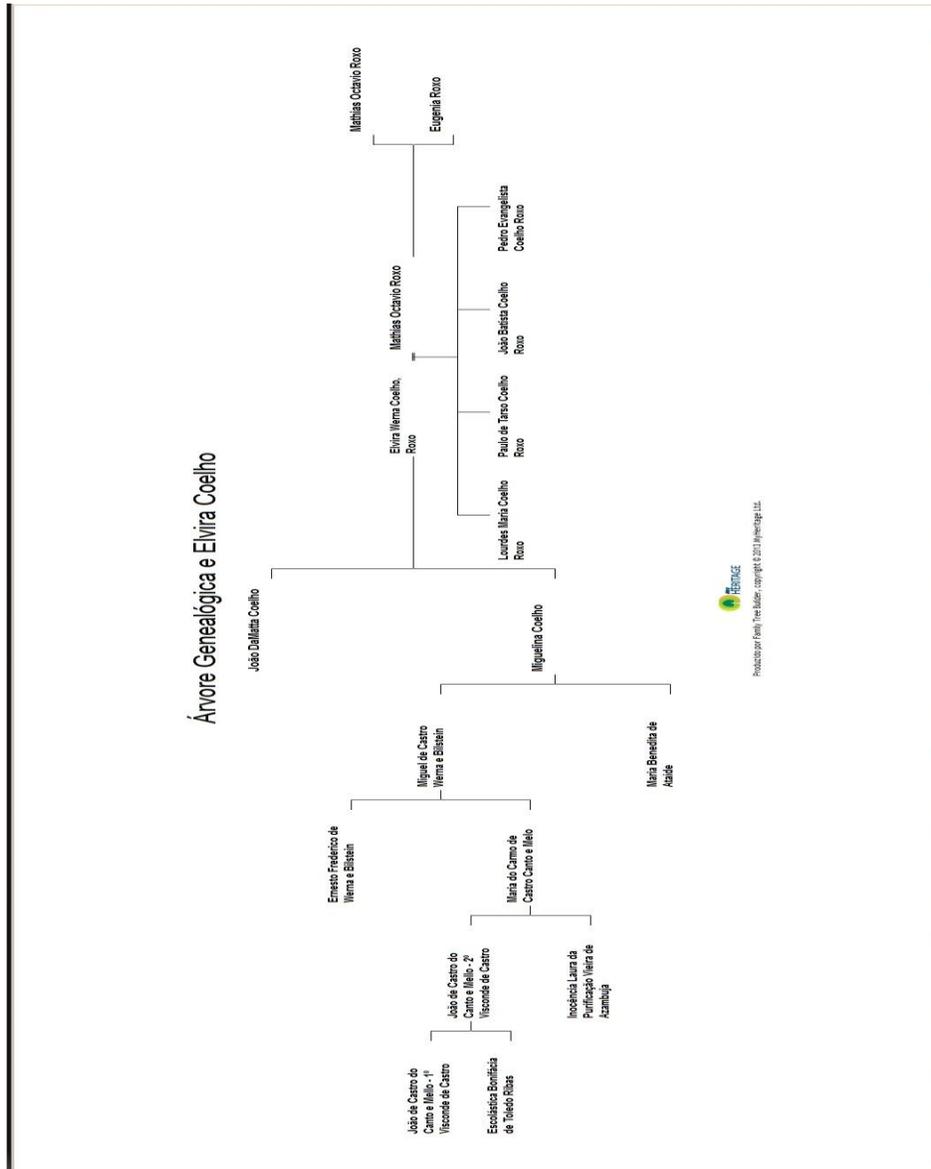
ANEXO 9

Árvore Genealógica de Amelina Chagas Telles



Produção por Family Tree Builder, copyright © 2013 MyHeritage Ltd.

ANEXO 10



Produção por FamilyTreeMaker, copyright © 2011, Heritage 11.